

90 00 10 20 30 40 50 60 70 80 90 00 01 02 03

50 60 70

FORMAS DE MORAR NO BRASIL:

ENTRE OS 50 E OS 70

JULICE ALMENDRA FREITAS MENDES DE CARVALHO PONTUAL

JULICE ALMENDRA FREITAS MENDES DE CARVALHO PONTUAL

FORMAS DE MORAR NO BRASIL : ENTRE OS 50 E OS 70

DISSERTAÇÃO DE Mestrado APRESENTADA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE

DEPARTAMENTO DE DESIGN DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Professora Orientadora:

Dra. Virginia Pereira Cavalcanti

Recife, 2009

Pontual, Julice Almendra Freitas Mendes de Carvalho

Formas de morar no Brasil entre os 50 e os 70 / Julice Almendra Freitas Mendes de Carvalho Pontual. – Recife: O Autor, 2009.

261 folhas: il., fig.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Design, 2009.

Inclui bibliografia.

1. Habitação. 2. Mobiliário. 3. Decoração de interiores. I. Título.

747	CDU (2.ed.)	UFPE
745.4	CDD (22.ed.)	CAC2009-97



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO ACADÊMICO DE
JULICE ALMENDRA FREITAS MENDES DE CARVALHO PONTUAL

"Formas de Morar no Brasil: entre os 50 e os 70"

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: DESIGN TECNOLOGIA E CULTURA

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera o candidato JULICE ALMENDRA FREITAS MENDES DE CARVALHO PONTUAL

APROVADA.

Recife, 30 de setembro de 2009.

Profa. Virginia Pereira Cavalcanti (UFPE)

Kátia Medeiros de Araújo

Profa. Kátia Medeiros de Araújo (UFPE)

Célia Maria Medicis Maranhão de Queiroz Campos

Profa. Célia Maria Medicis Maranhão de Queiroz Campos (UFPE)

DEDICO À

Meus pais, que são as pessoas mais incríveis do mundo.

AGRADEÇO À

Minha orientadora Virginia Cavalcanti, pelos ensinamentos que extrapolaram os limites deste trabalho, legados com muita sabedoria e carinho, e por acreditar na importância do conteúdo desta pesquisa desde o princípio;

Sérgio pelo total apoio, incentivo e companheirismo;

Pequeno Vinícius, que iluminou minha vida no último ano deste trabalho e me enche de energia com seu simples sorriso;

Meus avós, que mesmo de longe estão sempre presentes em todos os meus passos;

Família e amigos piauienses e pernambucanos pelo apoio irrestrito;

Deus, por me propiciar uma vida tão feliz, repleta de realizações como esta dissertação.

RESUMO

O espaço doméstico é resultante do seu espaço físico, mobiliário, equipamentos, comportamento de seus habitantes, estando diretamente ligado às características do contexto envolvido. É, assim, um produto e um reflexo da sociedade. Na contramão, em sua maioria, a morada brasileira é estudada de maneira isolada sem relação com o seu contexto e seu mobiliário, o que acaba por gerar historiografias fragmentadas e dificultar a compreensão de suas transformações. Diante disto, o presente trabalho se propõe a relacionar as principais modificações ocorridas no espaço residencial brasileiro e em seu mobiliário com o contexto político, econômico, social, cultural e tecnológico do país nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Palavras-chave: Habitação, Mobiliário, Design de Interiores.

ABSTRACT

The domestic space is resultant of its physical space, furniture, equipment, behavior of its inhabitants, being directly involved to the characteristics of the context. It is, so, a product and a consequence of the society. However, in its majority, the Brazilian dwelling is studied in isolated way without relation with its context and its furniture, what ends for generating fragmented historiographies and making it difficult the understanding of its transformations. So, the present work considers to relate the main occurred modifications in the Brazilian residential space and its furniture with the politician context, economic, social, cultural and technological of this country in the decades of 1950's, 1960's and 1970's.

Keywords: Habitation, Furniture, Interior Design.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capítulo 1

<i>Fig. 01 // Casa típica do final do século XVII</i>	29
<i>Fig. 02 // Plantas de habitações de classe média do século XIX</i>	30
<i>Fig. 03 // Primeiro edifício de habitação coletiva com uso do concreto armado</i>	32
<i>Fig. 04 // Plantas de um 'Hôtel Particulier'</i>	36
<i>Fig. 05 // A reforma urbana proposta por Haussman para Paris</i>	37
<i>Fig. 06 // Planta dos novos apartamentos parisienses</i>	37
<i>Fig. 07 // Um típico edifício de apartamentos parisiense</i>	38
<i>Fig. 08 // Planta com tripartição de setores</i>	39
<i>Fig. 09 // Manual de decoração dos interiores modernos parisiense</i>	40
<i>Fig. 10 // Presença africana nos interiores</i>	41
<i>Fig. 11 // Presença africana nos interiores</i>	41

Capítulo 2

<i>Fig. 01 // Residência térrea urbana colonial</i>	45
<i>Fig. 02 // Fachada padrão da casa térrea</i>	45
<i>Fig. 03 // Divisão típica do sobrado</i>	46
<i>Fig. 04 // Interiores coloniais eram simples e vazios</i>	47
<i>Fig. 05 // Interiores coloniais eram simples e vazios</i>	47
<i>Fig. 06 // Simplicidade dos interiores domésticos</i>	49
<i>Fig. 07 // Simplicidade dos interiores domésticos</i>	49
<i>Fig. 08 // Arca com molduras de tremidos em composição geométrica</i>	49
<i>Fig. 09 // Contador indo-português</i>	50
<i>Fig. 10 // Mesa indo-portuguesa</i>	51
<i>Fig. 11 // Mesa de aba e cancela</i>	51
<i>Fig. 12 // Cômoda e meia cômoda no estilo D. João V</i>	53
<i>Fig. 13 // Cômoda-papeleira e Cômoda</i>	53
<i>Fig. 14 // Cabeceiras em modelos e estilos diversos</i>	53
<i>Fig. 15 // Espreguiceiro D. José I</i>	54
<i>Fig. 16 // Cadeira no estilo neoclássico inglês</i>	55
<i>Fig. 17 // Cadeira em sola lavada</i>	55
<i>Fig. 18 // Cadeira e canapé</i>	55
<i>Fig. 19 // Salões de festas luxuosos</i>	59
<i>Fig. 20 // Interior de palacete na segunda metade do século XIX</i>	61
<i>Fig. 21 // Interior de uma residência urbana do final do século XIX</i>	61
<i>Fig. 22 // Leito em estilo Sheraton brasileiros e leito mineir</i>	64
<i>Fig. 23 // Marquesa em estilo Império; marquesa em estilo D. João VI</i>	64
<i>Fig. 24 // Meio armário em estilo Império Tardio</i>	65
<i>Fig. 25 // Aparador guarda-louça em estilo eclético</i>	65
<i>Fig. 26 // Console em estilo Império</i>	66
<i>Fig. 27 // Toalete em estilo Neo-rococó</i>	66

Capítulo 3

<i>Fig. 01 // Residência com afastamento em todos os lados do terreno</i>	71
<i>Fig. 02 // Prédios de alguns andares de uso exclusivamente comercial</i>	72
<i>Fig. 03 // Primeiros arranha-céus do Rio de Janeiro</i>	72
<i>Fig. 04 // Planta de apartamento em São Paulo da década de 1920</i>	73
<i>Fig. 05 // Cadeira Thonet</i>	75
<i>Fig. 06 // Cama patente</i>	75
<i>Fig. 07 // Cadeira CIMO para escritório</i>	75

<i>Fig. 08 // Propaganda de aparelho de rádio</i>	76
<i>Fig. 09 // Anúncio de 1938 evidencia "a hora do rádio"</i>	77
<i>Fig. 10 // - Família reunida em torno do rádio</i>	77
<i>Fig. 11 // O trabalho doméstico, desempenhado pelo homem, era considerado árduo</i>	79
<i>Fig. 12 // O trabalho doméstico, desempenhado pela mulher, deveria ser com bom humo</i>	79
<i>Fig. 13 // Anúncio da revista "Vida doméstica"</i>	80
<i>Fig. 14 // O ideal da cozinha moderna</i>	80
<i>Fig. 15 // Arranjos domésticos e mobiliários eram fortemente influenciados pelos filmes</i>	82
<i>Fig. 16 // Apartamento mínimo de 1937</i>	82
<i>Fig. 17 // Capa da revista "Rio Ilustrado", 1938,</i>	83
<i>Fig. 18 // Os arranha-céus passaram a compor o cenário das grandes cidades</i>	84
<i>Fig. 19 // Anúncio de rádio da revista "Fon Fon", de 1936</i>	87
<i>Fig. 20 // Sala de jantar em madeira de 1925</i>	87
<i>Fig. 21 // Sala de visitas da década de 30</i>	88
<i>Fig. 22 // Sala de jantar da Casa Modernista 1930</i>	88
<i>Fig. 23 // Propaganda de cosmético para a pele</i>	90
<i>Fig. 24 // Anúncio publicitário atrelando a boa aparência das crianças à máquina de lav</i>	90
<i>Fig. 25 // Poltrona de Joaquim Tenreiro, 1942</i>	93
<i>Fig. 26 // Cadeira de balanço de Joaquim Tenreiro, 1947</i>	93
<i>Fig. 27 // Poltrona tripé, de Lina Bo Bardi, 1948</i>	94

Capítulo 4

<i>Fig. 01 // bairro de Copacabana</i>	98
<i>Fig. 02 // propaganda de eletrodomésticos</i>	99
<i>Fig. 03 // propaganda de eletrodomésticos</i>	99
<i>Fig. 04 // figura que ressalta a liberdade feminina</i>	100
<i>Fig. 05 // figura que ressalta a liberdade feminina</i>	100
<i>Fig. 06 // propaganda de eletrodomésticos</i>	100
<i>Fig. 07 // propaganda de alimentos e produtos de higiene industrializados</i>	101
<i>Fig. 08 // propaganda de alimento industrializado</i>	101
<i>Fig. 09 // capa do filme Meu tio, de Jacques Tati</i>	102
<i>Fig. 10 // foto da casa da família Arpel, do filme "Meu Tio"</i>	102
<i>Fig. 11 // foto da casa da família Arpel, do filme "Meu Tio"</i>	102
<i>Fig. 12 // foto da casa da família Arpel, do filme "Meu Tio"</i>	102
<i>Fig. 13 // foto da casa do futuro de 1980</i>	103
<i>Fig. 14 // Evolução dos equipamentos até a introdução da televisão</i>	104
<i>Fig. 15 // propaganda de televisão ressaltando que o "show irá ao próprio lar"</i>	106
<i>Fig. 16 // imagem da família reunida para assistir televisão</i>	107
<i>Fig. 17 // Charge de Péricles, O Amigo da Onça</i>	107
<i>Fig. 18 // capas da revista casa e jardim com noiva e mãe com bebê</i>	109
<i>Fig. 19 // Conjunto de Pedregulho</i>	111
<i>Fig. 20 // propaganda de edifício com o uso da "Moderna Rêde de Relógios IBM"</i>	112
<i>Fig. 21 // Propaganda destacando o uso do Eucatex</i>	112
<i>Fig. 22 // Edifício com paredes curvas, de filiação modernista</i>	113
<i>Fig. 23 // Edifício com paredes curvas, de filiação modernista</i>	113
<i>Fig. 24 // Planta do edifício não-ortogonal</i>	114
<i>Fig. 25 // A sala representa a maior área deste apartamento</i>	114
<i>Fig. 26 // as salas deste apartamento ainda se encontram segregadas por alvenaria</i>	115
<i>Fig. 27 // Planta baixa da sala de apartamento em São Paulo</i>	116
<i>Fig. 28 // Perspectiva da sala de apartamento em São Paulo</i>	116
<i>Fig. 29 // Um dos apartamentos tipo do edf. São Vito, em São Paulo</i>	117
<i>Fig. 30 // Apartamento do edf. São Vito com cozinha conjugada com a sala</i>	117
<i>Fig. 31 // a cantora Dalva de Oliveira na capa da revista Vida Doméstica</i>	118
<i>Fig. 32 // Capa da revista casa e jardim, de maio de 1958</i>	118
<i>Fig. 33 // O moderno é evidenciado nas propagandas</i>	121

<i>Fig. 34 // reportagem da revista Casa e Jardim nº 40</i>	122
<i>Fig. 35 // publicação do modutor, de Le Corbusier</i>	123
<i>Fig. 36 // Mesa, projetada por Kim Hoffmann e Heidrich de Nova York</i>	123
<i>Fig. 37 // Divã, sofá, poltrona, biombo em vime</i>	124
<i>Fig. 38 // Cadeiras em vime</i>	124
<i>Fig. 39 // Poltrona e almofadas coloridas em material plástico</i>	124
<i>Fig. 40 // Propaganda de plástico para estofamento</i>	125
<i>Fig. 41 // Propaganda da Fábrica de Móveis Z</i>	127
<i>Fig. 42 // Mesa de centro Fábrica de Móveis Z</i>	127
<i>Fig. 43 // Cadeiras com e sem braço Fábrica de Móveis Z</i>	127
<i>Fig. 44 // Cadeiras e poltrona Fábrica de Móveis Z</i>	128
<i>Fig. 45 // Poltrona em ferro dobrado a frio, José Zanine Caldas.</i>	128
<i>Fig. 46 // Propaganda Loja Branco & Preto</i>	129
<i>Fig. 47 // Poltrona em madeira, Móveis Branco & Preto</i>	129
<i>Fig. 48 // Mesa de jantar, Móveis Branco & Preto</i>	130
<i>Fig. 49 // Cadeira em jacarandá produzida pela Unilabor</i>	131
<i>Fig. 50 // Peça desenvolvida pela Unilabor em 1955</i>	131
<i>Fig. 51 // Cadeira Hille, Robin Day, década de 50 e 60, produzida pela L'Atelier.</i>	132
<i>Fig. 52 // Propaganda da loja Ambiente S.A.</i>	133

<i>Fig. 53 // fachada da Loja Artodos, que vendia no Brasil mobiliário sueco</i>	134
<i>Fig. 54 // Artigo da Revista Casa e Jardim, nº 59 de 1959</i>	134
<i>Fig. 55 // planta de um apartamento para solteiro e um apartamento para casal</i>	136
<i>Fig. 56 // propaganda de poltrona que abre e fecha se tornando uma cama</i>	136
<i>Fig. 57 // propaganda de loja de decoração</i>	137
<i>Fig. 58 // Residência projetada pelo arquiteto Rino Levi</i>	138
<i>Fig. 59 // Residência projetada pelo arquiteto Rino Levi</i>	138
<i>Fig. 60 // Um salão dividido em três ambientes</i>	139
<i>Fig. 61 // cadeiras de jantar em laca colorida em mais de uma cor</i>	139
<i>Fig. 62 // a cortina estampada compõe com mobiliário sem estampa</i>	139
<i>Fig. 63 Poltronas com tecidos com textura de teares manuais</i>	140
<i>Fig. 64 // Apartamento com mobiliário de linha sóbria</i>	140
<i>Fig. 65 // Apartamento com mobiliário de linha sóbria</i>	140
<i>Fig. 66 // sala de estar com mobiliário moderno contrastando com mobília antiga</i>	141
<i>Fig. 67 // sala de estar com mobiliário moderno contrastando com mobília antiga</i>	141
<i>Fig. 68 // Sala de jantar com mobiliário de linhas retas, em madeira perobinha</i>	142
<i>Fig. 69 // sala de estar com móvel da rádio-vitrola</i>	142
<i>Fig. 70 // propaganda de iluminação</i>	143
<i>Fig. 71 // capa da revista casa e jardim nº44</i>	143

Capítulo 5

<i>Fig. 01 // Inauguração de Brasília em jornais do mundo todo</i>	146
<i>Fig. 02 // Inauguração de Brasília em jornais do mundo todo</i>	146
<i>Fig. 03 // propaganda da Panair do Brasil</i>	147
<i>Fig. 04 // Concurso de utilidades domésticas, poltrona desmontável</i>	149
<i>Fig. 05 // Propaganda de mobília para escritório voltada para o público feminino</i>	151
<i>Fig. 06 // pavilhão brasileiro da Trienal de Milão de 1964</i>	152
<i>Fig. 07 // Casa pré-fabricada, projeto de Sérgio Rodrigues</i>	153
<i>Fig. 08 // Vista interna da casa produzida com elementos pré-moldados</i>	154
<i>Fig. 09 // Elementos pré-moldados de uma casa</i>	154
<i>Fig. 10 // propaganda de fôrma madeirit</i>	154
<i>Fig. 11 // Tripartição dos setores e a distinção das áreas de serviço e social</i>	155
<i>Fig. 12 // Planta baixa apartamento</i>	155
<i>Fig. 13 // Planta baixa sem a presença de hall intermediário</i>	156
<i>Fig. 14 // Foto de prédio sem varanda.</i>	156
<i>Fig. 15 // A sala se conecta com o exterior através de ampla janela</i>	156
<i>Fig. 16 // Propaganda de ar condicionando</i>	157

Fig. 17 // Salas dos apartamentos conjugadas	157
Fig. 18 // planta baixa com televisão na sala	158
Fig. 19 // Planta com escritório próximo aos quartos	159
Fig. 20 // Propaganda da 'Kitchens'	160
Fig. 21 // a área de serviço ainda era composta de cômodo de empregados	160
Fig. 22 // a lavanderia ideal	161
Fig. 23 // propaganda máquina de lavar	161
Fig. 24 // os dormitórios encontravam-se distantes da entrada da unidade	162
Fig. 25 // além da suíte do casal, outro dormitório apresenta banheiro	163
Fig. 26 // propaganda celite	163
Fig. 27 // Propaganda da loja de mobiliário Forma	166
Fig. 28 // Destaque da propaganda da loja de mobiliário Forma	166
Fig. 29 // Propaganda da loja arredamento	166
Fig. 30 // propaganda de poltrona com assento em espuma látex	167
Fig. 31 // propaganda da loja Forma	168
Fig. 32 // propaganda da loja de móveis OCA	168
Fig. 33 // Propaganda da loja Forma	170
Fig. 34 // Propaganda da loja Oca	171
Fig. 35 // Croqui da poltrona mole	171
Fig. 36 // Foto da poltrona mole	171
Fig. 37 // Croqui da Poltroninha Jockey	172
Fig. 38 // Foto da Poltroninha Jockey	172
Fig. 39 // Croqui de mesa de Sérgio Rodrigues	172
Fig. 40 // Foto de mesa de Sérgio Rodrigues	172
Fig. 41 // Poltrona, desenho de Sérgio Rodrigues	172
Fig. 42 // Croqui de poltrona, desenho de Sérgio Rodrigues	173
Fig. 43 // Foto de poltrona, desenho de Sérgio Rodrigues	173
Fig. 44 // Escrivaninha, Sérgio Rodrigues, 1958	173
Fig. 45 // poltrona desmontável, Móbia Contemporânea	174
Fig. 46 // Uma das linhas de móveis da Móbia Contemporânea	174
Fig. 47 // Cadeira e mesa em jacarandá, Hobjeto	175
Fig. 48 // Mesa em jacarandá, Hobjeto, em 1964	175
Fig. 49 // Propaganda de estande modulada	176
Fig. 50 // Modulados de madeira, Ricardo Arrastia	177
Fig. 51 // Propaganda da loja Escriba	177
Fig. 52 // Loja Forma S.A.	178
Fig. 53 // Loja Forma S.A.	178
Fig. 54 // Living decorado por móveis de estilo clássico	179
Fig. 55 // a presença do aparelho de som nos interiores domésticos	180
Fig. 56 // a presença do aparelho de som nos interiores domésticos	180
Fig. 57 // televisão no living disposta em estrado	181
Fig. 58 // televisão no living disposta em estrado	181
Fig. 59 // TV disposta em estante modulada vazada	181
Fig. 60 // televisão disposta em estante de madeira	182
Fig. 61 // Planta baixa sala de TV, estar e jantar, integradas	183
Fig. 62 // Perspectiva sala de TV, estar e jantar, integradas	183
Fig. 63 // Propaganda de estante modulada de Ernesto Hauner	184
Fig. 64 // Passo a passo de produção de estante modulada	184
Fig. 65 // Passo a passo de produção de estante modulada	184
Fig. 66 // Maquete de apartamento	185
Fig. 67 // Planta Baixa de apartamento	186
Fig. 68 // Imagem da sala do apartamento	186
Fig. 69 // Imagem da sala do apartamento	186
Fig. 70 // Perspectiva das duas salas de estar integradas	186
Fig. 71 // propaganda da loja ambiente	187
Fig. 72 // Planta baixa do apartamento decorado pela Ambiente S.A.	188
Fig. 73 // Foto do apartamento decorado pela Ambiente S.A..	188
Fig. 74 // Foto do apartamento decorado pela Ambiente S.A..	188

<i>Fig. 75 // Planta baixa apartamento decorado pela Mobília Contemporânea</i>	188
<i>Fig. 76 //Foto apartamento decorado pela Mobília Contemporânea</i>	188
<i>Fig. 77 // Planta baixa apartamento decorado pela Oca</i>	188
<i>Fig. 78 // Foto apartamento decorado pela Oca</i>	188
<i>Fig. 79 // Foto apartamento decorado pela Oca</i>	188
<i>Fig. 80 // propaganda da loja Forma</i>	189
<i>Fig. 81 // Planta baixa de sala de jantar e estar integradas</i>	190
<i>Fig. 82 //foto de sala de jantar e estar integradas</i>	190
<i>Fig. 83 // Sala de estar com mobiliário em laca na cor vermelha</i>	191
<i>Fig. 84 // Planta baixa de duas salas de estar e uma de jantar integradas</i>	192
<i>Fig. 85 // Imagem de duas salas de estar e uma de jantar integradas</i>	192

Capítulo 6

<i>Fig. 01 // Brasil Ame-o ou deixe-o</i>	195
<i>Fig. 02 // capa da revista CJ. Arquitetura Nº11</i>	198
<i>Fig. 03 // desenho de Oscar Niemeyer</i>	199
<i>Fig. 04 // Imagens do crescimento desordenado das cidades</i>	200
<i>Fig. 05 // "Direito de construir" e o "direito de propriedade"</i>	201
<i>Fig. 06 // primeiros colocados do concurso de desenho industrial</i>	201
<i>Fig. 07 // Planta tipo de apartamento voltado para classe de alta renda em São Paulo</i>	204
<i>Fig. 08 // Apartamento, de 1977</i>	205
<i>Fig. 09 // Apartamento com supressão da circulação</i>	207
<i>Fig. 10 // Planta de apartamento com copa integrada com cozinha</i>	207
<i>Fig. 11 // Charge do tamanho reduzido dos apartamentos</i>	208
<i>Fig. 12 //cadeira-concha em acrílico</i>	209
<i>Fig. 13 // móveis em acrílico</i>	210
<i>Fig. 14 // cadeira em "fiberglass", Ernesto Hauner</i>	210
<i>Fig. 15 // sofás e poltronas em monobloco de espuma</i>	211
<i>Fig. 16 // Berço da Tora</i>	212
<i>Fig. 17 // módulos da Arredamento, criados por Ricardo Arristia</i>	213
<i>Fig. 18 // conjunto de estofado "pesado", Mobília Contemporânea</i>	214
<i>Fig. 19 // Peças da Mobília Contemporânea, desmontáveis e versáteis</i>	214
<i>Fig. 20 // sofá SO-6, Tora</i>	214
<i>Fig. 21 // sofá SO-9, Tora</i>	214
<i>Fig. 22 // Protótipo da poltrona Kilin, produzida pela Oca</i>	215
<i>Fig. 23 // Poltrona Peg-Lev, de Michel Arnoult</i>	216
<i>Fig. 24// Cadeira madeira maciça, Zanine Caldas</i>	216
<i>Fig. 25 // Escultura Utilitária, Zanine Caldas</i>	217
<i>Fig. 26 // Propaganda da Forma</i>	217
<i>Fig. 27 // Módulos de Adriana Adam para a Forma</i>	218
<i>Fig. 28 // Módulo simples e empilhado. Adriana Adam</i>	218
<i>Fig. 29 // Mesa lateral, design de Ricardo Fasanello</i>	218
<i>Fig. 30 // Poltrona de Oscar Niemeyer e Anna Maria Niemeyer</i>	219
<i>Fig. 31// Espreguiçadeira de balanço de Oscar Niemeyer e Anna Maria</i>	220
<i>Fig. 32 // uma das primeiras peças vendidas na Tok & Stok, nos anos 70</i>	220
<i>Fig. 33 // Propaganda da Escriba</i>	221
<i>Fig. 34 // Propaganda Forma</i>	222
<i>Fig. 35 // Propaganda da Hobjeto</i>	223
<i>Fig. 36 // Estar com móveis da Oca</i>	224
<i>Fig. 37 // Jantar dividido do living por biombo</i>	224
<i>Fig. 38 // Estar com poltrona mole</i>	224
<i>Fig. 39 // Conjunto de poltronas da Lafer</i>	225
<i>Fig. 40 // Quarto de casal, Móveis Cimo</i>	225
<i>Fig. 41 // Estante modulada com placas de vidro</i>	226
<i>Fig. 42 // Armário embutido</i>	227
<i>Fig. 43 – Armário embutido para quarto</i>	227

Fig. 44 // Sala de jantar com mesa encostada na parede	228
Fig. 45 // cadeiras e mesa de jantar, da mobília contemporânea	228
Fig. 46 // Mesa de jantar redonda disposta no centro do ambiente	229
Fig. 47 // Poltrona/baú	229
Fig. 48 // Estantes de cantos arredondados	229
Fig. 49 // Cadeiras dobráveis utilizadas na mesa de jantar	230
Fig. 50 // Cômodo específico para escritório	230
Fig. 51 // Sugestão da Revista Casa e Jardim para o escritório	231
Fig. 52 // Bancada retrátil embutida na estante	232
Fig. 53 // Biblioteca-estúdio da mobília Contemporânea	232
Fig. 54 // quarto/escritório da Arredamento	233
Fig. 55 // Sofá com base em alvenaria	233
Fig. 56 // Linha "versatile" da Lafer, o estar jovem e componível	233

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
OBJETIVO GERAL	20
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
OBJETO DE ESTUDO	20
METODOLOGIA DA PESQUISA	20

PARTE 1 - MORADIA E MOBILIÁRIO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

CAPÍTULO 1 - MORADIA E MOBILIÁRIO

1.1 // PANORAMA GERAL DA HABITAÇÃO: APARTAMENTO, A ORIGEM DA TIPOLOGIA	29
1.2 // PARIS, UM CASO À PARTE: A BASE DA TRIPARTIÇÃO DOMÉSTICA BRASILEIRA	35
1.3 // BASE DO MOBILIÁRIO BRASILEIRO	41

CAPÍTULO 2 - O CONTEXTO, A HABITAÇÃO E O MOBILIÁRIO BRASILEIRO: SÉCULO XVI A XIX

2.1 // SÉCULO XVI A XVII: O BRASIL AÇUCAREIRO E A MORADIA	44
<i>2.1.1 // O Mobiliário Português E Luso-Brasileiro</i>	47
2.2 // SÉCULO XVIII: A RIQUEZA AURÍFERA E OS VAZIOS RESIDENCIAIS	52
<i>2.2.1 // Mobiliário Do Século XVIII</i>	52
2.3 // SÉCULO XIX: A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A ENERGIA ELÉTRICA	57
<i>2.3.1 // Nova Forma de Morar do Século XIX: a Corte Portuguesa e a Tecnologia</i>	59
<i>2.3.2 // A Móvelia Do Século XIX: A Influência Européia</i>	63

CAPÍTULO 3 - O CONTEXTO, A HABITAÇÃO E O MOBILIÁRIO BRASILEIRO: PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

3.1 // INÍCIO DO SÉCULO XX: A METROPOLIZAÇÃO DAS CIDADES	68
<i>3.1.1 // Anos 1900 a 1920: Origem dos Apartamentos Brasileiros</i>	69
<i>3.1.2 // Mobiliário: de 1900 a 1920</i>	73

3.2 // ANOS 30: A ERA DO RÁDIO	76
<i>3.2.1 // O Cinema: a Difusão do American Way of Life</i>	80
<i>3.2.2 // A Consolidação dos Apartamentos em 1930</i>	83
<i>3.2.3 // O Mobiliário Moderno De 30</i>	86
3.3 // O PÓS GUERRA: A CULTURA NORTE-AMERICANA COMO REFERENCIAL	89
<i>3.3.1 // A Habitação Dos Anos 40</i>	91
<i>3.3.2 // A Móvel Dos Anos 40</i>	92

PARTE 2 - ENTRE OS 50 E OS 70

CAPÍTULO 4 – APARTAMENTO E MOBÍLIA DE 50: a Busca do Ideal Moderno

4.1 // O BRASIL DE 50: EM BUSCA DO PROGRESSO	97
<i>4.1.1 // Inovações Tecnológicas de 50: os Eletrodomésticos e os Alimentos</i>	99
<i>4.1.2 // A Televisão e a Vida Moderna</i>	104
4.2 // APARTAMENTO DOS ANOS 50: UM IDEAL MODERNO	111
4.3 // MOBILIÁRIO DE 50: A BUSCA DE UM ESTILO NOVO	120
<i>4.3.1 // As Primeiras Iniciativas de Industrialização da Móvel Brasileira</i>	125
4.4 // OS INTERIORES MODERNOS DE 50	135
4.5 // TABELA SÍNTESE ANOS 50	144

CAPÍTULO 5 – ANOS 60: o apartamento pré-fabricado e o nacionalismo no móvel

5.1 // ANOS 60 E A REVOLUÇÃO CULTURAL	146
5.2 // APARTAMENTO ANOS 60: A PRÉ-FABRICAÇÃO DA UNIDADE	153
5.3 // O REGIONALISMO NA MOBÍLIA DE 60	165
<i>5.3.1 // A Consolidação da Indústria Moveleira de 60</i>	169
5.4 // INTERIORES DE 60: MODERNIDADE É SIMPLICIDADE	178
5.5 // TABELA SÍNTESE ANOS 60	193

**CAPÍTULO 6 - ANOS 70: a versatilidade dos interiores domésticos e de sua
mobília**

6.1 // ANOS 70: A DITADURA MILITAR E O MILAGRE ECONÔMICO **195**

6.1.1 // *As Consequências Da Ditadura - Os Novos Movimentos Sociais* **196**

**6.2 // APARTAMENTO DE 70:
DIVERSIDADE DE SOLUÇÕES E COMPACTAÇÃO DA UNIDADE** **203**

6.3 // MOBÍLIA VERSÁTIL DE 70 **209**

6.3.1 // *Produção de Destaque de 70* **215**

6.4 // DECORAÇÃO ANOS 70: A VERSATILIDADE ESPACIAL **223**

6.5 // TABELA SÍNTESE ANOS 70 **235**

CONCLUSÃO **236**

TABELA COMPARATIVA: ANOS 50, 60 E 70 **242**

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **243**

BIBLIOGRAFIA **248**

70 80 90 10 20 30 40 **50 60 70** 80 90 00 01 02

FORMAS DE MORAR NO BRASIL

E SEU MOBILIÁRIO ENTRE OS 50 E OS 70

INTRODUÇÃO

As idéias sobre um lar variam entre culturas e entre períodos, mas em diferentes épocas e lugares, provavelmente, sempre haverá um consenso de como deve ser um lar. O espaço doméstico é resultante do seu espaço físico, mobiliário, comportamento de seus habitantes, estando diretamente ligado às características do contexto envolvido. É produto e reflexo da sociedade, o que fica claro com as seguintes definições:

CASA – É a casca protetora, é o invólucro que divide tanto espaços internos como espaços externos. É o ente físico.

MORADIA – Possui uma ligação muito forte com os elementos que fazem a casa funcionar, ou seja, a Moradia leva em consideração os 'Hábitos de Uso da Casa'. Uma Casa por si só não se caracteriza como Moradia, ela necessita para tal se identificar com o 'Modo de Vida' dos usuários, nos seus aspectos mais amplos. (...) O mesmo invólucro, o mesmo ente físico, se transforma em moradias diferentes, com características diferentes, e os Hábitos de Uso dos 'moradores' ou 'usuários' são a tônica da mudança (MARTUCCI apud FOLZ, 1990:02).

Com base nestes conceitos, a "casa" propriamente dita só se transforma em "moradia" a partir da sua apropriação pelos moradores. O espaço de habitar transcende ao puro espaço geométrico ao vê-lo como um local de conforto e intimidade, palco permanente das atividades condicionadas à cultura e costumes de seus usuários que reflete as características do contexto envolvido (VERISSIMO e BITTAR, 1999).

A moradia brasileira surgiu do somatório de influências portuguesas, indígenas, africanas e de países do oriente. A adaptação destas diferentes interferências à realidade social e geográfica local formou a casa colonial que se difundiu em todo país. Nos anos 1920, um novo modo de morar surgiu no Brasil com os edifícios de apartamentos que causaram uma rejeição inicial atribuída à imagem das primeiras habitações coletivas brasileiras, na forma de estalagens e cortiços – símbolos da miséria, promiscuidade, doença e insalubridade.

Apenas na década de 1930, esta nova tipologia habitacional passou a ser aventada por uma parcela mais culta da sociedade, tendo sido disseminada no final dos anos 1940 acelerando o processo de verticalização das cidades. Foram construídos apartamentos com os mais diversos programas, uma vez que ficou constatado que havia uma carência enorme de habitação com diferentes configurações.

A aceitação desta moradia foi, ainda, reforçada pela influência da cultura norte-americana, disseminada pelos meios de comunicação em massa. Esta cultura incentivou a busca insaciável pela modernidade, o que somada às ótimas condições econômicas do Brasil nos anos 1950 interferiu na absorção de novos hábitos, valores, aparatos tecnológicos e na disseminação de novos ideais estéticos que refletiram na forma de

morar e em seu mobiliário. A habitação e a mobília de 1950 absorveram influências do contexto econômico, político, social, tecnológico e cultural do país sofrendo desdobramentos ao longo das décadas de 1960 e 1970, gerando configurações que as aproximaram das encontradas na contemporaneidade.

Este período foi um marco na moradia brasileira ao romper com a configuração da moradia colonial e introduzir valores modernos no espaço doméstico. Entretanto, poucos são os estudos que relacionam a moradia brasileira e seu mobiliário com o contexto dos anos 50 a 70, apesar da moradia ser produto e reflexo da sociedade. *Os artefatos na sociedade são, ao mesmo tempo, um produto e um reflexo da sua história cultural, política e econômica, ajudando, portanto, a moldar a sociedade e afetando a qualidade de vida das pessoas* (NORMAN e DRAPPER, Apud ONO, 2006:29).

Nem mesmo a habitação tem sido estudada associada aos elementos que fazem a casa funcionar. *Muitas variáveis interagem entre si, e a percepção de espaço pode ser afetada pela atividade a ser desenvolvida, pelos costumes e hábitos no uso do espaço, pelas características físicas específicas de determinado espaço e mesmo pelo mobiliário que está equipando esse espaço* (FOLZ, 2003: 75).

Os interiores domésticos também têm sido pouco explorados em estudos, apesar deles não consistirem apenas um ambiente de desenvolvimento das atividades domésticas. *Este recinto é um espaço específico que tem em pouca conta um arranjo objetivo, pois os móveis e os objetos existem aí primeiro para personificar as relações humanas, povoar o espaço que dividem entre si e possuir uma alma. A dimensão real em que vivem é prisioneira da dimensão moral que têm que significar* (BAUDRILLARD, 2006:22).

Apesar desta evidente relação da habitação, do interior doméstico e do seu mobiliário com os acontecimentos paradigmáticos contextuais e deste conjunto dizer muito da sociedade, este tema, no caso brasileiro, tem sido pouco explorado em estudos. Muitas vezes eles têm sido objeto de pesquisa de forma isolada, gerando historiografias fragmentadas sem que haja conexão correlata.

Diante da existência desta relação da habitação X móvel X acontecimentos paradigmáticos contextuais e da pouca exploração sobre o tema, o presente trabalho visa abordar este conjunto no âmbito brasileiro nas décadas de 50, 60 e 70. A delimitação deste período ocorreu em função da introdução de novos valores e conceitos estéticos que incidiram na forma de morar e em sua mobília, no decênio de 50, que rompeu com a configuração da moradia e do seu mobiliário produzidos anteriormente. No final de 70, estes já apresentavam uma configuração aproximada da encontrada na contemporaneidade.

A tipologia habitacional a ser explorada é o apartamento brasileiro, por este ser aventado por um número cada vez maior de famílias e pessoas no território pátrio. Esta tipologia, no período da abordagem, foi comumente composta pelo conjunto de três setores: social – formado pela zona voltada para recepção de visitas como sala de jantar

e estar; íntimo – composto pelos cômodos voltados para uso pessoal dos habitantes, como os quartos e banheiros; e serviço – conformado pelas áreas voltadas para o trabalho doméstico, como a cozinha e área de serviço.

Cada uma destas diferentes zonas residenciais revela, à sua maneira, o processo de transformação do contexto sócio-cultural, político, econômico e tecnológico. Contudo, para uma abordagem mais aprofundada da pesquisa, foi realizado um maior enfoque no setor social, por este, normalmente, manifestar em primeira mão os anseios estéticos da sociedade, já que, geralmente, é a zona de maior exibição simbólica da moradia. Vale ressaltar que o mobiliário desenvolvido para este setor possui muitas vezes um sistema produtivo e características distintas da mobília das demais zonas do lar.

Apesar da importância de pesquisar as modificações ocorridas na relação espaço doméstico X móvel de todo território nacional, o eixo Rio de Janeiro - São Paulo foi abordado com maior profundidade. Isto pode ser justificado por esses dois grandes centros terem sido palco, entre os anos 30 e 60, da maioria das iniciativas em matéria de modernização da mobília brasileira (SANTOS, 1995:51). O Rio, por sua condição de capital do país até 1960, foi durante muito tempo um referencial para o restante do país.

Vale salientar que estas cidades foram contempladas por grande parte dos estudos sobre apartamento e mobiliário do território nacional. Não foram consideradas, contudo, questões relativas às características deste mercado imobiliário e de suas legislações construtivas vigentes. Em relação ao público abordado, o presente trabalho foca na elite de alto poder aquisitivo e com abertura intelectual para as propostas estéticas disseminadas pelos periódicos utilizados como fonte de primeira mão, descritos e listados a seguir na metodologia da pesquisa.

Com o intuito de relacionar o apartamento brasileiro e sua mobília com o contexto sócio-cultural, político, econômico e tecnológico, a pesquisa adotou o método de abordagem dialético. Como métodos de procedimento foram utilizados: o método histórico, investigando a história da habitação, da mobília brasileira e dos principais acontecimentos, acima listados, que interferiram na forma de morar; e o método comparativo, para propiciar uma comparação das características marcantes do espaço doméstico e em seu móvel nas diferentes décadas analisadas.

A dissertação foi dividida em duas partes complementares, onde o objeto de estudo foi antecedido e fundamentado por uma base teórica. Assim a **PARTE I – Moradia e Mobiliário: Considerações Gerais**, consiste na fundamentação teórica do estudo tendo acompanhado o alicerce histórico de formação da habitação e do móvel brasileiro que desvenda as características que geraram o quadro habitacional e moveleiro do Brasil de 50. Em seguida, a **PARTE 2 - Entre os 50 e os 70**, se volta para o

objeto de estudo em questão: a relação do setor social dos apartamentos brasileiros e seu mobiliário da década de 1950 a 1970, com ênfase no eixo Rio-São Paulo.

Posto isto, a **PARTE 1** aborda considerações preliminares da mobília e da moradia brasileira do tempo do Brasil colônia ao final da primeira metade do século XX, tendo sido dividida em três capítulos. O capítulo **1.0. A Moradia e o Mobiliário** faz um breve histórico da habitação até o princípio do movimento moderno, destacando a origem dos apartamentos no cenário mundial e enfatizando pontos fundamentais para a compreensão da história da moradia brasileira. Aborda, ainda, aspectos gerais da formação do móvel brasileiro, com o intuito de facilitar a compreensão de sua origem e características.

O capítulo **2.0. O Contexto, a Habitação e o Mobiliário Brasileiro: Século XVI a XIX** realiza um panorama da moradia brasileira e sua mobília à luz dos acontecimentos sócio, econômicos, culturais, políticos e tecnológicos do Brasil colônia até após a proclamação da República. Finalizando esta etapa de fundamentação teórica, o capítulo **3.0. O Contexto, a Habitação e o Mobiliário Brasileiro: Primeira Metade do Século XX** explana acontecimentos brasileiros na primeira metade do século XX juntamente com as alterações do modo de morar e do mobiliário do período. Destaca a origem dos edifícios de apartamento no Brasil e transformações contextuais que refletiram na forma de morar.

Segue então a **PARTE 2** contendo toda explanação necessária para a relação das principais modificações ocorridas no espaço residencial brasileiro e em seu mobiliário com os acontecimentos paradigmáticos do contexto sócio-cultural, político, econômico e tecnológico das décadas de 50, 60 e 70. Desta forma foi elaborado consecutivamente o capítulo da década de 50, 60 e 70, que consistem nesta seqüência os capítulos 4.0, 5.0 e 6.0: **4.0. Apartamento e mobília de 50: a Busca do Ideal Moderno; 5.0. Anos 60: o apartamento pré-fabricado e o nacionalismo no móvel e o 6.0. Anos 70: a versatilidade dos interiores domésticos e de sua mobília.**

Cada um destes capítulos descreve os principais acontecimentos do contexto sócio, econômico, político, tecnológico e cultural do período abordado e os relaciona com transformações ocorridas nos apartamentos, no mobiliário e nos interiores domésticos. No final de cada apreciação foi gerada uma tabela síntese com as principais características do contexto, mobiliário, habitação e interiores domésticos de cada década, que se relacionam tanto linearmente como transversalmente.

Como fechamento da dissertação foi apresentada a **CONCLUSÃO** ressaltando as principais modificações paradigmáticas do contexto, do apartamento, da mobília e do interior doméstico ocorridas em cada década estudada ao tempo que realizou uma análise comparativa destas. Esta etapa foi sintetizada graficamente através de uma

tabela que propicia a identificação mais imediata da evolução do apartamento brasileiro, seu mobiliário e espaço interno em relação aos acontecimentos contextuais de 50, 60 e 70 enfocados nesta pesquisa.

Enfim, este trabalho consiste numa colaboração para a história do mobiliário, da habitação e do design brasileiro. Não tem o intuito de abordar todas as produções da mobília e da habitação do período, mas sim, apresentar as principais relações de suas transformações com o contexto evidenciando a importância do conhecimento deste conjunto.

OBJETIVO GERAL

Relacionar as principais modificações ocorridas no espaço residencial brasileiro e em seu mobiliário com os acontecimentos paradigmáticos do contexto sócio-cultural, político, econômico e tecnológico das décadas de 50, 60 e 70.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1- Analisar a evolução histórica da configuração habitacional apartamento no Brasil nas décadas de 50,60 e 70;
- 2- Analisar a tipologia do mobiliário residencial brasileiro dos anos 50, 60 e 70;
- 3- Realizar um panorama geral da habitação e mobiliário brasileiro até metade do século XX.

OBJETO DE ESTUDO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a relação do setor social dos apartamentos brasileiros e seu mobiliário da década de 1950 a 1970, com ênfase no eixo Rio-São Paulo.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Partindo do pressuposto que a moradia brasileira e seu mobiliário apresentam uma forte relação com o contexto sócio-cultural, político, econômico e tecnológico, a presente pesquisa utilizou o método de abordagem dialético. Como métodos de procedimento foram adotados: o método histórico investigando a história da habitação, da mobília brasileira e dos principais acontecimentos, acima listados, que interferiram na forma de morar; e o método comparativo para propiciar uma comparação das características marcantes do espaço doméstico e em seu móvel nas diferentes décadas analisadas.

Para propiciar uma leitura mais didática, o escopo do trabalho foi dividido em duas partes complementares. A **PARTE 1 – Moradia e Mobiliário: Considerações Gerais**

consiste na base teórica do estudo que fundamentou a análise do objeto da pesquisa em voga. Acompanhou o alicerce histórico de formação da habitação e do móvel brasileiro que desvenda as características que geraram o quadro habitacional e moveleiro do Brasil de 50.

Foi realizado, inicialmente, um levantamento de marcos da moradia e do mobiliário num panorama mundial que interferiram na forma de morar brasileira, inclusive na formação da tipologia habitacional apartamento. Em seguida, foi realizada uma varredura histórica da habitação brasileira e sua mobília do período do Brasil colônia até o final da primeira metade do século XX, evidenciando transformações provenientes do segundo pós-guerra.

Esta etapa foi embasada em um vasto levantamento bibliográfico que abrangeu teses, dissertações, monografias, artigos científicos, artigos de periódicos e livros que trataram sobre a moradia, o mobiliário e as características paradigmáticas do contexto brasileiro. Foram apreciados mesmo os trabalhos que partiram de uma abordagem distinta da visada nesta dissertação.

Dentre as fontes bibliográficas utilizadas, podem ser citados: "O móvel da casa brasileira", de Glória Bayeux; "Móvel moderno no Brasil" de Maria Cecília Loschiavo dos Santos; "História da casa brasileira" de Carlos lemos; "Casa: pequena história de uma idéia" de Witold Rybcznski; "500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia" de Veríssimo e Bittar; "Novos Modos de Vida, Novos Espaços de Morar: Paris, São Paulo, Tokyo" de Marcelo tramontano. Este material foi obtido através de bibliotecas e de núcleos pesquisadores em arquitetura, design, mobília e/ou habitação, como o NOMADS.USP1 e a literatura publicada pelo Museu da Casa Brasileira.

Esta revisão bibliográfica preliminar contribuiu, inclusive, para a delimitação do objeto da pesquisa, como foi o caso do recorte temporal. A análise deste material propiciou a percepção que no decênio de 50 houve uma ruptura na forma de morar com a introdução de novos aparatos tecnológicos, o que interferiu na configuração do espaço doméstico deste momento em diante. Esta década abrangeu, ainda, a disseminação de novos conceitos estéticos na mobília brasileira, que regeu o seu desenvolvimento. Com base nisto, foi focado o trabalho nas décadas de 50, 60 e 70 no Brasil, momento em que a configuração da mobília, do apartamento e dos seus interiores se aproximou das características encontradas na contemporaneidade.

Com base ainda nestas fontes foi percebido que o Rio de Janeiro e São Paulo detiveram, entre 50 e 70, a maioria das iniciativas em matéria de modernização da mobília. Vale salientar que estes dois grandes centros foram objetos de grande parte

¹ Núcleo de habitares interativos da Universidade de São Paulo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

dos estudos dos apartamentos e do mobiliário brasileiro, o que contribuiu para o enfoque da pesquisa no eixo Rio-São Paulo. Não foram consideradas, contudo, questões relativas às características do mercado imobiliário e de suas legislações construtivas vigentes.

Diante da delimitação do objeto de estudo e da elaboração preliminar da parte 1, foi iniciada a **PARTE 2 - Entre os 50 e os 70**, voltada para o objeto de estudo em questão: a relação do setor social dos apartamentos brasileiros e seu mobiliário da década de 1950 a 1970, com ênfase no eixo Rio-São Paulo. A literatura que se tinha em mãos, entretanto, não seria suficiente para o estudo aprofundado sobre o assunto, tendo sido necessária a busca por material complementar. Este material era insuficiente, inclusive, para a seleção de amostras dos apartamentos e da mobília a serem analisadas.

Para a mobília, o critério utilizado para a seleção da amostra foi a produção voltada para uma elite apta a aceitar novos ideais estéticos. A mobília produzida para este público, normalmente, é a primeira a manifestar as transformações estéticas e formais provenientes do contexto sócio, econômico, político, cultural e tecnológico, que posteriormente, servem de referencia na produção de móveis para os demais grupos sociais.

Para os interiores domésticos, o critério de seleção da amostra partiu deste mesmo raciocínio tendo sido selecionado espaços internos de apartamentos voltados para esta mesma elite apta a aceitar novos ideais estéticos, tendo sido enfatizado os cômodos que compõem o setor social. Em relação à seleção de amostra de apartamentos, as unidades voltadas para este público também foram mais contempladas embora também tenham sido destacadas transformações ocorridas em tipologias voltadas para outros públicos.

Diante da dificuldade de encontrar fontes que abordassem as transformações da mobília e dos apartamentos brasileiros dos anos 50, 60 e 70, foi procurado o arquiteto/historiador José Luiz da Mota Menezes que relatou o uso abundante, por arquitetos, artistas e estudantes de arquitetura e artes, dos periódicos especializados em arquitetura e artes neste período, o que os torna um importante referencial para este trabalho. Foi ressaltado pelo referido arquiteto/historiador, inclusive, a recorrente consulta das revistas estrangeiras, como a Domus, pelos mesmos profissionais citados acima.

Entretanto, os magazines estrangeiros não foram utilizados como referência bibliográfica para o desenvolvimento deste trabalho por abordarem questões da arquitetura e arte relativas a outras sociedades, com características sócio-culturais,

econômicas, políticas e tecnológicas distintas da realidade brasileira. Vale salientar que a presente pesquisa visa a identificação de características inerentes ao espaço doméstico brasileiro e sua mobília.

Para José Luiz da Mota Menezes, o aparecimento da revista "Habitat: revista das artes no Brasil" foi revolucionária ao abordar as artes em geral. *Esta importante revista da década de 1950 e 60 difundiu, na provinciana capital paulista que enriquecia com a indústria, os valores modernos das vanguardas artísticas européias. Incentivando artistas e arquitetos locais a publicar na revista, Lina contribuiu para divulgar e qualificar a arte moderna brasileira*².

Outro periódico importante neste sentido foi a "Módulo", cujo tema predominante foi a arquitetura, embora também tenha apresentado conteúdo relacionado às artes, ao urbanismo, ao design e à cultura de forma geral. Esta revista circulou de 1955 até 1965, quando foi proibida pela ditadura militar instaurada no Brasil em 1964. Sua sede foi saqueada e quebrada e a revista só voltou a circular em 1975, nos primeiros anos da abertura política³.

Estes dois periódicos consistiram em uma importante fonte referencial para o trabalho, contudo, por não estarem em vigor em todo o período abordado pela pesquisa, foram buscadas informações complementares na revista "Acrópole". Esta, entretanto, se dedicou mais ao tema arquitetura tendo abordado menos o mobiliário e o interior doméstico⁴. Em consequência disto não foi uma referência tão rica para este trabalho como as duas revistas citadas anteriormente.

Estes três periódicos representaram o "gosto erudito"⁵ do público formador de opinião do período, no caso os arquitetos e artistas. Contribuiu para a disseminação e implantação de novos conceitos estéticos na mobília, na arquitetura e nos interiores domésticos brasileiros. O uso destas fontes bibliográficas acabou por delimitar a classe social focada neste trabalho: uma elite de alto poder aquisitivo e com abertura intelectual para as propostas estéticas disseminadas por estas revistas.

Apesar de não abordar este "gosto erudito", também foi utilizado como material complementar a revista Casa e Jardim. As informações contidas neste referido magazine foram utilizadas criteriosamente com base nas colocações da literatura

² Texto descritivo do livro "Lina por escrito", disponível em http://www.cosacnaify.com.br/noticias/lina_por_escrito.asp.

³ WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_M%C3%B3dulo.

⁴ Revista Acrópole, <http://www.urbanismobr.org/bd/periodicos.php?id=30>.

⁵ Termo utilizado pelo Arquiteto/historiador José Luiz da Mota Menezes para caracterizar o ideal estético disseminado por estes periódicos, fez inclusive uma associação do "gosto erudito" ao "gosto do arquiteto".

acadêmica, dos trabalhos especializados na área e/ou dos periódicos listados anteriormente.

Diante do exposto acima, os periódicos especializados em arte, arquitetura e decoração utilizados na 2ª Parte da pesquisa foram:

- **Década de 50:** Habitat número 03, 05, 07, 08, 11, 13, 14, 15, 17 e os números de 19 a 36; Módulo nº 02 de agosto de 1955 à nº14 de agosto de 1959;
- **Década de 60:** HABITAT números 58, 59, 60 e os números 64 a 84, compreendendo assim exemplares desde janeiro de 1960 a dezembro de 1965, quando a revista saiu de circulação; Módulo números 17, 18, 22, 23, 24, 27, 29, 38 e 39; Acrópole números 254, 260, 262, 264, 266, 272, 277, 302, 333, 335 e 337; Casa e Jardim números 105, 157, 163, 164, 165, 172, 174, 175, 176, 178 e 179.
- **Década de 70:** Módulo nº40 de setembro de 1975 ao nº56 de dezembro de 1979; Acrópole números 381 a 391; Casa e Jardim números 185, 193, 196, 200, 205, 206, 208, 209, 223, 228, 231, 233, 245, 248, 249, 251, 263, 285 e 293.

No que tange aos anos 70, houve enorme dificuldade para se encontrar fontes bibliográficas consistentes sobre o assunto em tela, o que pode ser justificado, em parte, pela lacuna de informações e de produção cultural conseqüente da rígida censura imposta pelo regime militar. Desta forma, neste período ainda se recorreu à revista CJ arquitetura, como fonte teórica, abrangendo os números: 04, 06, 09, 11, 13, 16 e 18.

Vale salientar, que embora tenha havido acesso a outros números dos exemplares destas revistas utilizadas como fonte de primeira mão, listadas acima, foi realizada uma cuidadosa seleção preliminar pinçando apenas as edições que possuíam material consistente para a pesquisa. Assim, alguns números foram descartados por não abordarem o assunto de interesse do presente trabalho.

O acesso aos referidos periódicos se deu através do acervo pessoal do arquiteto José Luiz da Mota Menezes e da biblioteca do Centro de Artes e Comunicação da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Visando a conservação deste material, em ambos os locais não é permitida a retirada para consulta externa nem a utilização de recursos como scanner para a digitalização de imagens, sendo autorizado apenas o uso de máquina fotográfica digital.

Estes locais, entretanto, não apresentam as condições ideais de iluminação requeridas à extração de boas imagens fotográficas. Outrossim, soma-se a tal fato o cuidado no manuseio dos exemplares a fim de evitar danos ao material, bem como o mal estado de conservação de algumas edições, ocasionando imagens de qualidade abaixo do desejado. Mesmo deficiente de qualidade de resolução, muitas destas

imagens estão dispostas ao longo do texto, face à sua importância para o trabalho. A Parte 2 é altamente ilustrada o que complementa e embasa as informações textuais.

Foi lançada mão, ainda, de bibliografia histórica do contexto sócio-cultural, tecnológico, político e econômico brasileiro. Dentre estas fontes, podem ser citadas: "História da vida privada 4" organizado por Lilia Schwarcz; "História concisa do Brasil" de Boris Fausto; e "Economia e cultura: 1930 – 1964" da coleção "História Geral da Civilização Brasileira" dirigida por Sérgio Buarque de Holanda e Boris Fausto.

Com este vasto levantamento bibliográfico em mãos se partiu para a elaboração dos capítulos que compõem a Parte 2 da dissertação seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos. Desta forma foi elaborado consecutivamente o capítulo da década de 50, 60 e 70. Em todos eles foi feita uma análise inicial dos acontecimentos paradigmáticos do contexto, seguido do levantamento das principais modificações ocorridas nos apartamentos brasileiros e da mobília.

A análise das plantas dos apartamentos presente no corpo desta dissertação teve como base o estudo analítico de amostras de plantas-tipo de apartamentos desenvolvidos academicamente pelos autores: Marcelo Tramontano, Simone Villa e Viviane Paula. A observação destes autores foi complementada por informações provenientes de outros trabalhos e dos periódicos utilizados como referência bibliográfica.

A escolha destas pesquisas sobre apartamento como referência bibliográfica foi feita em função da alta qualidade destes trabalhos, da relevância de suas informações e da aproximação da forma de abordagem por elas realizadas com o método de abordagem adotado por esta dissertação. Cabe ainda ressaltar a inviabilidade de realizar um levantamento de campo das plantas de apartamentos do período em foco, face ao prazo de tempo limite de 02 anos para a conclusão desta pesquisa e por este não ser objetivo deste trabalho.

O móvel, por sua vez, foi abordado tanto em relação ao aspecto estético como quanto às principais iniciativas na produção da mobília, destacando os principais autores e lojas. Teve como fonte autores como Maria Cecília Loschiavo dos Santos, Maria Angélica Teixeira e Virginia Cavalcanti, dentre outros, cujas informações foram complementadas pelas obtidas nos periódicos listados anteriormente.

Diante da análise dos principais acontecimentos contextuais, dos apartamentos brasileiros e seu mobiliário foi realizada a relação do apartamento e da mobília, enfatizando o setor social através da abordagem dos interiores dos apartamentos. Foram destacados os principais arranjos do mobiliário, as soluções usuais e a apropriação deste espaço através do móvel. Esta etapa teve como fonte as revistas especializadas em arquitetura e artes em voga no período, citadas acima. As transformações verificadas nos apartamentos, no mobiliário e nos interiores

domésticos foram sempre relacionadas com os acontecimentos paradigmáticos contextuais, objetivada por este trabalho.

No final da apreciação de cada década foi gerada uma tabela síntese das principais transformações do contexto político-econômico-tecnológico, contexto sócio-cultural, habitação, mobiliário e interior doméstico. As características listadas nestas tabelas possuem uma relação linear direta, mas também apresentam uma relação transversal. Assim, há uma síntese gráfica dos anos 50, 60 e 70.

Por fim, foi elaborada a conclusão que aponta além das principais modificações ocorridas em cada década analisada, a relação entre as transformações ocorridas nestes decênios distintos. Isto ficou mais evidente através da elaboração de uma tabela síntese comparativa dos principais acontecimentos do contexto político-econômico-tecnológico, do contexto sócio-cultural, da habitação, do mobiliário e do interior doméstico, nas três décadas analisadas (1950, 1960 e 1970).

PARTE 1

MORADIA E MOBILIÁRIO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

80 90 00 10 20 30 40 **50 60 70** 80 90 00 01 02

CAPÍTULO 01

Moradia e Mobiliário

1.1 // PANORAMA GERAL DA HABITAÇÃO: APARTAMENTO, A ORIGEM DA TIPOLOGIA

A casa típica do burguês do século XIV servia como moradia e local de trabalho. Consistia numa construção longa e estreita de dois andares sobre uma cripta ou um porão, usado como estoque. O andar principal da casa era uma loja ou uma oficina e o espaço voltado para moradia era formado por um único grande cômodo sem forro, onde as pessoas cozinhavam, comiam, se entretinham e dormiam. Era pouco mobiliada, os móveis existentes eram multifuncionais e em consequência disto muitas vezes desmontáveis e portáteis.

Do fim da Idade Média até o século XVII, as condições da vida doméstica começaram, lentamente, a mudar. As casas ficaram maiores, mas a falta de comodidade física persistiu. As lareiras e chaminés com consolo passaram a serem utilizadas com mais frequência, estando então presente na maioria dos cômodos. A casa ainda era um lugar público, a privacidade era algo praticamente desconhecido (Fig. 01).

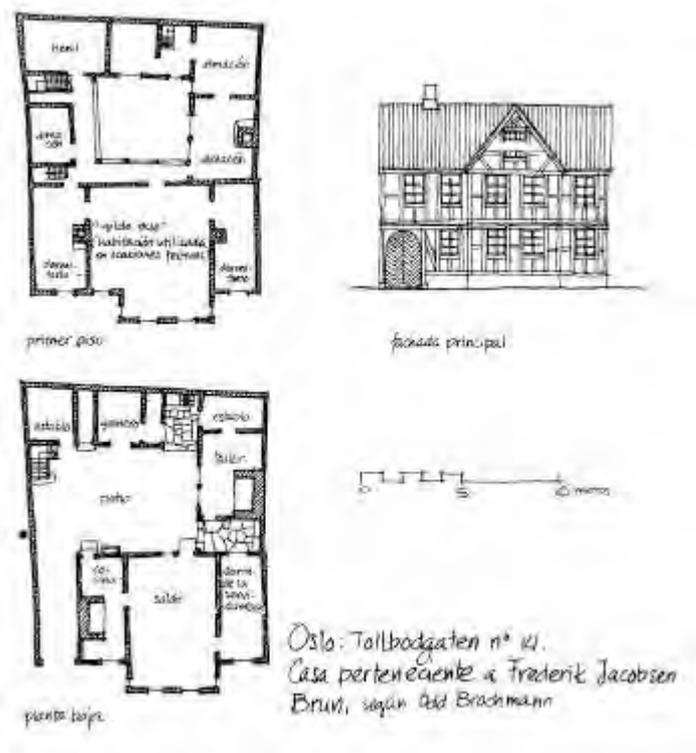


Fig. 01 // Casa típica do final do século XVII, normalmente local de moradia e trabalho. Nesta, viviam e trabalhavam 15 pessoas. No térreo se encontrava a cozinha ao lado do cômodo da criada, um pátio central, estábulo e granja, local de trabalho. No 1º pavimento, havia uma sala de recepção juntamente com os quartos e despensas (SCHOENAUER, 1984:303).

Algumas alterações nos modos e atitudes, tais como o desenvolvimento da noção de intimidade, relações entre os membros familiares e processos migratórios para as cidades, influenciaram mudanças no espaço habitacional no decorrer dos

séculos XVII, XVIII e início do XIX (Fig. 02). A casa burguesa oitocentista seguia, orgulhosa, as modas, as regras e modelos ditados por Paris (RYBCZYNSKI,1996:50-61).

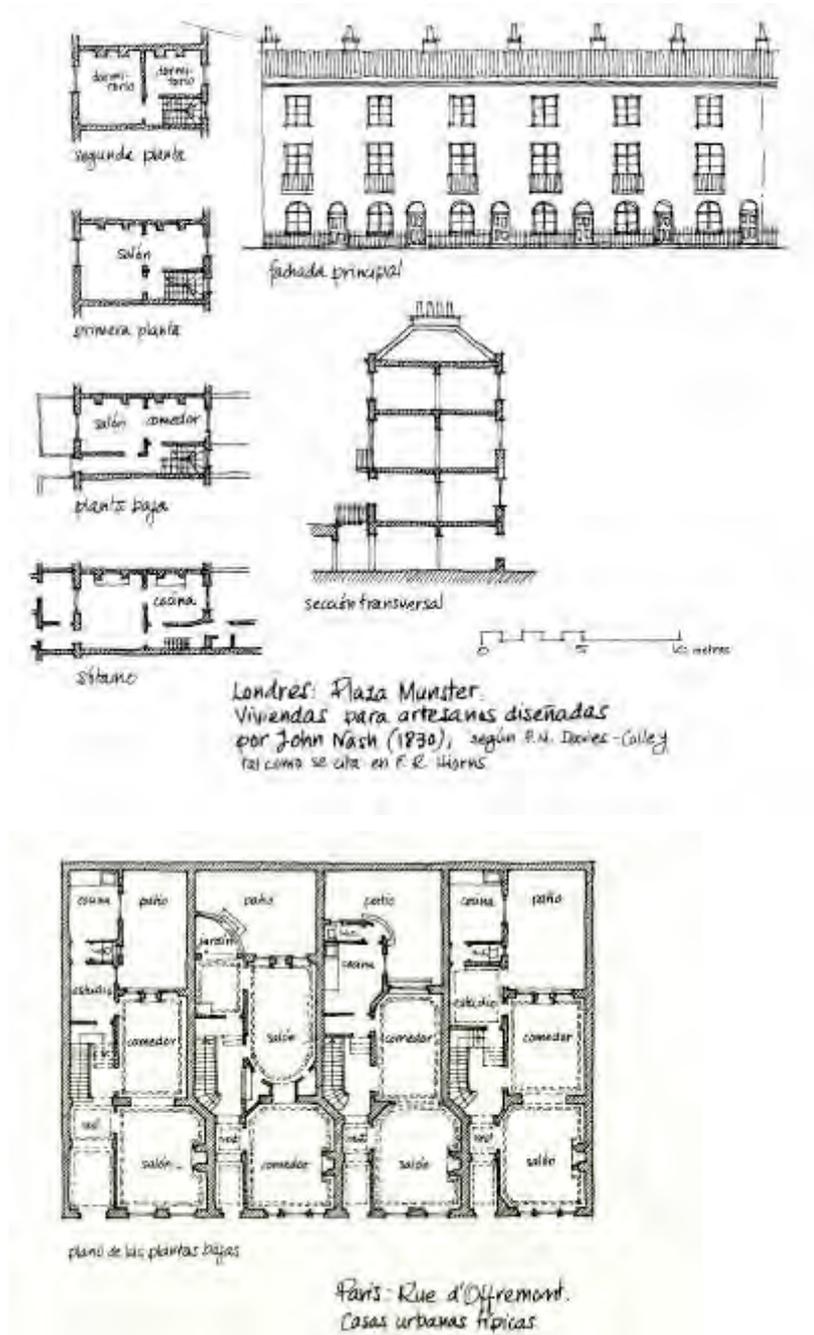


Fig. 02 // Aos poucos o local de trabalho foi sendo separado da moradia. Percebe-se nestas plantas de habitações de classe média do século XIX uma tendência a concentrar a cozinha no sótão ou no fundo e dormitórios nos pisos superiores. O cômodo para empregados domésticos estava normalmente presente e havia uma separação clara entre as áreas destinadas aos empregados e aos patrões (SCHOENAUER, 1984:336 e 337).

No século XIX as novas técnicas agrícolas, conseqüentes da revolução industrial, foram co-responsáveis por um êxodo rural sem precedente na História, o que gerou um grande aumento da população industrial ativa dos aglomerados urbanos. Em conseqüência disto, a especulação imobiliária contribuiu para a

produção de milhares de moradias nos grandes centros urbanos, destinadas a abrigar a classe operária. Passou a ser comum, assim, habitação de aluguel com grande densidade de construção e de ocupação, o mais barato possível. Este superpovoamento somado às péssimas condições de higiene em que viviam as classes populares gerou uma rápida propagação de epidemias, o que acabou por obrigar a se pensar transformações no campo da habitação.

Para resolver o problema de habitação para o maior número de pessoas possível, surgiu o desafio de se construir o máximo de unidades em um mesmo edifício. Isto foi viável com o uso de estrutura em ferro fundido, a exemplo dos edifícios em Missouri, EUA, realizados no período de reconstrução da cidade após o grande incêndio de 1849. A altura dos edifícios aumentou ainda mais com o surgimento do elevador e, posteriormente, foi redobrada com o uso da estrutura em aço, em 1854 (TRAMONTANO, 1998:32).

O uso de estruturas em ferro fundido e, posteriormente, em aço acabou liberando os edifícios das pesadas e opacas fachadas de alvenaria e possibilitando uma maior flexibilidade do espaço com o uso de divisórias leves. Em 1903, foi dado outro grande passo em direção à planta livre¹, quando Auguste Perret construiu em Paris um edifício com as plantas de cada apartamento independente das demais (Fig. 03). Sua estrutura constituiu um grande avanço da arquitetura moderna, foi a primeira aplicação, no campo da habitação coletiva, de um material novo: o concreto armado (FRAMPTON, 2000:124).

¹ A Planta Livre é um dos conceitos dos Cinco pontos da arquitetura moderna, de Le Corbusier. Através de uma estrutura independente permite a livre locação das paredes, já que estas não mais precisam exercer a função estrutural, (WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Planta_Livre, acesso em 27/05/08).

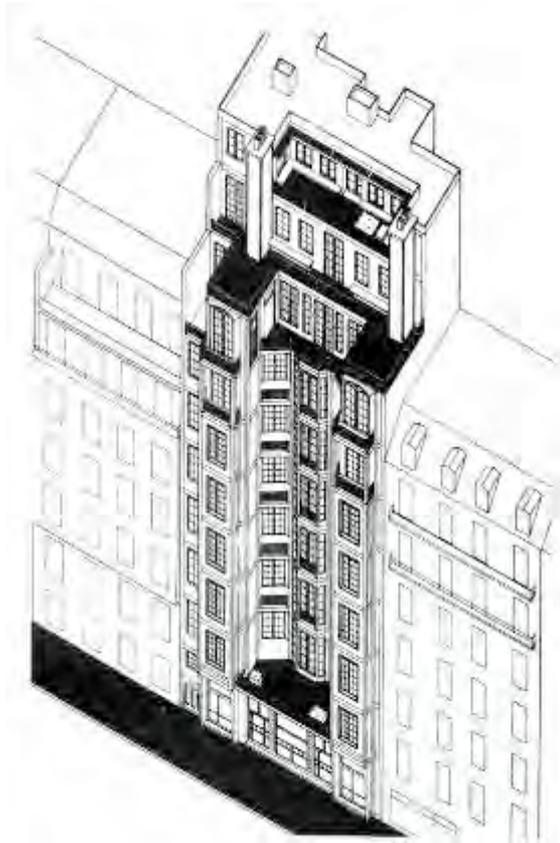


Fig. 3 // Primeiro edifício de habitação coletiva com uso do concreto armado, projeto de Auguste Perret (FRAMPTON, 1997:124).

O desenvolvimento industrial propiciou modelos de edifícios cujas novas formas e espacialidade contribuíram para transformações da arquitetura doméstica. Neste contexto de interação entre produção industrial e concepção arquitetônica surgiu a escola Deustche Werkbund, na Alemanha no início do século 20. Esta escola buscava a interação do refinamento da mão de obra com a otimização da produção e a melhoria da qualidade do produto, com o intuito de viabilizar uma produção seriada e padronizada.

A padronização objetivada por esta escola se estendeu para o campo da arquitetura, e em 1911 foi realizado por Walter Gropius e Peter Behrens um estudo sobre a produção racionalizada de moradias as condições básicas essenciais para o sucesso da pré-fabricação, da montagem e da distribuição de unidades habitacionais padronizadas.

Em 1914 deu-se início a Primeira Guerra Mundial, finalizada apenas em 1918, o que resultou na paralisação da construção de habitações em todas as nações combatentes em função da incerteza financeira, da escassez de materiais e das exigências bélicas. A guerra, desta forma, acabou por paralisar a pesquisa no campo das habitações.

A reconstrução das cidades e moradias assumiu diferentes feições em cada país. Os anos de guerra acabaram estimulando sentimentos de solidariedade e comportamentos mais sociabilizantes. Assim, uma nova tipologia de habitação

coletiva começou a surgir com novas formas, desenhos modulados e com a possibilidade de uma pré-fabricação. A insolação e o regime de ventos começaram a serem considerados na hora de projetar uma habitação.

Segundo TRAMONTANO (1998:51) foi na cidade de Frankfurt, Alemanha, que novos conceitos de habitação foram espacializados de maneira plena com efetivas inovações no conceito de morar, em consequência de questões políticas e econômicas. Em 1925, foi lançado um programa para o fim da exploração dos trabalhadores de *Mietskasernen*, onde cada membro da família deveria ocupar um quarto individual, ainda que pequeno. Foi lançado, assim, a '*Wohnküche das Mietskasernen*' dividida em uma sala de estar, até então desconhecida pelos operários que consistia o maior espaço da habitação, e uma pequena cozinha contígua ao espaço de convívio. Ao contrário da cozinha burguesa que tinha uma divisão que separava empregados e patrões em áreas estanques, esta habitação considerava que a mãe de família era encarregada pelas tarefas da casa e com isto o local de desenvolvimento destas tarefas deveria ser o centro do espaço doméstico².

A concepção desta cozinha visou otimização, higienização e mecanização no menor espaço possível, uma 'cozinha laboratório'. Esta busca pela redução ao mínimo necessário regeu toda a habitação e se tornou ainda mais forte após a crise mundial de 1929. Assim os então pequenos apartamentos reduziram-se ainda mais, o que exigiu a produção de elementos móveis para as moradias: portas de correr, mesas dobráveis ou sobre rodinha, armários embutidos, enfim, tudo o que viabilizasse o aproveitamento do espaço. Estes elementos, juntamente com portas, janelas, fachadas, paredes e vigas de concreto leve foram então normatizadas e produzidas em série por oficinas e usinas montadas pela prefeitura.

Como percebe-se, a busca de uma moradia padrão, de uma habitação para todos foi, assim, encontrando pressupostos técnicos que a viabilizassem. Aos poucos foram se formando os princípios do construir e morar moderno que influencia, até hoje, a forma de morar. Com base no exposto acima, na Europa a origem dos apartamentos esteve intrinsecamente ligada ao contexto social, cultural, tecnológico, econômico e político, podendo-se afirmar que foi uma decorrência natural dos avanços técnicos e do estudo da habitação.

Entretanto, no caso do Brasil não pode-se afirmar o mesmo. A habitação brasileira esteve durante muito tempo ligado aos preceitos da moradia européia e norte-americana. A origem dos apartamentos brasileiros se deu mais pela influência da forma de morar européia e norte-americana do que por uma decorrência natural,

² Percebe-se aos poucos a mudança do papel da mulher na sociedade e o reflexo disto no campo da habitação.

o que contribuiu para uma rejeição inicial desta tipologia pela classe média e alta, tendo sido aceito, muitas vezes, apenas por estar vinculado ao ideal de 'modernidade'.

A habitação parisiense, em particular, influenciou durante muito tempo a configuração da habitação brasileira. Assim, segue alguns dos marcos importantes da moradia parisiense, essenciais para compreender a origem de alguns espaços domésticos brasileiros.

1.2 // PARIS, UM CASO À PARTE: A BASE DA TRIPARTIÇÃO DOMÉSTICA BRASILEIRA

Paris é uma cidade importante desde os tempos medievais. Ao longo dos séculos seu modelo urbano, seus edifícios, modos de morar e até mesmo costumes foram copiados em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil, o que torna importante uma análise à parte.

A intensificação do afluxo de camponeses à cidade, no caso Paris, intensificou-se durante todo o século XVIII e tornou-se uma explosão no século XIX. Em consequência disto, proprietários de típicas casas urbanas, moradores do térreo, começaram a ver vantagens financeiras em alugar os andares superiores. No início do século XIX era possível encontrar na cidade de Paris, um quadro habitacional dividido entre o '*hôtel particulier*' e a casa remanescente do período medieval, ocupada de maneiras diferentes por ricos e pobres. Estas casas tinham como referencial os grandes palácios, onde os cômodos constituíam uma sucessão de espaços interligados (TRAMONTANO,1998:63).

A casa tipicamente medieval abrigava os profissionais liberais e sua família, no caso de sublocações, o proprietário ficava com o térreo, o pátio interno e com os eventuais anexos. Os seus espaçosos cômodos eram subdivididos ao máximo e novos andares eram acrescentados com o intuito de abrigar um maior número de família. Os apartamentos resultantes destas subdivisões costumavam possuir de um a três cômodos onde se dormia e cozinhava, entre outras atividades. Apesar dos compartimentos alugados não terem sido projetados como apartamentos independentes, a casa típica burguesa parecia um prédio de apartamentos. Estas acomodações de aluguel acabaram por ressaltar uma mudança que estava ocorrendo desde a Idade Média: muitas pessoas não mais viviam e trabalhavam no mesmo local (RYBCZYNSKI, 1996:51).

A outra tipologia habitacional parisiense, os '*hôtels*', habitados por aristocratas, comerciantes, oficiais da corte e pessoas do parlamento, consistiam em diversos cômodos voltados para o aluguel, onde o inquilino alugava quantos quartos desejasse, geralmente em mais de um andar. Não havia presença de corredor sendo preciso atravessar os cômodos para o acesso dos demais, o que anulava qualquer privacidade (Fig. 04).



Planta do *Hôtel Particulier* da 8 rue de Lota, arquiteto R. Bouwens van der Boijen, 1899. (ELEB, 1995)

Fig. 04 // Plantas de um 'Hôtel Particulier', arquiteto R. Bouwens van der Boijen, 1899. É possível perceber a falta de presença de corredor, os cômodos se conectam uns aos outros (VILLA, 2002:22).

Esta tipologia habitacional era composta por quatro ou cinco andares, assim, divididos: os andares de baixo com a área comercial, os estábulos e os alojamentos do proprietário e de sua família; o subsolo composto pelas dependências de serviços (cozinha e anexos, incluindo espaços para os criados); e os andares de cima ocupados com quartos de dormir e de vestir. Esboçou-se assim a primeira tripartição da casa dos ricos: serviço no subsolo ou nas alas laterais, recepção no andar nobre, quartos e suas dependências nos andares superiores (VILLA, 2002:22).

O 'hôtel' parisiense oitocentista era minoritário no conjunto das moradias da cidade, entretanto preconizou uma habitação moderna da elite difundindo uma nova maneira de morar (TRAMONTANO, 1998:64). O sucesso desta tipologia habitacional fez com que os novos nomes dos cômodos do 'hôtel' fossem, aos poucos, transpostos para os apartamentos burgueses que se firmaram poucas décadas depois no cenário habitacional da cidade.

Com a Revolução Industrial e sua conseqüente densidade populacional, Paris passou por uma fase crítica com água poluída, falta de sistema de esgoto adequado, vastas áreas de habitações miseráveis e tráfego congestionado. Diante deste quadro, a cidade foi submetida a uma grande reforma urbana comandada por Georges

Haussmann, a qual foi copiada por diversas cidades do mundo (Fig. 05) (FRAMPTON, 1997:17).



Fig. 05 // A reforma urbana proposta por Haussman para Paris. As ruas abertas por Haussman estão em preto forte (FRAMPTON, 1997:18).

Esta modificação no tecido urbano influenciou o desenho do espaço doméstico parisiense deste momento, os novos apartamentos da Paris *Haussmanniana* que abriam suas generosas janelas sobre as ruas largas e retilíneas para receber sol, ar e luz (Fig. 06 e 07). A setorização do 'hôtel' em zonas de prestígio, de intimidade e de rejeição, foi aí aplicada horizontalmente, com exceção dos quarto de empregada que se localizava no último andar, sob o telhado (TRAMONTANO, 1998:72).

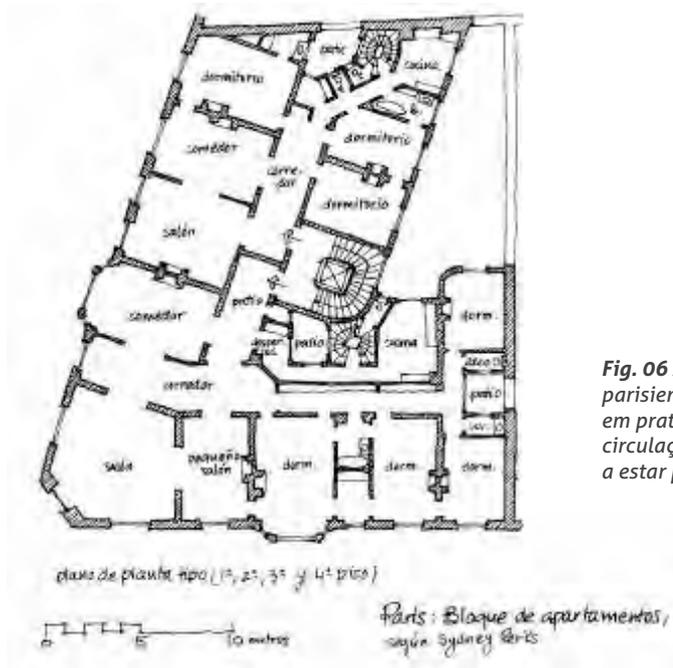


Fig. 06 // Planta dos novos apartamentos parisiense, com aberturas para o exterior em praticamente todos os cômodos. A circulação para acesso dos cômodos passou a estar presente. (SCHOENAUER, 1984:363).



Paris:
Bloque de apartamentos en la Avenida de la Grande Armée

Fig. 07 // Um típico edifício de apartamentos tinha seis pisos, incluindo o ático. Abrigavam funções distintas tais como comércio no térreo, apartamentos familiares nos andares principais e habitações de serventes no ático (SCHOENAUER, 1984:364).

Além da tripartição de setores, estes apartamentos ainda apresentaram hierarquia de circulações, evitando a comunicação entre patrão e empregados, circulação social-íntima para os proprietários e social-serviço para empregados. A área de serviço se encontrava completamente apartada da de prestígio, a articulação entre estas zonas era propiciada a partir de um cômodo denominado *Office*, já a articulação entre setor social e íntimo era realizada pela *Galerie* (Fig. 08).

O interior de cada apartamento oferece uma racionalidade que por muito tempo não será igualada. Compreende obrigatoriamente um espaço público de representação, um espaço privado para a intimidade familiar e espaços de rejeição. Desde a entrada, a antecâmara destinada à distribuição, impõe-se com um filtro que não se pode ultrapassar sem convite (GUERRAND, 1991:332).

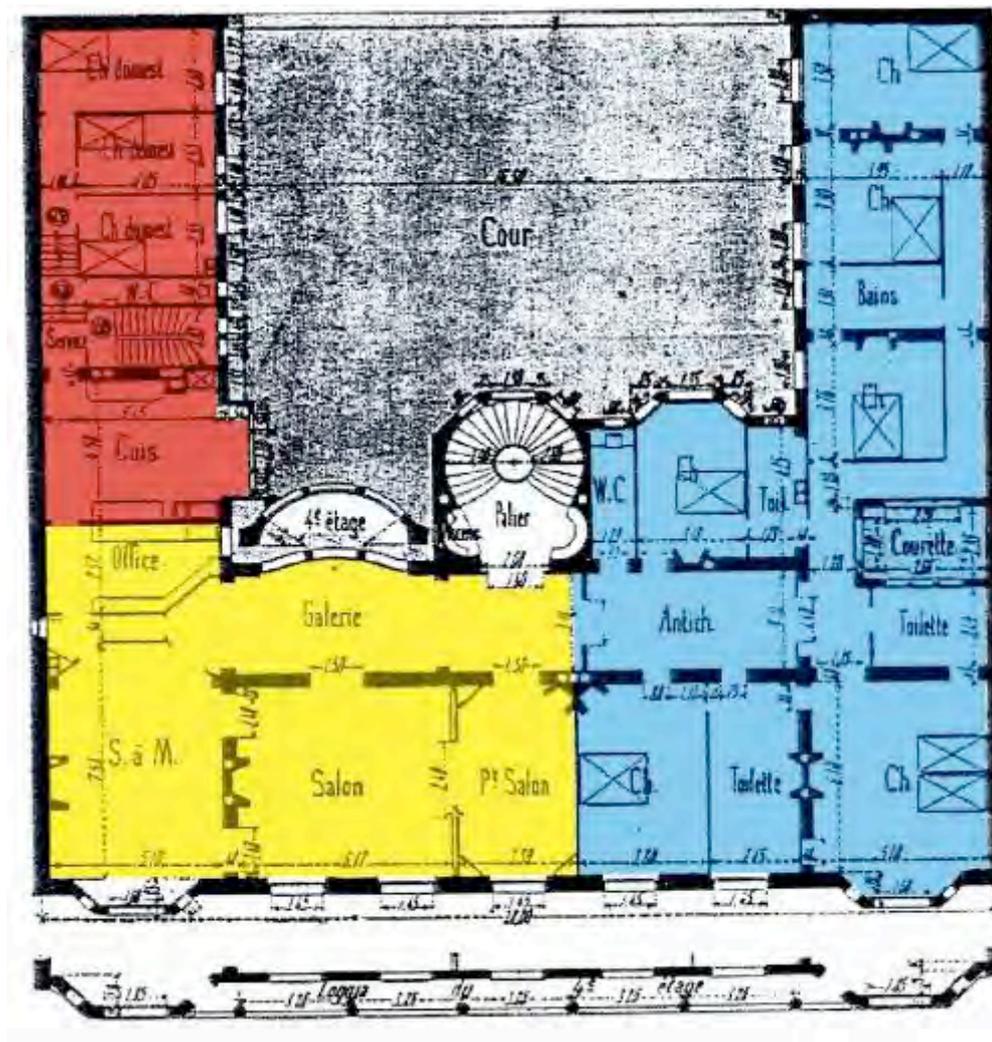


Fig. 08 // Percebe-se a tripartição de setores: serviço, social e íntimo. A articulação social/serviço é feita pelo Office e a social/íntimo pela galerie (VILLA, 2002:33).

Esta nova configuração doméstica influenciou no desenho da habitação de diversas partes do mundo. No caso do Brasil algumas características típicas desta moradia parisiense tais como a tripartição dos setores, a hierarquia das circulações e a separação das áreas de serviço das de prestígio foram praticamente transpostas para os apartamentos brasileiros. Além da divisão espacial, Paris foi, ainda, responsável pela disseminação de ideais de decoração, disponíveis inclusive em formas de manuais (Fig. 09), que também refletiram na forma de morar brasileira.

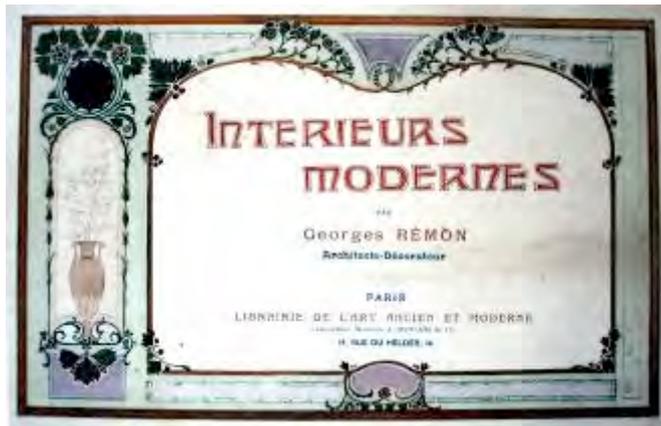


Fig. 09 // Manual de decoração dos interiores modernos parisiense, por volta de 1900 (RÉMON).

1.3 // BASE DO MOBILIÁRIO BRASILEIRO

A origem da palavra 'móvel', remete ao contexto e às características da sociedade a que pertencia. Palavras espanholas, francesas e italianas relativas a móveis como muebles, mobiliers ou mobilia, confirmam seu sentido primeiro "o que se pode mover" (GIEDION, 1978, apud RYBCZYNSKI, 1996:40). Este significado é condizente com o contexto da Idade Média, período em que os nobres possuíam várias residências e viajavam com frequência levando consigo seus pertences. Assim, muitos móveis medievais eram portáteis e desmontáveis.

Não é possível desvincular a história do mobiliário brasileiro da história do país. No Brasil, enveredando na busca da origem do móvel, a partir da história, esbarra-se nos três pilares de formação do povo brasileiro: o índio - como a espécie nativa, o branco - na figura do colonizador e o negro - representando a mão-de-obra escrava (CAVALCANTI, 2001:11).

Estes povos deixaram marcados costumes e tradições que ainda hoje se manifestam no cotidiano brasileiro e em seus equipamentos. A presença dos criados fossem escravos, negros ou índios, não se restringia apenas ao trabalho, uma vez que a escravidão marcou profundamente a sociedade brasileira, quer na esfera doméstica, quer nas relações sociais (Fig. 10 e 11).



Fig. 10 e 11 // Tanto no interior mais opulento como no mais modesto, a presença africana era constante influenciando na formação dos hábitos (ALGRANTI, 1997: 100, 101).

Os índios, por exemplo, influenciaram nas técnicas e nas soluções adotadas pelos primeiros habitantes de São Paulo em quase todas as atividades necessárias à sobrevivência. O mesmo poderia ser estendido às demais áreas de colonização, uma vez que os adventícios necessitaram lançar mão dos recursos naturais disponíveis e aprender, por meio de experiências, muitas vezes dolorosas, como viver na Colônia (ALGRANTI, 1997:119).

Houve assim um hibridismo decorrente da mistura de quem conquista por quem é conquistado, colonizador e colonizado. Pode-se dizer que foi possível harmonizar raças de diferentes tradições numa única sociedade brasileira, o que é o

ponto de partida para a compreensão dos pilares de formação do mobiliário brasileiro. No Brasil, apesar da adoção de alguns costumes mais condizentes com o clima tropical, predominou até o início do século XIX a cultura do colonizador. A predominância desta cultura acabou por gerar, muitas vezes, tanto a produção como o uso de mobília não condizente com os hábitos e espaços domésticos locais da época (BAYEUX, 1997:12).

O conhecimento da influência destas diferentes raças na formação do mobiliário brasileiro, serve como base teórica para o estudo das transformações do mobiliário enfocada neste trabalho. Vale salientar que as transformações do mobiliário não acontecem de maneira sistemática, este é um processo lento, os diferentes estilos e peças não surgem, permanecem e desaparecem. Eles coexistem ou não no cenário doméstico, o que torna, muitas vezes, difícil o estabelecimento de uma ordem cronológica.

80 90 00 10 20 30 40 **50 60 70** 80 90 00 01 02

CAPÍTULO 02

O Contexto, a Habitação e o Mobiliário

BRASILEIRO: Século XVI a XIX

2.1 // SÉCULO XVI A XVII: O BRASIL AÇUCAREIRO E A MORADIA

Nos primeiros anos de colonização do país instalou-se um tipo de economia predatória com finalidade de desenvolvimento apenas da metrópole, baseada na exploração do pau-brasil. O país era, até então, “território selvagem”, dominado pelas diferentes etnias indígenas. Em 1530, com a ameaça dos franceses na costa brasileira, o rei de Portugal resolveu ocupar o solo brasileiro de forma mais ampla e segura através de povoamento e colonização.

Foi criado, com este fim, o sistema de capitanias hereditárias acentuando a exploração econômica da colônia com o cultivo exclusivo de cana-de-açúcar, através do trabalho indígena e escravo africano. Desta forma foi se espalhando no território brasileiro, habitado anteriormente apenas por índios, os colonizadores portugueses e a mão-de-obra africana, gerando peculiaridades próprias do povo brasileiro e, conseqüentemente, de sua habitação (VERISSIMO e BITTAR, 1999:17).

Pouco se sabe das moradas que os primeiros colonizadores construíram, a maioria das casas eram de barro, madeira, materiais vegetais e pedra, enfim, utilizavam predominantemente matérias primas locais. As condições sócio-econômicas, a presença de mão de obra escrava e o clima acabaram por determinar plantas, agenciamentos e partidos arquitetônicos peculiares formando o que Carlos Lemos (1989) denominou de “Casas brasileiras com exterioridades lusitanas”.

Desta forma tem-se como exemplo o fogão, centro de interesse da casa portuguesa como centro irradiador de calor, que se posicionou nos fundos ou exterior na casa brasileira, devido às condições climáticas do país quente, da tradição indígena de se cozinhar no quintal (ao ar livre) e pelo desprezo pelo trabalho doméstico apresentado pela sociedade (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:16).

Esta influência portuguesa na forma das residências se deu em um grau mais acentuado nas cidades litorâneas, por ter contato direto com o “Reino Português”. As cidades do interior, por sua vez, tinham esta comunicação limitada em conseqüência da escassez de estrada, o que acabou por gerar partidos arquitetônicos próprio de cada região. *Seja como for, a gente pode imaginar o Brasil como um grande arquipélago cultural em cujas ilhas sempre foi dominante a presença portuguesa, inclusive nas representações de sua civilização material* (LEMOS, 1989:22).

A casa popular urbana dos tempos coloniais teve praticamente a mesma planta em todo o Brasil, em geral, eram geminadas e implantadas em terrenos estreitos e profundos. Os cômodos, por sua vez, eram dispostos encarreirados: o da frente seguia o alinhamento da rua e consistia a sala de recepção ou oficina de artesanato ou loja; nos cômodos intermediários, cujo acesso era feito por corredor lateral ou pelos próprios cômodos, ficavam os dormitórios; nos fundos ficava a

cozinha e uma varanda alpendrada que dava acesso ao quintal, onde sempre havia um arremedo de instalação sanitária (Fig. 01 e 02) (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:23).

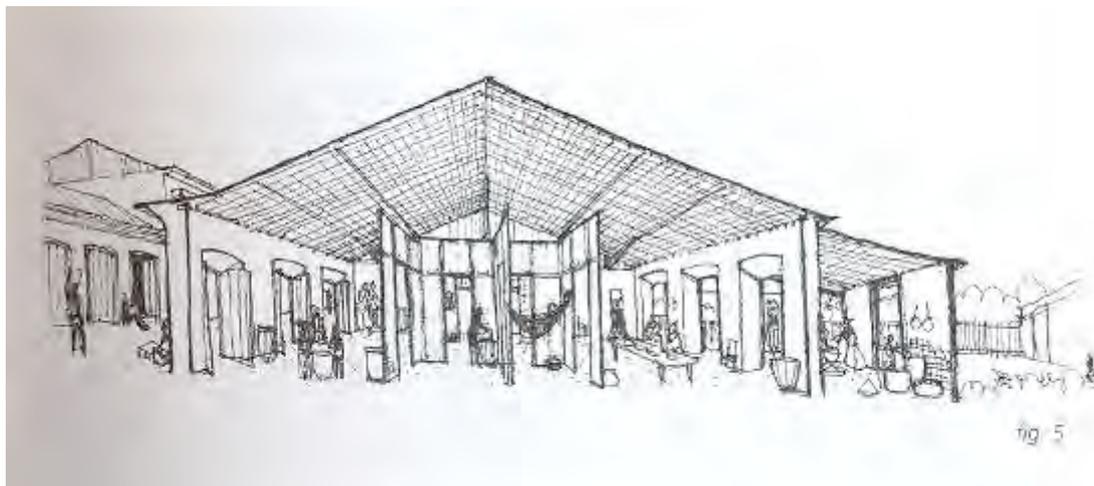


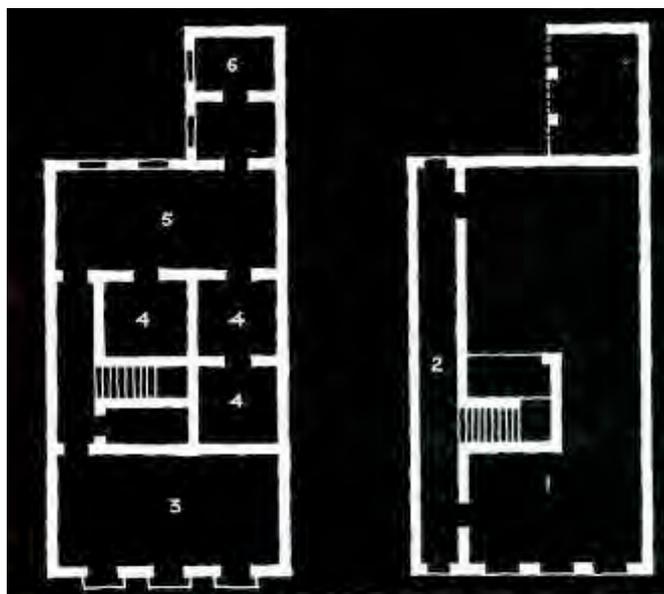
Fig. 01 // Residência térrea urbana colonial. Loja na frente, dormitórios nos cômodos intermediários e cozinha nos fundos. A cozinha nos fundos foi uma herança indígena (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:23).



Fig. 02 // Fachada padrão da casa térrea (REIS FILHO, 1997:25).

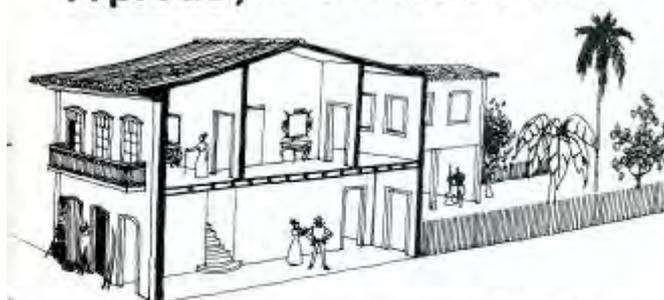
Outra tipologia comum nas cidades brasileiras no tempo da colônia era o sobrado, termo que primitivamente designava o “espaço sobrado” ou ganho devido a um “soalho suspenso”. Assim, o “sobrado” tanto podia estar situado acima deste piso como abaixo dele, como é o caso dos porões, comuns principalmente em locais com terrenos acidentados. Existia assim o termo casa de um, dois, três ou mais sobrados, variando de acordo com o número de andares. Esta modalidade de habitação explicitava as relações entre casas e extratos sociais, uma vez que, habitar um sobrado significava riqueza e, uma casa térrea, pobreza. Apesar de maiores do que as casas térreas, poucas eram as diferenças quanto ao uso espacial, o térreo consistia em geral o comércio ou acomodações de escravos e no(s) pavimento(s)

superior(es) estava a habitação, cuja divisão espacial reproduzia a divisão interna da casa térrea (REIS FILHO, 1997:28).



1. loja; 2. corredor de entrada para residência, independente da loja; 3. salão; 4. alcovas; 5. sala de viver ou varanda; 6. cozinha e serviços.

A produção e o uso da casa



baseavam-se no trabalho escravo

Fig. 03 // Divisão típica do sobrado (REIS FILHO, 1997:29).

As casas deste período eram vazias, compostas por poucas caixas de madeira, contadores, raras mesas, alguns bufetes, bancos e raríssimas cadeiras, camas ou catres. Dormia-se em redes fiadas em teares rudimentares ou em esteiras. O fogão era improvisado com três blocos de tucuruva¹, formando um triângulo onde se apoiava caldeirões ou panelas (Fig. 04 e 05) (SENAC, 2003:17).

¹

Tucuruva é o nome dado ao cupim abandonado pelas formigas. Ótimo material para ser cortado ou esculpido. (SENAC, 2003:17).

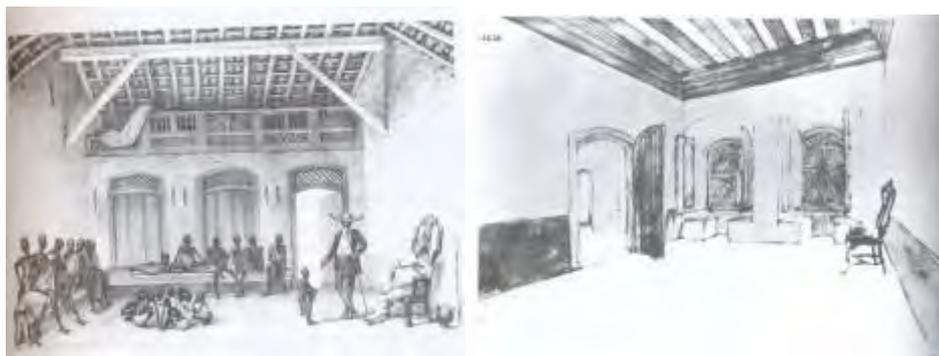


Fig. 04 e 05 // Os interiores coloniais eram simples e vazios. A sala era o espaço destinado a receber estranhos, não utilizado pelas mulheres (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999: 61 e 62).

Nestes dois primeiros séculos de colonização, a rusticidade da vida na colônia e a dificuldade de comunicação com a metrópole restringiam a importação de móveis e objetos domésticos ao estritamente necessário. Neste período desenvolveu-se pouca variedade de mobília no país e quando isto ocorria, a produção ainda era calcada por características portuguesas. É comum encontrar na descrição de muitos autores sobre o mobiliário desta época as seguintes denominações: 'Mobiliário Português' e 'Mobiliário Luso-Brasileiro'.

2.1.1 // O Mobiliário Português E Luso-Brasileiro

Até o século XX o Brasil importava grande parte dos produtos que usava, inicialmente, pela própria condição de colônia, era obrigado a consumir o que vinha de Portugal. A importação prevaleceu por muito tempo, devido à mentalidade própria da aristocracia brasileira e da elite urbana emergente que, influenciada pelas tradições e pela moda européia, davam preferência ao que vinha de fora em detrimento do que aqui era produzido (BAYEUX, 1997:12).

Apesar da adoção de alguns costumes mais condizentes com o clima tropical, predominou até o início do século XIX a cultura do colonizador. Assim, neste período foi comum a importação do mobiliário português que refletia influências externas, tais como a árabe, com elementos como a técnica do alfarje²; a chinesa com o charão (técnica de envernizar) e a laca (verniz brilhante), que permitiram a produção de móveis com fundo pintado em vermelho ou em outras cores escuras (BAYEUX, 1991:23); a indiana com composições geométricas, os entalhes recortados e vazados, o uso de talhas douradas sobre fundo vermelho e a utilização de encaixes e

²

Alfarje é a técnica de unir ou encaixar tabuas sem o uso de pregos ou cola (BAYEUX,1997:38).

espigões de madeira em substituição aos pregos e cola (CAVALCANTI, 2001:49); a italiana como os torcidos nos torneados e a farta decoração entalhada.

Apenas na transição do século XVII para o XVIII que características de caráter mais nacionais foram sendo absorvidas, formando o estilo, denominado, por BAYEUX (1991:23), de Nacional-Português. O móvel deste estilo apresentava a madeira bastante trabalhada através do emprego de torneados nas pernas das mesas e cadeiras, elementos decorativos em forma de losangos além da decoração do couro com motivos ornamentais.

Os primeiros colonizadores portugueses trouxeram, além de sua bagagem, mestres de vários ofícios, entre eles carpinteiros, marceneiros e entalhadores, responsáveis por, entre outras tarefas, pela execução dos móveis. A mão de obra predominantemente portuguesa acabou por contribuir para que o mobiliário aqui desenvolvido fosse um desdobramento do mobiliário português (CAVALCANTI, 2001:52).

Mesmo com a produção de peças de mobília no Brasil e com a adoção de hábitos locais, como o “dormir em rede”, a presença de características portuguesas foi muito forte no móvel brasileiro. Independente do local de origem, Brasil ou Portugal, de modo geral os móveis apresentavam as mesmas características, o que acabou por gerar o termo utilizado por diversos autores para denominar o móvel deste período aqui desenvolvido, “mobiliário luso-brasileiro” (BAYEUX, 1997:24).

Apesar desta forte influência portuguesa, as condições climáticas e geográficas locais somadas à cultura dos povoados indígenas acabaram por influenciar na adoção de hábitos novos pelos colonizadores. No mobiliário, por exemplo, o uso de esteiras no chão para sentar e de redes, foi difundido rapidamente. A rede foi facilmente adotada pelos portugueses pela facilidade de transportá-la e por ser ótima para o clima tropical do país, tendo sido utilizada como cama, cadeira e sofá. É provável que ela tenha sido responsável pela pouca difusão inicial do leito³ e do catre⁴ no Brasil.

As casas deste período eram vazias, diante da rusticidade da vida na colônia e da dificuldade de comunicação com a metrópole restringindo as peças de mobiliário ao mínimo necessário (Fig. 06 e 07). Era comum encontrar poucas caixas de madeira,

³

Leito anteriormente era utilizado para designar a parte estrutural dos móveis de repouso, que podia ser de pedra, tijolo, metal ou madeira (BAYEUX, 1997:25).

⁴ Catre era a armação estrutural da cama, mais simples e mais estreita que o leito, era destinada para cama de solteiro. Podia se referir também à peça destinada ao repouso diurno (BAYEUX, 1997:27).

contadores, raras mesas, alguns bufetes, bancos, raríssimas cadeiras, camas ou catres, tambores, arcas e baús (SENAC, 2003:17).



Fig. 06 e 07 // *Simplicidade dos interiores domésticos. As redes, penduradas em fincados no chão ou em ganchos chumbados na parede, e as esteiras no chão foram disseminadas (BAYEUX, 1997:24, 25).*

A caixa ou arca trata-se de móvel em forma de paralelepípedo, com tampa plana. Nela guardava-se tudo, de comida a dinheiro, vestimentas a demais objetos (Fig. 08). Também era utilizada como mesa de serviço e de refeição e como móvel de repouso, uma vez que as camas eram raras na colônia. Segundo BAYEUX (1997:27), este tipo de peça deu origem a muitos móveis de guarda, como os armários, cômodas, contadores e, até mesmo, móveis de assento, como os bancos ou arcabancos.



Fig. 08 // *Arca com molduras de tremidos em composição geométrica (BAYEUX, 1997:28).*

Desde o século XVI, a arca era, muitas vezes, colocada verticalmente para a guarda de roupas, para que as roupas não ficassem amassadas. Este costume acabou fazendo, que no século seguinte, fosse criado esta nova tipologia de móvel de guarda. Em fins do século XVII a primitiva caixa ou arca, sem tampo de abrir, guarnecida por gavetas e gavetões na parte inferior e adaptado especialmente para a guarda de roupas, deu origem à cômoda. O contador, por sua vez, era composto por uma caixa montada sobre pés altos, com diversas gavetas pequenas, decorado por desenhos geométricos, destinava-se à guarda de documentos e valores (Fig. 09).



Fig. 09 // Contador indo-português (BAYEUX, 1997:31).

Os bancos indígenas também eram comumente encontrados nas primeiras casas brasileiras, compostos desde simples toras de madeira ou esculpidos em forma de animais e com decoração geométrica monocromática em vermelho ou preto. As cadeiras rasas com pernas de corte quadrangular, espaldar baixo e assento em madeira ou couro com pregaria miúda, também estiveram presentes dentre as primeiras peças de mobiliário utilizadas no país.

Apesar de se ter o conhecimento da mesa para as refeições desde a antiguidade, no Brasil só se tem registro deste móvel no século XVI com as “mesas de engonço” ou “mesas de missagra de ferro com sua cadea”, ou seja, mesa de dobradiças no sistema de engonço, com cadeias de ferro para fixar as pernas dobráveis (Fig. 10 e 11). No século XVII, foi difundido o uso dos bufetes, também conhecido como aparador, console e mesa de encostar. Mais alto do que a mesa, assumiu a função de aparador ou apoio para serviços, sobretudo nas cozinhas. Servia também como suporte de oratório e contador.



Fig. 10 // Mesa indo-portuguesa com embutidos em decoração geométrica e pernas em cariátide (BAYEUX, 1997:31).



Fig. 11 // Mesa de aba e cancela inspirada nas mesas renascentistas inglesas (BAYEUX, 1997:37).

As principais matérias primas utilizadas eram as madeiras (como o vinhático, cedro, jequitibá, jucuiçá, jacarandá e pau-santo), o couro e os metais (como o ferro e o estanho). Não havia adornos ou enfeites nos dois primeiros séculos de colonização, as paredes eram nuas e vazias. A iluminação era à base de candeeiros e castiçais, feitos de cobre, estanho ou ferro batido (SENAC, 2003:13).

2.2 // SÉCULO XVIII: A RIQUEZA AURÍFERA E OS VAZIOS RESIDENCIAIS

O século XVIII foi o período em que a mineração do ouro no Brasil atingiu sua maior área de expansão geográfica e alcançou o mais alto nível de produtividade. Durante três quartos de séculos ocupou a maior parte das atenções do país e se desenvolveu a custa da decadência das demais atividades. As transformações geradas pela mineração provocaram um deslocamento do eixo econômico da colônia, do nordeste para Minas e suas proximidades, com a transferência da capital do país, em 1763, da Bahia para o Rio de Janeiro.

As habitações ainda seguiam as mesmas configurações dos séculos anteriores. Apesar da riqueza proveniente da mineração, as casas deste período ainda eram ambientadas pelo mínimo de ornamentação sendo muito simples, principalmente quando comparadas aos ricos interiores das igrejas e conventos desta fase.

Entretanto, com a riqueza advinda da produção aurífera, a vida urbana consolidou-se, o que implicou numa mudança substancial do conforto das casas e em sua ornamentação interior, palco de festas em salas decoradas em rocailles. Foi iniciada, então, uma vida social mais intensa trazendo a mulher para estes salões. Com o estreitamento de relações com a Europa, a partir do final do século XVIII, algumas alterações formais se incorporaram aos edifícios coloniais, com a presença de um porão que se tornou, posteriormente, habitável (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:23).

2.2.1 // Mobiliário Do Século XVIII

Este período, iniciado com o reinado de D. João V, tem como estilo marcante o que leva o nome do rei, caracterizado pela presença constante de curvas. Por ter um caráter inovador ao tornar o mobiliário mais leve e sinuoso adquirindo maior equilíbrio e apuro de acabamento com pernas com curvas e contracurvas do estilo inglês Queen Anne⁵, obteve inicialmente certa resistência (Fig. 12).

Este estilo, quando aceito, expandiu-se com tanta intensidade que, no final do século XVIII a produção brasileira desta mobília ultrapassou a de Portugal. Pela primeira vez o Brasil começou a exportar o mobiliário aqui desenvolvido para a colônia, mas apesar de sua grande produção, o móvel popular continuou recorrendo aos modelos tradicionais implantados pelos jesuítas.

⁵

Estilo afirmou-se na Inglaterra após o reinado da rainha Anne (1702-1714). Caracterizava-se pela elegância, sobriedade e conforto. Integrava a ornamentação à forma através do uso das linhas construtivas curvas e do formato cabriolé, os móveis tornaram-se mais leves e mais esbeltos (BAYEUX, 1997:41).



Fig. 12 // Cômada e meia cômada no estilo D. João V (BAYEUX, 1997:52).

Este século também abrangeu o estilo D. José I, caracterizado por um mobiliário mais leve e menor, que substituiu a talha alta e cheia pela talha rasa na madeira e que eliminou as amarrações nas peças. Destacou-se, ainda, o estilo D. Maria I, caracterizado pelas incrustações, marchetarias e filetados de madeira clara sobre fundo escuro com ornatos em motivos florais (Fig. 13) (CAVALCANTI, 2201:55).



Fig. 13 // Cômada-papeleira D. José I; Cômada D. José I com aba inferior vazada; Cômada-papeleira D. Maria I (BAYEUX, 1997:53).

As casas deste período ainda eram ambientadas com o mínimo possível, dentre o mobiliário de repouso estava a cabeceira com madeira entalhada, com vazados e recortes, posteriormente acrescida por almofadas de tecido, em meados do século XVIII (Fig. 14). Devido ao hábito da sesta, além de leitos e catres, o uso de espreguiceiros e camilhas como cama de repouso diurno foi freqüente (Fig. 15).

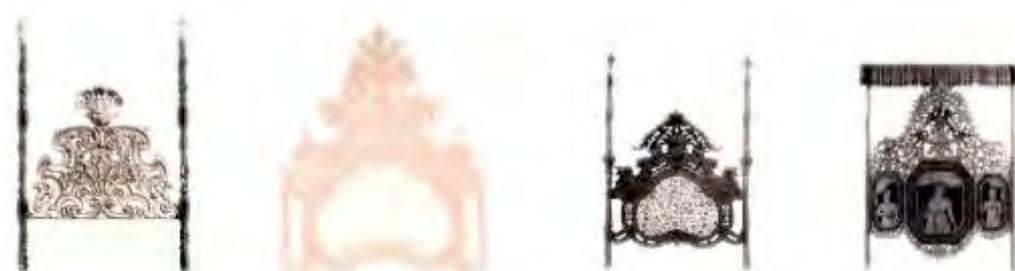


Fig. 14 // Cabeceiras em modelos e estilos diversos. Com entalhes barrocos arrematado por feixe de plumas; Cabeceira de leito recortada, vazada e entalhada com motivo rocalha, transição D. João V para D. José I; Duas cabeceiras no estilo D. Maria (BAYEUX, 1997:51).



*Fig. 15 // Espreguiceiro D. José I
(BAYEUX, 1997:51).*

Dentre o mobiliário de guarda deste período, estavam a cômoda e a meia-cômoda, derivadas das cômodas de sacristia. Também baseado no mobiliário sacro, o caixão, com gavetas e gavetões para a guarda de material litúrgico e apoio para oratório, foi muito utilizado nas capelas das casas até princípios do século XIX. Os armários desta fase eram grandes e muito simples, apenas no final do século passaram a ter portas envidraçadas, uma vez que passaram a servir, também, à guarda de louça.

Diante dos diversos estilos presentes neste período, surgiu um mobiliário híbrido, como é o caso de algumas cadeiras que diante de interferências de tantas linhas gerou um hibridismo próprio. Segundo BAYEUX (1997:56), como resultado dessas diversas influências, havia no final do século XVIII um tipo de cadeira brasileira bem representativa, apresentando a estrutura à moda francesa, a tabela à inglesa e a decoração própria de Portugal (Fig. 16, 17 e 18). As refeições aconteciam em mesas ou no chão, sobre uma esteira coberta por uma toalha. Apareceram além da mesa para refeição, as mesas de encostar, de centro, os bufetes e as mesas para jogos.



Fig. 16 // Cadeira no estilo neoclássico inglês (BAYEUX, 1997:54).



Fig. 17 // Cadeira em sola lavada com pernas cabriolé e elementos decorativos do Barroco (BAYEUX, 1997:55).



Fig. 18 // Cadeira brasileira D. João V; canapé brasileiro no estilo Hepplewhite; cadeira brasileira D. José I (BAYEUX, 1997:56).

Enfim, os principais móveis desse período eram: armação de rede, cadeira, cama, cama de vento, dossel, espreguiceiro, esteira, escrivaninha, gavetão, mesa, nicho, oratório, papelera, porta revistas e tripeça. Quanto à matéria prima, as mais utilizadas eram: o couro de sola picada; metal (como o ferro estanhado); e madeira (principalmente o vinhático, a madeira branca e o jacarandá), (SENAC, 2003:27).

2.3 // SÉCULO XIX: A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A ENERGIA ELÉTRICA

Um intenso fluxo de mudanças atingiu todos os níveis de experiência social do final do século XIX até cerca de meados do XX. A raiz dessa dinâmica expansionista foi a irrupção, em fins do século XVIII, ao redor de 1780, da Revolução Industrial, cujo centro de origem e irradiação foi a Inglaterra. O momento seguinte da expansão da economia industrial foi desencadeado pelo advento da chamada Segunda Revolução Industrial, também intitulada, por alguns autores, de revolução Científico-Tecnológica, ocorrida em meados do século XIX à sua plena configuração em 1870.

Esta Revolução Científico-Tecnológica possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, dando origem a novos campos de exploração industrial. O emprego da eletricidade como força motriz fixa, por sua flexibilidade e facilidade de aplicação, transformou, além da fábrica, a agricultura e a economia doméstica. Todas as atividades de produção e consumo foram modificadas no seu funcionamento e organização com a introdução desse insumo (BRITO, 2003:10).

No Brasil, o uso da corrente de eletricidade iniciou em 1879, mesma época em que ocorreu na Europa e Estados Unidos (ENERSUL). A luz elétrica veio definitivamente substituir a iluminação a gás, em 1890 o uso da eletricidade já estava consolidado na vida urbana (PINHO, 2005: 18).

A instalação de redes de distribuição de energia elétrica, por sua vez, foi acompanhada pelas campanhas em prol da formação de novos consumidores, conduzidas pelas concessionárias e também por fabricantes dos principais equipamentos de uso doméstico. Aos poucos foi surgindo uma variedade de novos equipamentos, produtos e processos que foram, então, entrando no cotidiano das pessoas em um ritmo assustador alterando hábitos e modos de vida (BRITO, 2003:11).

As sociedades tradicionais, de economia agrícola, se viram dragadas rapidamente pelo ritmo mais dinâmico da industrialização européia, norte-americana e, em breve, japonesa. Era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instilar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo correspondente ao novo padrão da economia de base científico-tecnológica (SEVCENKO, 1998:10).

Nos Estados Unidos, a mecanização da casa avançava a passos largos na busca, além de economia do tempo, da redução do esforço físico dispendido na execução das tarefas domésticas. Esse empenho na racionalização do trabalho somado à

disponibilidade de energia elétrica constituiu o cenário propício para o surgimento de inúmeros inventos que marcaram a segunda metade do século XIX (PINHO, 2005:18).

Nesse cenário surgiram, ainda nos Estados Unidos, as engenheiras domésticas, mulheres que buscavam desenvolver formas de racionalização das tarefas domésticas, o que passava pela proposição de formas mais eficientes de distribuição dos espaços e dos equipamentos dentro dos cômodos. A domesticidade norte-americana estava, assim, associada a uma visão dinâmica da casa, que incluía tanto o estar à vontade como o trabalho (PINHO, 2005:18). Esta visão de domesticidade norte-americana acabou por influenciar a configuração da habitação brasileira, contribuindo para que a entrada da eletricidade no espaço privado da habitação brasileira também ocorresse pela da cozinha.

No caso do Brasil, a esta Revolução científico-tecnológica somou-se a instalação do novo Regime presidencialista, com a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, e a clara tentativa do país de romper com seu passado. As novas elites se empenharam, então, em adequar a complexa realidade brasileira, singularizada pelas marzelas do colonialismo e da escravidão, ao padrão de gestão social haurido do modelo europeu.

Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo mesmo ato o cancelamento de toda herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexos co-extensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas... E enquanto essa consciência crítica não amadurecia, prevaleceu o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre felizmente superado (SEVCENKO, 1998:27).

Este período movido pelo sentimento de otimismo conseqüente da entrada do país na modernidade, compreendido do fim do século XIX ao início do XX mais precisamente de 1880- 1926, é comumente denominado de "Belle Époque brasileira".

No Brasil, o papel de metrópole-modelo no final do século XIX início do XX, recaiu sobre a cidade do Rio de Janeiro, sede do governo, centro de cultura, cartão de visitas do país. O Rio passou não só a ditar as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima. A cidade que abrigou a corte portuguesa passou a ser o centro irradiador do modernismo e suas conseqüentes alterações de higiene da arquitetura domiciliar pelo Brasil afora (SEVCENKO, 1998:522).

O Rio de Janeiro, por sua vez, tinha como referência a Europa e os seus hábitos e modos de vida. Os jornais, as revistas e o teatro, os franceses principalmente, passaram a ditar a moda. Segundo SODRÉ (1976:51), o Brasil continuava importador da cultura artística, sem capacidade para criações originais. A cidade se afirmava como o palco do moderno, a modernização brasileira, por sua vez, tinha como ideal a organização, as atividades e o modo de vida europeu (SEGAWA, 1997:19).

O desejo de mudança era latente, a industrialização era um objetivo nacional a se atingir. A elite urbana, progressista, positivista, cosmopolita, contrapunha-se à sociedade tradicional, de índole agrária e conservadora. No Brasil, a transição do século XIX para o século XX significou vertiginosas transformações, acompanhadas com certa ansiedade pelos setores mais transformadores da sociedade.

2.3.1 // Nova Forma de Morar do Século XIX: a Corte Portuguesa e a Tecnologia

A casa brasileira do século XIX, segundo LEMOS (1989:44), teve início somente alguns anos após a chegada da corte portuguesa fugida de Napoleão, transferida de Lisboa para o Rio em 1808. A corte trouxe consigo não só novos hábitos fidalgos, mas também novidades decorrentes da Revolução Industrial, que logo se manifestaram na arquitetura através de novas técnicas e novos materiais de construção. A introdução destes novos itens interferiu em alterações de uso de todo o espaço residencial.

A família com o contato direto com a corte mudou seus hábitos, a vida social intensificou-se ainda mais, e o receber passou a ser uma prática inevitável, aos poucos foram surgindo salas de dança e de música nas residências (Fig. 19). A mulher passou a aparecer em público e, ainda que inicialmente pouco participativa, sua presença podia ser notada com a elegância das roupas. Com a abolição da escravatura e da Proclamação da República, os espaços compactaram-se, uma vez que não havia mais escravo para a realização de tarefas consideradas servis (recolher lixo, limpar a casa) que passaram a ser de responsabilidade, direta ou indireta, da mulher. (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:24).



Fig. 19 // A sala sofisticou-se para o receber, foram introduzidos grandes salões de festas luxuosos com grande influência eclética. A formulação dos espaços tornou-se complexa e os interiores acumularam peças de mobiliário e outros bens de consumo (REIS FILHO, 1997:131).

O uso de vidro plano transparente em janelas, antes caríssimo, tornou-se vulgar e acabou influenciando diretamente em mudanças de comportamento. As janelas residenciais, antes providas apenas de madeira eram sistematicamente fechadas em horário de chuva ou muito vento, deixando os cômodos obscurecidos iluminados apenas por velas ou candieiros pouco eficientes. Nada mais se fazia após o anoitecer, era comum as pessoas coincidirem seus horários com a iluminação solar. Com o uso do vidro, as casas foram iluminadas por muita luz solar durante o dia, enquanto à noite a iluminação se tornou garantida com o uso de modernos lâmpões.

Essa luz noturna mudou os hábitos caseiros e os horários. Propiciou a chamada tertúlia, quando todos os membros da família permaneciam à volta da mesa, após a refeição, conversando, jogando, lendo, ouvindo música. A verdade é que a luz abriu a sala de jantar e as varandas às visitas, os jantares sociais viraram moda a partir daí. (LEMOS, 1989:45).

Hábitos de higiene corporal também sofreram alterações, as “casas de banhos” providas de banheiras ou tanques passaram a constar nas casas dos ricos e os quartos de dormir foram implementados com lavatórios providos de bacias e jarras. Novos elementos, tais como, paredes forradas de papel decorativo, cortinas pesadas, uso de tintas de novas cor, foram utilizados a exemplo do que acontecia na Europa, em particular Paris. Enfim, toda a casa introduziu novos equipamentos, passando a mostrar uma profusão de objetos puramente decorativos.

Durante o século XIX, a comunicação entre as cidades litorâneas foi facilitada o que somada à implantação das estradas de ferro interior adentro, facilitou a formação de uma homogeneização da linguagem e dos partidos arquitetônicos. As grandes cidades brasileiras importaram uma gama de profissionais liberais, entre eles, engenheiros, arquitetos, mestres de obras, pedreiros que passaram a construir à maneira européia, em particular à francesa (LEMOS, 1989:47).

Uma nova tipologia habitacional começou a surgir com palacetes concebidos com base na junção de inúmeros estilos, chamados assim de palacetes ecléticos (Fig. 20 e 21). Essas construções eram sempre inspiradas em modelos europeus, totalmente desvinculados da realidade local. Propiciavam quase sempre o “morar à

francesa” e procuravam evitar sobreposições das atividades nos ambientes através do aumento do número de Cômodos (VERÍSSIMO E BITTAR, 1999).

Mais do que simplesmente uma transposição de um modelo habitacional, observa-se a transposição de um modo de vida, através de uma cultura técnico-cientificista que acabou por estabelecer novos parâmetros de hábitos e consumos para a sociedade brasileira (VILLA, 2002:65).



Fig. 20 // Interior de palacete na segunda metade do século XIX (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:25).

Esta nova tipologia habitacional, o palacete, localizava-se no centro do terreno recuado em relação à calçada, incorporou o porão, que passou a estar presente em todas as novas construções, abrigando toda a área de serviço e cozinha. Entretanto, essa moda da cozinha no porão não pegou aparecendo casas com duas cozinhas - a do porão e a superior (Fig. 21) (LEMOS, 1989:51).



Fig. 21 // O interior de uma residência urbana do final do século XIX para classe média. Percebe-se a presença do porão alto, espaços mais austeros e a aproximação do banheiro com a casa (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:26).

Novos critérios de circulação dentro da casa foram estabelecidos, uma clara influência francesa dos 'hôtels particuliers'⁶, com a total independência entre as três zonas da casa: áreas de estar, de repouso e de serviço. Essas três zonas deveriam estar distribuídas de tal maneira que se pudesse ir de uma delas à outra sem que fosse necessário passar pela terceira. Vale ressaltar que esta nova modalidade de habitação confrontava-se, em sua organização espacial, com as casas térreas e sobrados tradicionais paulistanos, que obedeciam a um tipo de distribuição 'frente-fundos', onde a zona de recepção se localizava na parte fronteira, seguida de repouso, varanda e cozinha, e as demais dependências de serviço ficavam no quintal (VILLA, 2002:64).

Assim, de um lado estava a casa oitocentista francesa, que apresentava conceitos como a privacidade, a setorização e estanqueidade de seus cômodos. De outro, a casa colonial, onde não havia divisão em blocos, apresentava apenas uma bipartição entre face pública e espaços privados de serviço e convívio, onde era comum a sobreposição de atividades nos recintos.

Devemos concluir que a partir do último quartel do século XIX, as casas brasileiras do ecletismo, principalmente urbanas, tenderam a uma digamos 'homogeneização' estilística 'moderna', com o total esquecimento dos partidos ditos tradicionais. No entanto, fosse qual fosse o figurino, os programas continuaram se definindo em dois grupos, aquele que mantinha vivos os velhos critérios de circulação da casa colonial e aquele outro que se distinguiu socialmente, adotando a circulação 'francesa', baseada no isolamento de cada uma das zonas de habitação, (LEMOS, 1989:52).

Paralelamente a estes acontecimentos, houve um aumento demográfico nas cidades, decorrente da abolição da escravatura, de uma crescente imigração e de um êxodo rural. Essa população começou a se instalar nas cidades em estalagens e cortiços⁷. As grandes cidades brasileiras tentaram, então, seguir o modelo de reforma urbana, como também de edifícios residenciais, realizado em Paris, pelo Barão de Haussmann, gestor da Paris burguesa e monumental surgida entre 1853 e 1870 (MARINS, 2004:132).

Houve assim uma tentativa de reprodução dos modelos europeus não apenas no âmbito da habitação, como também no quadro urbano. Características coloniais

⁶ De acordo com o exposto no item 1.2, que aponta as influências da habitação parisiense no modo de morar brasileiro.

⁷

Cortiço, originalmente significa a moradia coletiva das abelhas, a colméia. A primeira idéia que ocorreu aos capitalistas empreendedores foi a construção de uma centena de cômodos enfileirados, todos iguais entre si, destinados cada um deles a uma família distinta independentemente de cogitações do número de filhos e agregados. A cada conjunto desses cômodos iguais entre si deu-se o nome de cortiço.

regionais foram, então, dando lugar a soluções de tendência universalista. Hábitos, técnicas construtivas e organização espacial de acordo com preceitos europeus foram influenciando de forma cada vez mais rápida e abrangente a habitação brasileira.

2.3.2 // A Mobília Do Século XIX: A Influência Européia

No século XIX, com a abertura dos portos e a independência em relação a Portugal, foi a vez da Inglaterra e, posteriormente, da França, Alemanha e Estados Unidos exportarem os produtos que passaram a constituir novas referências para a produção local. O Brasil aumentou consideravelmente a importação de todos os tipos de produtos, inclusive móveis. Segundo BAYEUX (1997:13), a coexistência de peças de origens diversas, fez com que, durante este século, o mobiliário no Brasil se caracterizasse por um forte hibridismo, ou seja, pela combinação em uma só peça de diferentes estilos.

Com a presença da corte portuguesa, o início do desenvolvimento da economia brasileira e a chegada da Missão Artística Francesa, vários artistas, marceneiros e comerciantes se instalaram no Brasil para promover a instrução e o conhecimento em relação às ciências, às artes e aos ofícios, introduzindo o estilo neoclássico. As novidades trazidas por estes profissionais foram aos poucos sendo absorvidas pela elite brasileira, tomando como referência os costumes e a cultura européia, regida muitas vezes pelos novos padrões de consumo.

O despojamento encontrado nos interiores das casas brasileiras mais abastadas foi sendo substituído pelo desejo de um novo padrão de moradia, incluindo um maior número de móveis e peças decorativas. A influência do “estilo português” de morar se fez presente de forma decisiva, o luxo passou a estar presente no interior residencial contrastando com o lixo, a miséria e as epidemias em crescente evidência nas ruas das cidades (SENAC, 2003:30).

Dentro deste panorama, a primeira metade do século XIX marcou a assimilação do Neoclássico no Brasil e, em relação ao mobiliário, a penetração dos móveis franceses dos estilos Diretório e Império, dos móveis ingleses Adam, Sheraton, Hepplewhite e Regência e, posteriormente, do estilo alemão Biedemeier e dos móveis thonet. A ampla importação e a plena coexistência desses móveis deram origem a algumas produções próprias, como o Sheraton Brasileiro, o D. João VI e o Beranger (BAYEUX,1997:71).

A cabeceira, que no século anterior e nas duas primeiras décadas deste eram confeccionadas com entalhes, recorte e, por vezes, almofadas ficou mais simples (Fig. 22). Em substituição aos espreguiceiros, a marquesa passou a predominar (Fig.

23). Continuaram a existir as cômodas dos mais variados estilos, entrando em uso a cômoda-papeleira ou secretária que possuía uma porta de arriar na parte superior para servir de mesa de escrever, apresentando escaninho na parte interna e gavetas ou gavetões no corpo do móvel (BAYEUX, 1997:73, 74).



Fig. 22 // As cabeceiras ficaram mais simples. Leito em estilo Sheraton brasileiros; leito mineiro com cabeceiro em arco (BAYEUX, 1997:73).



Fig. 23 // A marquesa substituiu o espreguiceiro. Marquesa em estilo Império; marquesa em estilo D. João VI (BAYEUX, 1997:74).

Outra peça posta em uso neste período foi o roupeiro, uma versão da cômoda apresentando gavetas menores do que as destas e em maior número, o que o tornou mais alto. Foi adotado ainda o meio-armário de origem inglesa, semelhante à cômoda sendo mais baixo e, por vezes, com tampo de mármore (Fig. 24). Os armários continuaram a serem executados, principalmente na segunda metade do século. O aparador-guarda-louças, voltado para a ala de jantar, teve uma grande aceitação por conjugar as funções de apoio e de guarda (Fig. 25) (BAYEUX, 1997:75).



Fig. 24 // Meio armário em estilo Império Tardio (BAYEUX, 1997:75).



Fig. 25 // Aparador guarda-louça em estilo eclético (BAYEUX, 1997:75).

As cadeiras continuavam sendo produzidas nos mais diversos estilos, com espaldar redondo, retangular ou oval. Os canapés também continuaram existir apresentando ora vários espaldares unidos, ora um encosto único. As mesas, por sua vez, seguiam os mesmos moldes produtivos do século anterior (BAYEUX, 1997:76).

Complementando o vasto mobiliário presente na habitação brasileira deste período, o console ou aparador, geralmente guarnecido de espelho, foi muito usado no início do século XIX nos paços e solares dos nobres, e, raramente nas casas burguesas tendo sido difundido na segunda metade deste período (Fig. 26). Os lavatórios, toucadores, penteadeiras ou toaletes também foram utilizados com mais freqüência no final do século XIX (Fig. 27).



Fig. 26 // Console em estilo Império (BAYEUX, 1997:81).



Fig. 27 // Toailete em estilo Neorococó (BAYEUX, 1997:82).

80 90 00 10 20 30 40 **50 60 70** 80 90 00 01 02

CAPÍTULO 03

O Contexto, a Habitação e o Mobiliário

BRASILEIRO: PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

3.1 // INÍCIO DO SÉCULO XX: A METROPOLIZAÇÃO DAS CIDADES

As primeiras duas décadas do século XX testemunharam transformações nas cidades brasileiras numa escala e num ritmo até então sem precedentes: altas taxas de crescimento populacional nas principais capitais pressionavam a demanda por habitação e serviços urbanos; a prosperidade proporcionada pelo café trazia benefícios materiais e novos padrões de consumo para alguns segmentos da população, mas as estruturas urbanas, em sua maioria herdadas do período colonial, não atendiam as expectativas de uma sociedade que se urbanizava em passo acelerado, embora sustentada por uma economia agroexportadora de valores arraigadamente rurais (SEGAWA, 1997:22).

As cidades buscavam organização e nível de vida à maneira das grandes metrópoles européias e norte-americanas. Houve, assim, uma apropriação do repertório de intervenção das estruturas urbanas, um urbanismo tais como nos moldes europeus, numa tentativa de equiparação da cidade brasileira aos patamares europeus. Vale ressaltar que uma das principais conseqüências do processo de metropolização das cidades foi a verticalização de suas habitações (VILLA, 2002:85).

Em 1914 houve a irrupção da Primeira Guerra Mundial paralisando as importações. Esta paralisação acabou dando um impulso inicial à industrialização brasileira, contribuindo para o desenvolvimento de materiais construtivos locais. A difusão do concreto armado e do elevador difundiu formas e usos novos que foram definindo novas maneiras de morar e de produzir espaços.

Neste contexto de busca pela modernização brasileira, em 1922 ocorreu a Semana de Arte Moderna, cultivada com a inspiração dos movimentos artísticos europeus. Estes movimentos eram alimentados com os valores das vanguardas européias e, enquanto na Europa refletiam as angústias de uma sociedade em radical mudança, chegavam ao Brasil sem que houvesse razões e condições que os embasaram em seu continente de origem. Este acontecimento, somado a inúmeros outros que aconteciam ao redor do mundo, contribuiu para uma renovação do ambiente cultural do país. Para SANTOS (1995:19), a semana de arte moderna foi a força motriz da cultura brasileira e a abertura definitiva do país para o século XX.

Em 1924, a publicação do “Manifesto Pau Brasil” de Oswald de Andrade introduziu uma problemática inédita na discussão literária moderna: o nacionalismo. Imbuído exatamente deste caráter nacionalista, o movimento neocolonial teve seu apogeu nos anos 20. Este movimento pleiteava o retorno à tradição e às raízes culturais do Brasil para fazer emergir a nacionalidade, até então neutralizada pelo domínio dos padrões estrangeiros. Seus defensores lhe atribuíam um caráter de “progresso”, um ideal da época.

SANTOS (1995:19) acredita que a modernização das artes e da literatura ajudou a formar o gosto que passou a dominar também na arquitetura, na decoração de interiores e no móvel. Assim, a arquitetura moderna é fruto da busca da modernização geral do país.

Nos anos 1920, a política econômica persistia no privilégio da produção do café. Na segunda metade desta década, a cafeicultura sofreu forte expansão, associada à política monetária e à entrada de capital estrangeiro. O império do café trouxe para o Brasil novidades próprias da chamada Segunda Revolução Industrial européia e uma leva de imigrantes com seus estilos de vida. Trouxeram com eles técnicas construtivas mais modernas, novos materiais e modos de morar diferentes dos habituais (FAUSTO, 2008:155).

O colapso do mercado mundial, provocado pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1929, repercutiu no Brasil, sobretudo, diante da fragilidade política de manutenção do preço do café. Em 1930, revolucionários do Rio Grande do Sul derrubaram o presidente Washington Luís assumindo o poder Getúlio Vargas, começando a chamada era Vargas, passando 15 anos no poder (1930-1945).

O sentido de modernização da "Era Vargas" fundamentava-se na transformação das estruturas de sustentação da oligarquia cafeeira numa administração centralizada e intervencionista, de discurso nacionalista. Novas leis, códigos e determinações deram amparo ao processo de modernização. Definiram rumos para o capitalismo industrial do país havendo, inclusive, o deslocamento do eixo da economia do pólo agroexportador para o pólo urbano-industrial (SEGAWA, 1997:24).

Assim, nas primeiras décadas do século XX, a busca da modernização foi uma característica marcante no cenário brasileiro. Este ideal esteve presente na verticalização e urbanização das cidades, nos movimentos artísticos, no nacionalismo e no processo de industrialização do país. Embora dominasse um discurso nacionalista, os valores culturais, hábitos e modos de vida ainda estavam muito vinculados aos modelos europeus.

3.1.1 // Anos 1900 a 1920: Origem dos Apartamentos Brasileiros

Os municípios, anteriormente de feição colonial, foram se transformando, aos poucos, em cidades industriais. As casas térreas e os sobrados, marcantes no cenário urbano, foram sendo substituídos por novos tipos de edificações: fábricas, estações, prédios de escritórios e habitações coletivas, em resposta da crise de moradia e rápido crescimento demográfico das cidades.

As habitações coletivas populares assumiram diversos nomes, tais como estalagens, casas de cômodo e cortiço. O termo cortiço foi o mais generalizado, sendo um símbolo da época. As estalagens consistiam em grupos de minúsculas casas térreas

enfileiradas de um ou dois lados dos quintais, formando um pátio ou corredor de acesso, dotadas de instalações sanitárias coletivas. A aglomeração destas moradias foi rapidamente associada à insalubridade das cidades, o que contribuiu para o processo de urbanização sofrido por várias cidades brasileiras¹ (VAZ, 2002:28).

As habitações deste período, até os anos da Primeira Guerra, possuíam as seguintes características: seguiam o alinhamento das ruas e a topografia local; eram providas de corredor lateral descoberto; havia a presença de porão, às vezes, habitável; tinham janelas com vidros lapidados ou fosqueados por ácido aplicado em máscaras e, mais parcimoniosamente, cristais bisoté; possuíam paredes internas forradas por papéis decorativos ou decoradas por hábeis pintores; as fachadas eram decoradas com ornamentos em cimento moldado cravado; eram servidas com água encanada, com instalações sanitárias internas; acomodavam em um mesmo espaço a latrina e os equipamentos destinados à higiene das pessoas, com paredes ladrilhadas até 2.00m de altura (LEMOS, 1999:66).

A sala da frente ganhou importância, não apenas pelas janelas altas devido aos porões, mas pela instalação do piano, o centro de convivência de toda a família, especialmente nos domingos à noite. Durante a semana também havia a reunião familiar neste ambiente, só que em torno da mesa de jantar (LEMOS, 1999:70).

A Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, significou para o Brasil um divisor de águas para a arquitetura residencial. As construções eram, até então, executadas utilizando materiais importados da Europa, cuja importação foi interrompida neste período. Recorreu-se então aos Estados Unidos, que passou a exportar para o Brasil poucos materiais de construção, mas uma infinidade de objetos, vidros, relógios de paredes, móveis, e desde então, a influência americana passou a ser notável no quadro da habitação brasileira.

Até os nomes dos cômodos residenciais, muitas vezes de origem francesa, foram aos poucos substituídos por nomenclatura inglesa tais como *halls*, *livings*, *Office*, entre outros. Vale ressaltar que os Estados Unidos saíram vitoriosos da Primeira Guerra e com seu parque fabril em franca expansão, o que os alçava à confortável colocação de principal potência industrial do mundo, desbancando assim a velha Inglaterra (LEMOS, 1989:63).

No período da guerra construiu-se pouco. Esta paralisação gerou uma espécie de esquecimento coletivo das qualificações estéticas ligadas à produção popular de arquitetura. Poucas foram as novidades implementadas na habitação, limitadas por alguns esquemas que iam se reproduzindo (TRAMONTANO, 1999).

¹ O processo de urbanização sofrido pelas cidades brasileiras tinham como base os modelos europeus, de acordo com o que foi citado no item 3.1.

A grande transformação do pós-guerra foi o afastamento da residência de todos os limites dos lotes gerando jardins laterais (Fig. 01). Estes antigos jardins laterais logo desapareceram diante da maior facilidade de consumo do automóvel, o maior destes afastamentos laterais, normalmente com três a cinco metros, se tornou a passagem do automóvel. A passagem lateral oposta limitou-se a um simples corredor para o qual se voltavam as janelas de cômodos de pequena valorização como banheiros, caixa de escada ou cozinhas (REIS FILHO, 1997:74).



Fig. 01 // As residências passaram a ter afastamento em todos os lados do terreno. Aos poucos um dos afastamentos laterais se tornou o acesso de veículos (REIS FILHO, 1997: 59).

O tratamento arquitetônico e paisagístico acompanhava os níveis de valorização social dos ambientes. A quantidade e o tipo de decoração variavam em escala decrescente das salas às cozinhas, passando pelos quartos e banheiros. Pouco a pouco, produtos importados foram sendo substituídos por nacionais, apesar das soluções técnicas ainda não terem apresentado mudanças consistentes. Parede de tijolo estrutural, técnica construtiva comum, ainda forçava a repetição da planta nos dois, ou mais, pavimentos (REIS FILHO, 1997:76).

Em função da crescente separação entre os locais de residência e de os de trabalho e com o aumento da população nas cidades maiores, os velhos sobrados começaram a ser substituídos por prédios de alguns andares, voltados exclusivamente para o comércio (Fig. 02 e 03) (REIS FILHO, 1997:60). Logo após a Primeira Guerra Mundial, a grande valorização dos terrenos das áreas centrais somadas às novas

possibilidades das estruturas (metálicas e, sobretudo, do concreto) e ao aparecimento dos elevadores levaram à verticalização crescente dos edifícios.



Fig. 02 // Prédios de alguns andares começaram a surgir para uso exclusivamente comercial. Conservavam a implantação e características das residências coloniais (REIS FILHO, 1997: 57).



Fig. 03 // Ao final da década de 20 os arranha-céus já constituíam a paisagem de alguns bairros do Rio de Janeiro (VAZ, 2002:64).

Nos anos 1920 surgiram os primeiros prédios de apartamentos, voltados inicialmente para a classe média (LEMOS, 1989:79). Para denominar esta nova forma de habitação coletiva surgiram expressões como “casa de apartamentos” e “arranha-céu”. Até a década de 1930 o termo “edifício” era restrito aos prédios de escritórios (VAZ, 2002:65).

Os edifícios de apartamentos causaram uma rejeição inicial, a imagem de habitação coletiva ainda estava muito vinculada à sua configuração inicial, os cortiços. Esta rejeição pode ser justificada por ela não ter sido uma evolução natural da moradia, como havia sido na Europa. No Brasil, esta tipologia não surgiu como uma progressão ou evolução dos tipos de casas, ao contrário, ela representou uma profunda ruptura nesta evolução (VAZ, 2002:66).

Quanto à organização interna, as primeiras unidades dos apartamentos possuíam dois referenciais de origens distintas. De um lado a tradição colonial, com muitas unidades tentando repetir a mesma configuração das residências isoladas (Fig. 04) (REIS FILHO, 1970:79). Do outro a referência dos apartamentos burgueses franceses e a tripartição setorial em serviço, íntimo e social.



Fig. 04 // Planta de apartamento em São Paulo da década de 1920: presença de quintal individual, o que revela uma transição entre os modos de vida colonial e o moderno (SAKURAI, 2005:26).

VILLA (2002:80), ao realizar um estudo das habitações na cidade de São Paulo, listou algumas características da moradia verticalizada das décadas de 10 e 20, tais como: filiação claramente eclética; presença de comércio no térreo e habitação nos demais andares; unidades com salas de escritório e banheiros coletivos nos pavimentos superiores; número de dormitórios variando de 01 a 06; implantação no lote com base no alinhamento das ruas; acesso à maioria dos apartamentos por escada individual; área social composta por sala de estar e jantar, gabinete e, em alguns casos, dormitório; lavanderia presente apenas no final da década de 20; separação da área de serviço da social através de longos corredores; dormitórios setorizados na área íntima com presença de toilette entre os cômodos.

3.1.2. // Mobiliário: de 1900 a 1920

Nas duas primeiras décadas do século XX, as novas tendências artísticas de integração entre arte e técnica possibilitaram significativos avanços no sentido da consolidação do desenho industrial e da produção em série de objetos anteriormente executados de maneira tradicional. Apesar do processo brasileiro de industrialização ser ainda embrionário nessa época, o desejo de ingresso à modernidade permitiu que a apropriação de novas manifestações se desse com certa contemporaneidade, levando à introdução do mobiliário moderno no Brasil. (BAYEUX, 1997:13).

O final do século XIX e início do XX foi marcado por movimentos e estilos que aos poucos anunciavam a chegada do modernismo. O Movimento de Artes e Ofícios fez com que o objetivo de dotar o artesanato de qualidade artística fosse alcançado; o estilo Art Nouveau difundiu o uso de ornamentos não como simples acréscimos sobrepostos aos objetos, mas como resposta à finalidade do móvel como a própria expressão do conjunto. *O Art Nouveau marcou a transição do historicismo para o Movimento Moderno, fazendo com que a necessária integração da arte e da técnica se tornasse cada vez mais evidente* (BAYEUX, 1997:86).

O estilo Art Déco surgiu como uma derivação do Art Nouveau ao tempo em que foi uma reação à sua exuberância. Esteve em voga na Europa e na América, durante as décadas de 20 e 30, ao tentar conjugar o passado com o que havia de mais moderno (BAYEUX, 1997:91). Cada um destes movimentos ou estilos contribuiu à sua maneira para a consolidação do movimento moderno, eles representavam o desejo comum pelo novo, pela liberdade e por uma linguagem nova. No Brasil este período foi marcado pelo ecletismo e pelo neocolonial.

Houve um abandono total das peças Luís Filipe do início de ciclo cafeeiro. Com a república, os móveis das casas de alvenaria passaram a ostentar o mesmo sistema estrutural tectônico dos tempos antigos anteriores à marcenaria de inspiração inglesa dos tempos de D. João. Nada de segmentos curvos, de assentos circulares. Marcenaria que abusava de torneados, não só nos pés das mesas ou cadeiras, mas ainda nos pormenores da seção de meio anel encostados ou arrematando painéis lisos de madeira escolhida. Fazendo contraponto com a esses móveis austeros, a enxurrada do mobiliário Thonet. Foi o tempo da proliferação das chamadas "cadeiras austríacas", embora grande parte delas vinhesse dos Estados Unidos (LEMOS, 1999:70).

A importação do mobiliário ainda era freqüente, o período da Primeira Guerra Mundial fez com que os Estados Unidos passasse a ser o principal exportador para o país (Fig. 05). Durante os anos de guerra, o Brasil teve sua primeira experiência de produção em série destinada ao consumo popular. De acordo com CAVALCANTI (2003:63), duas iniciativas merecem destaque: a linha Patente criada pelo espanhol Celso Martinez Carrera, pela simplicidade do desenho e racionalidade da produção (Fig. 06) e a CIMO – Companhia Industrial de Móveis – criada pela família Zipperer, que conseguiu comercializar amplamente seus móveis, feitos em madeira maciça vergada a partir de moldes padronizados num processo de comprovada agilidade racional da produção (Fig. 07).



Fig. 05 // Cadeira Thonet, passou a ser executada no Brasil a partir de 1890. De origem austríaca, é feita em madeira vergada, com assento de palhinha (BAYEUX, 1997:157).



Fig. 06 // Cama patente. Cama de madeira torneada inspirada na linha de móveis Thonet. Produzida em escala industrial, com construção e montagem fácil, tornou-se acessível a diversas camadas da população (BAYEUX, 1997:157).



Fig. 07 // Cadeira CIMO para escritório produzida no Brasil nos anos 30/40 (BAYEUX, 1997:158).

O móvel brasileiro deste período foi inovador pela introdução de novas concepções, utilização de materiais e processos produtivos. Entretanto, ele acompanhou tal e qual a evolução normal do mobiliário europeu, sem criar um vocabulário próprio, repetindo muito da linguagem Art Déco (SANTOS, 1995:22).

3.2 // ANOS 30: A ERA DO RÁDIO

Os anos 30 assistiram a consolidação de um novo meio de comunicação que passou a ter um grande impacto na transformação da cultura brasileira, o rádio, introduzido no Brasil nos anos 20, contudo apenas consolidado nos anos 30 em consequência de problemas técnicos de transmissão (Fig. 08). Em 1932, com a permissão pelo governo da publicidade nos programas radiofônicos, os programas de variedades começaram a substituir as emissões educativas e a música erudita. Isto contribuiu para tornar o rádio um grande veículo da cultura de massas, com a penetração maciça em todo o país, influenciando modas e costumes (PINHO, 2002:21).



Fig. 08 // Propaganda de aparelho de rádio passou a ser comum nas revistas como este de setembro de 1932/ janeiro de 1935 da Revista "Vida doméstica" (BRITO, 2003:212).

A capacidade do rádio de atingir simultaneamente milhões de pessoas tornou-o uma grande ferramenta de informação. Com ele, estabeleceu-se uma nova relação cotidiana com a notícia, em razão da velocidade alcançada pela transmissão dos acontecimentos e pelo fato dos indivíduos se sentirem integrados por compartilharem as fontes de notícias. Pela primeira vez na história, pessoas desconhecidas sabiam o que cada um tinha ouvido (Fig. 09).

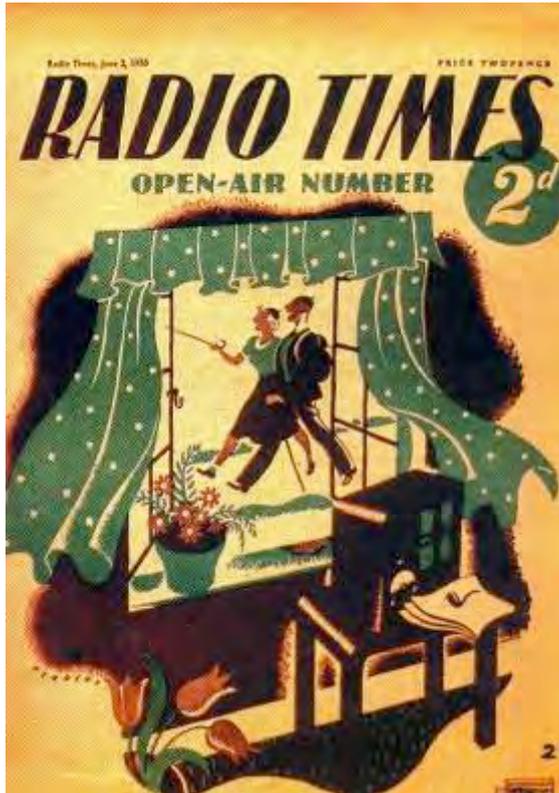


Fig. 09 // Anúncio de 1938 evidencia "a hora do rádio" estabelecendo uma relação cotidiana com a notícia (BRITO, 2003:207).

O ato de ouvir música além de ocupar o tempo livre passou a acompanhar atividades de caráter obrigatório da vida cotidiana, como a realização de refeições, tarefas de casa e o repouso. Assim, a escuta do rádio era quase sempre uma atividade secundária. Os aparelhos de rádio do tipo capelinha eram colocados em cima dos armários e guarda-comidas e a escuta era preferencialmente coletiva. Os familiares se reuniam em volta da mesa para acompanhar as peças teatrais irradiadas e as novelas, durante as refeições. Era na copa que as crianças faziam as lições, os donos de casa e a empregada realizavam as tarefas da cozinha ao tempo que escutavam rádio (Fig. 10) (BRITO, 2003:284).



Fig. 10 // Família reunida em torno do rádio, a copa tornou-se o principal local de escuta (FARIAS, 2006:51).

A copa tornou-se, assim, uma área de estar por excelência da família, tornando a velha varanda ou sala de jantar meros apêndices de visitas, passando o uso desses

espaços a ser bastante esporádico, reservado a ocasiões especiais, como as comemorações de aniversários. Segundo BRITO (2003:285), a função da mobília nas salas de visitas passou a ser antes a de definir o status da família do que o uso cotidiano, propriamente. Nestas salas foram dispostos os equipamentos para tocar os discos de música, os gramofones, vitrolas ou fonógrafos, substituindo, muitas vezes, o piano. Estes aparelhos de discos eram vendidos, muitas vezes, embutidos em mobiliário com característica Art Déco que iriam compor o setor social.

Uma das principais mudanças nas habitações e no próprio conceito de moradia, no contexto da modernização, decorreu da especialização do espaço doméstico, que foi progressivamente separado daquele do trabalho considerado produtivo. Essa especialização fez com que o espaço doméstico se convertesse na esfera do trabalho feminino por excelência.

Nas primeiras décadas do século XX ainda existia a crença numa natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da vida privada. Dentro desta ótica, não havia trabalho da mulher fora do lar, nem para os homens dentro da casa, já que a eles pertencia a rua e o mundo do trabalho. Era comum encontrar manuais de economia doméstica como o 'lar feliz', publicado em 1916, onde era estabelecido o papel a ser desempenhado pela mulher e pelo homem na sociedade (MALUF e MOTT, 1998:373).

A mulher devia sempre fazer do lar um templo de felicidade. Com o desenvolvimento industrial e urbano, o acesso a uma melhor escolaridade, a divulgação pela imprensa de uma participação da mulher no espaço público (depois da Primeira Guerra, sobretudo na Europa e Estados Unidos), o avanço do feminismo e as freqüentes reivindicações das mulheres por maiores oportunidades acabaram por abrir algumas novas profissões para as brasileiras fora do lar. Entretanto, ainda esperava-se que as mulheres, antes de se dedicar ao trabalho remunerado, fossem boas donas de casa (Fig. 11 e 12).



Fig. 11 // A emancipação feminina não era bem aceita. O trabalho doméstico, quando desempenhado pelo homem, era colocado como algo penoso e árduo (MALUF e MOTT, 1998:378).



Fig. 12 // Já o trabalho doméstico, quando desempenhado pela mulher, deveria ser exercido com bom humor. Percebe-se que não há ironia no traço do desenhista e sim um sorriso constante esboçado no rosto (MALUF e MOTT, 1998:379).

Vale salientar que as “normas” descritas para as donas do lar, salientavam que as mulheres tinham que economizar, economizar e economizar! Deveriam, assim, produzir em casa com as próprias mãos, tudo aquilo que fosse possível, evitando ao máximo todo e qualquer peso excessivo ao bolso do marido. Desta forma, os trabalhos manuais, em particular a costura, constituíam uma importante realidade no “recôndito do lar”. Com isso, os cuidados com a decoração, com a ornamentação e com o próprio móvel da casa eram considerados um affair feminino (SANTOS, 1995:25).

Neste contexto, inúmeros anúncios publicitários de utensílios domésticos começaram a surgir, sempre com a promessa de facilitar o trabalho da dona de casa. Anúncios das “maravilhas domésticas” que mostravam as vantagens das cozinhas equipadas (Fig. 13 e 14). As propagandas das máquinas de lavar, por exemplo, ressaltavam suas vantagens diante da dificuldade de se contratar serviços de

lavanderia. Entretanto, muitas vezes a utilização de recursos mais modernos não significava um ganho de tempo no que se refere ao serviço doméstico já que outras tarefas, tais como as novas medidas de higiene e a crescente exigência materna no cuidado com os filhos, foram incorporadas ao cotidiano.



Fig. 13 // Anúncio da revista "Vida doméstica" de dezembro de 1933, destacando a facilidade obtida com os eletrodomésticos (BRITO, 2003:276).



Fig. 14 // O ideal da cozinha moderna evidenciado na revista "vida doméstica" de março de 1933 (BRITO, 2003:279).

3.2.1 // O Cinema: a Difusão do American Way of Life

O lar como ambiente feminino por excelência, o papel do homem de marido provedor e as facilidades que os eletrodomésticos proviam às atividades domésticas foram ainda mais reforçados com o cinema. Se para alguns os anos 30 foram o período de ouro da

música brasileira, considerada a era do rádio, para SEVCENKO (1998:598) esta fase poderia ser igualmente conhecida como a era do cinema. Inicialmente, o cinema brasileiro dependia diretamente do europeu, no entanto, com a Primeira Guerra, a indústria cinematográfica europeia entrou em colapso e os países latinos americanos não tinham mais como comprar celulóide e equipamentos baratos do mercado europeu.

Diante deste quadro, os Estados Unidos herdaram tudo, construindo uma situação de monopólio virtual de produção, distribuição e exibição do cinema em todo o mundo. Quando surgiram os filmes falados, aumentando enormemente os custos de produção, os pequenos estúdios faliram e só sobraram as grandes corporações de Hollywood. Se os anos 30 foram, portanto, a era do cinema, o cinema nessa era significava Hollywood (SEVCENKO, 1998:298).

As salas de cinema, desde os anos 20, se multiplicaram por todo o mundo, freqüentá-las pelo menos uma vez por semana era obrigação para garantir a condição de moderno. Assim, o cinema de Hollywood se tornou a grande alavanca promotora de novos hábitos de consumo e de estilos de vida. Os cenários passaram a ditar os estilos, objetos e arranjos obrigatórios para os interiores da casa. O cinema se tornou a vitrine por excelência da exibição e glamourização dos novos materiais, objetos utilitários e equipamentos de conforto e decoração doméstica (TRAMONTANO, 1998:189). Materiais que tinham a vantagem de serem produzidos em massa, baratos, resistentes, multicoloridos e democratizar o acesso a um enorme acervo de bens, utilitários, eletrodomésticos, móveis, estofados, tapetes e carpetes para grupos sociais que não teriam condições de adquirir madeiras nobres, cristais, porcelanas, veludos, sedas, tapeçarias e tecidos finos.

Até mesmo pesquisas das indústrias americanas relativas à racionalização do espaço e das atividades da cozinha acabavam se universalizando por meio do showroom da tela do cinema. O mesmo pode-se dizer para a convenção das duas poltronas, o sofá, a mesa de centro, o abajur, a televisão e o vaso de antúrio ao lado, para o arranjo de todas as salas de estar (Fig. 15 e 16) (SEVCENKO, 1998:604).

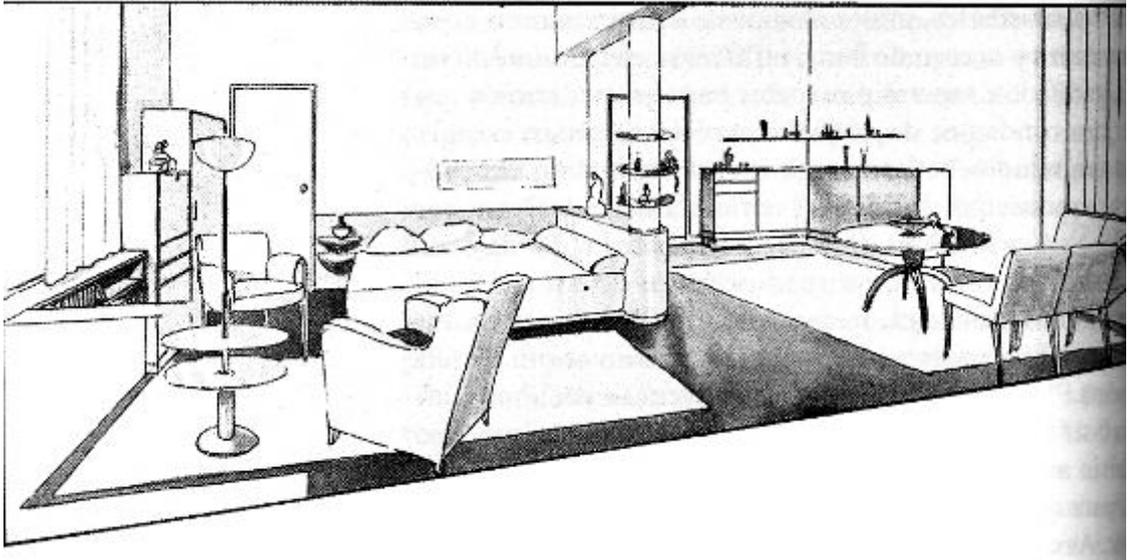


Fig. 15 // O cinema de Hollywood e suas estrelas se tornaram promotoras de novos produtos e hábitos. Até as residências e seus arranjos domésticos e mobiliários eram fortemente influenciados pelos filmes. Figura de 1939 (SEVCENKO, 1998:604).



Fig. 16 // Apartamento mínimo de 1937. Exigem mobiliário mínimo caracterizado pela funcionalidade, o que era exibido nas telas do cinema (SEVCENKO, 1998:604).

A racionalização do espaço doméstico e suas cozinhas, divulgados pelo cinema americano, acabou por refletir numa compactação dos apartamentos produzidos neste período no Brasil. Além da perda da área útil, o apartamento deixou de possuir alguns cômodos, comuns nas décadas de 1910 e início de 1920, como a sala de jantar, a copa – que na maioria dos casos se fundiu à cozinha -, o quarto da criada, toaletes e gabinetes. Tal otimização ocorreu, principalmente, em apartamentos de aluguel destinado à classe média (VILLA, 2002:89).

Os anos 30, no Brasil, foram ainda palco do racionalismo e suas diversas teorias, embora só tenha se consolidado na década de 50. Esta década apresentou uma mudança considerável na sociedade e na forma de morar ao introduzir novos valores e equipamentos. Os hábitos americanos, ainda embrionários, foram penetrando aos poucos através do cinema, influenciando, assim, crenças e hábitos.

3.2.2. // A Consolidação dos Apartamentos em 1930

A década de 1930 assistiu a multiplicação de uma grande inovação no setor residencial, os prédios de apartamentos. Com sua consolidação, o termo edifício, anteriormente utilizado apenas para os prédios de escritório, passou a ser utilizado para denominar também os prédios de apartamentos. O edifício de apartamentos trouxe à tona uma discussão sobre um modelo de cidade que deixava sua matriz européia para vincular-se ao domínio do capital americano e à sua imagem: o arranha céu. Assim, surgiram os primeiros "arranha-céus" das cidades brasileiras, atrelados à imagem de progresso e avanço técnico (Fig. 17 e 18).



Fig. 17 // Capa da revista "Rio Ilustrado", 1938, evidencia a ligação da imagem do arranha céu ao progresso (BRITO, 2003:93).



Fig. 18 // Os arranha-céus passaram a compor o cenário das grandes cidades. Este anúncio do corretor Marcos Pimenta, de 1936, demonstra o sucesso das vendas desta tipologia (VAZ, 2002:74).

Os apartamentos, entretanto, ainda eram resolvidos como as residências de época e não como um problema novo. Internamente havia a repetição de soluções das plantas das residências isoladas com seus corredores, salas e saletas e mesmo amplos alpendres, de modo a oferecer aos habitantes uma reprodução de seus ambientes de origem (REIS FILHO, 1997:79). Talvez isso seja consequência da tipologia ter surgido no território brasileiro mais pela introdução de preceitos da moradia européia e americana do que por uma decorrência natural de estudos da habitação e avanços técnicos (a exemplo do que ocorreu na Europa e Estados Unidos).

Os primeiros edifícios modernos limitaram-se a um arremedo plástico de alguns dos conceitos enunciados pelo Cubismo sem, contudo, comportarem em seu processo construtivo indícios de uma habitação moderna para uma nova sociedade – a industrial – produzida em série e com materiais igualmente padronizados (TRAMONTANO, 1998:119).

REIS FILHO (1997:82) acredita que essa necessidade de pensar os prédios de apartamento como apenas dimensionalmente diversos das casas individuais isoladas, sem enfrentar um problema novo na escala adequada, fez com que a verticalização, conquistada pelo aperfeiçoamento das estruturas de concreto e dos elevadores, ao mesmo tempo que abrisse novas e amplas perspectivas, destruísse as conquistas que a arquitetura vinha realizando nas residências individuais, como a reconciliação com a natureza, a integração dos espaços interiores e exteriores e a liberdade de disposição do edifício sobre o terreno.

PAULA (2007:61) acredita que a repetição das plantas das residências isoladas nos apartamentos justifica a grande variedade de formas das plantas, do período. Entretanto alguns autores atrelam a diversidade de tipos de apartamentos ao crescimento das cidades e as diversas classes sociais carentes de habitação.

Em algumas cidades, como São Paulo, a década de 30 consolidou a fase rentista² da habitação, o que pode explicar a racionalização destes espaços. A busca pela racionalização podia ser percebida através da redução das áreas dos cômodos e mesmo pelo desaparecimento de alguns cômodos como a sala de jantar e a copa, que se fundiu à cozinha. Os apartamentos voltados para aluguel eram um modelo reduzido das casas térreas, contudo, sem a presença de alguns cômodos (tais como sala de jantar, toalete, copa, gabinete e quarto de serviço) (VILLA, 2002:89).

Esta racionalização dos espaços domésticos também pode ser atrelada à tentativa de americanização das moradias, a exemplo das telas do cinema. Até mesmo a fusão da copa com a cozinha pode ser explicada com a introdução dos eletrodomésticos e a promessa de facilitar o trabalho doméstico. A inexistência de espaço exclusivo para copa é um exemplo claro da contradição entre o modo de morar imposto pelo cinema e o hábito local. A copa brasileira, como apontado anteriormente, era o local de estar por excelência, ambiente da escuta coletiva do rádio.

De acordo com o levantamento de amostras realizado na cidade do Rio de Janeiro da década de 30 realizado por PAULA (2007), o hall de acesso estava presente separando/conectando o exterior ao interior da casa. Destaca-se, ainda, a presença da área de serviço na tentativa de substituir os quintais das casas térreas. Os tipos contavam com copa intermediando a conexão entre o jantar e a cozinha e com até dois quartos de empregados. As salas, claramente delimitadas e separadas, possuíam dimensões generosas. Era comum o destaque do quarto principal da habitação, posicionado próximo à entrada da área social.

Apesar deste período ser caracteristicamente rentista, também surgiram os apartamentos para os ricos com programas semelhantes aos palacetes. Entretanto, só foi possível convencer as classes mais altas a trocarem suas casas por apartamentos ao

² Na década de 30, a construção de apartamentos foi voltada principalmente para o aluguel das unidades, posto isto inúmeros autores denominam este período como a fase rentista da verticalização. Esta fase rentista não foi restrita à cidade de São Paulo, marcando também o período na cidade do Rio de Janeiro, como mostra VAZ (2002:94). LEMOS (1989) e VERISSIMO e BITTAR (1999) falam desta fase de maneira abrangente, englobando todo o país.

lhe fazerem acreditar que esta era uma forma de morar moderna. De acordo com TRAMONTANO (2006:68), foi adotada nos apartamentos a tripartição de setores em social, íntimo e serviço. Essa tripartição foi consolidada na “Belle Epoque” parisiense com o objetivo de abrigar os hábitos mundanos da sociedade burguesa difundida mundo afora, tendo sido “importada” pela moradia brasileira.

Nesta fase surgiu, ainda, a segregação das empregadas domésticas e dos fornecedores em áreas de circulação apartadas daquelas dos patrões. O setor social continuava destinado às visitas, recebendo todo o rebuscamento decorativo e mobiliário à européia, enquanto o serviço continuava com o mesmo ar senhorial, modificado, às vezes, por uma governanta (LEMOS, 1989:79).

Esta configuração condiz com o contexto cultural do país que ao longo da colonização tinha a cozinha como área de desprestígio, destinada ao uso do escravo. Apesar da tentativa de adequação do espaço residencial brasileiro ao modelo imposto pelo cinema americano os hábitos brasileiros, muitas vezes, não condiziam com a forma americana de morar. Como afirmam VERISSIMO e BITTAR (1999:73), *os valores sociais ainda eram os mesmos, apesar da tentativa de introdução do ‘american way of life’³ via cinema.*

3.2.3 //O Mobiliário Moderno De 30

Desde o início do século XX era perceptível um desejo latente de mudança, presente no movimento Neocolonial. Apesar destas tentativas, as iniciativas brasileiras ainda não tinham sido fortes o suficiente para consolidar o mobiliário moderno. Apenas nos anos 30, aos poucos, houve esta consolidação.

A partir dos anos 30, com a emergência da arquitetura moderna, com a ressonância e o assentamento das principais idéias e polêmicas levantadas pelo Modernismo no âmbito da literatura e das artes plásticas, do decênio anterior, enfim, com o desejo de modernização geral do país, configurou-se um conjunto de fatores que desempenhou importante papel no processo de modernização da mobília brasileira (SANTOS,1995:21).

O mobiliário brasileiro deste período foi inovador pela introdução de novas concepções, pelo uso de novos materiais e processos produtivos, porém ele acompanhou tal e qual a evolução do mobiliário europeu, sem criar vocabulário próprio, repetindo muito a linguagem Art-Déco, consistindo num notável mostruário de pépalito (SANTOS, 1995:22). *No mobiliário a transição para o Moderno se manifestou a partir da adoção direta das formas geométricas inspiradas nas peças Art Déco (BAYEUX, 1997:94).*

³ American way of life (Estilo de vida Americano), é uma expressão referente a um “estilo de vida” praticado pelos habitantes dos Estados Unidos da América. Se refere a um ethos nacionalista que se propõe aderir aos princípios de “vida, liberdade e a procura de felicidade” (http://pt.wikipedia.org/wiki/American_way).

Até mesmo as radiovitrolas, nova tipologia conseqüente de novas tecnologias e novos usos domésticos, seguiam esta linha. Elas se apresentavam, comumente, embutidas em mobiliário para compor o setor social, seguindo características Art Déco, de acordo com o estilo dos demais móveis da casa (Fig. 19).



Fig. 19 // Assim como as radiovitrolas, também existiam modelos de rádio embutido na mobília. Este anúncio da revista "Fon Fon", de 1936, apresenta um rádio como uma grande cômoda na tentativa de integração com os demais móveis da casa (FARIAS, 2006:48).

Segundo CAVALCANTI (2003:66), uma importante contribuição para o desenvolvimento da mobília moderna brasileira foram as iniciativas dos 'arquitetos-designers' que desenvolveram móveis para o espaço interno de suas construções. Muitos destes arquitetos passaram a fazer os móveis como complementação de sua arquitetura. Um importante "arquiteto-designer" foi Jonh Graz, um dos pioneiros no desenvolvimento da mobília no país. Executava suas peças artesanalmente sob encomenda de uma elite privilegiada e utilizava, inclusive, materiais importados, tais como: chapa de cobre, metal, couro e madeira. Sua produção abrangeu o período de 1925 a 1940 (Fig. 20 e 21) (SANTOS, 1995:43).



Fig. 20 // Sala de jantar em madeira de 1925. A cadeira é em madeira com assento e encosto em veludo. Projeto de John Graz (SANTOS, 1995:41).



Fig. 21 // Sala de visitas da década de 30, residência Mario Celso de Figueiredo. Uso abundante de chapas de metal . Projeto de John Graz (SANTOS, 1995:42).

Um marco na arquitetura e mobiliário moderno do período é a casa modernista de Gregori Warchavchik, projeto que visou atender as exigências da vida moderna através das novas técnicas e materiais (Fig. 22). Buscou o atendimento à adequação de linguagem e funcionalidade entre sua arquitetura e o móvel. Utilizou como principal material na mobília desenvolvida a madeira, (com ênfase na imbuia listrada ou esmaltada em cores), os tubos de metal cromado, o couro, tecidos e veludos para estofamentos.



Fig. 22 // Sala de jantar da Casa Modernista 1930, de Gregori Warchavchik (SANTOS, 1995:46).

3.3 // O PÓS GUERRA: A CULTURA NORTE-AMERICANA COMO REFERENCIAL

O conflito mundial foi responsável não apenas pela consolidação da hegemonia Hollywoodiana no cinema brasileiro como também impulsionou a industrialização brasileira. As Guerras Mundiais, entre outras, tiveram como conseqüência para o Brasil, a de funcionar como barreira protecionista uma vez que a indústria nacional foi compelida pelo mercado interno a produzir aquilo que antes era importado. Com o mercado interno a seu favor, livre da concorrência do produtor externo, a indústria nacional operou grande avanço (SODRÉ, 1976:04).

A vitória da Segunda Guerra, em 1945, consolidou a cultura norte-americana como novo referencial de costumes para toda a sociedade. Houve a difusão do "American Way of life" pela supremacia do cinema Hollywoodiano. Hollywood, por sua vez, contribuiu para o estreitamento de relações entre os Estados Unidos e o Brasil com a criação, na década de 1950, do personagem Zé Carioca e a inclusão da cantora luso-brasileira Carmem Miranda em inúmeros musicais (TRAMONTANO, 1998:193).

Revistas como a 'Seleções Reader's Digest', com tiragem mundial de 5 milhões de exemplares, lançada no Brasil em 1942, no mesmo ano que a Coca-Cola, também tiveram um papel importante na divulgação do modo americano de viver (BRITO, 2003:74).

Segundo SODRÉ (1976:76), a característica mais evidente do período que se inicia em 1945 consiste na função predominante dos meios e das técnicas da cultura de massa. Os gostos e preferências, hábitos e valores, idéias e atitudes, enfim, o comportamento do homem contemporâneo parece cada vez mais condicionado pelos meios de comunicação em massa. No Brasil, no período pós-guerra houve uma divulgação do "gosto coletivo" e das "normas de decoração", facilitada com a popularização das mídias, o acesso à informação por meio de revistas, dos aparelhos de rádio.

As casas passaram a ser basicamente iguais, as pessoas executam os mesmos movimentos durante as mesmas rotinas e se parecem elas mesmas muito umas com as outras... A modernidade afinal de contas, chegava diferente, em proporções imensamente desiguais, mas atingia a todos (SEVCENKO, 1998:603).

Os equipamentos domésticos, assim como tudo o que poderia ser prontamente consumido, foram veiculados por anúncios em praticamente todas as revistas de apelo feminino e familiar da época. Desta forma foi divulgado através dos meios de comunicação desde equipamentos eletrônicos e cosméticos até dicas para a casa e mobiliário moderno (Fig. 23 e 24). *A ordem da sala de jantar e do quarto de dormir, esta*

estrutura mobiliária ligada à estrutura imobiliária da casa é ainda aquela que a publicidade propaga em um vasto público (BAUDRILLARD, 2006:23).



Fig. 23 // Propaganda de cosmético para a pele, na revista "Seleções", fevereiro de 1943 (BRITO 2003: 228).



Fig. 24 // Anúncio publicitário atrelando a boa aparência das crianças à máquina de lavar. Revista "Seleções", outubro de 1945 (BRITO 2003: 327).

Assim, a publicidade acabou por influenciar mudanças tanto de comportamento quanto do espaço residencial. A habitação tida outrora como local de produção tornou-

se também local de consumo e de ostentação de poder simbólico. A coerência não é mais a de uma unidade de gosto e sim a de um sistema cultural de signos (BAUDRILLARD, 2006:47).

A sociedade brasileira encontrava-se neste período completamente fascinada pelo *American way of life*, abandonando, em grande parte, seus hábitos franceses, já quase tradicionais. A moradia também recebeu esta influência, principalmente quanto ao seu funcionamento. A casa patriarcal procurava então tornar-se a máquina americana utilitária (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:75).

A revolução Científico-Tecnológica causou muitas transformações tanto nos modos de vidas como no uso e configuração dos espaços residenciais. Estas alterações, entretanto, inúmeras vezes não encontravam o respaldo necessário para existir, uma vez que eram baseadas em outra cultura.

3.3.1 // A Habitação Dos Anos 40

Nos anos 1940, em conseqüência da aceleração do processo de industrialização do país, a tecnologia do concreto armado, banalizada pelo seu emprego generalizado, ganhou espaço nos programas residenciais (TRAMONTANO, 1998:265).

O uso do concreto armado liberou as paredes de sua primitiva função de sustentação. As lajes, vigas e colunas passaram a serem de concreto, em substituição às vigas de madeira. As paredes se tornaram apenas painéis de vedação, mas apesar delas poderem ser substituídas por divisões mais leves ou mesmo removíveis, no Brasil isto não ocorreu. Talvez porque os brasileiros estivessem acostumados às espessas paredes de taipa e, posteriormente de tijolos, enquanto os europeus estavam habituados a divisórias internas leves desde o século XVIII, com as *cloisons francesas* com 10cm de espessura (TRAMONTANO, 1998:268).

O princípio da planta livre com ampla flexibilidade na habitação não foi, assim, totalmente satisfeito nas habitações brasileiras, o uso do concreto foi inicialmente limitado apenas à resolução estrutural. Entretanto, as inovações construtivas provenientes do processo de industrialização não se restringiu ao uso do concreto.

Janelas, portas, luminárias, ferragens, louças sanitárias ou elementos de decoração como cortinas e móveis, tapetes e objetos de adorno, seriam aos poucos influenciados por uma renovação geral do gosto, cujas origens podem ser encontradas no movimento de arquitetura contemporânea e cujos efeitos alcançariam até mesmo os objetos de utilidade doméstica mais eminentemente influenciados pelas tradições, como os talheres, louças e, de certo modo, o vestuário (REIS FILHO, 1997:91).

No caso dos apartamentos, as salas, dormitórios, banheiros, vestiários, passagens e escadas passaram a receber o mesmo nível de tratamento arquitetônico, em oposição às décadas anteriores onde as salas recebiam maior valorização. Buscou-se ainda uma integração das unidades através da continuidade espacial, outrora subdividida em salas e saletas distintas (REIS FILHO, 1997:92).

Foi, até mesmo, esboçada a integração das zonas sociais com a de serviço, proposta pela forma americana de morar. Entretanto, este hábito não se adequava à realidade brasileira, uma vez que, a presença de empregados domésticos sempre foi uma característica marcante. Soma-se ainda o desprestígio atribuído às cozinhas ao longo de todo o período de colonização, onde este local era destinado ao uso e trabalho escravo. Aos poucos as áreas de trabalho da casa foram recebendo inovações tecnológicas, com o intuito de facilitar os afazeres domésticos, e com isso sendo valorizadas.

Ao longo dos anos 1940 houve a consolidação da preferência de morar nas alturas na cidade de São Paulo. Neste período foi construído um maior número de unidades destinadas à venda do que na década anterior, marcada pelos aluguéis, havendo, ainda, um aumento na oferta de apartamentos destinada às classes médias e altas (VILLA, 2002:113). LEMOS (1989:80) afirma que por volta de 1948 deu-se o início do boom imobiliário que acelerou o processo de verticalização da cidade.

Nos programas de dois ou três dormitórios, foram mantidas as principais características da década anterior, tais como distinção entre circulação de serviço e social, presença de cômodos de empregados e otimização da área. No final da década foi executado grande número de apartamentos voltado para a classe média alta, consolidando-se o uso de elevadores distintos para patrões e empregados, garagens, play-ground, áreas ajardinadas e suíte para o casal (VILLA, 2002:118).

Predominou, entretanto, a produção de tipos com 2 ou 3 dormitórios, sala, cozinha, banheiro, cômodo de serviço e entradas separadas de serviço. Quase a totalidade os apartamentos do período apresentava banheira em, pelo menos, um banheiro (VILLA, 2002:122).

A casa patriarcal, influenciada pelo *american way of life*, estava procurando ser a máquina utilitária, fenômeno sem respaldo suficiente para persistir. Nos grandes centros, o piano na sala foi substituído pela radiovitrola que começou a trazer a música norte americana. Para ele, a década de 40 foi muito mais uma transição para a verdadeira revolução que as duas décadas posteriores iriam apresentar (VERISSIMO e BITTAR, 1999:75).

3.3.2 // A Mobília Dos Anos 40

No início dos anos 40, não emergiu nenhum tipo de originalidade e, em geral, os modelos produzidos não passaram de imitações de obras então em voga na Europa. SANTOS (1995:81) afirma que foi um notável mostruário de móvel pé-palito, que seguiu os vários estilos ecléticos. Nos interiores ainda predominava o mobiliário colonial (SANTANA e GALVÃO, 22).

No final dos anos 40, despontam para o mobiliário brasileiro o eco da produção de alguns profissionais que trouxeram significativa contribuição para instauração de um momento de visível transição, pautado numa revisão as influências externas e à valorização das formas e materiais caracteristicamente nacionais (CAVALCANTI, 2003:81). Dentro deste cenário se destacam como principais representantes deste processo a obra de Joaquim Tenreiro e Lina Bo Bardi.

Tenreiro destaca em sua obra o fascínio pela textura da fibra e pela organicidade, resgatou na história o uso de materiais como as fibras e a palhinha. O seu anseio de renovar a linguagem do móvel no Brasil garantiu o alicerce para a busca de novas especulações do móvel moderno que se sucederam a partir de então. Seu modo de produção era praticamente artesanal, uniu o artista ao técnico. Trouxe leveza ao móvel, mas suas peças ainda eram concebidas na lógica das madeiras de lei, principalmente o jacarandá (SANTOS, 1995:82). Responsável pela modernização do móvel brasileiro, Tenreiro continuou a produzir por mais duas décadas (Fig. 25 e 26) (SANTANA e GALVÃO, 25).



Fig. 25 // Poltrona de Joaquim Tenreiro, 1942, Estruturada em pau-marfim, braços e pés torneados, assento e encosto em espuma de borracha revestido em tecido (SANTOS, 1995:83).



Fig. 26 // Cadeira de balanço de Joaquim Tenreiro, 1947. Estrutura em madeira com assento e encosto em couro (SANTOS, 1995:86).

Entretanto, não bastava renovar o desenho, era necessário ir além. Neste cenário Lina Bo Bardi seguiu na experimentação de materiais de emprego incomum no mobiliário, como a utilização da madeira compensada recortada em folhas paralelas para a estrutura das peças e de lona, couro e chita para o assento e o encosto (Fig. 27). *Lina Bo Bardi enveredou pela busca de novos materiais, dando preferência às fibras brasileiras – como caroá, juta e sisal – e também ao couro e aos compensados de madeira* (GALLI, 1988:28).



Fig. 27 // Poltrona tripé, de Lina Bo Bardi, 1948. Conduit pintado e sola. Palma – Studio de Arquitetura (SANTOS, 1995:98).

Desta forma, o uso de material local foi uma das principais características da produção moveleira do período. Vale destacar dentro da produção desta fase, uma peça simples, utilitária, inovadora e condizente com hábitos do contexto doméstico da época, desenvolvida por Fongaro. Consistia em um móvel que funcionava, ao mesmo tempo, como caixa para rádio e porta-trabalhos manuais permitindo que a mulher carregasse o rádio para qualquer canto da casa (SANTOS, 1995:54).

PARTE 2

ENTRE OS 50 E OS 70

80 90 00 10 20 30 40 **50** 60 70 80 90 00 01 02

CAPÍTULO 04

APARTAMENTO E MOBÍLIA DE 50:

A busca do ideal moderno

4.1 // APARTAMENTO E MOBÍLIA DE 50: A BUSCA DO IDEAL MODERNO

A década de 50 teve início diante a um ideário positivista de um Brasil novo, econômico e socialmente desenvolvido. Foi uma década de caráter fortemente nacionalista marcada por uma crescente euforia desenvolvimentista com prosperidade e otimismo. Em 1951, no início do segundo governo Vargas, o país voltou-se para a diversificação econômica com a elaboração de projetos para o setor de energia, incluindo o petróleo, o carvão e a energia elétrica. Também em 1951 foi organizada a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico, órgão constituído para executar o acordo de cooperação que previu a liberação de empréstimos para um programa de industrialização e obras públicas no país.

Com o início do governo de Juscelino Kubistchek, em 1955 com o slogan “50 anos em 05”, foi implementado o projeto desenvolvimentista sintetizado no Programa de Metas que culminou na construção da nova capital do país no planalto central, Brasília, considerada meta-síntese do programa. Como resultado da implementação do conjunto de medidas consignadas no Programa de Metas, a estrutura da indústria brasileira passou a incorporar segmentos da indústria pesada, de bens de consumos duráveis e de bens de capital, de insumos básicos, máquinas e equipamentos, material de transporte e eletrodoméstico.

As cidades se transformaram, sofreram um vertiginoso processo de verticalização e um grande surto de crescimento urbano. Isto gerou uma preocupação em relação ao crescimento desordenado das cidades, o que foi comentado em inúmeras publicações especializadas e debates (fig. 01).

A tecnologia de construção também foi um tema relevante, uma vez que, o domínio de tecnologia própria constituía um atributo objetivo do grau de progresso do país. Temas como “a casa, sua construção e industrialização”¹ eram comumente abordados nas revistas especializadas do período. No âmbito dos sistemas construtivos de maior tecnologia, o concreto armado monopolizou as especificações: material de ampla disponibilidade no mercado brasileiro sem a concorrência dos sistemas metálicos – na ocasião, não tão acessíveis à construção civil. Com a deferência de Oscar Niemeyer e sua apologia pelo material como suporte ideal de suas elaborações plásticas, o concreto armado tornou-se uma

¹ Título de reportagem da revista Habitat nº29, 1956:33

solução recorrente. Transformou-se na expressão contemporânea da técnica construtiva brasileira (SEGAWA, 1997:149).



Fig. 01 // bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, ocupado por prédios de forma desordenada, o que gerou debates a respeito do crescimento das cidades (Módulo nº6, no extenso e já populoso bairro de Copacabana...).

O Rio de Janeiro, por sua então condição de capital do país, ainda era uma referência cultural muito forte para as demais cidades e regiões. Esta cidade era referência mesmo para São Paulo, que no pós-guerra assumiu a condição de mais importante centro econômico e industrial do país. Em 1940, o estado de São Paulo já se apresentava como a principal unidade econômica do país abrigando, em consequência disto, boa parte dos imigrantes estrangeiros.

Neste contexto do nacional-desenvolvimentismo, a produção intelectual brasileira dos anos 1950 deu lugar a uma reflexão sobre as saídas do subdesenvolvimento do país, a uma nova literatura, ao concretismo². Na música, o eruditismo, o folclórico e a música de carnaval deram lugar à bossa nova³.

Enfim, a consolidação de uma cultura metropolitana fez com que as classes sociais envolvidas no processo de desenvolvimento urbano fossem assimilando

² Concretismo foi um movimento vanguardista surgido em 1950, inicialmente na música e depois na poesia e nas artes plásticas. Defendia a racionalidade e rejeitava o Expressionismo, o acaso, a abstração lírica e aleatória. Nas obras surgidas no movimento, não há intimismo nem preocupação com o tema, seu intuito era acabar com a distinção entre forma e conteúdo e criar uma nova linguagem (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Concretismo>, acesso em 19 de maio de 2009).

³ Em 1957, considerado o ano inaugural do movimento musical urbano da Bossa Nova, a partir do anúncio de um show de "samba sessions" no Grupo Universitário Hebraico.

novas formas de cotidiano e de pensamento⁴. Na arquitetura, decoração de interiores e desenho de mobiliário, buscava-se um estilo novo, livre de referências anteriores. Um estilo condizente com a época, que aliasse praticidade e funcionalidade.

4.1.1 // Inovações Tecnológicas de 50: os Eletrodomésticos e os Alimentos

Com a busca do progresso brasileiro, houve um esforço de expansão industrial, baseado, fundamentalmente, na substituição das importações, o que não gerou níveis de desenvolvimento relevantes para o país, mas aumentou sua dependência com relação aos países centrais (SANTOS, 1995:103). O sistema bancário expandiu-se e passou a financiar a aquisição de bens de consumo duráveis, formando e modernizando um novo mercado consumidor brasileiro.

A expansão industrial atingiu o mercado de eletrodomésticos, instalando indústrias desses equipamentos no território nacional, que passou a produzir ferros elétricos, chuveiros elétricos, liquidificadores, batedeiras de bolo, geladeiras, secadores de cabelo, máquinas de barbear, torradeiras de pão, máquinas de lavar roupas e condicionadores de ar. O aumento da fabricação destes equipamentos no solo brasileiro propiciou o seu barateamento e, conseqüentemente, a ampliação do seu consumo. Assim, o uso de geladeiras, lavadoras automáticas e demais eletrodomésticos deixou progressivamente de ser restrito apenas às elites (Fig. 02 e 03).



Fig. 02 e 03 // propaganda de eletrodomésticos, agora com fabricação em solo brasileiro. (Habitat nº 03 e nº 19).

⁴ A busca deste estilo novo pode ser vista em reportagens de revistas do período como por exemplo "o arquiteto e a sociedade contemporânea" – revista modulo nº2 – agosto de 1955.

Na década de 50, a esfera doméstica ainda era um ambiente feminino por excelência então a divulgação dos novos aparelhos era dirigida às donas de casa e veiculada em publicações femininas especializadas. Estas divulgações, por sua vez, estavam sempre atreladas à promessa de facilitar a vida doméstica. *O problema do trabalho doméstico, isto é, libertar a mulher da escravidão da casa, é um dos problemas sociais dos mais importantes. A racionalização do trabalho doméstico, o aperfeiçoamento e a mecanização da casa são os instrumentos para resolver este problema* (Habitat nº15, abril de 1954) (Fig. 04, 05 e 06).



Fig. 04 e 05 // Figuras que ressaltam a liberdade feminina atrelada ao uso dos eletrodomésticos (Habitat nº15).



Fig. 06 // Propaganda de eletrodomésticos evidenciando a substituição de empregadas domésticas por eletrodomésticos na revista "Seleções, novembro de 1952" (BRITO, 2003:319).

Todo esse avanço tecnológico comprometeu os hábitos domésticos, a casa equipada passou a ser sinônimo de casa moderna. Esta, por sua vez, pode ser vista numa versão satirizada no filme francês "Mon Oncle" (Meu Tio), de Jacques Tati, de 1956 (Fig. 09).

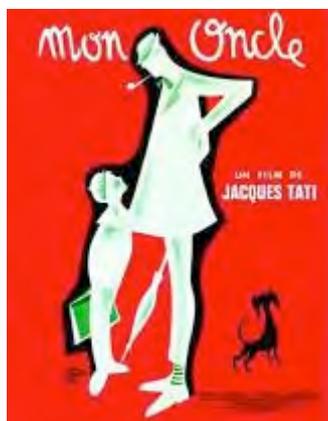


Fig. 09 // capa do filme Meu tio, de Jacques Tati.

Nesta casa, tudo é mecanizado, as portas e janelas se abrem ao toque de um botão, os eletrodomésticos (tais como aspirador) fazem o serviço doméstico e a cozinha é completamente automatizada, até mesmo os armários se abrem à simples aproximação da mão. O barulho do abre e fecha dos aparelhos "modernos" é tamanho que faz a casa parecer uma verdadeira fábrica, o que é explícito numa cena em que o casal não consegue estabelecer uma conversa por causa dos ruídos dos equipamentos.

A casa da família Arpel evidenciava os conceitos estéticos emergentes na Europa da década de 50. O design do mobiliário, de cores fortes e contrastantes em plástico e aço com cores fortes, é arrojado e desconfortável. A sala de estar é ampla e vazia seguindo o princípio de continuidade espacial e integração moderna, "tudo se comunica" enfatizou a protagonista ao ser repreendida por uma visita ao ver a casa extremamente vazia (Fig. 10, 11, 12).



Fig. 10, 11, 12 // fotos da casa da família Arpel, do filme "Meu Tio". Casa moderna com pouca mobília, sendo esta desconfortável e em cores saturadas.

A mecanização da casa como um ideal também pode ser constatado na "exposição do Lar ideal", em Londres, 1956, onde arquitetos britânicos planejaram uma das dependências do lar de 1980, uma "casa do futuro". Nela, a mesa de jantar

surgia do assoalho ao toque de um botão, as cadeiras eram dobráveis e transparentes e um mecanismo de TV ou rádio completava ou interrompia o circuito por meio de controle remoto (Fig. 13) (HABITAT nº28, 1956: 55).



Fig. 13 // foto da casa do futuro de 1980, idealizada na exposição Lar Ideal, em Londres 1956. A mesa é sextavada e surge de uma abertura no assoalho, a cadeira é em material transparente e as roupas dos moradores são em nylon (Habitat nº28).

Com base nesta explanação, percebe-se que a busca por inovações tecnológicas foi uma característica marcante na década de 50, que ocasionou mudanças consideráveis de hábitos e valores. Esta busca por tecnologias mais arrojadas levaram a substituição do rádio à válvula pelo rádio transistorizado e pelo rádio de pilha, portátil; a produção de uma sucessão de aparelhos para ouvir música, como a eletrola, depois substituída pela vitrola de alta fidelidade e pelo som estéreo para reprodução de discos de acetato e de vinil; a origem de um inovador meio de comunicação, a televisão (Fig. 14) (BRITO, 2003:87).



Fig. 14 // Evolução dos equipamentos até a introdução da televisão nos lares brasileiros (SEVCENKO, 1998:617).

4.1.2 // A Televisão e a Vida Moderna

A televisão teve sua transmissão inicial em setembro de 1950, com a inauguração da TV Tupi, de São Paulo, quando o Brasil se tornou o primeiro país do continente e o quarto do planeta a possuir este meio de comunicação⁶. Inicialmente, a transmissão era feita sempre ao vivo e o raio de difusão era limitado ao âmbito regional, alcançando apenas 100 quilômetros. Em 1956 foi iniciada a expansão da TV para além dos grandes centros (BRITO, 2003:76, 253).

Quando Carmen Miranda morreu, em 1957, as coisas já estavam mudando. Se o seu mundo foi do cinema, a tragédia de sua morte se tornou o primeiro grande espetáculo transmitido ao vivo pela televisão brasileira e visto simultaneamente por multidões e por toda parte em que houvesse um receptor (SEVCENKO, 1998:615).

⁶ 1950 – inauguração da primeira emissora de televisão no Brasil, a Tupi de São Paulo. Em 1952 surge a TV Paulista, em 1953 a Record, em 1954 a TV Rio, em 1956 a TV Itacolomi de Belo Horizonte, em 1958 a TV Cultura de São Paulo (HAMBURGER, 1998:444).

Nos anos 1950, possuir um televisor era sinal de status e sucesso, ele estava tão entrelaçado ao conceito de modernidade que algumas pessoas adquiriam a antena antes mesmo da televisão, o importante era que quem passasse na rua identificasse um lar bem-sucedido (BRITO, 2003:259). Este meio de comunicação foi responsável por alterações fundamentais na vida íntima das famílias, com reflexos na organização espacial.

Os primeiros aparelhos de TV, ainda importados, eram verdadeiros móveis e, por serem além de ouvidos também vistos, exigiram acomodações apropriadas ao fixar o espectador num determinado lugar por muito tempo. A televisão foi ainda responsável por mudanças no mobiliário cuja tônica principal passou a ser o conforto, exigência anteriormente secundária e atrelada acessoriamente às razões dos estilos (LEMOS, 1989:73).

Logo de início a TV foi instalada na sala, o que ressalta a sua utilização como sinal de prestígio, uma vez que inicialmente eram extremamente caras. Esta localização também facilitou a realização de reuniões, onde este aparelho constituía o centro das atenções. Surgiram assim os “televizinhos”, os espectadores que pediam licença ou eram convidados para assistir a programação televisiva. Com isto, antigos hábitos de encontrar vizinhos nas ruas e áreas de uso coletivo foram sendo deixados de lado, uma vez que passaram a serem apreciados sem a necessidade de deslocamento para o teatro ou cinema (Fig. 15) (LEMOS, 1989:73).

*E o "show" irá ao seu próprio lar...
fazendo a alegria de seus filhos!*

televisão RCA VICTOR

*O espetáculo será mais alegre e você a
apreciará melhor com uma Televisão
RCA Victor, rodando pela alegria dos seus filhos.
É que estes modernos aparelhos reúnem qualidades
que fizeram das Televisões RCA Victor as mais vendidas
em todo o mundo. Ao escolher a sua Televisão, lembre-se
de que a RCA Victor mantém a liderança mundial em
aparelhos desse gênero, desde o seu lançamento, em 1939.*



**TV-RÁDIO-VICTROLA®
211Q291**

*Esta é a nova maravilha
da RCA Victor. Em estilo
móvel, um rádio de som
purissimo, vicirola com
dois automáticos para as
três rotações, uma Televi-
são com tela de 21 pole-
gadas.*

*"Victrola" e "Electrola" são marcas regis-
tradas da Radio Corporation of America e
se podem designar certos artigos de sua
fabricação.

RCA VICTOR

Lider Mundial em Rádio e Discos... A Primeira em Televisão

Fig. 15 // propaganda de televisão ressaltando que o "show irá ao próprio lar", não há mais necessidade de ir ao cinema ou teatro (BRITO, 2003:244).

Este novo hábito, o encontro para assistir televisão, teve um caráter bem diferente dos ocorridos anteriormente nas ruas e praças, pois não propiciava o diálogo (Fig. 16), o que pode ser percebido na analogia abaixo:

*O poço onde se buscava água, funcionava como ponto de encontro da comunidade até que a água passou a ser distribuída nas residências; a lareira, enquanto única fonte de luz e calor do interior da casa, agregava em torno de si o grupo doméstico nos momentos de descontração, até que o gás e a eletricidade tornaram a luz e o calor disponíveis em todos os cômodos. De forma semelhante, a entrada do rádio e da televisão criou, a princípio, um elo de união física do grupo doméstico em torno de si. Mas, ao contrário da convivência em torno do fogo, que era propícia ao diálogo, a televisão requer atenção visual e auditiva, restando, assim, poucas opções de comunicação paralela durante a programação*⁷ (MITCHEL apud PINHO, 2005:23).

⁷ Mitchel, em seu livro e-tiopia, estabeleceu uma analogia entre as mudanças de hábito provocadas pelo início do sistema de canalização de água, a posterior eletrificação, e a distribuição de informação em rede.



Fig. 16 // imagem da família reunida para assistir televisão. A TV trouxe a tônica de conforto à mobília, a ter permanência prolongada, e mudou o enfoque do encontro, todos concentrados no programa da televisão com decorrente diminuição do diálogo familiar (BRITO, 2003:199).

A televisão, a exemplo do que ocorreu anteriormente com o cinema, tornou-se a vitrine da exibição e glamourização de novos materiais, objetos utilitários e equipamentos de conforto e decoração doméstica. Veio completar e dar o toque final a esse processo iniciado pelo cinema, invadindo e comandando a vida das pessoas dentro do próprio lar e organizando o ritmo e as atividades das famílias pelo fluxo variado da programação e de intervalos comerciais (Fig. 17) (SEVCENKO, 1993:603). Assim, a televisão passou a influenciar novos hábitos e valores, enfatizados em tom crítico no poema “História passionai, Hollywood, Califórnia” de Vinícius de Moraes, onde o autor interpreta sua vida como uma sucessão de clichês Hollywoodianos.



Fig. 17 // Charge de Pêricles, O Amigo da Onça, publicado na revista O Cruzeiro da década de 1950. Evidencia a organização das atividades com base na programação da televisão. (BRITO, 2003:294).

Preliminarmente, telegarfar-te-ei uma dúzia de rosas

*Depois te levarei a comer um shop-suey
Se a tarde também for loura abriremos a capota
Teus cabelos ao vento marcarão oitenta milhas...*

*Depois pergunto se queres ir ao meu apartamento
Me matas a pergunta com um beijo apaixonado
Dou um soco na perna e aperto o acelerador
Finges-te de assustada e falas que dirijo bem*

*Que é daquele perfume que eu tinha te prometido?
Compro o Chanel 5 e acrescento um bilhete gentil
"Hoje vou lhe pagar um jantar de vinte dólares
E se ela não quiser, juro que não me responsabilizo..."*

*("História passiona, Hollywood, Califórnia", Vinicius de Moraes,
<http://www.viniciusdemoraes.com.br/poesia>)*

A grande influência da televisão acabou gerando a preocupação com a possibilidade de padronização da cultura, da neutralização das distinções geográficas. Sérgio Rodrigues (Modulo nº11, 1958) acredita que como consequência deste processo era possível haver uma uniformização entre os povos da arquitetura moderna, do urbanismo e dos equipamentos da habitação. *A arquitetura moderna, assim como o urbanismo e o equipamento da habitação tendem a se uniformizar entre os povos. O que há séculos atrás era difícil – o intercâmbio de idéias – hoje temos a todo momento com as facilidades de comunicações e transportes.*

O impulso da industrialização e a liberdade de imprensa impulsionaram, ainda, a circulação de inúmeros jornais e revistas. Estes, em conjunto com a televisão, ditaram o consumo e o comportamento moderno e foram os maiores responsáveis pela divulgação e promoção da produção não só artística e cultural, mas também tecnológica, incentivando a formação dos padrões estéticos e de comportamento. *A influência estrangeira notadamente norte-americana, estará fortemente presente não só no mercado moveleiro, mas na vida nacional (TEIXEIRA, 1996:41).*

Um exemplo desta influência no padrão de comportamento exercida pela imprensa do período pode ser percebido na revista "Casa e Jardim". MACHADO (2007:87, 76), em análise deste periódico na década de 50, destaca que ele incute nos leitores os comportamentos e posturas necessárias para se adaptarem às exigências da época, através de um tom predominantemente pedagógico. Ao longo do seu discurso, valoriza a família nuclear e o papel da mulher como mãe e esposa, afirmando a necessidade de se constituir um lar onde se possa desfrutar do conforto fornecido pela modernidade (Fig. 10).



Fig. 18 // capas da revista casa e jardim com noiva e mãe com bebê, destacando a família nuclear como modelo ideal. (MACHADO, 2007).



Assim, a família nuclear, composta basicamente pelo marido, mulher e filhos, ainda era o modelo a ser seguido. Esta foi a configuração familiar predominante no Brasil de 1950, 54,2% da população brasileira com mais de 15 anos era casada, a

taxa de fecundidade entre 1940 e 1960 era de 6,2 filhos por mulher (BERQUÓ, 1998:416, 424).

Como percebe-se, a introdução da televisão fez com que a rotina de milhões de pessoas passasse a ser organizada segundo os horários das diversas grades de programação e determinou novos arranjos no espaço doméstico, na arquitetura das casas e no mobiliário. Vale salientar que a intensificação dos meios de comunicação em massa contribuiu, ainda, para difusão do móvel moderno e do apartamento como ideal de moradia.

4.2 // APARTAMENTO DOS ANOS 50: UM IDEAL MODERNO

O ideal de modernidade presente no contexto brasileiro na década de 50 refletiu na arquitetura brasileira, representada principalmente pelos grandes palácios em construção da nova capital do país. Outro ponto de destaque foi a moradia de baixa renda, que se tornou uma plataforma de governo com um esquema de financiamento e construção, apesar de não ter alcançado os resultados pretendidos.

Nada mais emblemático, como símbolo da modernidade arquitetônica e urbanística que a moradia popular (SEGAWA, 1997:115). Surgiu assim, o novo conceito de “unidade de habitação”, descrito por Lucio Costa (Módulo nº02) como:

O princípio geral da concentração residencial em altura, em blocos isolados de construção bastante grandes para possibilitarem a instalação dos serviços gerais e demais comodidades requeridas pelos núcleos de famílias que os constituem, e capazes de libertar, por essa mesma concentração, grandes áreas de terreno arborizado em torno, garantindo assim uniformemente a todas as residências maior desafogo visual e, como conseqüência, maior sensação de intimidade, apesar da contigüidade que os irmana em unidades de uma nova ordem de grandeza, uma aquisição da técnica industrializada moderna, e foi concedido pela primeira vez, na sua integridade, pela intuição precursora de Le Corbusier - Marselha.

Surgiram assim projetos como o de Pedregulho, Rio de Janeiro, do arquiteto Affonso Eduardo Reidy na tentativa de modernizar, até mesmo, as unidades residenciais de baixa renda (Fig. 19).



Fig. 19 // Conjunto de Pedregulho, Affonso Reidy. A habitação de baixa renda também foi alvo de modernização do país (<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc238/mc238.asp>, acesso em junho de 2009).

Em relação à moradia das demais classes sociais, o edifício de apartamentos passou a abrigar uma parte cada vez maior da população, símbolo do luxo, do bom gosto e do morar moderno. A idéia de modernidade estava garantida pela publicidade que ressaltava características modernas, tais como “confortáveis, sóbrios e racionais” e oferecia ao público uma série de comodidades-extras com equipamentos que ilustravam a idéia de vida moderna (Fig. 20 e 21) (VILLA, 2002:141).



Fig. 20 // propaganda evidenciando a melhora do edifício com o uso da “Moderna Rede de Relógios IBM”, que garante a hora certa em todos ambientes e permite ligar e desligar automaticamente, bombas d’água, ar refrigerado, luz elétrica nos corredores, etc. (Revista Modulo, nº08 de julho de 1957).

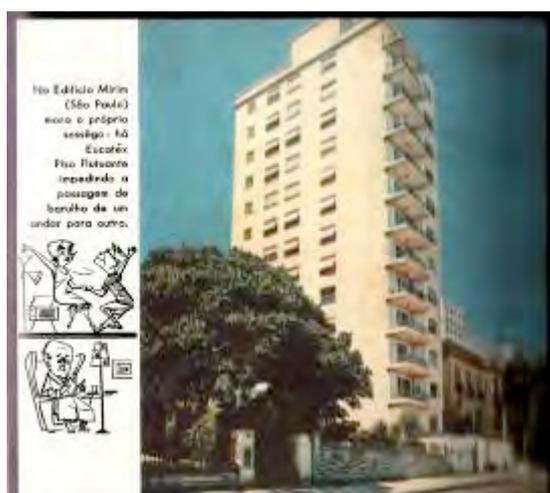


Fig. 21 // Propaganda destacando o uso do Eucatex, como material acústico, o que agregou mais qualidade ao edifício (BRITO, 2003:111).

A propaganda estabeleceu a conexão entre o consumo do apartamento e o de novidades de matéria de higiene e conforto doméstico, representado por máquinas, equipamentos e técnicas importadas: telefone (1926), fogões a gás alemães ‘Otto’

(1922), refrigeradores 'Frigidaire' (1928), chuveiros elétricos (1935), tubos de lixo (1935), climatizadores 'Carrier' (1938) e 'Frigidaire' (1931), incineradores 'Kierrulf' (1940) etc. Além de eletrodomésticos de consumo exclusivo para privilegiados: enceradeiras (1928), rádios, vitrolas, discos (1928) e antena coletiva (para rádio) no prédio (1935) (VAZ, 2002:140).

Assim, o apartamento tornou-se um atestado público da condição socioeconômica dos seus ocupantes e desvencilhou-se da imagem preliminar de estalagem e cortiço. Entretanto, nos interiores estes apartamentos pouco sofreram alterações de cunho modernista. As plantas continuavam a seguir a tripartição das áreas em zonas social, íntima e de serviço ao tempo em que sofreram uma compactação em seus espaços. Apenas em poucos apartamentos, percebe-se um desejo, ainda que incipiente, de flexibilização dos espaços através do uso de divisórias leves e/ou de móveis, no caso de cômodos com mais de um uso.

Uma mudança percebida nos apartamentos, oriunda da implantação da estética modernista, foi em relação à forma do edifício, que acabou por refletir no formato dos espaços internos. Nesta fase, a idéia de modernidade associada aos edifícios altos parecia ilustrar-se com inovações formais de volumetrias modernistas, remetendo ao modelo norte-americano de cidade. Nos casos de projetos de filiação modernista, em que vedações curvas foram introduzidas no desenho (Fig. 24), ou em que os eixos ortogonais da planta acompanharam lados não paralelos de um terreno de planta não ortogonal (Fig. 22 e 23), surgiram ambientes com formas mais complexas. Apareceram, assim, ambientes não-ortogonais ou com uma parede curva (no caso a parede externa) o que sugeriu novas disposições internas do mobiliário, distantes das paredes (TRAMONTANO, 2004: 25, 37, 75, 111).



Planta do apartamento tipo (1.º no 10.º pavimento).



Fig. 22 e 23 // Edifício com paredes curvas, de filiação modernista, acaba por gerar modificação na planta e fachada. (Habitat nº 26, janeiro de 1956, edifício de apartamentos em Copacabana).



Fig. 24 // Planta do edifício não-ortogonal acabou gerando ambientes não-ortogonais, tais como o dormitório. Isto exigiu novas disposições internas da mobília (Habitat nº22 de maio/junho de 1955).

Assim, os ambientes tradicionalmente ortogonais começaram a apresentar outros formatos ao tempo que sofreram redução dimensional. As salas exibiam as maiores áreas dentre os cômodos do apartamento, representando um terço da superfície total. Ainda assim, nas unidades menores e médias havia, em geral, apenas uma disposição possível do mobiliário neste ambiente: por um lado, por causa das dimensões reduzidas do espaço e, por outro, pela presença de grande número de aberturas e de circulação cruzada entre dormitórios e a cozinha (Fig. 25) (TRAMONTANO, 2004:45).



Fig. 25 // A sala representa a maior área deste apartamento. Entretanto, possui muitas aberturas comandando o acesso aos demais cômodos (para o hall, cozinha, circulação íntima), o que limita as possíveis disposições do mobiliário. (habitat nº07).

Estes ambientes localizavam-se quase sempre na entrada ou no centro do apartamento, de forma a comandar o acesso a vários outros cômodos. Isto significa dizer que o núcleo parental continuava exercendo controle sobre os comportamentos, as atividades e os horários cumpridos pelos demais membros do

grupo doméstico. Nas unidades maiores ainda era comum, neste setor, a presença de espaço para o trabalho realizado em casa em um cômodo específico localizado próximo à entrada (TRAMONTANO, 2004:45, 51) e (VILLA, 2002:145).

A sala de jantar dos apartamentos era claramente secundária em relação à sala de estar, tanto o seu tamanho como suas aberturas eram menores, mesmo que esta última constituísse o lócus do encontro cotidiano do grupo doméstico (Fig. 26) (TRAMONTANO, 2004:45, 51). Estes dois ambientes passaram a se apresentar em um espaço contínuo, sem nenhuma divisória demarcada (Fig. 27 e 28). *Percebe-se uma redução nas áreas destes apartamentos e na diminuição, ou quase abolição, dos incrementos dados a estes na década de 1940, como bares, salas distintas separadas por arco, hall, etc.* (VILLA, 2002:142).

Esta integração espacial seguia o preceito modernista de continuidade espacial, a demarcação destes ambientes passou a ser de responsabilidade do mobiliário⁸. Alguns autores também justificam a integração desses ambientes pela introdução da televisão no ambiente doméstico, relegando o rádio ao segundo plano.

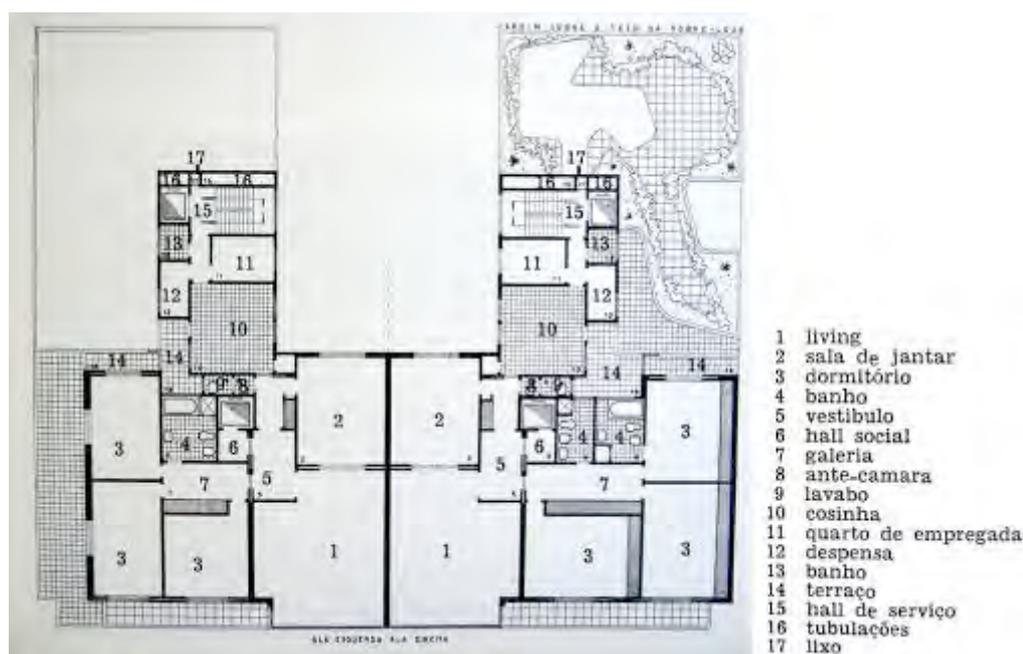


Fig. 26 // as salas deste apartamento ainda se encontram segregadas por alvenaria. É notável a diferença de valorização destes dois ambientes, uma vez que o living é mais amplo e possui abertura mais generosa do que a sala de jantar (Habitat nº 13, dezembro de 1953, edf. Vila Normanda).

⁸ Entretanto, em todo o século XX encontra-se modelos de apartamentos de alto luxo que possuem uma separação com porta de duas folhas entre as salas de jantar e estar (TRAMONTANO, 2004:57).

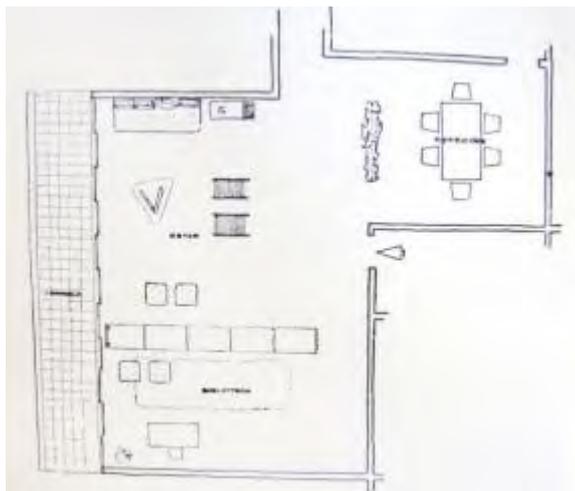


Fig. 27 e 28 // planta baixa e perspectiva da sala de apartamento em São Paulo. A segregação das salas integradas depende da disposição do mobiliário. Vale destacar a presença da biblioteca, espaço destinado ao trabalho, também integrado à sala, separado apenas pela presença de um estante vazada, como mostra a perspectiva. A sala de jantar é secundária em relação à de estar (Habitat nº 07, pág. 20).

A televisão ainda uniu a sala de jantar à de estar, impondo uma modernidade na arquitetura domiciliar, é válido salientar que na década anterior a sala de estar era utilizada apenas em ocasiões especiais, tais como as comemorações de aniversário. Foi o fim definitivo da sala de visitas como unidade de habitação, e o desaparecimento da copa, local outrora de reunião da família. O centro de interesse da casa desvencilhou-se da cozinha, da área de serviço (LEMOS, 1989:72).

A copa tornou-se, assim, rara, conjugou-se com a cozinha, sensivelmente diminuída, através de uma mesa para refeições, usada alternadamente por patrões e empregados. A cozinha, com formato predominantemente quadrado, equipou-se com itens emblemáticos de conforto, os eletrodomésticos, o que foi permitido com a industrialização brasileira (Fig. 29). As inovações tecnológicas somadas ao aparecimento dos supermercados, disponibilizando produtos em menores quantidades, permitiram a compactação deste espaço, uma vez que não é mais necessário espaço para estocagem de grandes quantidades de alimentos. (TRAMONTANO, 2004:132) e (VERISSIMO E BITTAR, 1999:112).



Fig. 29 // Um dos apartamentos tipo do edif. São Vito, em São Paulo. A cozinha com formato próximo ao quadrado apresenta-se com uma mesa de refeições que veio a substituir a copa (Habitat nº26, pág. 32, janeiro de 1956).

Com o alto custo dos empregados domésticos, a dona de casa também passou a utilizar esse espaço o que significou melhoria de acabamento. Este ambiente deixou, assim, de ser um espaço escondido no final de um corredor aproximando-se da sala. Com a influência americana, os anos 50 assistem uma tentativa frustrada de incorporar sala e cozinha, como nos filmes de Hollywood (VERISSIMO E BITTAR, 1999:113) (Fig. 30).

Nos apartamentos maiores, as áreas de serviço se expandiram para abrigar a máquina de lavar roupas, ao tempo que nos menores, houve uma redução de área e do número de cômodos deste setor. O dormitório de serviço teve sua necessidade questionada, uma vez que alguns indícios sugerem que neste período as empregadas passaram a dormir em suas próprias casas, o que foi propiciado pela consolidação das redes de transportes urbanos, tornando menos árduo o trajeto diário destes trabalhadores (TRAMONTANO, 2004:111, 117, 119) e (VERISSIMO e BITTAR, 1999:112).

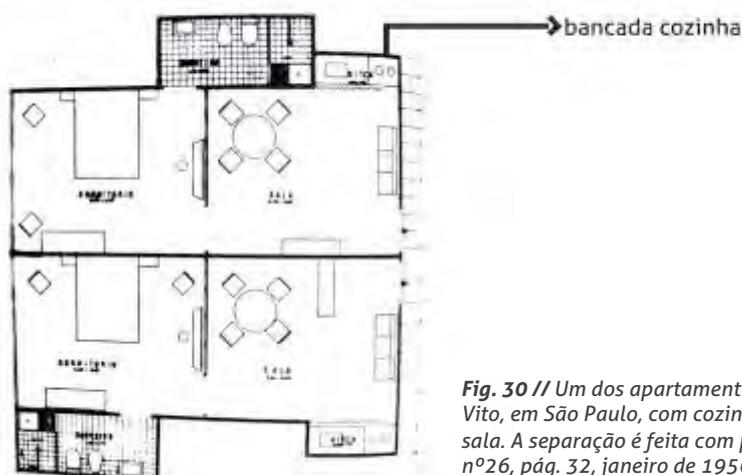


Fig. 30 // Um dos apartamentos tipo do edif. São Vito, em São Paulo, com cozinha conjugada com a sala. A separação é feita com painel retrátil (Habitat nº26, pág. 32, janeiro de 1956).

Os quartos também diminuiriam seu tamanho ao tempo que o número de peças de mobiliário que deveriam ficar aí dispostos aumentou. A penteadeira passou a ser um item essencial influenciada pelas divas do cinema (Fig. 31 e 32).

Por essa época, em um quarto de casal deveriam caber, pelo menos, a grande cama com suas duas mesinhas de cabeceira, um ou dois guarda-roupas, talvez uma cômoda, e uma penteadeira com sua banquetta. Em plantas de imóveis ricos, nas quais alguma sugestão de mobiliário é representada, podem ser encontrados outros itens, como poltronas, mesas para escrever, luminárias de piso, arcas, etc (TRAMONTANO, 2004:73).



Fig. 31 // a cantora Dalva de Oliveira na capa da revista *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, em janeiro de 1957. Destaca a mobília que deveria compor a sala, como móvel da televisão e da vitrola, e a que deveria compor o quarto, mesa de cabeceira, cama e penteadeira. (BRITO, 2003:262).



Fig. 32 // Capa da revista *Casa e Jardim*, de maio de 1958, com penteadeira, fundamental nos quartos do período (MACHADO 2007).

O acesso aos quartos passou a ser exclusivamente através da circulação íntima, tornou-se raro quarto com duas portas, uma para o corredor outra para o quarto adjacente. Apenas entra-se em um cômodo se tiver razões claras e autorização para fazê-lo, como sublinham as regras de etiqueta da época (TRAMONTANO, 2004:87). PAULA (2007:66) afirma que os quartos ficaram ainda mais concentrados em uma área íntima, tendo sido aumentada a distância entre eles e o setor social.

A individualidade se diluía, entretanto, no uso compartimentado do banheiro, situado, em geral, dentro do setor íntimo, junto dos dormitórios. Apresentava-se comumente apenas uma unidade de banheiro, equipados por banheira, lavatório, bacia sanitária, bidê, chuveiro e, por vezes, armário. Foi nessa década, entretanto, que surgiram as primeiras unidades com lavabo, no setor social, e dois banheiros, ambos voltados para a circulação íntima (TRAMONTANO, 2004:159).

Apesar destes apartamentos serem organizados de maneira tradicional, os nomes dos cômodos foram, aos poucos, sendo trocados por nomenclaturas americanas como *hall*, o *living-room*, entre outros. Seguiu, enfim, toda a moda ditada por revistas estrangeiras, ou reproduzidas nas similares nacionais (VERÍSSIMO e BITTAR, 1999:76).

A influência da televisão e demais meios de comunicação interferiu não apenas na absorção destas novas nomenclaturas como também na difusão dos conceitos estéticos de espaço doméstico e de seu mobiliário. A busca da modernização também atingiu o mobiliário que sofreu, neste período, as primeiras iniciativas de industrialização.

4.3 // MOBILIÁRIO DE 50: A BUSCA DE UM ESTILO NOVO

A rápida industrialização vivida pelo Brasil e a intensificação dos meios de comunicação de massa, na década de 50, foram fatores que conjugados, contribuíram para difundir o móvel moderno, o uso dos novos materiais, a aceitação de novas formas, padrões e tendências na decoração dos interiores.

Apesar da influência, em termos de mobília, advinda dos grandes centros europeus, houve um forte incentivo à pesquisa de formas ligadas às tradições culturais brasileiras, o que pode ser percebido nos periódicos ligados às artes em voga neste decênio. Foram visadas soluções mais de acordo com a realidade, as condições econômicas, a tecnologia, o clima e o cotidiano local.

Entretanto, o móvel moderno não bastava ser original, tinha que ser confortável, requisito que surgiu com a introdução da televisão nos lares e a maior permanência em um mesmo local. *O erro de tantos decoradores no momento é confundir original e novo. Os móveis de linha nova surgem de necessidade vital. Os móveis originais esquecem-se do conforto em prol do efeito visual* (JEAN, 1955:68).

Era clara a tentativa de modernização da mobília no Brasil através da busca de um vocabulário próprio, assunto em pauta nas revistas especializadas. Houve uma tentativa unânime junto aos arquitetos, artistas e artesãos de se buscar uma linguagem nacional, brasileira, aliada aos princípios fundamentais do equipamento moderno, ou seja, a funcionalidade, a limpeza formal, e simplicidade construtiva e a viabilidade da industrialização.

Lúcio Costa⁹ resumiu a busca desta linguagem própria da mobília brasileira com as seguintes palavras:

E como todos consideramos anomalias não só a fabricação em série de móveis de 'estilo antigo', mas também as grotescas produções do falso modernismo, e bem pouco nos podemos dar ao bom gosto ou, talvez melhor, à extravagância de adquirir, para uso próprio, móveis de antepassados dos outros, esperamos que essa confusão contemporânea se esclareça brevemente e a casa brasileira, hoje tão atravancada, se vá aos poucos 'desentulhando' até readquirir, mobiliada com peças atuais e de fabricação corrente, aquela sobriedade que foi, no passado, um dos seus traços mais característicos, senão seu maior encanto.

Assim, houve uma negação ao mobiliário de linhas antigas ao tempo em que se buscou a sobriedade das peças. Esta repulsão pelos móveis antigos é bastante evidente nas revistas especializadas em voga: *Sob o ponto de vista estético, que é o que*

⁹ "Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro" de 1939, publicado na revista Módulo nº3.

mais nos interessa, o melhoramento do design industrial é constante. Desapareceram aqueles móveis reproduções de estilos antigos (o salon des Arts Ménagers, Habitat nº15, 1954: 33). Outra reportagem, intitulada “o conforto dos lares moderno” (Habitat nº11) destaca:

A contribuição da indústria moveleira para o conforto, beleza e bem estar da família, em nosso país, tem sido, através dos tempos e das épocas, das mais importantes. Essa indústria vem desde os tempos do Brasil colônia acompanhando todas as variações dos estilos e dos gostos. Sempre sofreu influência das velhas escolas européias e por isto pouco produzimos no passado. Entre eles, estavam móveis de madeiras pesadas com os clássicos entalhes. Os ambientes tinham uma austeridade espantosa. As linhas simples, mais revolucionárias, mas, ao mesmo tempo, perfeitas e graciosas dos móveis dos nossos dias, geraram o chamado móvel funcional, o qual, o próprio nome indica, tem o acentuado propósito de servir com mais função o seu destino.

Não apenas a réplica de móveis de estilo antigo passou a ser recriminada, mas também, prática comum da época, a cópia de móveis de revistas estrangeiras, por vezes com modificação de proporção. A prática de fazer réplicas de mobília estrangeira perdeu força uma vez que este exercício em nada contribuiria para a formação de um caminho com raízes brasileiras, o foco do momento (TENREIRO, Módulo nº2, 1955).



Fig. 33 // o moderno é evidenciado nas propagandas das lojas de móveis encontradas nos periódicos do período (Habitat nº03).

A modernização da mobília era um objetivo tão almejado que até mesmo as propagandas de lojas de mobiliário do período destacavam que os seus produtos

eram modernos. A palavra funcional também passou a ser utilizada com o intuito de atrair a clientela, como pode se perceber na propaganda abaixo (fig. 33).

Percebe-se ainda uma preocupação, ainda que preliminar, do mobiliário com a antropometria, *móveis feitos na medida do homem e não 'móveis monumento'*, como destaca a reportagem sobre mobiliário desenvolvido pela arquiteta Lina Bo Bardi (Habitat nº14, 1954:04) (Fig. 34 e 35). Esta preocupação era decorrente da compactação dos espaços, da preocupação de se produzir móveis para espaço reduzido, cuja solução poderia ser tanto dimensional (com a redução do tamanho) como multifuncional (atender mais de uma função de uso) (Fig. 36).



Fig. 34 // reportagem da revista Casa e Jardim nº 40, de 1958, destacando a dimensão correta para armários (MACHADO 2007).



Fig. 35 // publicação do modular, de Le Corbusier, mediante o erro antropométrico da medida da altura do espelho da ilustração acima (Habitat nº 17, 1954).



Fig. 36 // mesa, projetada por Kim Hoffmann e Heidrich de Nova York, que se transforma em aparador de acordo com necessidade de uso. (Habitat nº 27, 1956).

A matéria prima principal, utilizada neste período, foi a madeira tanto pela disponibilidade das melhores qualidades deste material como por ser mais econômica, uma vez que as indústrias de plástico ainda estavam se instalando no país (RODRIGUES, Módulo nº11, 1958:26). A chapa de fibra de madeira (chapa de

compensado), o laminado plástico (mais conhecido como fórmica), o plástico, o ferro cromado e estofamento em tecido e plástico, também ganharam enfoque especial no período. O vime, por ser de procedência nacional, adequar-se bem ao clima e proporcionar um ar informal, também foi utilizado no mobiliário brasileiro do período (Fig. 37 e 38).



Fig. 37 e 38 // divã, sofá, poltrona, biombo e cadeiras em vime, material nacional utilizado na mobília brasileira (habitat nº21, ressuscitando o vime, pág. 31)

Apesar da tentativa de encontrar uma linguagem brasileira do mobiliário, houve uma forte influência da estética norte-americana através dos meios de comunicação. Assim o uso de tons pastel (cores claras, de baixa e média saturação) dos laminados plásticos, como na mobília americana, foi utilizado no móvel doméstico brasileiro (PEREIRA) (Fig. 39 e 40). Ainda, sob a mesma influência, foi comum o desenvolvimento de mobiliário com forma organicista e com pés-palitos (TEIXEIRA, 1996:40). Cabe ainda salientar o uso de cores saturadas no móvel brasileiro, a exemplo do que se manifestava na mobília italiana (PEREIRA).



Fig. 39 // poltrona e almofadas em coloridas em material plástico em tons fortes simbolizando o clima de otimismo do período (habitat 03).



Fig. 40 // propaganda de plástico para estofamento, demonstrando a paleta de possibilidades de cor, praticamente todas apresentam tonalidade forte (habitat 07).

Foi ainda neste período, que o mobiliário moderno extrapolou os limites restritos da produção sob encomenda para ser fabricado em série. Tanto que data dessa época o surgimento de algumas empresas que, preocupadas com a qualidade dos móveis por elas produzidos, abriram finalmente espaço para os designers nacionais que, até então, limitavam-se a uma produção reduzida e mais artesanal (BAYEUX, 1997:96).

Marcado pela euforia do 'desenvolvimentismo', pela crença no progresso e pelo desejo do novo, esse momento foi particularmente fértil em relação à difusão e aceitação do mobiliário moderno. Se por um lado, os princípios da modernização do móvel já estavam presentes e assentados, as circunstâncias históricas brasileiras nos anos 50 configuraram as condições necessárias ao desenvolvimento das principais experiências de industrialização da mobília (SANTOS, 1995:103).

4.3.1 // As Primeiras Iniciativas de Industrialização da Mobília Brasileira

Esta etapa foi marcada por algumas iniciativas, talvez nem tão expressivas do ponto de vista estético, mas certamente muito criativa pelas soluções industriais que encaminharam (SANTOS, 1995:103). A industrialização do móvel veio permitir a melhoria do modo de vida de uma grande parte da população, que sem isto, jamais poderia adquirir uma peça de artesanato (RODRIGUES, Módulo nº11).

As indústrias moveleiras do período se concentraram na região sul e sudeste, muitas continuaram fabricando um mobiliário tradicional, de diversos estilos

anteriores, numa linguagem já bastante gasta e totalmente imprópria para os novos tempos. Outras se engajaram nas novas propostas estéticas do mobiliário moderno. (TEIXEIRA, 1996:38).

Entretanto, a industrialização do mobiliário encontrou algumas dificuldades iniciais. Michel Arnoult e Norman Westwater, (Módulo nº07, 1957) destacam que um dos problemas iniciais da fabricação de móvel em série no Brasil foi que o público interessado em mobília moderna não era tão grande que justificasse a produção em maior escala. Com o intuito de solucionar este problema, alguns pioneiros na industrialização da mobília no Brasil procuraram soluções que tornassem viável a fabricação em série.

A primeira experiência a nível industrial de móveis com uma linguagem moderna foi a Fábrica de Móveis Z, criada em 1950. Tinha como figura central o baiano José Zanine Caldas, que conseguiu baratear o custo do mobiliário em relação à produção artesanal. Os móveis eram quase que completamente industrializados, desmontáveis, com estrutura extremamente simples, utilizando como base a modulação para o aproveitamento máximo dos materiais, a madeira compensada, mola, plástico, tecidos e compensados impermeáveis (Habitat nº11, 1953, conforto nos lares modernos).

Com a linha voltada para a classe média emergente, sua preocupação era a de racionalizar a produção com aproveitamento integral da matéria-prima utilizada (LEON, Design & Interiores nº14). A maioria de seus assentos eram feitos com estrutura de compensado, recortado em formas diversificadas: linhas curvas, em forma de Z e no formato das amebas e sinuosas tão ao gosto da época, que somados aos detalhes de acabamento e a certos elementos estruturais aparentes, caracterizaram o estilo de móveis artísticos Z. Esse estilo é muito representativo do clima inquieto dos interiores modernos de 1950 que vivia momentos de intensa transformação de hábitos marcada pelos novos processos industriais (Fig. 41, 42, 43, 44 e 45) (SANTOS, 1995:107).



Fig. 41 // propaganda da Fábrica de Móveis Z (habitat nº07)



Fig. 42 // mesa de centro em compensado recortado, fábrica de Móveis Z (SANTOS, 1995:105).



Fig. 43 // Cadeiras com e sem braço, em compensado recortado, com assento e encosto em tecido listrado, Fábrica de Móveis Z (SANTOS, 1995:106).



Fig. 44 // Cadeiras e poltrona, em compensado recortado, com assento e encosto em trançado com fitas plásticas, Fábrica de Móveis Z (SANTOS, 1995:106).

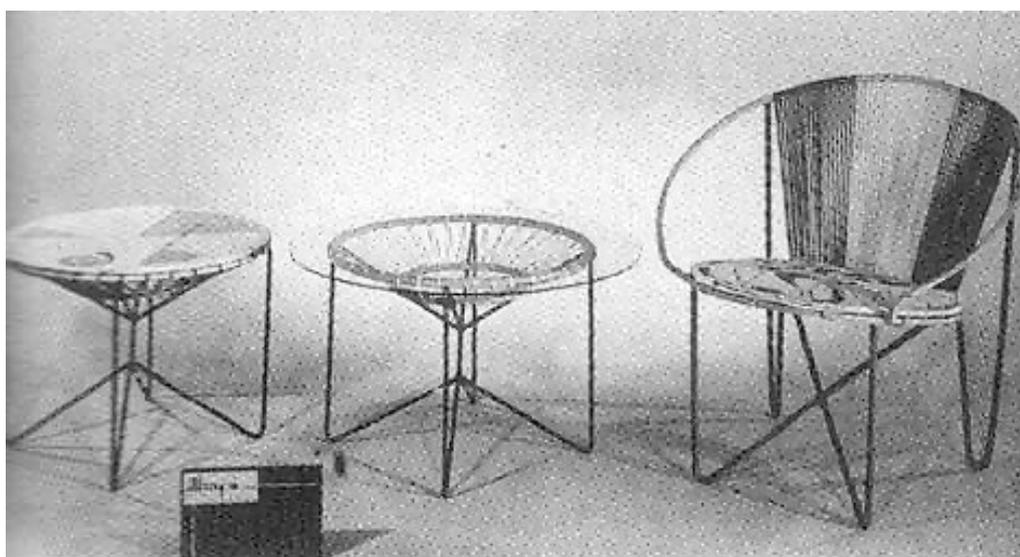


Fig. 45 // Poltrona em ferro dobrado a frio, José Zanine Caldas. 1950 – Indústria de móveis de Ferro Ltda (SANTOS, 1995:107)

Em contraste com o mobiliário da Fábrica de Móveis Z, surgiu a produção de Móveis Branco & Preto (Fig. 46), com mobiliário de linhas delgadas, sóbrio e com formas bem definidas (Fig. 47 e 48). Fundada em 1952, comercializou móveis de desenho moderno e materiais inusitados como a madeira laminada, o ferro soldado e o laminado plástico, apesar de ser uma empresa artesanal. Utilizavam materiais tais como a madeira, o ferro, o plástico partindo de uma produção basicamente artesanal, o que no final dos anos 50, com a escassez de mão-de-obra especializada, levou ao fechamento da empresa.

O que caracterizou as peças desta empresa foi a interpretação do moderno pelo espírito da lógica despojada e pura, distinguindo-se, antes de mais nada, pela

leveza do aspecto. Foi inovadora ainda pelo conceito da loja, um local com profissionais capacitados para desenvolver desde o projeto de arquitetura de interiores até mobiliários, tapetes, luminárias e cerâmicas. Trabalhavam com materiais de alta qualidade e exclusividade, atingindo assim a classe alta (SANTOS, 1995:111).



Fig. 46 // Propaganda da loja branco & preto (Habitat nº 11).



Fig. 47 // Poltrona em madeira com assento em tecido listrado e encosto em palhinha, Móveis Branco & Preto. (SANTOS, 1995:114).



Fig. 48 // Mesa de jantar com base em madeira, com cadeiras em madeira e palhinha, Móveis Branco & Preto. (SANTOS, 1995:114).

Outra empresa importante no período foi a Unilabor, fundada em meados de 1954, ficou ativa no mercado até 1964. A indústria era formada por um sistema de organização cooperativa que reuniu profissionais de varias áreas, dentre eles, o pintor, fotógrafo e designer Geraldo de Barros, responsável pelo desenho de toda a produção (Design & Interiores nº06). Inicialmente com produção artesanal produziu mobiliário com ferro, madeira e metal, abandonou aos poucos o mobiliário por encomenda e desenhos exclusivos e constituiu estoque próprio, viabilizado pela mecanização.

O armazenamento de peças, por sua vez, gerou a preocupação com a produção de baixo custo e aumento de produção. Com isto, utilizou-se a modulação e esboçou-se a componentização, a possibilidade de combinar as peças o maior número de vezes possível. Utilizou materiais inovadores, em combinações não convencionais, como o ferro e a palhinha; o ferro e as fibras trançadas; o ferro e a napa. Obteve um efeito visualmente leve e resolveu problemas de funções anatômicas com um desenho compatível à redução dos espaços internos que então se processou. Assim, os móveis da Unilabor (Fig. 49 e 50) procuraram resolver de forma conjugada problemas de forma, função e produção, dentro de condições mecanizadas (SANTOS, 1995:117).



Fig. 49 // Cadeira em jacarandá produzida pela Unilabor em 1955 (Design & Interiores nº6, pág. 42).



Fig. 50 // Peça desenvolvida pela Unilabor em 1955. Suas partes superiores podem ser retiradas servindo de bandeja (Design & Interiores nº6, pág. 42).

Complementando o quadro de importantes empresas do setor mobiliário do período surgiu, em 1955, a L'Atelier através da associação de três marceneiros e o arquiteto polonês Jorge Zalszupin. Sempre atenta às inovações tecnológicas, foi uma das primeiras empresas a comercializar móveis de plástico. Adquiriu os direitos de produção da cadeira Hille (Fig. 51), que foi bem aceita, apesar das restrições dos que a encaravam como móvel descartável. Desenvolveu uma linha de mesas, outros modelos de cadeiras e diversos complementos da mobília, floreiras, cinzeiros, porta-guarda-chuva em poliuretano. Posteriormente a L'Atelier se dedicou ao móvel de escritório ao evitar as constantes oscilações da moda, às quais está submetido o móvel residencial.



Fig. 51 // cadeira Hille, Robin Day, década de 50 e 60, produzida pela L'Atelier. Cadeiras com assento/encosto em plástico polipropileno e estrutura em metal (SANTOS, 1995:118).

Vale ainda destacar a Ambiente S. A. (Fig. 52), que surgiu em São Paulo, em 1951, com o intuito de fornecer mobília que complementasse a arquitetura. Para isto foram arregimentados os melhores arquitetos, brasileiros e estrangeiros, que estudaram modelos de móveis capazes de se adaptar à atual arquitetura. Assim teve início a produção industrial de mobília desenhada por importantes profissionais como Palanti, Lina Bo Bardi, Vorona, Fongaro, Aflalo, Saarinen, Orro e outros com a introdução do sistema de pagamentos de Direitos Autorais neste setor (Habitat nº73,1963: 34).



Fig. 52 // Propaganda da loja Ambiente S.A. (Habitat nº5).

Apesar destas inúmeras iniciativas de produção da mobília brasileira, o mercado brasileiro de mobiliário também dispunha de móveis europeus e americanos. Tem-se como exemplo disto a loja Artodos, com mobiliário sueco tanto importado como produzido no Brasil e a loja Forma, que obteve o direito de reproduzir mobília desenhada por grandes profissionais do mundo através da associação com a empresa Knoll International (Fig. 53 e 54).



Fig. 53 // fachada da Loja Artodos, que vendia no Brasil mobiliário sueco (Habitat nº8).



Fig. 54 // Artigo da Revista Casa e Jardim, nº 59 de 1959, informando que a loja Forma S.A. adquiriu o direito de produzir no Brasil mobília assinada por arquitetos modernos (MACHADO, 2007:32).

As experiências por parte destas empresas além de consistirem importantes contribuições para o desenvolvimento do mobiliário nacional significaram também um avanço cultural na questão da arquitetura e planejamento de interiores.

4.4 // OS INTERIORES MODERNOS DE 50

Que não haja luxo, mas sobriedade.

Não haja riqueza, mas distinção.

Não haja ostentação, mas acolhimento.

(TENREIRO, Módulo nº 02, 1955)

Diante da consolidação dos apartamentos como forma moderna de morar, da busca de uma linguagem nova do mobiliário e suas iniciativas de industrialização, houve uma valorização dos profissionais ligados ao projeto de espaços internos. A decoração de interiores atingiu no momento as alturas de um intenso movimento, *merece entusiasmo porque é profissão absorvente* (TENREIRO, Módulo nº02, 1955).

O arquiteto passou a ser apontado como indispensável no projeto de interiores, *o artista, quando realmente é criador, é elemento indispensável, na solução e formação de um ambiente de bom gosto* (Habitat nº3, Personalidade Artística). A necessidade do arquiteto na organização de ambientes internos foi tão valorizada, que até mesmo a classe média passou a ser incentivada a utilizar este serviço, como demonstra alguns artigos da revista Casa e jardim (MACHADO, 2007:98). A compactação dos espaços reforçou ainda mais a necessidade deste profissional na busca de um melhor aproveitamento espacial.

Indiscutivelmente constitui um problema a decoração de casa e apartamentos de proporções reduzidas. Isto porque a quase totalidade dos edifícios de apartamentos que vêm sendo construídos, apresentam-se com peças tão exíguas que dir-se-ia terem sido feitos para que nelas morassem filhos das terras distantes da África, isto é, os pigmeus (Habitat nº07, Os problemas estéticos e funcionais).

A dificuldade de ambientar estes compactos ambientes foi, ainda, reforçada com a fusão de alguns ambientes, como a sala de jantar/estar. *Desde a criação de apartamentos e casas de duas salas ou salas-de-estar-jantar combinadas, o ambiente pequeno e médio, de 4,50 m X 5,00 m ou 4,00 m X 6,00 m, se tornou um dos principais problemas do decorador* (BRUCK, 1955:32, Habitat nº21).

Esta redução dos ambientes levou, inclusive, alguns arquitetos a projetarem o mobiliário como complemento dos apartamentos. Um exemplo disto foi o edifício Taba Guaianase, em São Paulo projetado por Lina Bo Bardi, cuja base para um perfeito funcionamento era a mecanização de todo o serviço doméstico e mobiliário na medida do homem, *não móveis monumentos* (Fig. 55 e 56). Nele as paredes eram móveis e as camas dobráveis (Habitat nº14, 1954).

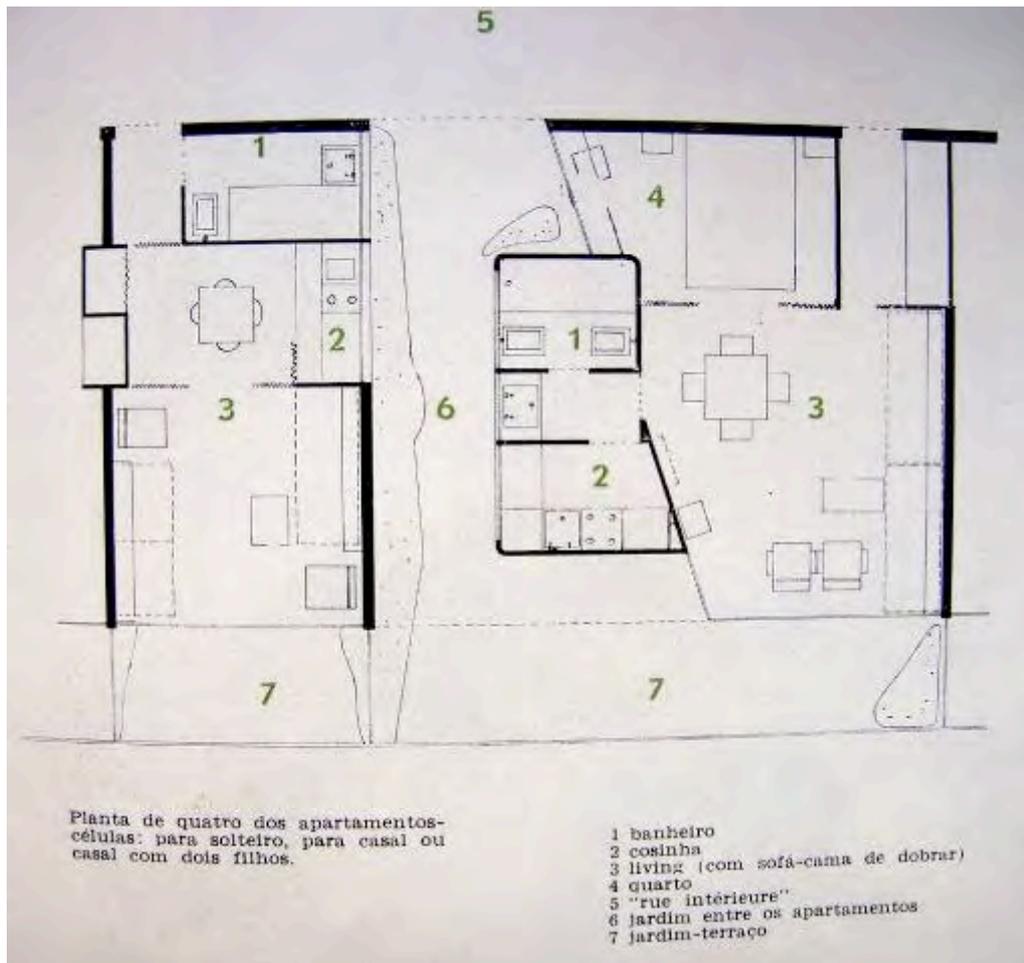


Fig. 55 // planta de um apartamento para solteiro e um apartamento para casal com ou sem filhos. O mobiliário teve que ser desenvolvido com base no tamanho compacto do ambiente, o que resultou em camas dobráveis estando representadas em projeção na planta baixa (Habitat nº14).



Fig. 56 // propaganda de poltrona que abre e fecha se tornando uma cama. Voltada para espaços pequenos, evidenciando "resolvido o seu problema de espaço!", ainda ressalta o conforto (Módulo nº8).

Entretanto, aos arquitetos não bastava mobiliar os interiores, tinham que reunir singeleza de linhas com o conforto ditado pelas necessidades de seus

habitantes. ... *Exige de seus criadores ampla compreensão da vida contemporânea e de vários de seus aspectos. Os moradores desta casa, quando confiaram sua execução ao arquiteto e ao decorador, o fizeram com a convicção de que eles lhes dariam o máximo de utilidade, conforto e beleza* (BRUCK, Habitat nº28, 1956:62).

Estas necessidades, por sua vez, seguiram o padrão ditado pela televisão e demais meios de comunicação em massa, como descrito anteriormente. Estes meios veiculavam, inclusive, fórmulas para planejamento de interior, determinando conceituações do que seria 'o bom gosto e o bem decorar'. Os ambientes brasileiros, e seu mobiliário, sofreram, assim, uma forte influência da estética norte-americana então em voga, passando a serem compostos, por vezes, com formas e volumes arredondados (Fig. 57).



Fig. 57 // propaganda de loja de decoração evidenciado que a equipe é decorada por decorador recém-chegado dos Estados Unidos, o que evidencia a grande valorização da cultura norte-americana e sua influência na forma de morar brasileira (Habitat nº5).

A difusão de ideais modernos passou a exigir a unidade total, uma perfeita integração entre arquitetura, interior e mobiliário, sintonizados em uma linguagem única, contemporânea. Surgiu, assim, as premissas de racionalidade, funcionalidade e limpeza formal dos interiores modernos, aplicadas anteriormente na arquitetura. Nas casas, essa integração era feita inclusive pela ligação interior/externo, propiciada pelo uso de grandes panos de vidro unindo o jardim ao espaço interno (Fig. 58 e 59).



Fig. 58 e 59 // Residência projetada pelo arquiteto Rino Levi, onde buscou-se a integração do interior com o exterior através de grandes panos de vidro. Percebe-se ainda a demarcação dos ambientes através do uso de tapetes e do mobiliário (Modulo nº02).

Nas salas, agora um ambiente único de jantar e estar, este conceito de unidade total também deveria ser aplicado. A divisão espacial ficou por conta do uso de tapetes, divisórias vazadas e do mobiliário, que se restringiu ao mínimo necessário com o intuito de libertar qualquer barreira visual (Fig. 60). Os móveis deveriam apresentar uma unidade entre si, até mesmo as cores e estampas tinham que ser pensadas em conjunto para atingir a integração espacial tão almejada (Fig. 61 e 62). Inclusive as texturas dos tecidos que compunham os móveis, tapetes e cortinas deveriam se relacionar entre si (Fig. 63) (BRUCK, Habitat nº21,1955).

Quem projeta parte do princípio que uma decoração não deve ser alguma coisa acrescentada no ambiente, mas sim formar um conjunto harmonioso onde as poltronas, mesas, móveis e cortinas tem de estar de acordo com os requisitos funcionais e que estejam ligados entre si. Tem que se adaptar ao espaço (Habitat nº27, 1956:34).



Fig. 60 // Um salão dividido em três ambientes, os tapetes sugerem a divisão pela variedade de cores e tamanho. Esta divisão é complementada pela disposição do mobiliário e pela estante vazada que permite a continuidade espacial. Percebe-se que o mobiliário utilizado é sóbrio e leve (Habitat nº21).



Fig. 61 // cadeiras de jantar em laca colorida em mais de uma cor, compõe com o colorido da cortinha listrada (Habitat nº21).



Fig. 62 // a cortina estampada compõe com mobiliário sem estampa, apenas com variação de cor. Sala de jantar e estar separadas por estante vazada que permite a integração e continuidade espacial (Habitat nº21).

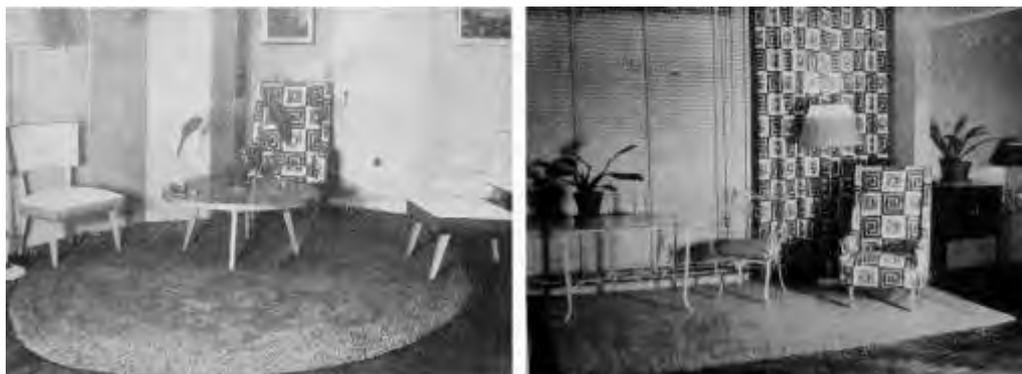


Fig. 63 // não só as estampas tinham que compor entre si, como também a textura dos tecidos. No caso das poltronas, tecidos com textura de teares manuais (Habitat nº21).

Além de integrado, estes ambientes ainda tinham que apresentar certo regionalismo através do uso de elementos locais e de expressões decorativas tradicionais (Fig. 64 e 65). *Usar materiais e criar formas, se possível, dentro de tais princípios, e talvez inspirá-los, ora na rede do nordeste, nos barrocos cozidos e decorados dos indígenas, no banco de madeira, uma só peça dos Carajás, nos tecidos das redes feitos de tucum e outras fibras. O que é necessário, o que se faz sentir no momento, é que a decoração enverede por um caminho próprio (TENREIRO, Módulo nº2, 1955).*

Sérgio Rodrigues acreditava que com o regionalismo seria possível conservar o espírito tradicional da arquitetura e dos equipamentos da habitação, que estavam se internacionalizando através dos meios de comunicação. *A nota tradicional no futuro só poderá ser dada por um toque regional, um objeto, uma peça do mobiliário, etc. o culto e a veneração por coisas relativas ao passado regional são indispensáveis no desenvolvimento de um povo (Módulo nº11, 1958).*



Fig. 64 e 65 // Apartamento com mobiliário de linha sóbria, predominantemente de madeira, selecionados entre os modelos já existentes no mercado. É complementado com peças indígenas, dando o toque de regionalismo incentivado pelas publicações especializadas do período (MODULO 14, apartamento na Praia de Ipanema).

Entretanto, até este regionalismo deveria ser planejado para atingir a unidade espacial idealizada. Assim, estes materiais regionais deveriam, antes de mais nada, apresentar relação com o ambiente (JEAN, Habitat nº25, 1955). Com a maior oferta de mobília no mercado, muitas moradias passaram a utilizar os móveis existentes no mercado brasileiro, modernizando assim estes ambiente. *Na escolha dos móveis e objetos, que, em vez de serem especialmente criados, foram em geral selecionados entre os modelos já existentes no mercado brasileiro* (Modulo nº14, 1959:39).

Apesar destas iniciativas modernas, ainda era possível encontrar apartamentos tradicionais, com móveis de estilo antigo, caracterizada como “estilo do vovô”¹⁰ (MACHADO, 2007). Eram comuns, ainda, salas que reuniam mobiliário antigo e novo, formando um contraste de estilo (Fig. 66 e 67).



Fig. 66 e 67 // sala de estar com mobiliário moderno contrastando com mobília antiga, escrivaninha italiana do século XVII no hall (Módulo nº10).

Além da mobília, equipamentos tecnológicos, tais como rádio-vitrola e alto falantes, também foram usados como pontos de destaque na decoração desses ambientes (Fig. 68 e 69). A televisão, por sua vez, causou mudança em relação ao conforto do local que a acomodaria, interferindo, inclusive, na iluminação do ambiente (fig. 70). No material pesquisado, entretanto, não foi encontrada nenhuma sala com televisão, talvez pelo seu alto custo tendo ficado o seu consumo restrito às classes mais abastadas. Vale ressaltar que elas eram grandes e ficavam normalmente embutidas em um mobiliário específico ou já eram fabricadas como um móvel (Fig. 71).

¹⁰ Esta denominação não era pejorativa, mediante a qualidade do mobiliário. Entretanto, dava a idéia de antigo, ultrapassado.



Fig. 68 // Sala de jantar com mobiliário de linhas retas, em madeira perobinha. Ao lado do Buffet encontra-se um alto falante que irradia a música tocada na rádio-vitrola situada num salão do subsolo da casa (Habitat nº22).



Fig. 69 // sala de estar com móvel da rádio-vitrola (Habitat nº27).

50

POLÍTICO	CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL	HABITAÇÃO	MOBILIÁRIO	INTERIOR
<p>o</p> <p>ssão "50</p>	<p>Ideário positivista, a modernidade como ideal.</p>	<p>Consolidação do apartamento como moradia moderna;</p> <p>Integração e/ou fusão de ambientes (como as salas);</p> <p>Integração interior/externo.</p>	<p>Busca de linguagem nova, moderna, com limpeza formal, livre de referências anteriores;</p> <p>Negação do móvel estilo antigo;</p> <p>Preocupação com produção mecanizada.</p>	<p>Integração e u</p> <p>Busca de uma moderna, simp linhas;</p> <p>Ambientes sim tudo se comu</p> <p>Móvel como o da arquitetura linguagem ún</p>
<p>dustrial, fábrica de s.</p>	<p>Inovações tecnológicas vinculadas ao ideal de modernidade.</p>	<p>Casa equipada como sinônimo de casa moderna;</p> <p>Compactação dos ambientes, em particular a cozinha (com os eletrodomésticos);</p> <p>Ampliação da área de serviço para abrigar máquina de lavar;</p> <p>Valorização do setor de serviço.</p>	<p>Início da produção mecanizada em pequena escala;</p> <p>Preocupação preliminar com antropometria, mediante redução de ambientes;</p> <p>Início de fabricação de móvel de desenho internacional por empresas brasileiras;</p> <p>Introdução de novos materiais no desenvolvimento da mobília.</p>	<p>Equipamentos utilizados com destaque;</p> <p>Valorização de interiores p ambientes cor</p> <p>Móvel como co arquitetura par redução dos an</p>
<p>meios de gem da</p>	<p>Forte influência norte-americana;</p> <p>Preocupação com padronização cultural.</p>	<p>Surgimento de plantas não ortogonais ou com paredes curvas com base na estética norte-americana;</p> <p>Tentativa de fusão jantar/cozinha e de integração de ambientes;</p> <p>Uso de nomenclaturas americanas para denominar ambientes.</p>	<p>Difusão do móvel moderno;</p> <p>Divulgação de linha organicista vinculada à estética norte-americana;</p> <p>Valorização do regional como diferencial do mobiliário brasileiro.</p>	<p>Difusão de con estéticos do es doméstico;</p> <p>Busca por regi que a decoraçã por caminho p</p> <p>Uso de novos equipamentos (penteadeira).</p>

80 90 00 10 20 30 40 50 60 70 80 90 00 01 02

CAPÍTULO 05

ANOS 60:

O apartamento pré-fabricado e o nacionalismo no móvel

5.1 // ANOS 60: O APARTAMENTO PRÉ-FABRICADO E O NACIONALISMO NO MÓVEL

A década de 60 iniciou com a transferência da capital do país para a nova sede no planalto central, Brasília. Símbolo da modernidade, a construção de Brasília representou, para muitos autores, a realização de maior impacto no âmbito do planejamento urbano do século XX (Fig. 01 e 02). Entretanto, os gastos governamentais com a obra da nova capital e as despesas do programa de industrialização iniciado na década de 50, somados a um sério declínio dos termos de intercâmbio com o exterior, resultaram em crescentes déficits do orçamento federal e no avanço da inflação.



Fig. 01 e 02 // Brasília representou um impacto no âmbito do planejamento urbano tão forte, que sua inauguração foi motivo de reportagem em jornais do mundo todo (Módulo nº18).

Assim, o começo da década de 60 caracterizou-se pela inflação crescente e quase paralisação dos investimentos. Neste contexto, Jânio Quadros venceu as eleições de outubro de 1960, pela primeira vez um presidente tomou posse em Brasília, encarnando as esperanças do futuro (Fig. 03). Em menos de sete meses essas esperanças foram desfeitas por sua renúncia, o que atirou o país em uma grave crise política. Tomou posse, então, o vice-presidente João Goulart, em setembro de 1961, ocasionando a mudança do sistema de governo de presidencialista para parlamentarista.



Fig. 03 // Propaganda da Panair do Brasil, destacando a nova capital do país como mais uma rota, ao lado de cidades importantes como Londres, Madrid, Lisboa, evidencia a esperança do futuro e de modernidade atrelada à Brasília (Módulo nº18).

A situação financeira era grave, houve uma escalada da inflação, cujo índice anual passou de 26,3%, em 1960, para 33,3%, em 1961, e 54,8%, em 1962 (FAUSTO, 2008:251). Em 31 de março de 1964, eclodiu o golpe militar que depôs o presidente da República João Goulart e levou à eleição indireta, pelo Congresso Nacional, do Gen. Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), dando início ao ciclo dos governos militares.

Este movimento de 1964 foi lançado, aparentemente, para livrar o país da corrupção e do comunismo e para restaurar a democracia. Entretanto, o novo regime começou a mudar as instituições do país através dos chamados atos Institucionais (AI), justificados como decorrência do exercício do Poder Constituinte, inerente a todas as revoluções

Enquanto o país vivia um dos seus períodos políticos mais tenebrosos, o governo alcançava êxitos na área econômica. Houve uma forte recuperação industrial em 1968, liderada pelas indústrias automobilística, de produtos químicos e de material elétrico. Para PIERUCCI (2007:134), do ponto de vista econômico-estrutural, 1964 representou muito menos uma descontinuidade e muito mais a ampliação das possibilidades do desenvolvimento-associado que Kubitschek havia explorado na segunda metade dos anos 50.

O orgulho da indústria nacional foi um sentimento imposto à população, com a produção automobilística brasileira, o automóvel virou símbolo de status

(VERISSIMO e BITTAR, 1999:79). A construção civil expandiu bastante, graças principalmente aos recursos fornecidos pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Reequilibradas as finanças, houve um incentivo ao crescimento econômico facilitando a expansão do crédito.

A expansão das modalidades de crédito, por sua vez, aumentou o poder de compra da classe média e facilitou a aquisição de bens duráveis. Isto acabou por contribuir para a popularização dos apartamentos e de novos equipamentos, tais como, os diversos eletrodomésticos e a televisão. *Após 1964, houve um grande avanço das telecomunicações do país. As facilidades de crédito pessoal permitiram a expansão do número de residências que possuíam televisão. Em 1960, apenas 9,5% das residências urbanas tinham televisão; em 1970, a porcentagem chegava a 40%* (FAUSTO, 2008:268).

As telecomunicações foram consideradas estratégicas na política de desenvolvimento e integração nacional do novo regime. Em 1967 foi criado o Ministério das Comunicações e instituído o Fundo Nacional de Telecomunicações (FNT) voltado para investir na expansão dos serviços. Os militares investiram na infra-estrutura necessária à ampliação e abrangência da televisão e aumentaram seu poder de ingerência na programação por meio de novas regulamentações. Em 1968 foi inaugurado um sistema de transmissão de microondas que estendeu o tráfego de ondas de televisão via terrestre para além dos estreitos limites anteriores. Logo depois, o governo brasileiro passou a financiar a comunicação via satélite (HAMBURGER, 1998:454).

Assim, o período registrou mudanças importantes, relacionadas aos avanços tecnológicos e a alterações nas grades de programação das emissoras. Os programas que haviam garantido o sucesso das emissoras de rádio, tais como as novelas e programas humorísticos e de calouros, foram aos poucos transferidos para a televisão. Em 1966, a Copa Mundial de Futebol da Inglaterra foi a primeira a ser transmitida ao vivo para todo o mundo e, em 1969, 100 milhões de brasileiros, assistiram a chegada do homem à Lua. A tecnologia do videoteipe permitiu o controle das matérias apresentadas aumentando o interesse dos patrocinadores e, por conseqüência, a expansão do veículo (BRITO, 2003:237, 247, 264).

À medida que a televisão foi se popularizando, ela foi ocupando locais que antes haviam sido ocupados pelo rádio, tais como a sala e a cozinha (VERISSIMO E BITTAR, 1999:123). Os aparelhos de rádio, que até então eram grandes e precisavam de energia elétrica para funcionar, características que ajudavam a determinar a escuta coletiva, reduziram de tamanho e obtiveram maiores facilidades de alimentação. Essas inovações determinaram importante alteração quanto ao uso e à escuta do rádio, que se tornou efetivamente individualizada quando os aparelhos puderam ser mais facilmente transportados (BRITO, 2003:238).

Com a consolidação dos meios de comunicação, houve uma grande divulgação e promoção das tendências estilísticas do mobiliário, da arquitetura e dos produtos industriais. Esta divulgação também foi ocasionada através de grandes exposições, feiras e concursos tanto no âmbito nacional como internacional (fig. 04). Estas iniciativas acabaram por divulgar as criações brasileiras, inclusive a mobília, colocando-as em destaque no panorama internacional.

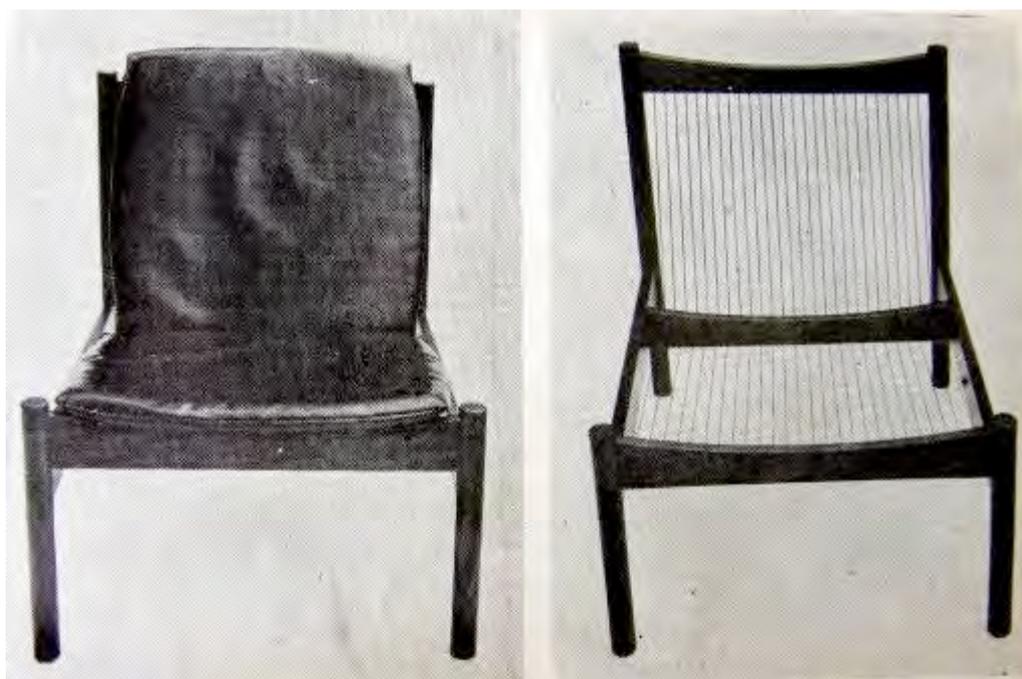


Fig. 04 // Concurso de utilidades domésticas, que conferiu o prêmio de desenho industrial Roberto Simonsen à Mobília Contemporânea, que apresentou esta poltrona desmontável. O grande número de feiras, concursos e exposições ocorridos no período, contribuiu para divulgação do desenho industrial brasileiro (Habitat nº76, 1964:51).

O crescimento do mercado de desenho de produto brasileiro acabou por evidenciar a necessidade da formação de desenhistas industriais, uma tentativa que fracassou na década anterior com a fundação do curso de Desenho Industrial do Museu de Arte de São Paulo, em 1950, que teve duração de apenas dois anos. Assim, em 1962, o ensino de desenho industrial foi introduzido na Universidade de São Paulo e, em 1963, foi fundada a Escola Superior de Desenho Industrial no Estado da Guanabara (atual Rio de Janeiro) (CAUDURO, Habitat nº76, 1964:50).

Os avanços produtivos também foram acompanhados de mudanças significativas no sistema de comercialização. Depois da origem do supermercado na década de 50, surgiu o shopping Center. O primeiro shopping inaugurado no Brasil, o Iguatemi em São Paulo em 1966, transformou-se num verdadeiro templo de consumo e de lazer. Com este novo tipo de comércio de varejo, cada vez mais passou a se comprar produtos industrializados, tais como, alimentos, produtos de higiene e roupas industrializadas. É ainda dessa época, o início do hábito de "comer

fora”, dos almoços e jantares em restaurantes elegantes (MELLO e NOVAIS, 1998:566).

Este período registrou, ainda, grande progresso da indústria farmacêutica, apesar de no Brasil predominar o laboratório estrangeiro sobre o nacional. Nesta década surgiu a pílula contraceptiva¹, que somada a outros fatores, causou mudanças consideráveis na organização familiar.

A família nuclear ainda era dominante, mas com mudanças consideráveis na sua estrutura. Em 1960, 57,7% da população brasileira com mais de 15 anos era casada e o número de casamentos não legalizados – a coabitação sem vínculos legais ou união consensual – representava apenas 6,5% do total das uniões registradas (BERQUÓ, 1998:416, 419).

O casamento teve um desenvolvimento na direção de maior igualdade entre os cônjuges e no direito de cada um à felicidade pessoal, declinando a distância social entre o homem e a mulher, o que era uma das velhas características da família patriarcal. No entanto, a diferenciação de funções persistia: o homem continuava o “cabeça do casal” e a mulher, a mãe, a dona de casa, a esposa.

Este desenvolvimento foi impulsionado, da classe média para cima, pelo acesso mais amplo da mulher à universidade, pela aceleração de sua entrada no mercado de trabalho, pela disponibilidade da pílula anticoncepcional, e pelo avanço do ceticismo e mesmo do ateísmo. Entretanto, o desejo de trabalhar, de independência financeira, passou a conviver, da classe média para cima, com o ideal da “rainha do lar” (Fig. 05).

A autoridade paterna e materna e o respeito aos mais velhos passaram a conviver lado a lado com o diálogo e as sanções morais. A educação dos filhos tornou-se mais liberal, o que se articula à revolução sexual que estava ocorrendo nos países desenvolvidos nesta década. *Dos estratos sociais superiores, a modernização da família e da moral sexual vai, aos poucos, se espraiando para a base da sociedade* (MELLO e NOVAIS, 1998:612, 613, 643).

Data deste período movimentos como os dos civis em favor dos negros e homossexuais, o feminismo e o hippie, também conhecido como movimento de contracultura. No final da década começaram a surgir novos formatos dos grupos domésticos: famílias monoparentais², casais sem filhos, uniões livres (inclusive de homossexuais), grupos coabitando sem laços conjugais ou parentesco (TRAMONTANO, 1998:196).

¹ combinação de estrogênio e progestágeno administrada oralmente para inibir a fertilidade normal da mulher.

² Família monoparental é a “comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”. http://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia_monoparental.



Fig. 05 // o início da inserção das mulheres no mercado de trabalho gerou propagandas de mobília para escritório voltada para o público feminino, como esta da Securit (Habitat nº 67, 1962).

Paralelamente a estes movimentos, o meio artístico e cultural brasileiro, apresentava-se efervescente, vivendo um cruzamento de crise nos diversos setores de manifestações artísticas, que correspondeu à constituição de um novo projeto estético, cuja tônica principal foi a luta por uma arte autenticamente nacional e de contestação. Nesta época esquentou, entre outros, o debate sobre questões voltadas ao nacionalismo e sua relação com a cultura popular brasileira (SANTOS, 1995:125). Essa regionalidade pode ser percebida no pavilhão brasileiro da Trienal de Milão de 1964, cujo projeto de Lucio Costa utilizou redes nordestinas representando o “tempo livre” (MAURÍCIO, 1964:28) (fig. 06).

Segundo Galli (1988:33), surgiu, neste momento, um pensamento independente, dinâmico, criativo e fundamentalmente voltado para a modernidade, como nos tempos de JK. Isso se manifestou no jornalismo, na publicidade, na música popular, na arquitetura, nas artes plásticas, e também no móvel nacional.

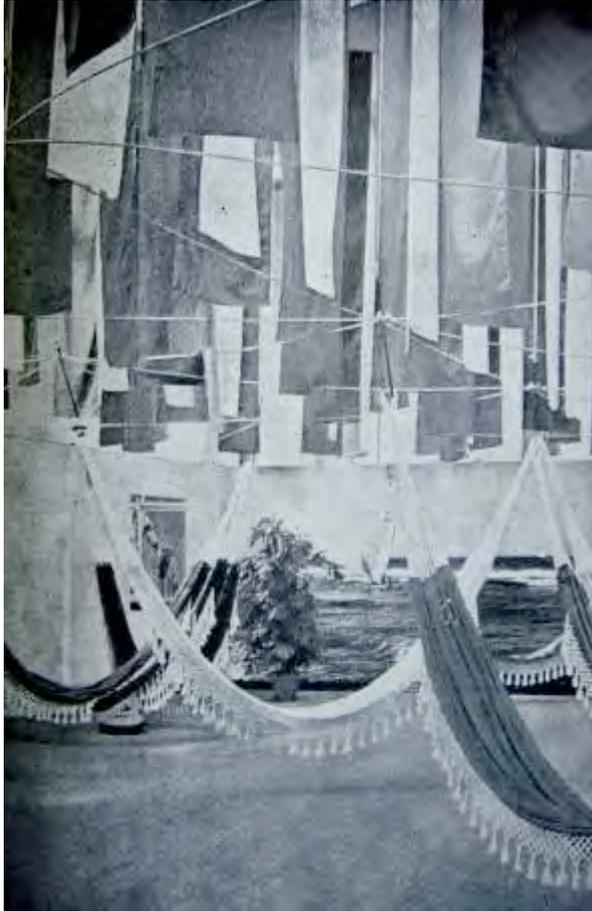


Fig. 06 // pavilhão brasileiro da Trienal de Milão de 1964, com redes nordestinas. Ressalta o caráter de regionalidade visado na época (Módulo nº38, 1964:38).

Diante deste quadro, o país, no final da década, passou a crescer em um ritmo impressionante. Começou, assim, o período chamado “milagre econômico”, como é conhecida a etapa de crescimento econômico a partir de 1968, caracterizada pela participação das multinacionais na produção de bens de consumo e pela internacionalização desse setor. Este crescimento teve grandes reflexos na década seguinte.

5.2 // APARTAMENTO ANOS 60: A PRÉ-FABRICAÇÃO DA UNIDADE

A partir de 1964, com o golpe de Estado, a produção habitacional passou a ser intensivamente monitorada pelo poder federal, através do Sistema Financeiro da Habitação – SFH - e do seu agente central, o Banco Nacional da Habitação - BNH. A política habitacional deste momento priorizou os investimentos na construção intensiva de casas para venda tanto como forma de estimular o setor da construção civil como para amenizar o desemprego.

A diretriz não era assegurar condições mínimas de habitação e sim implementar um setor produtivo e combater o desemprego, o que gerou conjuntos habitacionais com padrões de qualidade muito baixos. Distorções da política habitacional deste período levaram o Banco Nacional da Habitação a contemplar, sobretudo, o financiamento de moradias para classe média e alta (SEGAWA, 1997:180).

Com o crescimento do poder aquisitivo da classe média emergente, o mercado de produção de apartamentos foi ampliado. Assim, os anos 60 vieram reafirmar o sucesso dos edifícios de apartamentos, que passaram a ocupar regiões suburbanas, uma vez que a casa própria passou a ser incentivada. A arquitetura passou a ser produzida em série por construtoras que começaram a dominar o mercado utilizando a mídia como instrumento.

A construção em série estimulou o uso de elementos pré fabricados com o intuito de acelerar o andamento da obra. Nas revistas especializadas em arquitetura do período, é comum encontrar artigos sobre casas industrializadas e pré fabricadas. A construção em série influenciou ainda para que todos os apartamentos de um mesmo edifício fossem idênticos, com preço idêntico, facilitando sua comercialização (TRAMONTANO 2004:43). TRAMONTANO (2004:77) afirma que as plantas dos apartamentos dos anos 60 deixam clara a mudança na maneira de conceber os edifícios e as unidades, utilizando, então, a estrutura como ponto de partida para o dimensionamento de cômodos e aberturas (fig. 07, 08, 09 e 10).



Fig. 07 // Casa pré-fabricada, projeto de Sérgio Rodrigues (Módulo nº23, 1961:26).

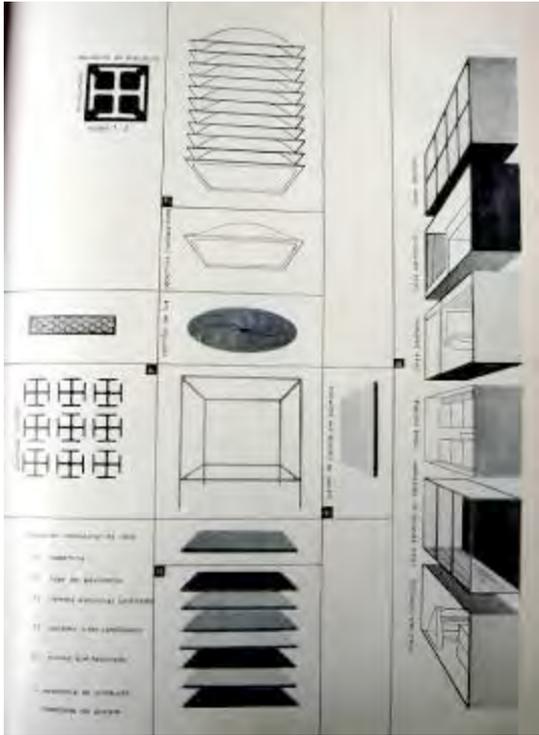


Fig. 08 e 09 // Elementos pré-moldados de uma casa, como a laje dos pavimentos, a cobertura e as paredes. Acima tem-se a vista interna da casa produzida com estes elementos (Habitat nº60, 1960:19 e 22).



Fig. 10 // propaganda de fôrma madeirit, com a promessa de acelerar o andamento da obra e economia de mão-de-obra (Acrópole nº262, 1960).

Em relação à área comum do edifício, esta década veio consolidar a tendência iniciada no decênio anterior: a valorização deste espaço com equipamentos como playgrounds e salões de festa, acrescidos, então, com piscina, uma novidade. Houve ainda um aumento significativo de prédios dotados de garagens, consequência da ampliação do mercado de automóveis e do status a ele agregado.

A maioria dos apartamentos do período seguiu a tripartição dos setores (social, íntimo e serviço) e a distinção das entradas (serviço e social) percebidas nas décadas anteriores (Fig. 11) (VILLA, 2002:142). Entretanto, PAULA (1007:69) afirma que a entrada social, no caso do Rio de Janeiro, foi simplificada, passando a ser comum a conexão direta do acesso social à sala de estar ou jantar, sem hall intermediário, o mesmo foi verificado na cidade de São Paulo. As salas se localizavam na parte mais externa da unidade e continuavam articuladoras, ligando um cômodo a outro, como na década de 50 (fig. 12 e 13) (TRAMONTANO, 2004:53).



Fig. 11 // percebe-se claramente a tripartição dos setores e a distinção das áreas de serviço e social, a exemplo do que vinha ocorrendo nos anos anteriores (Habitat nº84, 1965:32).

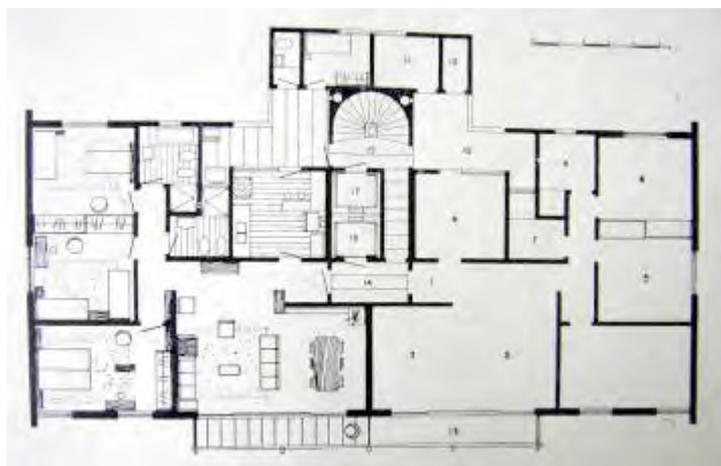


Fig. 12 // A solução adotada na entrada deste apartamento, com hall intermediário conectando a entrada social à sala e a cozinha à sala, foi sendo deixada de lado (Acrópole nº264, 1960).

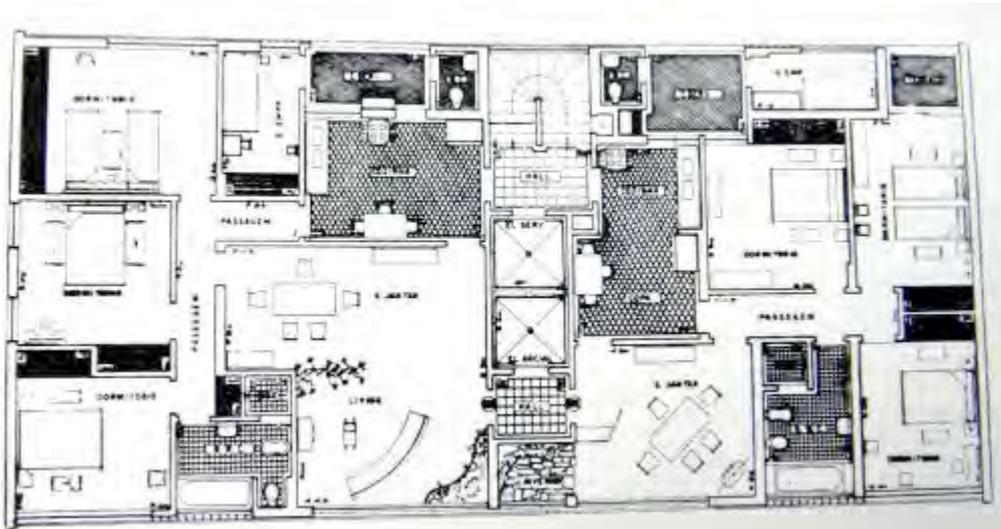


Fig. 13 // a entrada social passou a se conectar diretamente à sala, sem a presença de hall intermediário. O mesmo ocorreu com a cozinha (Acrópole nº262, 1960).

O setor social ainda correspondia à maior parte do apartamento ocupando em média 1/3 da área total (TRAMONTANO, 2004:45). Apesar da ampla dimensão, este setor deixou de contar com a presença da varanda. As salas passaram a se conectar com o exterior através de grandes panos de vidro, expondo o ambiente à ampla penetração de luz (Fig. 14 e 15) (VERISSIMO e BITTAR, 43). Apesar desta grande abertura, a ventilação deste ambiente foi prejudicada uma vez que deixou de contar com aberturas em fachadas opostas, facilitadoras da circulação cruzada de ar, em função do aumento de unidades por andar e do uso de terrenos estreitos e profundos (TRAMONTANO, 2004:43). A extinção das varandas e do uso de ventilação cruzada coincidiu com o uso mais abundante dos aparelhos de ar condicionado, que se tornou mais acessível com a expansão do crédito (Fig. 16).

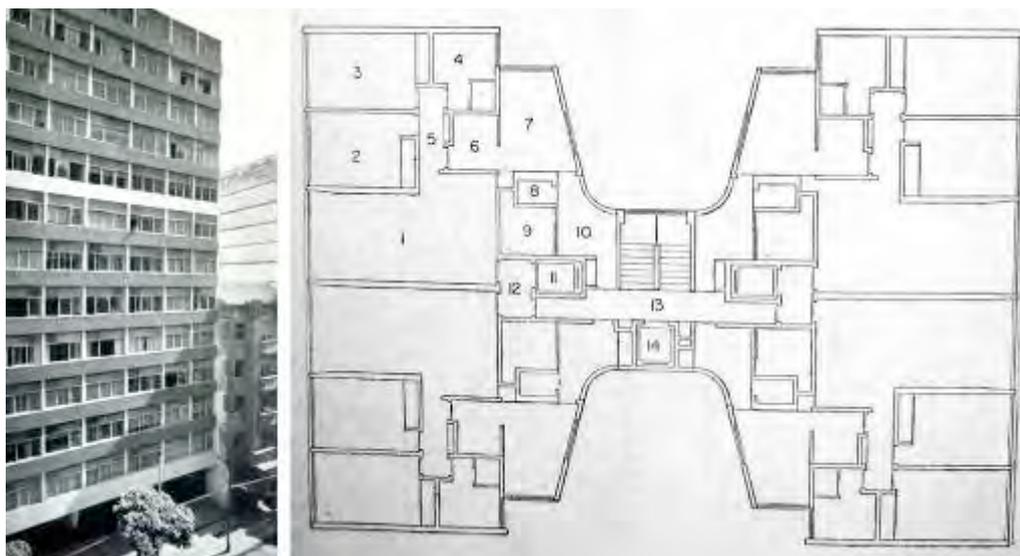


Fig. 14 e 15// A sala se conecta com o exterior através de ampla janela, não há mais presença de varanda. Imagem e planta de apartamento sem a presença de varanda (Módulo nº22, 1961: 14 e 17).



Fig. 16 // Propaganda de ar condicionado, com o anúncio de modernizar a construção, modernizar o projeto e valorizar o imóvel (Acrópole nº 262, 1960).

Este setor era comumente composto por sala de jantar e estar (também denominado living room), integradas em um único espaço, devendo esta separação ser feita com a mobília, como na década anterior (Fig. 17). Apesar da televisão ter se popularizado, ainda não era comum, nas plantas dos apartamentos, ambientes específicos para ela. Normalmente ela era disposta no living, cabendo também ao móvel, se adaptar a esta função (Fig. 18) (Casa e Jardim nº170, 1969:83).



Fig. 17 // Apartamento com salas conjugadas, a disposição do mobiliário que definiu os ambientes (Acrópole nº254, 1959:62).

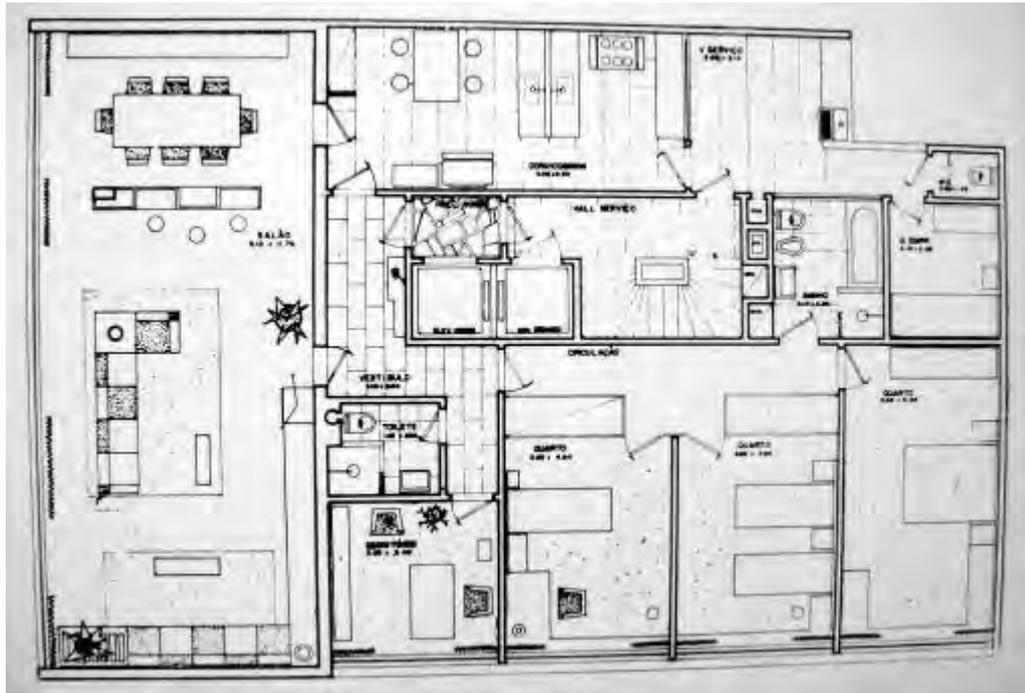
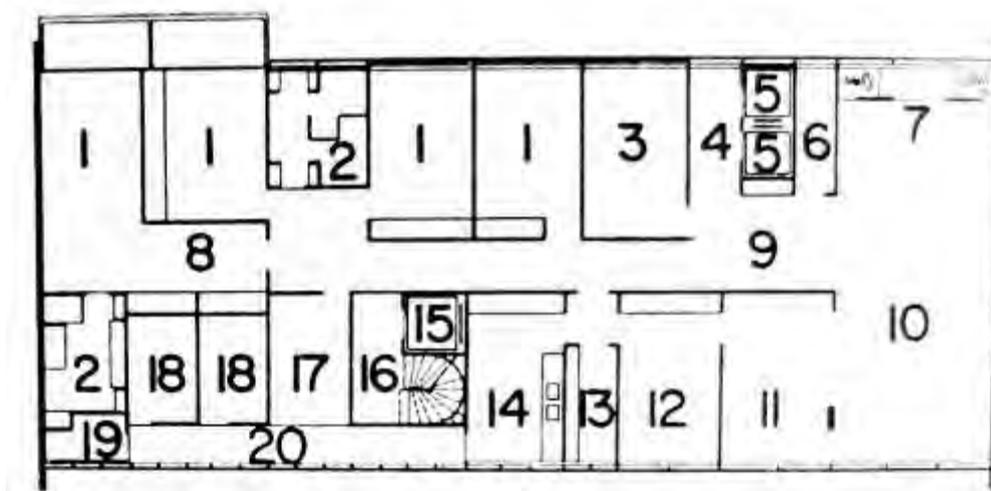


Fig. 18 // não havia ambiente específico para televisão. Normalmente ela era posicionada no living, como indica esta planta (Acrópole nº302, 1960:55).

Segundo TRAMONTANO (2004:135) nos grandes apartamentos, desta década, é clara a delimitação espacial das atividades de recepção de convidados e visitantes em salas e varandas. O lavabo, que surgiu como marca indiscutível do bem-receber ainda na década de 50, passou a ser mais comum e estava normalmente localizado próximo à sala de jantar (TRAMONTANO, 2004:159).

A grande novidade do período neste setor, segundo VILLA (2002:143), foram os escritórios, que começaram a constar de maneira mais significativa nos apartamentos da elite. Este, por sua vez, se encontrava, comumente, localizado ao lado dos dormitórios do apartamento, como se pudesse se tornar, caso necessário, mais um quarto, o que aponta para o princípio do “quarto reversível”. Vale salientar que com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, este espaço também passou a ser por elas utilizados (fig. 19).

O setor social passou a ser ligado mais diretamente ao de serviço do que nas décadas anteriores. *A copa se incorpora às cozinhas e estas se tendem a se conectar diretamente à área social, sem buscar tanto a interposição de espaços intermediários, como nos anos anteriores, através da sala de jantar* (PAULA, 2007:68). VILLA (2002:143) afirma que esta integração de setores também era feita, em alguns casos, através da conexão da cozinha diretamente ao living. Esta integração pode ser justificada a partir da valorização da cozinha com a introdução dos eletrodomésticos, ocorrida na década anterior.



Pavimento tipo - Standard floor

- 1 Dormitório - Bedroom
- 2 Banheiros - Bathrooms
- 3 Escritório - Office
- 4 Hall social - Front hall
- 5 Elevador social - Front lift
- 6 Lavabo - Wash-room
- 7 Terraço - Terrace
- 8 Tórcador - Dressing-room
- 9 Vestíbulo - Lobby
- 10 Sala de estar - Lounge
- 11 Sala de jantar - Dining-room
- 12 Sala de almoço - Breakfast-room
- 13 Despensa - Store-room
- 14 Cozinha - Kitchen
- 15 Elevador de serviço - Service lift
- 16 Hall de serviço - Service hall
- 17 Lavandaria - Laundry
- 18 Quartos de empregada - Servants' rooms
- 19 W. C. de empregada - Servants' W. C.
- 20 Área de serviço - Service area

Fig. 19 // presença do escritório próximo aos quartos, princípio do quarto reversível (Módulo nº23, 1961:36).

A cozinha, como na década anterior, apresentou o formato próximo ao do quadrado e foi cada vez mais equipada com os mais diversos eletrodomésticos (fig. 20). A área de serviço continuou a existir, com espaço destinado à máquina de lavar, e com a presença de cômodo para empregados na maioria das unidades (fig. 21, 22 e 23) (VILLA, 2002:145).



Fig. 20 // propaganda da 'Kitchens' salientado que a cozinha não deve parecer uma máquina de alimentar a família, deve, sim, ter beleza e muitos armários (Casa e Jardim nº105, 1963).

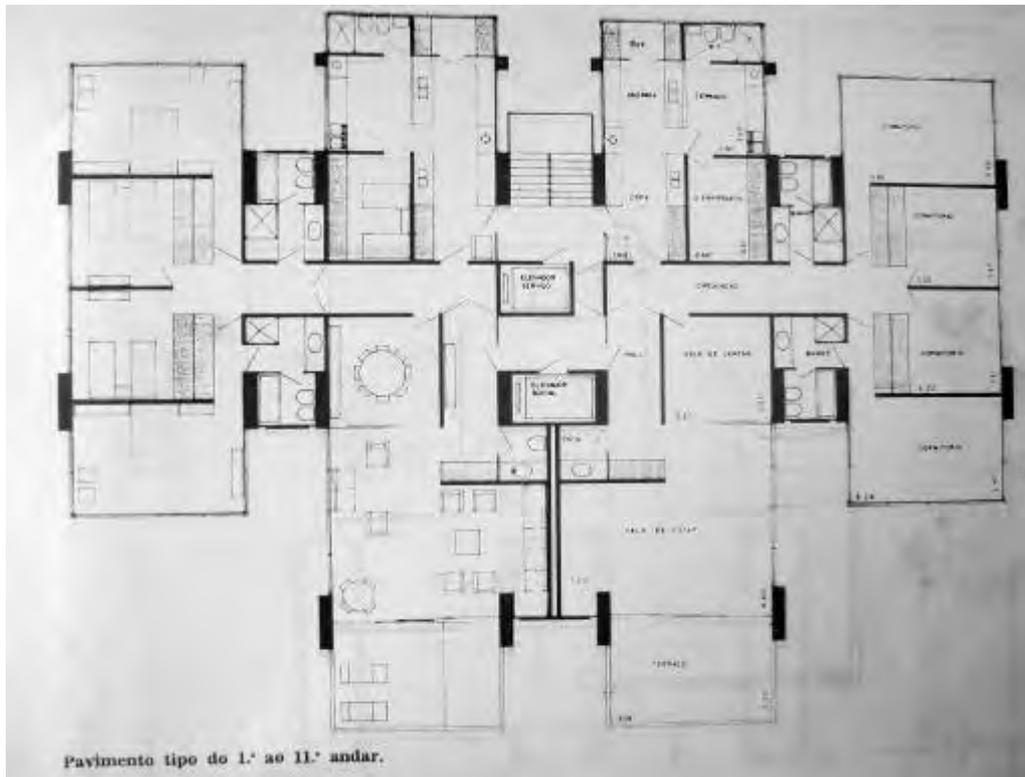


Fig. 21 // a área de serviço ainda era composta de cômodo de empregados e local para tanque e máquina de lavar (Habitat nº84, 1965:31).



Fig. 22 // a lavanderia ideal deveria contar com tanque, taboa de engomar, lavadora e secadora (Casa e Jardim nº163, 1968:91).



Fig. 23 // propaganda evidenciando que em todo lugar do mundo o natural é confiar na máquina de lavar (Casa e Jardim nº105).

Ao tempo que o setor social se ligou mais diretamente ao de serviço, o setor íntimo se encontrou cada vez mais segregado do restante do apartamento. Os dormitórios eram os cômodos mais protegidos dos apartamentos, por estarem distantes das entradas das unidades. O quarto do casal, por sua vez, era o mais distanciado, e apresentava comumente dois espaços, um para a cama outro para o toucador (quarto de vestir). A penteadeira, como nos anos 50, era indispensável (Fig. 24) (TRAMONTANO, 2004:87, 91).

Este, ainda passou a incorporar um banheiro, dando origem à suíte, a grande novidade do setor íntimo na década de 60. Os grandes apartamentos da década de 1950 foram os primeiros a receber um segundo banheiro, em geral contíguo ao primeiro, ambos se abrindo para o mesmo corredor. Seus usos estratificados

segundo o papel desempenhado pela família, aliados a novas concepções de vida conjugal³, podem ter contribuído para o deslocamento de um desses banheiros para dentro do quarto do casal (TRAMONTANO, 2004:159).

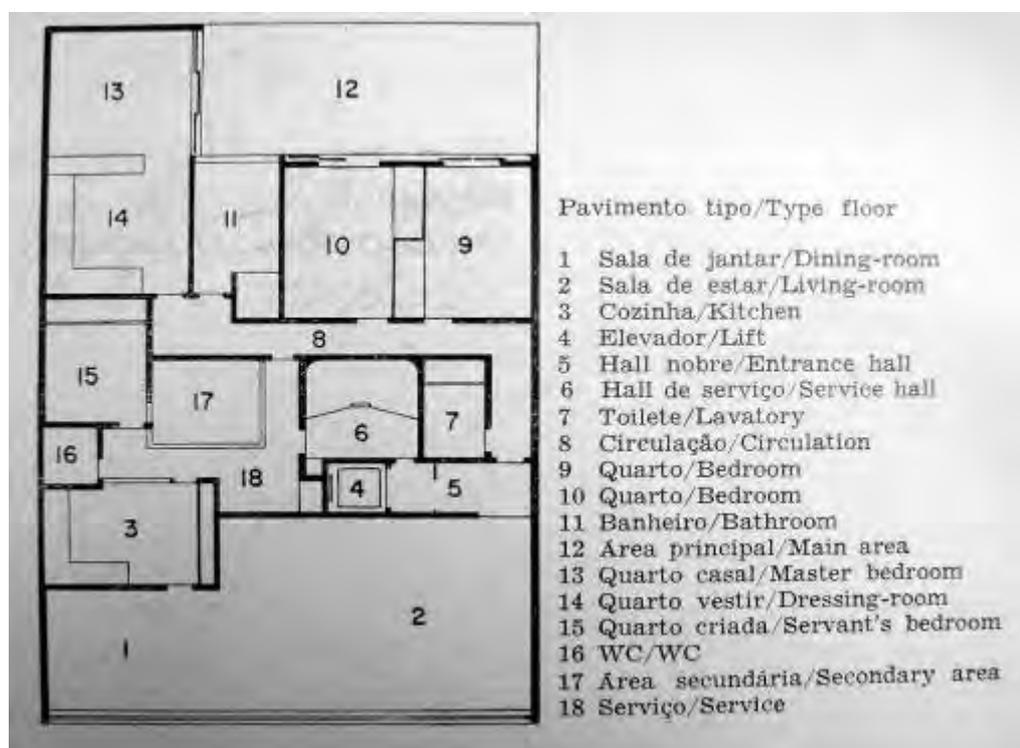


Fig. 24 // os dormitórios encontravam-se distantes da entrada da unidade. O quarto de casal dispunha de área de tocador (quarto de vestir) separada (Módulo nº23, 1961:13).

A origem da suíte do casal e a sua disposição mais segregada em relação não só ao setor íntimo, mas em relação a todo o apartamento, posicionado muitas vezes no final do corredor de acesso aos quartos, aponta para a diminuição do papel de controle dos filhos pelos pais e para o maior convívio do casal.

Não é por acaso que o surgimento de suítes conjugais nas plantas coincide com a disseminação da pílula-anticoncepcional, a liberalização de comportamentos femininos e a inserção definitiva da mulher no mercado de trabalho. Esse fenômeno tem como data fundamental o ano de 1965, considerado por estudiosos de varias partes do mundo como o 'turning point' das taxas de fecundidade (TRAMONTANO, 2004:89).

Em alguns apartamentos do final da década de 60, outros dormitórios passaram a contar com banheiros privativos consolidando uma tendência de individualização, que acompanha a tendência de diminuição do número de filhos e de crescente respeito e incentivo à vida privada de cada membro do grupo doméstico (Fig. 25). Nos banheiros, ainda era comum a presença da banheira, seguindo o hábito de higiene disseminado nas décadas anteriores. Os banheiros, por

³ citadas anteriormente no item 5.0.

sua vez, sofreram um processo de valorização, recebendo revestimentos e louças mais nobres (Fig. 26).

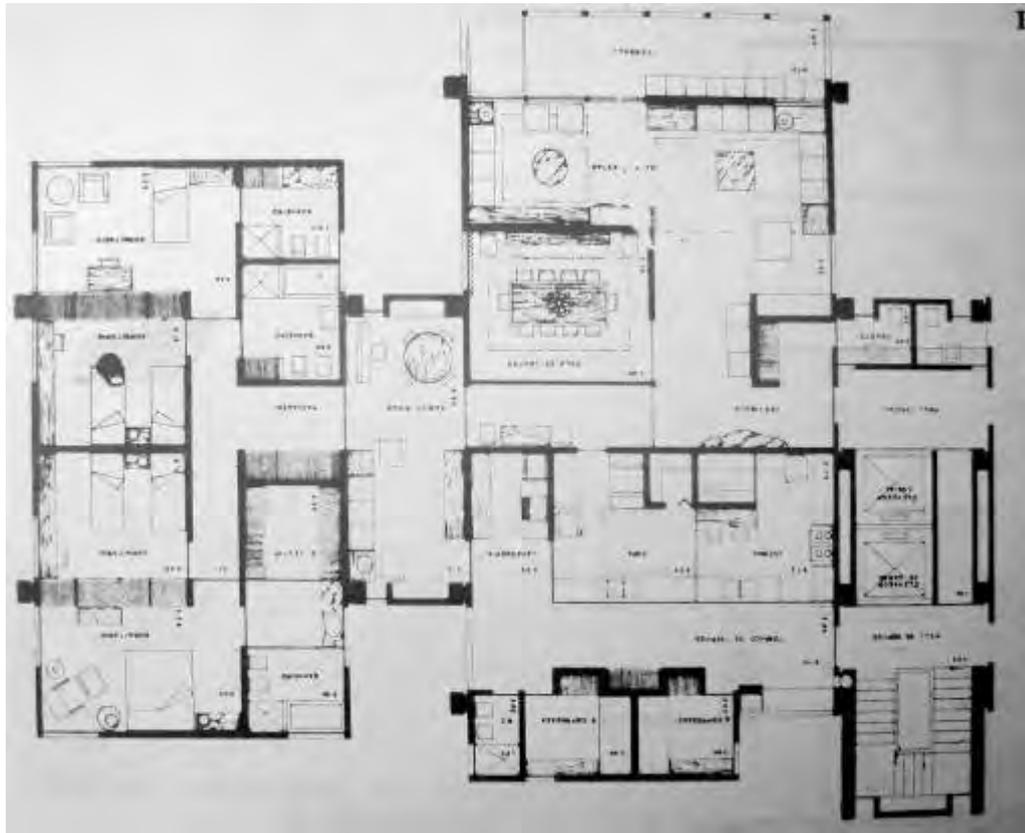


Fig. 25 // além da suíte do casal, outro dormitório apresenta banheiro. Percebe-se a presença de banheiro nos três banheiros do setor íntimo (Habitat nº84, 1965:24).



Fig. 26 // propaganda celite, apontando maior diversidade de cores e modelos de louças para banheiro (Habitat nº64).

Com a padronização dos apartamentos e de seus ambientes, conseqüente da construção em série, coube cada vez mais à mobília e à decoração de interiores personalizarem estes espaços. A produção do mobiliário brasileiro continuou, assim, ganhando mais mercado ao tempo que prosseguiu na busca de uma linguagem com raízes brasileira.

5.3 // O REGIONALISMO NA MOBÍLIA DE 60

Nos anos de 1950, o estímulo desenvolvimentista influenciou a produção moveleira e diversas indústrias foram criadas. O design nacional, segundo GALLI (1988:33), já havia alcançado maturidade, tendo obtido feições brasileiras. SILVA (Casa e Jardim, nº164, pág. 46) afirma que o período de transição, termo que utilizou para denominar a fase inicial de tentativa de modernização da mobília brasileira, começou a desaparecer, dando lugar a algo mais autêntico e coerente com a cultura da sociedade moderna brasileira.

SANTOS (1995:124), ao abordar o ideário estético que presidiu o móvel brasileiro do período, assegura que a tendência à apropriação e à absorção de padrões internacionais de desenho sofreu um processo gradativo de aculturação, enriquecendo-se com os elementos nativos e, em consequência disto, produziu-se, um móvel com formas originais, mais condizentes com as condições locais e com expressivo caráter brasileiro.

Este móvel moderno de 60 podia ser descrito como: *o moderno é o contemporâneo, de nossa época, o construído com materiais e métodos atuais, usufruindo-se de toda a tecnologia atual e mantendo sua função na devida conta* (FLORES, Habitat nº60, 1960:26).

Assim, deu-se continuidade ao processo de desenvolvimento da mobília iniciado nas décadas anteriores, seguindo o ideal de modernidade, como nos tempos de JK. Características como moderno, prático e funcional apareceram em inúmeras propagandas de mobília do período, valorizando o seu produto (Fig. 27 e 28).

De acordo com TEIXEIRA (1996:42), os rumos para o desenvolvimento do mobiliário nesta década foram caracterizados pelos desdobramentos das inúmeras iniciativas dos anos anteriores. As cópias, a exemplo do que ocorreu no decênio de 50, continuavam sendo recriminadas (fig. 29).



Fig. 27 e 28 // Propaganda da loja de mobiliário Forma, evidenciando que sua mobília são exemplos de conforto, beleza e funcionalidade (Habitat nº60, 1960).



Fig. 29 // as cópias de móveis eram recriminadas como aponta esta propaganda da loja arredamento (Casa e Jardim nº164, 1968).

Houve a introdução de novos materiais decorrentes, muitas vezes, de pesquisas de outros campos tais como a indústria automobilística, que contribuiu para o uso de espuma de plástico nos assentos de cadeiras e poltronas, substituindo o sistema de molas e propiciando maior conforto a essas peças (Fig. 30). O conforto (característica que se tornou importante no decênio anterior com a origem da televisão), por sua vez, parece ser um ideal a atingir sendo utilizado em inúmeros anúncios publicitários de móveis, agregando qualidade a seus produtos.



Fig. 30 // propaganda de poltrona com assento em espuma látex, afirma ser garantia de conforto (Módulo nº17, 1960).

O aprimoramento de novas técnicas e materiais no mobiliário brasileiro foi, ainda, propiciado através do licenciamento de produção de móveis estrangeiros por indústrias nacionais, a exemplo da Forma, que no final da década passada começou a produzir peças da Knoll International. A produção dos móveis da Herman Miller no Brasil pela Teperman, por exemplo, acabou permitindo o uso de novas tecnologias como a fibra de vidro, o alumínio fundido, o compensado moldado e o sistema de aderência da borracha à madeira (Design & Interiores nº05, 1987).

Apesar do avanço em relação a novas matérias primas, o uso de madeira de lei, perfis de metal cromado ou pintado e de materiais regionais como a palhinha e junco, ainda foi abundante. O laminado predominou como revestimento, o que pode ser justificado pelas inúmeras opções de cores (TEIXEIRA, 1996:42). Cores saturadas também foram utilizadas nos estofados e assentos de cadeiras, poltronas e sofás, e, mesmo, na mobília italiana em plástico ABS (PEREIRA) (fig. 31 e 32).



Fig. 31 // propaganda da loja Forma, com mobiliário em cores fortes (Casa e Jardim nº176, 1969).



Fig. 32 // propaganda da loja de móveis OCA, apresentando móveis em tons diversos (Casa e Jardim nº178, 1969).

A produção de mobília do período foi bastante divulgada através dos meios de comunicação, concursos, exposições e feiras, o que acabou por destacar a produção brasileira no panorama internacional e contribuir para a consolidação do desenho industrial nacional. Este desenho, por sua vez, refletiu a questão do nacionalismo e sua relação com a cultura popular vigente do período. O mobiliário,

em particular, manifestou essa preocupação com o tema do nacional-popular, ainda que de maneira muito tênue.

Enfim, percebe-se uma maior ênfase no uso de materiais brasileiros, acompanhada de maior preocupação com as formas do móvel vernacular do país e da tentativa da produção em série, que visou atender, também, as camadas mais populares. Enfim, já estavam assegurados os novos princípios do móvel e foi, então, iniciada uma série de experiência de desenho e execuções semi-industrial e industrial que trouxe ao móvel moderno brasileiro um nível de maturidade significativa (SANTOS, 1995:124, 125). Estas experiências deram, então, continuidade ao processo iniciado na década anterior.

5.3.1 // A Consolidação da Indústria Moveleira de 60

Muitas iniciativas importantes em relação ao mercado de mobiliário que tiveram início na década anterior, como a Unilabor, o Branco & Preto e a Ambiente, continuaram presentes no mercado até aproximadamente a metade da década. A Ambiente, inclusive, construiu uma nova fábrica, em 1963, procurando *atender ao constante aumento da capacidade de consumo, criado pelo desenvolvimento, e proporcionar às camadas menos favorecidas, maiores possibilidades de aquisição* (Habitat nº73, 1963: 37). Outros empreendimentos persistiram como a Forma, que continuou a produzir mobiliário com o consagrado design da Bauhaus⁴ (Fig. 33). E ainda, surgiram novas empresas e designers, que foram importantes no desenvolvimento da mobília do período.

Para muitos autores, Sérgio Rodrigues foi o designer brasileiro que mais se preocupou com os valores e materiais nacionais, tendo desenvolvido um mobiliário arraigado de formas e padrões da cultura brasileira. Sua obra teve início na década anterior, mas sua proposta estética antecipou exemplarmente os principais temas e tendências do móvel brasileiro, ocorridos nos anos 60, sendo um elemento fundamental para a compreensão desse período. O trabalho dele manifestou a preocupação com o tema 'nacional', presente nos movimentos artísticos em geral deste período (SANTOS, 1995:104).

⁴ A partir de sua associação com a Knoll Internacional, descrito no capítulo anterior.



Fig. 33 // a loja Forma continuou atuante no mercado brasileiro, desenvolvendo mobília moderna, inclusive com diferentes possibilidades de combinação para atender às diferentes necessidades (Módulo nº17, 1960).

O seu interesse pela cultura brasileira se manifestou na loja de móveis OCA, fundada por ele em 1955 (fig. 34). Ela começou vendendo modelos de fabricação paulista juntos com alguns modelos desenvolvidos especialmente para a loja e um ano após sua inauguração, foi fundada uma fábrica própria com modelos exclusivos. A OCA teve participação em diversas exposições internacionais, e, segundo Lúcio Costa⁵ (Habitat nº75, 1964: 48), expressou bem o significado da palavra: *OCA é casa indígena. A casa indígena é estruturada e pura. Nela, os utensílios, o equipamento, os apetrechos e paramentos pessoais, tudo se articula e integra, com apuro formal, em função da vida. A simples escolha do nome define o sentido da obra realizada por Sérgio Rodrigues e seu grupo.*

O desejo imperioso de conceber um móvel que expressasse identidade nacional o levou a desenhar uma de suas mais importantes obras: a poltrona mole (Fig. 35 e 36). Seu caráter grosso incorporou o espírito de brasilidade, o que a levou a ganhar o primeiro prêmio da Bienal Concorso Internazionale Del Mobile na Itália, tendo sido um dos critérios da premiação a expressão de regionalidade. Consiste em uma cadeira em madeira com braços, ligeiramente reclinada, com assento em correias de couro reguláveis, sobre o qual, são colocados almofadões sendo um convite ao repouso (Módulo nº29, 1962:29). Pode-se dizer que ela atingiu o ideal de conforto visado no período.

⁵ Histórico da Oca. In: Habitat nº75, 1964: 48.



Fig. 34 // Propaganda da loja Oca, fundada por Sérgio Rodrigues em 1955 (Módulo nº27,1962).

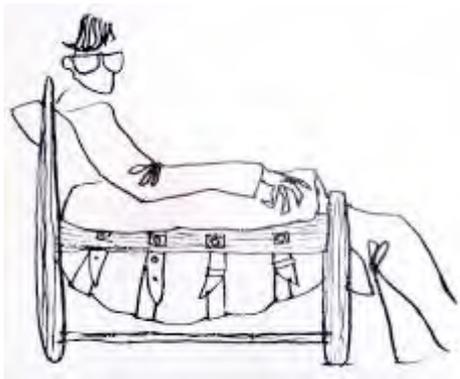


Fig. 35 e 36 // Croqui e foto da poltrona mole, 1957, de Sérgio Rodrigues. Estrutura em madeira maciça torneada, com travessas que permitem a passagem de correias em couro. Sobre estas correias, apóiam-se os almofadões do assento e encosto (Módulo nº 29, 1962).

Esta cadeira ainda antecipou a “estética da grossura” que, posteriormente, foi a base de alguns movimentos de vanguarda engajada no final da década (SANTOS, 1995:127). Além da poltrona mole, Sérgio Rodrigues desenvolveu muitas outras peças que representam uma importante contribuição para o desenvolvimento do móvel moderno no Brasil (Fig. 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44).



Fig. 37 e 38 // croqui e foto da Poltroninha Jockey, em madeira esculpida com assento e encosto em palhinha de Málaca. Os braços são esculpidos em peça única. 1957, Sérgio Rodrigues (Módulo nº29, 1962).

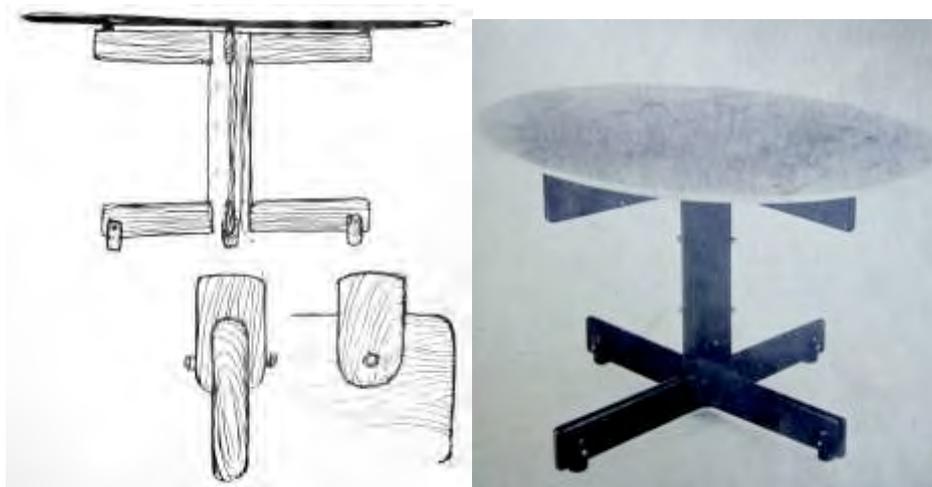


Fig. 39 e 40 // Croqui e foto de mesa, com tampo em mármore carrara ou cristal, base em jacarandá maciço e guarnições em latão cromado. Sérgio Rodrigues, 1959 (Módulo nº29, 1962).



Fig. 41// Poltrona, desenho de Sérgio Rodrigues, 1961. Estrutura interna de compensado revestido de tecido. Almofada em látex e base em jacarandá maciço (Módulo nº29, 1962).

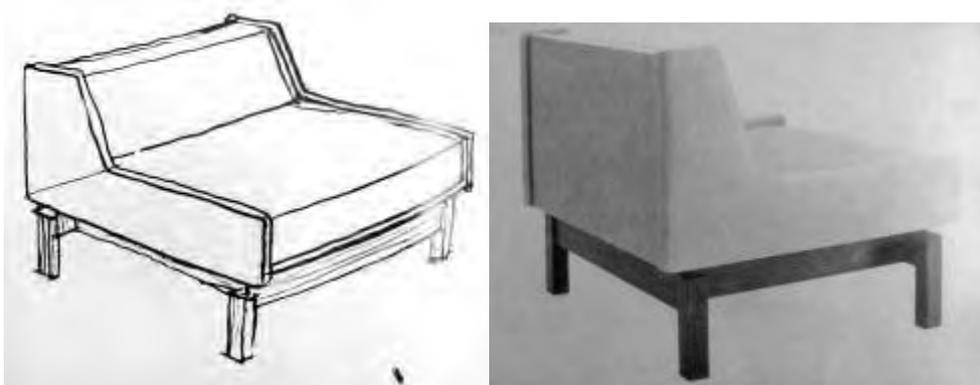


Fig. 42 e 43 // Croqui e foto de poltrona, desenho de Sérgio Rodrigues, 1961. Estrutura interna de compensado revestido de tecido. Almofada em látex e base em jacarandá maciço (Módulo nº29, 1962).

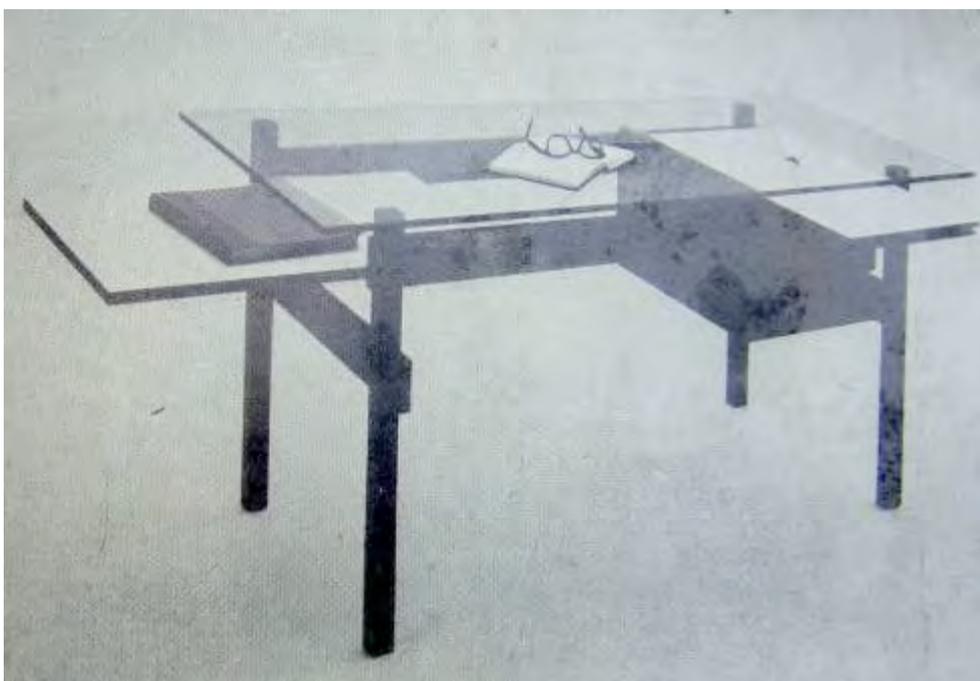


Fig. 44 // Escrivainha, Sérgio Rodrigues, 1958. Tampo de cristal, dois planos auxiliares em fórmica branca, estrutura e gaveteiros em madeira de lei (Módulo nº29, 1962).

Outra iniciativa importante no período, embora com vertente distinta da de Sérgio Rodrigues, foi a de Michel Arnoult, que buscou soluções para os equipamentos de interiores que propiciassem melhor adequação à redução do espaço habitável, conseqüente do processo de verticalização. Para CAVALCANTI (2001:94), ele *é a representação máxima da perseguição de uma tríade já simbólica para o desenho industrial, baseada: design + produção em série + custo.*

Fundou, em 1952, a Mobília Contemporânea, em sociedade com Norman Westwater, com o objetivo de produzir móvel com bom desenho e preço acessível a todos. A mobília desta loja destinava-se às pessoas que gostavam de viver bem, mas sem ostentação, representando um modo prático de viver. Eram feitos em série, a partir de peças moduladas que possuíam diversas combinações (ARNOULT 2005:129).

A flexibilidade desta mobília era conseguida a partir da aplicação, em todos elementos, de uma medida comum de 45cm, o que permitiu a combinação e o encaixe entre si de diversos elementos. Essa modulação abrangia uma família de móveis de grande amplitude: móveis para estar, dormitório, escritório, biblioteca, entre outros (Fig. 45 e 46) (SANTOS, 1995:137). A Mobília Contemporânea marcou os anos 60 como uma das fábricas que mais contribuiu para o desenvolvimento do móvel contemporâneo brasileiro, destacando-se por muitos anos como a maior produtora de mobiliário usado pelas famílias de classe média (GALLI, 1988:36)

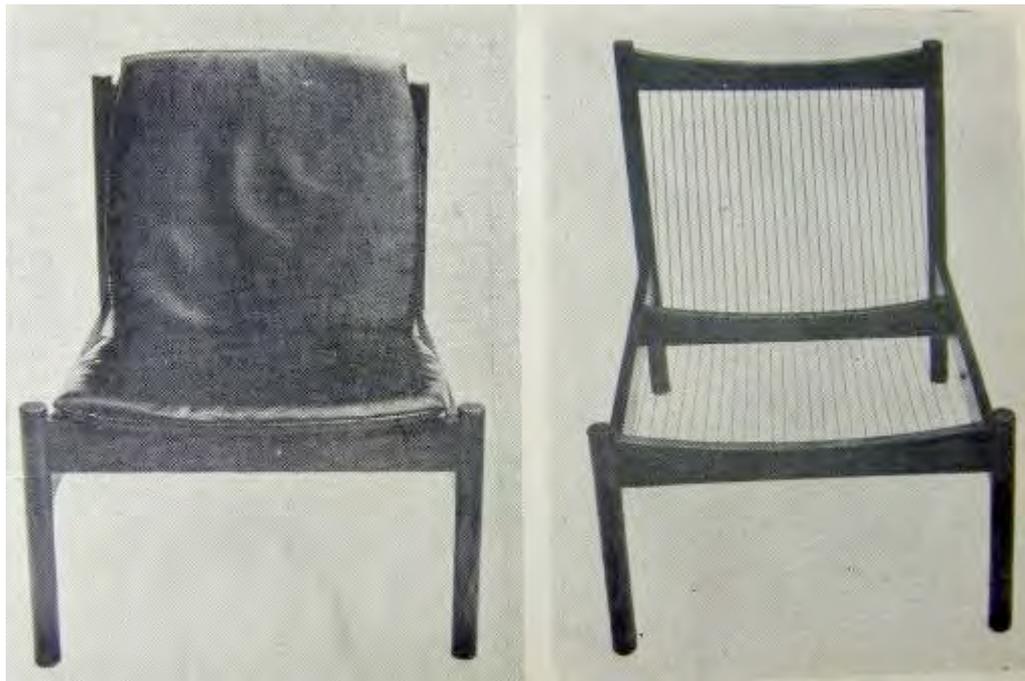


Fig. 45 // poltrona desmontável, estruturada em madeira maciça com fio de nylon no assento e no encosto, e almofadas soltas, da Mobília Contemporânea, recebeu o prêmio de desenho industrial Roberto Simosen, de 1964 (Habitat nº76, 1964).



Fig. 46 // Uma das linhas de móveis da Mobília Contemporânea (Design & Interiores nº 28, LEON).

Complementado o quadro de empresas moveleiras de destaque no período, surgiu a Hobjeto, fundada por Geraldo Barros após seu desligamento da Unilabor. Esta firma teve grande parte de suas proposições voltadas para um mobiliário prático e simples (Fig. 47 e 48), direcionado à classe média, tendo, então, partido

para a fabricação de móveis modulados, o que permitiu o barateamento dos custos. Passou a utilizar o aglomerado, utilizando um sistema de encaixe por ele desenvolvido e inovou, no mercado brasileiro, ao revesti-lo em laca⁶, O que proporcionou excelente acabamento ao material (TEIXEIRA, 1996:44).



Fig. 47 // Cadeira e mesa em jacarandá, desenvolvidas no início da Hobjeto (Design & Interiores nº06).



Fig. 48 // Mesa em jacarandá possui um mecanismo que permite ampliá-la tornando-a oval. Desenvolvidas no início da Hobjeto, em 1964 (Design & Interiores nº06).

Outra empresa de destaque foi a Mobilínea, fundada por Ernesto Hauner, que surgiu diante do novo mercado consumidor de mobiliário formado a partir da construção da nova capital do país, uma consumidora voraz de móveis (Design & Interiores nº05, 1987:45). Ela foi criada em 1958 com o nome inicial de "Ernesto Hauner e Cia", teve sua produção inicial voltada para a demanda de Brasília (TEIXEIRA, 1996:44). Trabalhou com aglomerado, fabricando, dentre outros produtos, estantes modulares que poderiam ser montadas de acordo com a necessidade do cliente (fig. 49).

⁶ A laca é uma solução de acabamento para aglomerado de madeira; é uma solução tipicamente alemã, para resolver problemas de escassez da madeira, mas, no Brasil, transformou-se numa moda transitória (SANTOS, 1995:145). Consiste em uma resina, que pode ser pigmentada, aplicada em diversas camadas sobre uma superfície, em geral, de madeira (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Laca>).

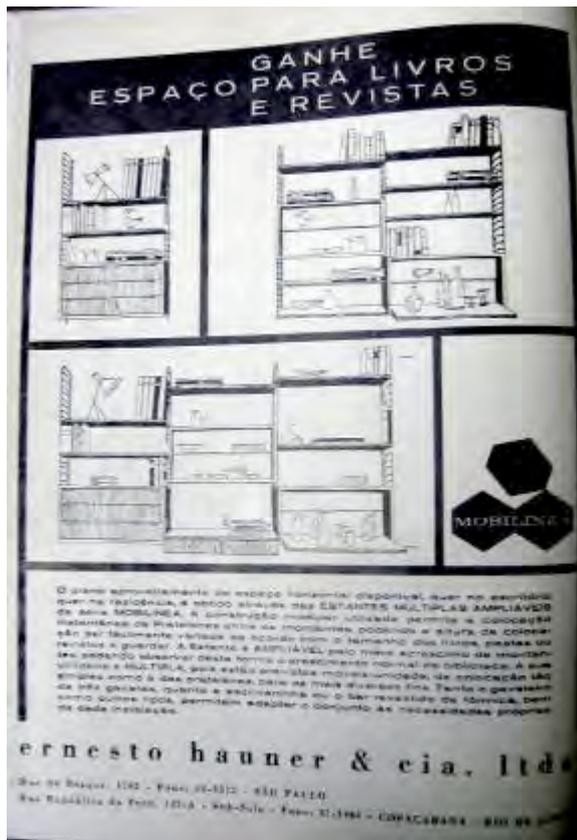


Fig. 49 // propaganda de estante modulada Mobilinea, poderia ser estruturada de acordo com necessidade do cliente (Habitat nº64).

Somou-se a este cenário a Projeto, fundada em 1964 por Leo Seincman, cujo objetivo era produzir, em escala industrial, móveis de alto padrão de design, boa forma, funcionalidade, ótima qualidade de materiais e execução. A empresa obteve o licenciamento para produzir, com exclusividade no Brasil, toda linha de móveis italianos residenciais do grupo Cassina. Com isto, absorveu tecnologias avançadas como a fabricação de espuma de poliuretano flexível pelo processo de injeção a frio, novos processos para a fabricação de móveis em fibra de vidro e novos materiais sintéticos (Design & Interiores nº05, 1987:43).

Dentre as iniciativas desse decênio, cabe salientar, ainda, a Arredamento Móveis Ltda, que produziu móveis modulados de grande alcance no mercado (Fig. 50); o mobiliário desenvolvido por Karl Heinz Bergmiller, que trouxe para o país uma grande contribuição em termos de metodologia de projeto e produção; e a Escriba (fig. 51), que se especializou no desenvolvimento de mobília para escritório.



Fig. 50 // modulados de madeira, desmontáveis, componíveis e empilháveis, fixados entre si por pinos. Podia ser composto para formar estantes, cômodas, escrivaninhas, entre outros. Ricardo Arrastia, década de 60, Arredamento. (SANTOS, 1995:151).



Fig. 51 // Propaganda da loja Escriba, com mobília para escritório (Acrópole nº337, 1967).

Diante desta explanação, percebe-se que o mobiliário desenvolvido na década de 60 se preocupou com a produção de uma mobília condizente com o mercado brasileiro e com as limitações industriais do período. Atendeu, ainda, a demanda do crescente mercado de interiores, dando um toque de modernidade e regionalidade a esses espaços.

5.4 // INTERIORES DE 60: MODERNIDADE É SIMPLICIDADE

Assim como o mobiliário da década de 60 pode ser caracterizado como um desdobramento das iniciativas dos anos anteriores, o mesmo pode-se afirmar dos interiores domésticos do período. A profissão de decoração de interiores estava consolidada, havendo uma procura crescente do arquiteto para a planificação de interiores (SILVA, Casa e Jardim nº164,1968:46).

Com a padronização cada vez maior dos espaços residenciais, decorrente da construção em série dos apartamentos, a personalização da moradia passou a depender cada vez mais da decoração de interiores. O uso de cores, da mobília e sua disposição no espaço, da iluminação, tudo era voltado a dar personalidade a este ambiente padronizado. Entretanto, *a não ser que a pessoa já possua todos os complementos, é impossível criar um ambiente que traduza seu caráter comprando tudo de uma hora para outra* (Habitat nº75, 1964: 47). A preocupação com a decoração e personalização do habitat estava tão presente que lojas importantes de mobiliário, como a Oca, a Forma, a Ambiente, dispunham a mobília em cenários, como se fossem ambientes da casa, (Fig. 52 e 53).



Fig. 52 e 53 // Loja Forma S.A. dispõe o mobiliário em cenários, como se fossem ambientes da casa. Sala de jantar com mesa e aparador da mesma linha; Estar com sofá e poltronas da mesma configuração (Acrópole nº264).

Muitas ambientações ainda seguiam os modismos difundidos em revistas especializadas em decoração e demais meios de comunicação, como a televisão, consolidada nesta década. Apesar da grande oferta de mobiliário moderno, ainda era comum decoração com móveis de estilo clássico (Fig. 54). *As linhas Império e mesmo Luiz XVI, que se constituíram por si mesma nas primeiras reações às linhas Luiz XV e barroca, ainda encontram seus fiéis seguidores. São aqueles que não desejam o chamado móvel moderno de vanguarda, guardando suas casas ou apartamentos* (Habitat nº75, 1964: 53).



Fig. 54 // Living decorado por móveis de estilo clássico (Habitat nº75, 1964:55).

Salvo estas exceções, a modernidade ainda era um ideal a atingir em relação à forma de morar⁷, reflexo do contexto sócio-cultural do período. O interior doméstico tinha que ser um componente de um todo harmonioso consoante com o espírito arquitetônico contemporâneo, fruto do estágio cultural representado pelas ciências e artes da época (SILVA, Casa e Jardim nº146, 1968:46). Assim, deu-se continuidade à negação de uso de peças antigas, consideradas ultrapassadas, a exemplo do que vinha ocorrendo anteriormente. Este espírito é claramente retratado com a explanação abaixo:

Se a residência foi planejada para comportar aparelhos de ar condicionado, controle de intensidade de luz, porteiro eletrônico, etc., e se ele e sua família se utilizam de um reluzente automóvel, concebido também para nossa época, será absurdo que queira ter em sua sala de visitas poltronas em pseudo estilo Luis XV, construídas, por exemplo, no começo do nosso século, sendo, portanto, objetos velhos e não antiguidade. Tais poltronas por certo não tem os mínimos requisitos indispensáveis à comodidade uma vez que suas formas e fabricação torna imprópria os serviços de limpeza, dependendo do aspirador de pó para remoção da poeira entranhada nas ranhuras (FLORES, Habitat nº60, 1960: 26).

A decoração moderna era, assim, vista como sinônimo de simplicidade, obtida com limpeza do desenho do mobiliário: *Forma, cor, singeleza de linhas, simplicidade de material empregado, praticidade e funcionalidade, eis os conceitos que norteiam a casa moderna* (Casa e Jardim nº172, 1969:28)⁸. “Decoração é Simplicidade”, anunciava o título de uma reportagem da revista casa e Jardim nº 105, de outubro de 1963. Essa simplicidade, entretanto, foi acompanhada do maior uso de aparelhos

⁷A busca da modernidade na forma de morar, também ocorreu nos anos 50. A década de 60 deu continuidade a esse processo.

⁸ **Conceitos da casa moderna.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, maio de 1969, nº172.

eletrodomésticos e eletrônicos, cujo acesso foi facilitado com a expansão do crédito propiciado pelo contexto político e econômico do momento (Fig. 55 e 56).



Fig. 55 e 56 // a presença do aparelho de som, cada vez mais moderno e acessível, complementa a linha simples do mobiliário moderno destes ambientes (Casa e Jardim nº176, 1969).

Com a facilidade de compra, a televisão penetrou em quase todos os lares, embora não houvesse espaço previsto especificamente para recebê-la. Por exigir um local de longa permanência para acomodação da família que propiciasse conforto e boa visibilidade, acabou sendo um desafio acomodá-la em apartamentos cada vez mais compactos. Quando era do tipo portátil, se adaptava em qualquer local, entretanto, quando era grande, a solução mais usual era adaptar o 'living' para acomodá-la. Posicionadas, normalmente, voltadas para o jogo de sofá e/ou

poltronas, as TVs foram dispostas em estrados, dentro de portas de armário e em estantes moduladas (Fig. 57, 58, 59, 60) (Casa e Jardim nº165, 1968:83)⁹.



Fig. 57 e 58 // televisão no living disposta em estrado (Casa e Jardim nº165, 1968: 83).



Fig. 59 // TV disposta em estante modulada vazada, podendo ser girada tanto para o estar como para o jantar (Casa e Jardim nº165, 1968:84).

⁹ Vamos achar um lugar para a TV. Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1968, nº165.



Fig. 60 // televisão disposta em estante de madeira, com parede de fundo pintada na cor preta (Casa e Jardim nº172, 1969:30).

A estante modulada, por sua vez, refletia o espírito do mobiliário moderno modulado, produzido na época. Como o próprio nome diz, consistia em módulos de prateleiras dispostos da maneira que se desejasse, podendo adequar a altura das prateleiras, posicionamento de montantes e utilizar ou não portas para fechamento de cada módulo. Essa foi uma solução muito utilizada não só para abrigar a TV, mas também para acomodar objetos, livros e dividir ambientes (fig. 61 e 62).

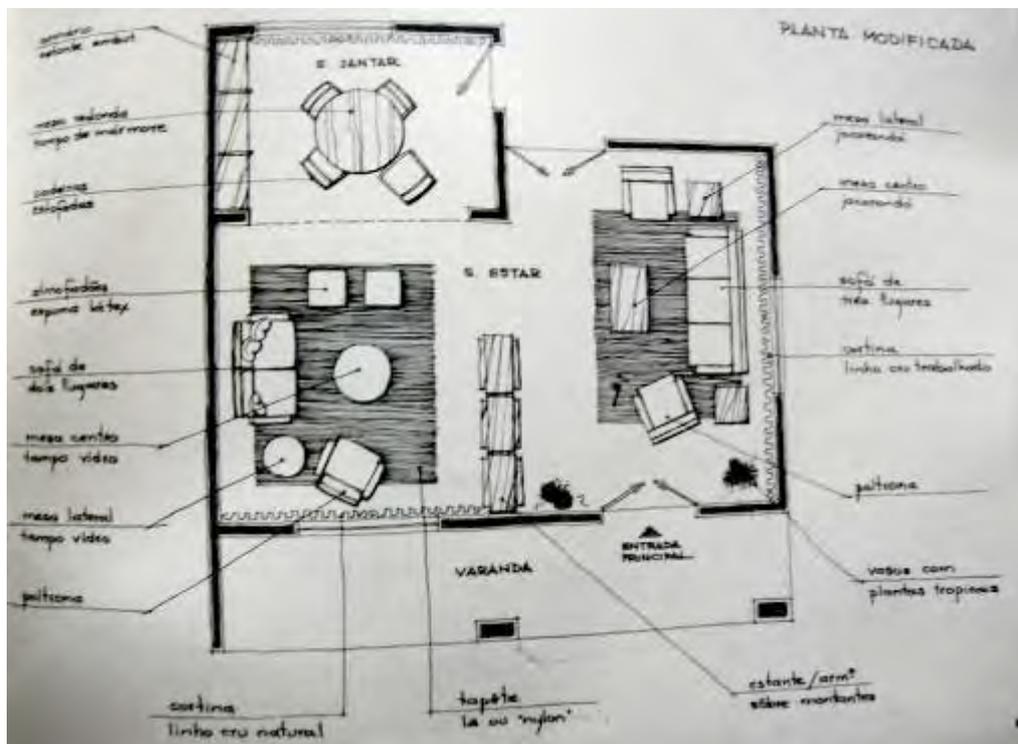




Fig. 61 e 62 // Sala de TV, estar e jantar, integradas em um único espaço. Mobiliário de linhas simples e o uso da estante modulada para abrigar TV, livros, objetos e separar ambientes. Neste caso a estante tem tanto módulos abertos como fechados por portas (Casa e Jardim nº163, 1968:89).

Estas estantes poderiam tanto serem adquiridas em lojas de mobília (Fig. 63) como serem executadas pelo usuário, como ensina o passo a passo da revista Casa e Jardim¹⁰ (Fig. 64 e 65) (Casa e Jardim nº 179, 1969:67). Eram os elementos arquitetônicos mais marcantes dos interiores modernos, não só porque resolvem inúmeros problemas de armazenagem e aproveitamento de espaços, como também por sua versatilidade e praticidade¹¹ (Casa e Jardim nº172, 1969: 30). Elas eram dispostas nas salas em conjunto com as mais diversas peças de mobiliários disponíveis no mercado, conferindo modernidade a esses ambientes.

¹⁰ **Uma estante algum trabalho.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1969, nº179.

¹¹ **Conceitos da casa moderna.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, maio de 1969, nº172.



Fig. 63 // Propaganda de estante modulada de Ernesto Hauner. Ressalta suas inúmeras opções de uso como biblioteca, vitrine, bar e gaveteiro (Habitat nº60, 1960).

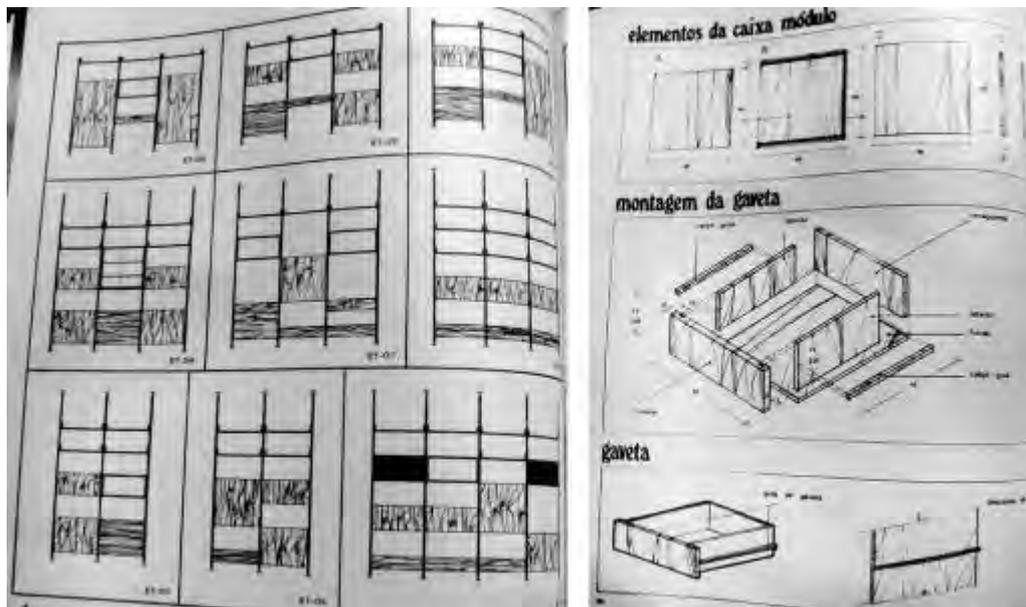


Fig. 64 e 65 // Passo a passo de produção de estante modulada, proposta pela revista Casa e Jardim (casa e Jardim nº179, 1969:68).

Na maioria dos apartamentos construídos no período, a sala consistia um vão único que abrigava diferentes usos, configuração iniciada nos anos 50. A grande diferença neste espaço em relação à década anterior foi a supressão da varanda, que diminuiu a integração com o exterior, mas não interferiu na organização destes espaços que tinha que ser composto, ao menos, do jantar e estar, e quando possível,

de acordo com sua dimensão, agregar, ainda, outro estar, sala de piano, dentre outros. Embora com usos distintos, estes diferentes ambientes tinham que ser integrados no todo (Casa e Jardim nº178, 1969:90¹²).

Assim, a mobília tinha que propiciar essa divisão espacial de maneira fluída ao tempo que apresentasse unidade, a exemplo do ocorrido no decênio anterior. O uso de aparadores, divisórias vazadas, tapetes, poltronas, estantes moduladas, sofás, tudo tinha que ser pensado em conjunto para que existisse uma relação entre as peças (Fig. 66, 67, 68, 69 e 70). Como os apartamentos produzidos no mercado não apresentavam mais um vestíbulo na entrada social resguardando a sala, nem hall de acesso para a cozinha (como apresentado no item 5.2), coube também ao móvel fazer esta separação, quando possível (fig. 72).

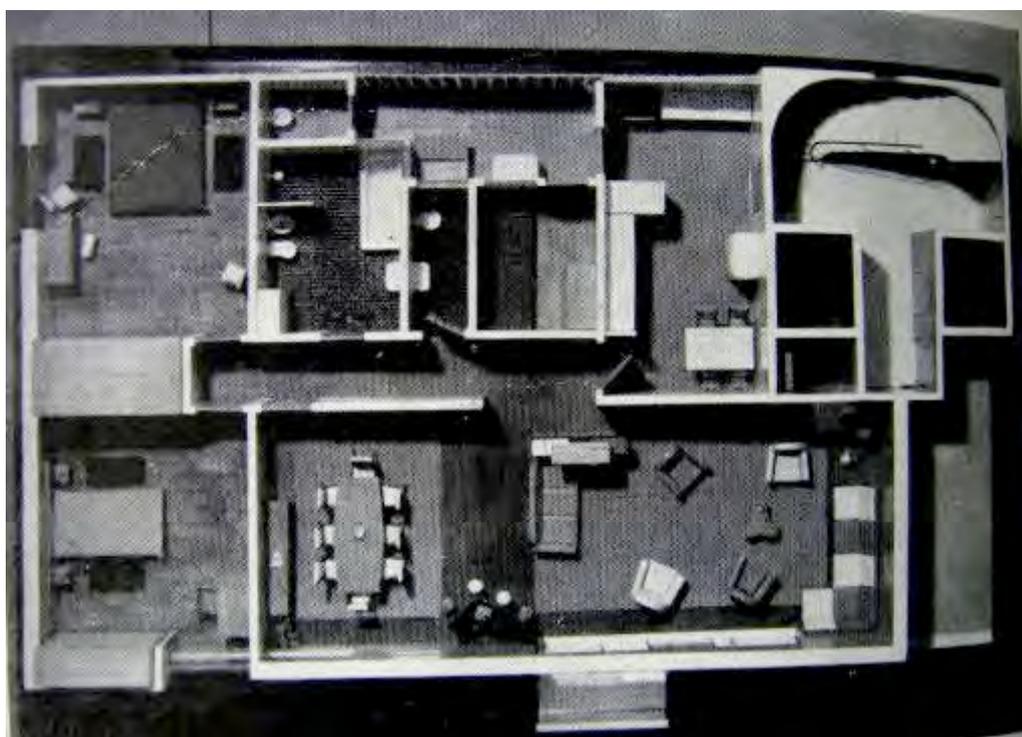


Fig. 66 // Maquete de apartamento, a sala é um ambiente único, a disposição da mobília que define o uso. Percebe-se que o mobiliário é fluído permitindo uma integração total do ambiente (Acrópole nº254, 1959:62).

¹² **Sugestão: living em L.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, novembro de 1969, nº178.

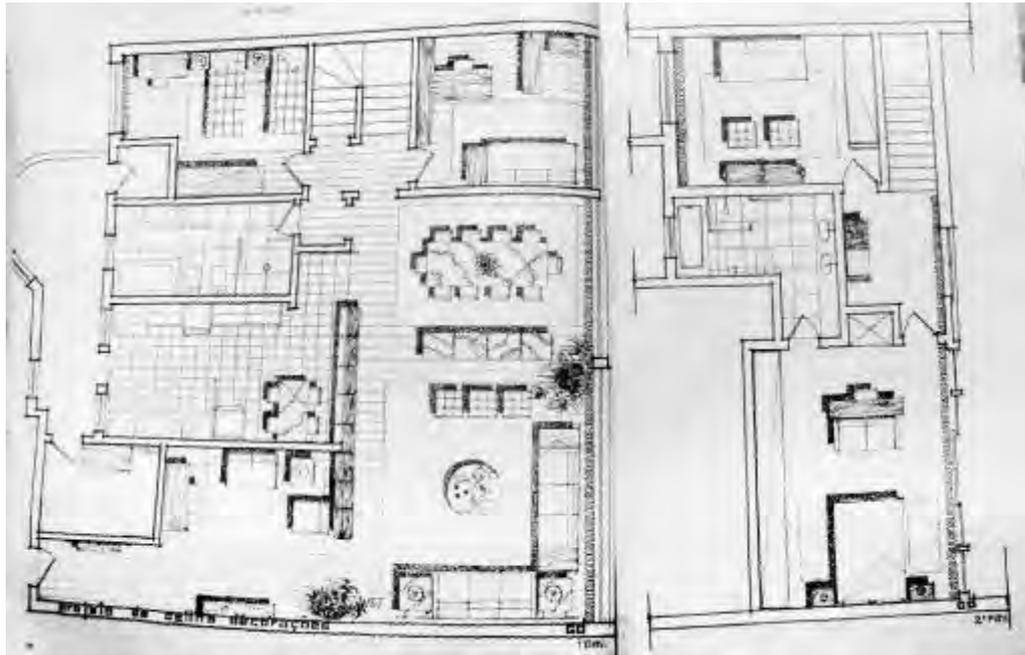


Fig. 67, 68 e 69 // A sala deste apartamento é composta de jantar, estar e sala de música, todas integradas em um ambiente único. A divisão entre o estar/jantar é feita por um aparador baixo, que permite a fluidez do espaço. Já o estar/música é separado por uma estante vazada que acomoda objetos decorativos. Percebe-se o mobiliário de linhas retas e predominantemente em madeira (Casa e Jardim nº157,1968:85).



Fig. 70 // duas salas de estar integradas, uso de mobília simples de linhas retas (Casa e Jardim nº163, 1968:87).

Tal princípio é de que a originalidade no estilo, tanto em relação à decoração quanto à linha arquitetônica, deve obedecer às exigências de conforto do indivíduo e do ambiente que os cerca. Para Sérgio Rodrigues e seus companheiros, o axioma funciona a ponto de tornarem indissolúvel, em seus projetos, a união entre a arquitetura e a decoração, com excelentes resultados (Módulo nº29, 1962:28).

Neste contexto, diversas lojas de móveis realizaram decoração de ambientes, seguindo a mesma linha do mobiliário por ela desenvolvido. Desta forma, lojas conceituadas no setor, como a Oca, Ambiente, Móvel Contemporânea, além de desenvolver móveis, decoravam ambientes buscando a integração total dos elementos utilizados (Fig. 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79).



Fig. 71 // propaganda da loja ambiente, de móveis, destacando que também faz decoração (Habitat nº64).





Fig. 72, 73, 74 // Apartamento decorado pela Ambiente S.A.. A reforma do apartamento, iluminação e mobiliário foram pensadas em conjunto para dar harmonia ao ambiente. Foi criado, a partir da disposição de móvel, um hall no acesso social e na da cozinha pelo jantar, dando mais privacidade à sala. O espaço de jantar e de estar foram demarcados a partir do uso de tapetes e de detalhes no forro. Percebe-se uma unidade espacial (Habitat nº71, 1963:17).

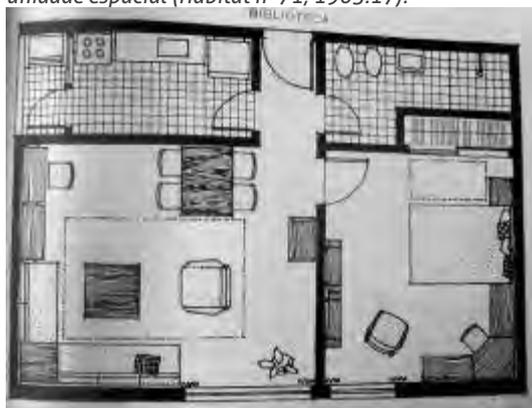


Fig. 75, 76 // Apartamento decorado pela Mobília Contemporânea, com estante modulada. Segundo descrição da revista, o dominante na decoração da sala é o azul, com as cadeiras estofadas em vermelho para oferecer contraste. Ressalta que todos os móveis são pequenos e modulados, possibilita outros arranjos com os mesmos móveis dentro do mesmo ambiente. Isto ainda facilita o aproveitamento da mobília no caso de mudança para outro local (Habitat nº75, 1964:43).

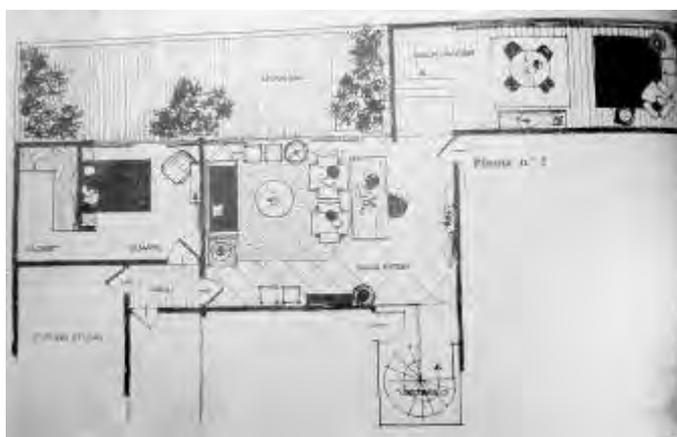
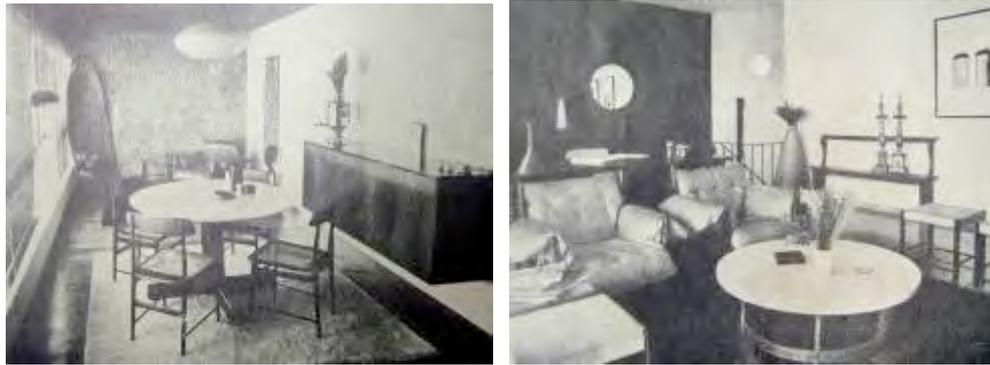


Fig. 77, 78, 79 // Apartamento decorado pela Oca. Utiliza a marcante poltrona mole, compondo com demais móveis também da Oca (Habitat nº75, 1964:46).



Até mesmo a concepção da mobília partia, por vezes, do princípio da unidade total das diferentes peças dispostas no ambiente. Um exemplo claro disto é o mobiliário desenvolvido pela Mobília Contemporânea, que pensado a partir de uma medida comum (45 cm), permitiu a flexibilidade das peças, a combinação e o encaixe entre si de vários elementos. Proporcionou, ainda, múltipla função de uso de cada modelo, o que facilitou a sua acomodação no ambiente (Fig. 80). Assim, a modulação do móvel era pensada não só para viabilizar a produção de maneira econômica, mas também para facilitar a composição do ambiente.



Fig. 80 // propaganda da loja Forma, poltrona ajustável Dominó, apresentando facilidade de combinação (Módulo nº17, 1960).

Estas iniciativas contribuíram para a propagação dos conceitos aplicados na mobília, no âmbito da decoração de interiores. Assim, era natural que os apartamentos modulados, a partir da estrutura pré-fabricada, em conjunto com

mobília também modulada, em função da industrialização, fossem decorados, por vezes, com base neste mesmo princípio.

A decoração desta década refletiu, ainda, o uso de cores fortes presente na mobília. *Ambientes coloridos em tons contrastantes, acompanhados pela linha de móveis e decoração organicista, das formas sinuosas e amebóides* (TEIXEIRA, 1996:43). Vale salientar que os ambientes em tons saturados também estiveram presentes na década anterior (Fig. 81, 82, 83, 84). Os interiores de 60 ressaltaram, ainda o toque de regionalidade presente na mobília deste momento.

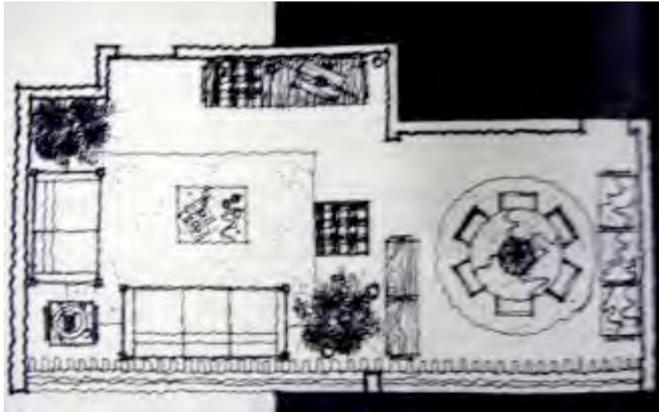


Fig. 81, 82 // sala de jantar e estar integradas, divididas por estante vazada. O uso de cor forte e contrastante, como o vermelho e o verde, foi característico do período (Casa e Jardim nº165, 1968:59).

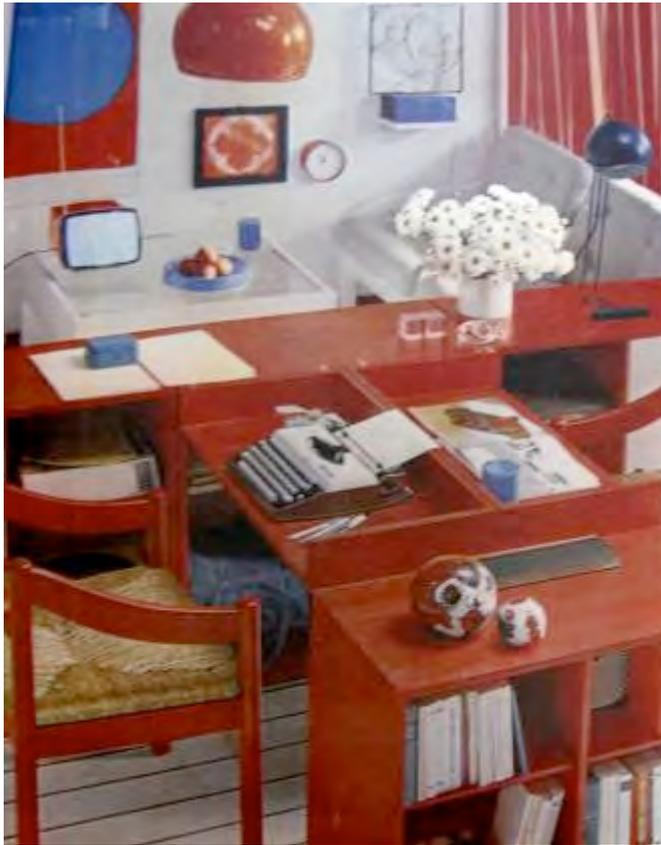


Fig. 83 // Sala de estar com mobiliário em laca na cor vermelha contrastando com o branco das poltronas. Mobiliário simples, em linhas retas (Casa e Jardim nº172, 1969).

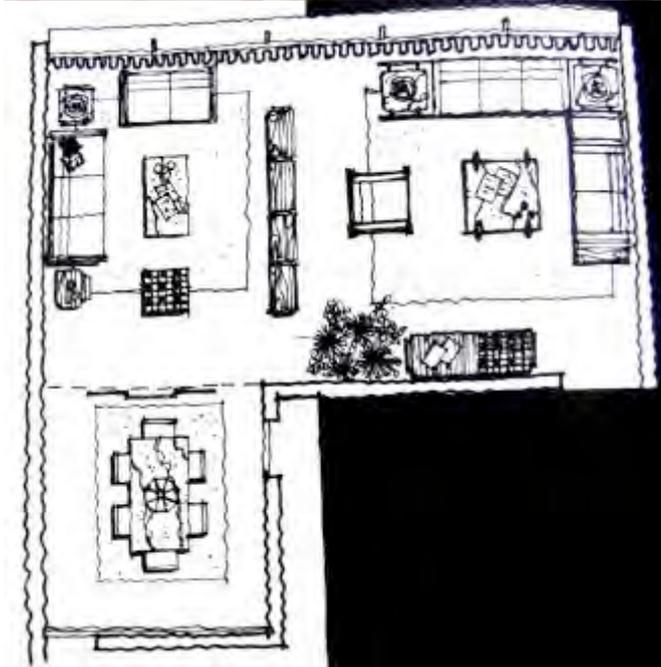




Fig. 84 e 85 // duas salas de estar e uma de jantar integradas pela disposição da mobília, inclusive pela estante vazada, marcante no interior moderno. O vermelho do estofado do sofá ressalta na decoração (Casa e Jardim nº178, 1969).

Enfim, percebe-se que os interiores da habitação, dos anos 60, refletiu as transformações ocorridas na mobília, na construção, na cultura, na economia e na sociedade. Assim, pode-se afirmar que o espaço doméstico interno não é um fato isolado, sua compreensão só é possível a partir do conhecimento destes diversos fatores.

60

POLÍTICO SOCIOECONOMICO	CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL	HABITAÇÃO	MOBILIÁRIO	INTERIORES
<p>o com der</p> <p>e Brasília.</p>	<p>Modernidade como ideal,</p>	<p>Crescimento do mercado de apartamentos, inclusive com modelos para classe média; Aumento dos prédios dotados de garagem;</p> <p>Supressão da varanda associada ao maior uso de ar-condicionado;</p> <p>Setor de serviço mais equipado conseqüentemente mais valorizado e mais próximo do setor social;</p> <p>Valorização dos banheiros com equipamentos e materiais mais nobres.</p>	<p>Aplicação de linguagem moderna;</p> <p>Desdobramento das iniciativas da década anterior;</p> <p>Negação do mobiliário de estilo antigo;</p> <p>Desenvolvimento de mobiliário voltado para classe média.</p>	<p>Uso de conceitos como integração e simplicidade d</p> <p>Desdobramen princípios mo divulgados na 50;</p> <p>Lojas de mobí desenvolvend de interiores n maior integraç e espaço dom</p>
<p>da nais meios o;</p>	<p>Divulgação das tendências estilísticas no mobiliário, arquitetura e produtos industriais.</p>		<p>Desenvolvimento de mobília para abrigar TV;</p> <p>Disseminação da mobília moderna;</p> <p>Busca de conforto.</p>	<p>Desenvolvim para abrigar T</p> <p>Disseminação interiores mó</p>
<p>ustrial.</p>	<p>Equipamentos tecnológicos vinculados ao ideal de modernidade;</p> <p>Valorização do desenho industrial.</p>	<p>Início da construção em série;</p> <p>Dimensionamento dos cômodos com base na estrutura.</p>	<p>Continuidade no processo de desenvolvimento da mobília iniciada nos anos anteriores;</p> <p>Desenvolvimento de indústrias moveleiras;</p> <p>Utilização de novos materiais e técnicas;</p> <p>Uso de módulos.</p>	<p>Consolidação d de interiores p ambientes pro série;</p> <p>Flexibilidade e de mobília mo unidade ao am de solução par</p>
	<p>Luta por uma arte genuinamente nacional;</p>		<p>Uso de formas mais condizantes com caráter brasileiro e condições locais;</p> <p>Uso de forma vernacular e de materiais regionais;</p>	<p>Uso de materia</p>

80 90 00 10 20 30 40 50 60 70 80 90 00 01 02

CAPÍTULO 06

ANOS 70:

A VERSATILIDADE DOS INTERIORES DOMÉSTICOS E DE SUA MOBÍLIA

6.1 // ANOS 70: A DITADURA MILITAR E O MILAGRE ECONÔMICO

A década de 70 iniciou num contexto econômico de prosperidade, mediante o “milagre econômico” iniciado em 1968, em contraponto a um quadro político repressivo, advindo do regime militar. O AI-5, baixado em 1968, estava em vigor resultando num ciclo de cassação de mandatos, perda de direitos políticos e de expurgos ao funcionalismo, abrangendo muitos professores universitários. Estabeleceu-se na prática a censura nos meios de comunicação e a tortura passou a fazer parte integrante dos métodos de governo.

Um dos aspectos trágicos do AI-5 consistiu no fato de que ele reforçou a tese dos grupos de luta armada, cujas ações se multiplicaram a partir de 1969. O regime parecia incapaz de ceder a pressões sociais e de se reformar, seguindo cada vez mais o curso de uma ditadura brutal (FAUSTO, 2008:265). Reforçando ainda mais esta ditadura, assumiu a presidência, em 1969, o general Emilio Garrastazu Médici, começando um dos períodos mais repressivos da história do país.

Além da intensa repressão, foi marcante, em seu governo, a utilização da propaganda governamental como forte canal de expressão, possível graças ao avanço das telecomunicações do país e da consolidação da televisão na década de 60. Através deste meio, o país foi promovido como “Brasil grande potência”, “Ninguém segura esse país”, “Este é um país que vai pra frente”, na tentativa de diminuir e/ou neutralizar adversários ao regime militar (Fig. 01).



Fig. 01 // Frases de efeito como “Pra frente Brasil”, “Ninguém segura esse país”, “Este é um Brasil que vai pra frente” e “Brasil, ame-o ou deixe-o” faziam parte do ufanismo alimentado pelo regime militar, principalmente entre 1970 e 1974 (ALMEIDA e WEIS, 1998:323). (scaniar FIGURA HIST. VIDA PRIVADA 4 PÁGINA 323)

O aprofundamento do autoritarismo coincidiu com um surto de expansão da economia, o festejado “milagre econômico”, que estendeu-se de 1969 a 1973, combinando o extraordinário crescimento econômico com taxas relativamente baixas de inflação. Houve ainda uma grande expansão do mercado exterior, com a importação de determinados bens para sustentar o crescimento econômico e a diversificação da exportação. A classe média continuava com alto poder de compra,

em função das facilidades de crédito difundidas na década anterior que ampliou, ainda, a capacidade de consumo do público jovem.

Em 1973, ocorreu a 1ª crise internacional do petróleo afetando profundamente o Brasil, que importava mais de 80% do total de seu consumo. Entretanto, quando o general Ernesto Geisel, assumiu a presidência, em março de 1974, o clima de euforia proveniente dos anos do “milagre” persistiu (FAUSTO, 2008:268).

Seu governo foi associado ao início da abertura política, que ele definiu como lenta gradual e segura. Estabeleceu pontes com a Igreja a partir de um ponto comum, a luta contra a tortura e suspendeu a censura aos jornais. Lançou o II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) na busca de complementar o processo de substituição de importações. Em número bruto, o seu governo apresentou resultados satisfatórios na economia.

O general Geisel conseguiu fazer seu sucessor, assumindo a presidência o general João Batista Figueiredo, em outubro de 1978. Seu governo combinou a ampliação da abertura política e o aprofundamento da crise econômica. Em 1979, o AI-5 deixou de ter vigência, restaurando, assim, os direitos individuais e a independência do Congresso. Neste mesmo ano eclodiu a 2ª crise do petróleo, que teve reflexos negativos bem maiores na economia brasileira do que a crise anterior. Aos poucos foi se consolidando a estagnação econômica, superinflação e desemprego, transformando o otimismo econômico em desilusão.

6.1.1 // As Conseqüências Da Ditadura - Os Novos Movimentos Sociais

Uma das dimensões mais conhecidas dos anos de ditadura¹ foi a virulência (e a falta de inteligência) com que o regime atacou a produção artística e cultural do país, com impacto às vezes devastador sobre os seus profissionais. O AI-5 tirou das ruas estudantes, artistas, professores, jornalistas e advogados. Só em 1969, o primeiro ano da era do AI-5, foram censurados dez filmes e cinquenta peças teatrais, quase sempre, o objetivo era calar, mais do que a obra, o autor.

A repressão às atividades artísticas foi proporcional à sua importância como veículo de crítica ao autoritarismo e expressão de idéias libertárias, bem como ao prestígio público desses artistas. A censura abateu-se duramente sobre músicos e compositores. A canção popular, pelo lugar que ocupa na indústria cultural e na cultura da juventude, foi o mais amplo canal de denúncia ao autoritarismo no Brasil (ALMEIDA e WEIS, 1998:341,344, 348).

¹ Principalmente do AI-5 ao início da abertura política (1969-74), anos lacerantes da ditadura.

Sob o autoritarismo, a vida afetiva e familiar também foi envolvida. Deu-se continuidade à “revolução comportamental”, iniciada nos anos 60, em direção à igualdade dos sexos no casamento, em contraponto ao “casamento tradicional burguês”. ALMEIDA e WEISS (1998:399) afirmam que esta “revolução dos costumes” foi uma maneira do indivíduo se colocar contra o autoritarismo vigente dos anos da ditadura.

A busca da verdade pessoal, por meio da psicanálise, do individualismo, da legitimação do homossexualismo, das drogas ou, no extremo, da vida em comunidades alternativas, também teve uma conotação antiautoritária. No auge da ditadura, início dos anos 70, “puxar fumo”, “viajar” ou “cheirar” não eram apenas formas de gratificação dos sentidos, mas, à semelhança da revolução sexual, um modo de contestar o conservadorismo sufocante da ordem política. Dos protestos de 1968 derivaram, direta ou indiretamente, outras agendas políticas: a defesa do ambiente, o feminismo, a promoção dos direitos da minoria, parte, enfim, dos chamados “novos movimentos sociais” (ALMEIDA e WEISS, 1998:399, 405).

Estes novos movimentos foram disseminados através de telenovelas e seriados, o que foi permitido através da consolidação da televisão no Brasil². Nos anos 70, mesmo que em geral acabassem por afirmar superioridade de um padrão de mulher dependente, fiel, obediente e restrita ao universo doméstico, as novelas opunham esse padrão a um modelo de mulher profissional, liberada e independente.

O seriado *Malu Mulher* de inspiração feminista pode ser considerado paradigmático do enfoque adotado pelas novelas para abordar modelos legítimos de mulher, família e sexualidade. *Sintonizou as ansiedades da mulher contemporânea, que entrava no mercado de trabalho e procurava formas de realizar plenamente, em sua vida privada, a autonomia que a vivência pública e a independência financeira lhe conferiam* (HAMBURGER, 1998:472).

Apesar destas manifestações de caráter feminista, a família nuclear ainda era predominante dentre os arranjos familiares. Em 1970, 57,6% dos arranjos domésticos era de casal com filhos e de 54,8% em 1980. Em 1970, 55,5% da população brasileira com mais de 15 anos era casada, tendo subido para 57,9% em 1980. A grande mudança na configuração dessas famílias foi o aumento do número de uniões conjugais sem vínculos legais e a diminuição do tamanho da família, a taxa de fecundidade de 5,6 em 1970 caiu para 4,2 em 1980 (BERQUÓ, 1998:416, 425).

² A partir dos anos 70 a indústria de comunicação eletrônica se consolidou com a forte presença no cotidiano dos telespectadores. Em 1970 24,11% dos domicílios brasileiros contavam com pelo menos um aparelho de televisão. As novelas estabelecem padrões com os quais os telespectadores não necessariamente concordem, mas que servem como referência legítima para que eles se posicionem (HAMBURGER, 1998:443, 444, 448).

Entretanto, as maiores transformações ocorreram no interior do núcleo familiar, assinaladas pela alteração da posição relativa da mulher e pelos novos padrões de relacionamento entre os membros da família. Estaria havendo uma tendência à passagem de uma família hierárquica para uma família mais igualitária.

Os movimentos sociais em voga, por sua vez, acabaram por também acarretar mudanças de âmbito cultural a exemplo do que ocorreu na arquitetura. *Da atração pela vida ambulante, "Easeryder" e "Hippie", a luta pela libertação individual deixou marcas indelévels na formação cultural e na linguagem da arquitetura: a simplificação dos projetos e o cuidado com a preservação da natureza* (CAMPOFIORITO, 1976:21).

A preocupação com o meio ambiente passou a estar presente ainda no âmbito urbano mediante ao crescimento vertiginoso das cidades nos anos 70 (Fig. 02). São Paulo passou a ser a megalópole brasileira mais importante, em 1970 era composta de 37 municípios, totalizando 8.137.000 habitantes, concentrando, no final dessa década, mais de 10% da população brasileira. O Rio de Janeiro ocupou desde então o segundo lugar, com 14 municípios e 7.082.000 habitantes, sendo seguida por Belo Horizonte, com 14 municípios e 1.605.000 habitantes, também em 1970. As demais capitais estaduais também apresentaram, no período, importante crescimento de seus contingentes populacionais (BRITO, 2003:97).

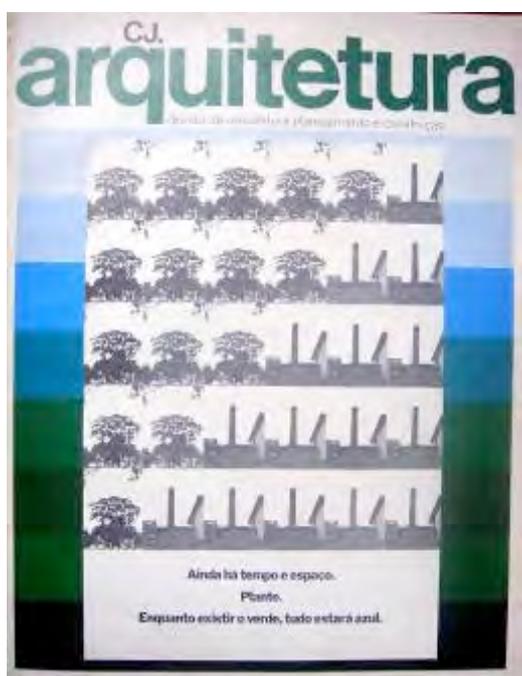


Fig. 02 // A – capa da revista *CJ. Arquitetura* incentivando a plantação como forma de preservar o meio ambiente (*CJ. Arquitetura* nº11, 1976).

Este crescimento urbano, entretanto, ocorreu de forma desordenada, acarretando, dentre outros, o adensamento de edificações e o congestionamento das vias. *Os blocos de apartamentos começaram a crescer desordenadamente, uns sobre os outros, transformados num negócio odioso de lucro e exploração, ocupando nossas cidades,*

invadindo parques, morros e praias, num desrespeito ostensivo ao homem e à própria natureza (NIEMEYER, 1976:19) (Fig. 03 e 04).

*Rio Antigo... Como te retalharam
Meu amigo.
Onde estão tuas praças,
ruas e jardins?
E as praias brancas e limpas?
E o cheiro do mar
e o barulho das ondas?*

*Quem escondeu tuas montanhas,
Meu amigo? E te cobriu de prédios,
de gritos e businas?
Defende o que ainda te resta,
Velho Rio! Expulsa os que de ti se após-
saram!
Lembra-lhes que não tens dono,
que és como o sol e as estrelas e
que a todos pertence também.*

*(poema de Oscar Niemeyer, criticando o crescimento desordenado da cidade do Rio de Janeiro.
NIEMEYER, 1976: 20)*



Fig. 03 // desenho de Oscar Niemeyer destacando a falta de paisagem das cidades em função do crescimento desordenado e aumento do número de prédios (MODULO nº44, 1976: 41).



Fig. 04 // Imagens evolutivas demonstrando o crescimento desordenado das cidades destacando o aumento do número de prédios (CJ. Arquitetura nº16, 1977).

Surgiram, assim, inúmeros debates de caráter ambiental e urbanístico com o intuito de controlar o crescimento das cidades. Discussões a respeito de legislação de zoneamento urbano, da preservação de sítio histórico e diversas outras ferramentas que envolvessem a questão urbana, foram levantadas (Fig. 05). Esta preocupação ambiental também se manifestou na produção da mobília do período.



Fig. 05 // Figura evidenciando questões como o "direito de construir" e o "direito de propriedade", elemento fundamental do conjunto de dispositivos da Legislação de zoneamento urbano (CJ. Arquitetura nº16, 1977: 24).

Quanto ao desenvolvimento tecnológico, apareceram os computadores, no início da década, auxiliando atividades diversas como nas indústrias, escritórios, aeroportos e universidades. Ainda impensáveis no ambiente doméstico, eram grandes máquinas não acessíveis à população, em geral utilizadas apenas por grandes empresas e por pesquisadores científicos (MARCHETTI, 2004:44, 62). A vida ficou mais colorida a partir da introdução dos televisores a cores no mercado, apesar do alto preço inicial. No final do decênio, em 1979, surgiu o walkman tendo sido um sucesso ao ir de encontro à busca do individualismo vivenciada no período.



Fig. 06 // primeiros colocados do concurso de desenho industrial. O júri fundiu os dois primeiros prêmios com o propósito de valorizar igualmente tanto a busca de um novo caminho para um sistema de mobiliário quanto ao alto nível profissional apresentado. O projeto de Gabriel Borba foi inspirado na rede nordestina, e o de Gilberto Pacheco evidencia os parâmetros básicos do desenho industrial (Modulo nº46, 1977:91).

O desenho industrial brasileiro, enfim estava consolidado com firmas de mobília, automóveis, eletrodoméstico e maquinaria incentivando a pesquisa na busca de uma solução brasileira. Empresas inclusive, investiram em concursos da área com o objetivo de incrementar as soluções encontradas, como o Concurso Forma de Desenho Industrial, para o setor de mobiliário (Fig. 06) (CJ ARQUITETURA nº16, 1977:106).

Enfim, os anos 70 foram marcados por uma forte repressão política que interferiu nas diversas manifestações sociais e culturais da época.

6.2 // APARTAMENTO DE 70: DIVERSIDADE DE SOLUÇÕES E COMPACTAÇÃO DA UNIDADE

No período do chamado “milagre brasileiro” houve o crescimento intenso das cidades brasileiras acompanhado da multiplicação do edifício de apartamentos, propiciado através do SFH³ e do BHH⁴. O sucesso desta tipologia habitacional, já afirmado na década de 60, pode ser expresso pela somatória do número de apartamentos colocados à venda nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que chegava a 950 unidades por semana em 1972, o que está relacionado ao maior poder de compra da população. Assim, surgiu uma gama bastante ampla de edifícios de apartamentos com variações de áreas, programas, revestimentos e de soluções tanto internas como externas (VILLA, 2002:149, 151).

Em 1975, surgiu o primeiro edifício de flats de São Paulo, acompanhado por campanhas publicitárias que desafiavam o público a conhecer o jeito moderno de morar, o colocavam como a casa do futuro. Esta tipologia consiste em pequenos apartamentos em condomínio que oferece serviço de camareira, faxineira, lavanderia com o intuito de dar praticidade ao dia a dia (TRAMONTANO, 1998: 290).

O uso de elementos pré-fabricados continuou em alta, como no decênio anterior, o que propiciava um rápido andamento da obra. A idéia de andar e plantas-tipo, e a convicção de que a reprodução extensiva de uma mesma tipologia era sinônimo de maior lucro foi bastante disseminada.

Equipamentos de valorização da área comum dos edifícios tais como piscina, sala de ginástica e salão de festa, consolidados em 60, se tornaram cada vez mais usuais. Esses edifícios com ares de clube foram bem aceitos pela diversidade de lazer propiciada sem necessidade de deslocamento, ou seja, sem exposição à violência urbana. Outra justificativa dessa grande aceitação foi a busca do individualismo característica deste período, que foi interpretada pelos incorporadores dos anos 1970 como a busca do cuidado com o corpo através do lazer coletivo (TRAMONTANO 2006:70).

Houve uma grande variedade do programa dos apartamentos ofertados no período, podendo ser dividido em duas categorias: os grandes apartamentos, com três ou quatro quartos, voltados para as classes mais altas da sociedade, com ambientes generosos; e os apartamentos com dois ou três dormitórios, que apresentaram uma pequena redução da área quando comparados aos produzidos nos decênios passados.

³ SFH – Sistema Financeiro de Habitação.

⁴ A produção habitacional foi impulsionada com a implementação do BNH (Banco Nacional da Habitação) em 1965, como citado no item 5.2.

Os apartamentos continuaram seguindo a tripartição dos setores (social – serviço - íntimo) e a distinção de entradas (social e serviço), como nas décadas anteriores. Entretanto, nas unidades menores, era comum um único acesso à unidade, feito pela sala. As salas continuaram articuladoras, mas com características bem distintas nas unidades maiores e menores.

Nas unidades maiores houve um aumento no número de cômodos destinados à recepção e convívio, sendo composto, geralmente, por vestíbulo, escritório, jantar e mais de um estar (TRAMONTANO, 2004:45). A distinção entre estas diferentes salas passou a ser estabelecida, na maioria dos grandes apartamentos paulistas, por passagens por arcos, ao contrário do que vinha acontecendo nos decênios anteriores onde as diferentes salas se concentravam em um vão único cuja divisão cabia ao móvel (VILLA, 2002:153). Apesar dos diversos espaços destinados ao convívio social, ainda não havia nenhum cômodo voltado para uso da televisão, mesmo com sua disseminação (Fig. 07).

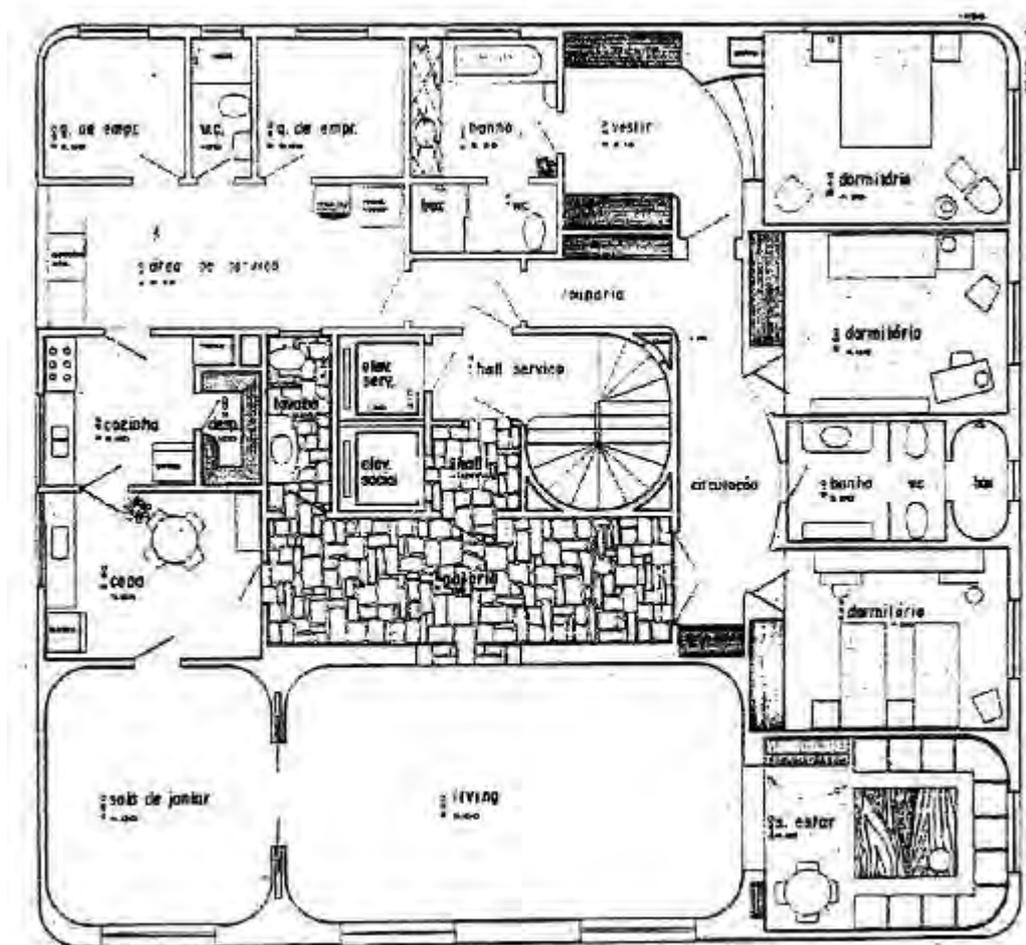


Fig. 07 // Planta tipo de apartamento voltado para classe de alta renda em São Paulo, de 1972. Percebe-se o setor social dividido em cômodos distintos com a sala de jantar se conectando diretamente com a cozinha, que possui espaço destinado à copa (VILLA, 2002:153).

Já a sala das unidades menores consistia um único espaço, a ser dividido em jantar e estar através da mobília, como nas décadas anteriores, acrescidos, por vezes, de varanda, que banida nos anos 60, voltou a estar presente na maioria dos apartamentos. Neste período, foi consolidada a sala em "L" valorizada pela publicidade como uma sala com dois ambientes. Esta forma, entretanto, surgiu para solucionar a redução da área dos apartamentos que com apenas duas fachadas, precisou utilizar a área central da planta distante da fachada, tornando este espaço o "canto" de refeições (TRAMONTANO, 2004:41).

Os escritórios, que passaram a constar com mais freqüência nos apartamentos de elite a partir dos anos 60, continuou a aparecer em um cômodo adjacente à sala, como se pudesse ter uso como escritório ou como dormitório. PAULA (2007:70) afirma que a disposição deste cômodo propiciava seu uso tanto pro setor íntimo ou como uma extensão do setor social. Esta duplicidade de uso também é percebida, ainda que em poucos casos, nos apartamentos de três dormitórios sendo um destes dotado com duas portas, uma voltada para o setor íntimo e outra para o setor social. Isto indica a possibilidade dupla de uso: dormitório de serviço ou da família (Fig. 08) (VILLA, 2002:156).

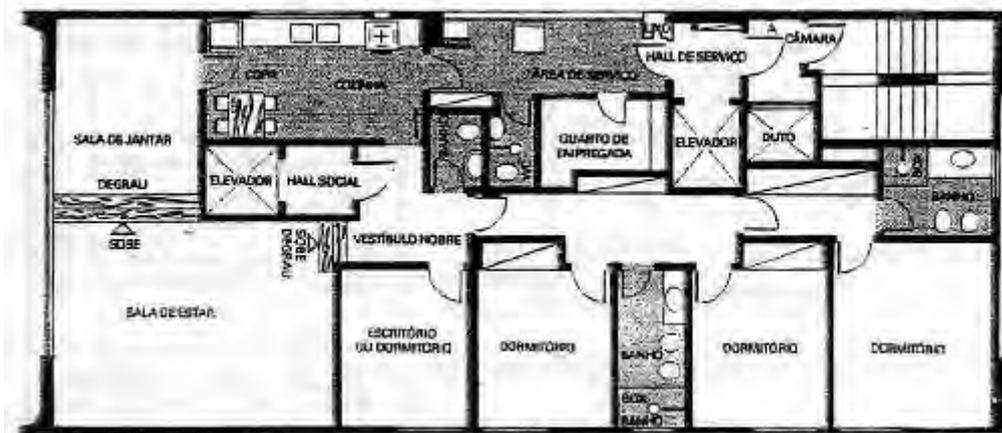


Fig. 08 // apartamento, de 1977, com cômodo adjacente à sala que pode ser utilizado como escritório, dormitório ou extensão do setor social (VILLA, 2002:154).

Nesta década houve a banalização das suítes, o que não era sinônimo de mais área por unidade e sim de área mais compartimentada. A presença de suíte aponta para uma maior individualização dos membros da família, o que faz relação ao contexto da busca da individualidade citada no item anterior. Esta tendência à individualização foi ainda reforçada com a disposição de meios de comunicação e lazer, como a televisão e o telefone, nos quartos, iniciada na segunda metade dos anos 60 (TRAMONTANO, 2004: 79, 89).

Nos apartamentos maiores, era freqüente a ocorrência de mais de uma suíte, onde o closet estava presente em pelo menos uma delas. Apesar da banalização das suítes ter outorgado aos pais o direito a um banheiro privativo, nem sempre seu

dormitório era o maior de todos, principalmente nos pequenos apartamentos de dois ou três dormitórios. A diminuição do tamanho desse quarto acabou por impossibilitar, muitas vezes, o uso de penteadeira, como era comum nas décadas anteriores. Assim, o banheiro da suíte acabou agregando a função de toucador, se tornando espaço de embelezamento além de ambiente de higiene (TRAMONTANO, 2004:79, 99).

Diante deste novo uso, muitos banheiros ganharam espelhos maiores, passando a refletir a imagem de todo o corpo e não mais apenas o rosto. A banheira, elemento indispensável nos banheiros dos decênios anteriores, foi gradualmente suprimida, passando a estar presente apenas na suíte do casal dos grandes apartamentos. A sua eliminação aponta para uma mudança no hábito do banho, que deixou de lado o caráter de relaxamento para limitar-se a uma breve tarefa diária de asseio pessoal (TRAMONTANO, 2004:165, 167).

A extinção da banheira pode ser explicada tanto por redução de custo, para compensar o aumento do número de banheiro por unidade, como por economia de área (VILLA, 2002:155). A diminuição de área do banheiro é tamanha, que leva a crer que a soma das áreas dos diversos banheiros de uma mesma unidade equivale à área do banheiro único dos apartamentos da década de 50. Apesar desta economia de área, ainda era comum a presença de lavabo nas unidades maiores (TRAMONTANO, 2004:155).

Em resposta a esta supressão de áreas característica dos apartamentos da década de 70, houve uma tentativa de eliminação da circulação íntima. Além da tentativa de redução de área, a eliminação do corredor íntimo tentou atingir uma organização mais fluída dos cômodos, capaz de promover a integração de um grupo familiar cujos membros procuravam disierarquizar suas relações através do diálogo (Fig. 09) (TRAMONTANO, 2004:85). Esta tentativa de supressão da circulação não ocorreu na cidade do Rio de Janeiro que apresentou corredores ligando/separando os quartos dos moradores da área social ou também da cozinha com mais freqüência (PAULA, 2007: 68).

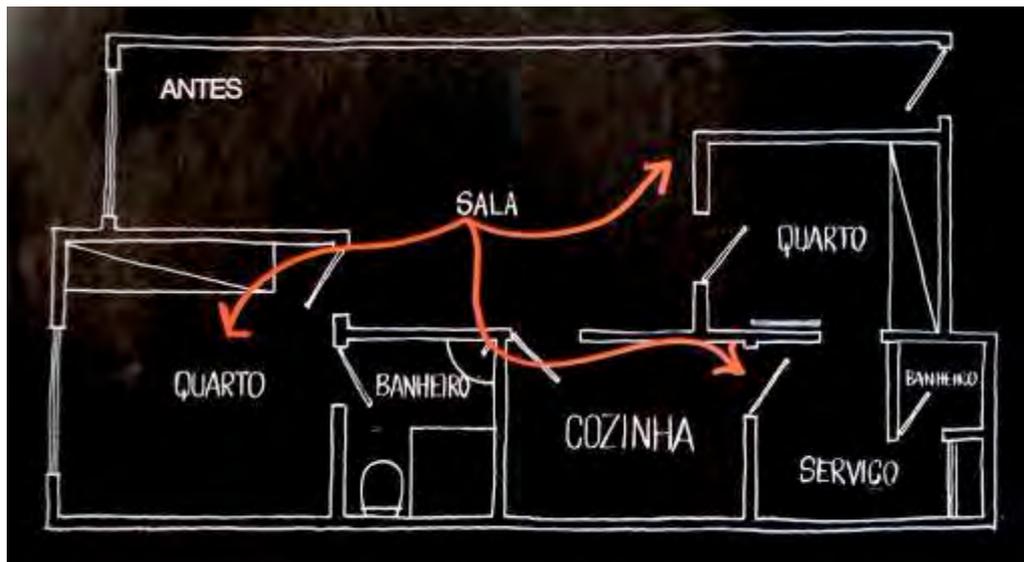


Fig. 09 // apartamento com supressão da circulação. A sala que faz a articulação entre todos os cômodos. Percebe-se ainda que não há entrada de serviço, só pela sala (Casa e Jardim nº206, 1972).

A gradual redução de área teve, ainda, efeito claro sobre a forma da cozinha, cuja proporção foi distanciando-se do quadrado. No início dos anos 70, muitos dos grandes apartamentos apresentaram um ligeiro aumento da cozinha, só que dividindo o espaço com a copa (Fig. 10). Entretanto no final da década, mesmo nestas unidades maiores houve uma fusão destes ambientes em um espaço minimizado (VILLA, 2002:154).

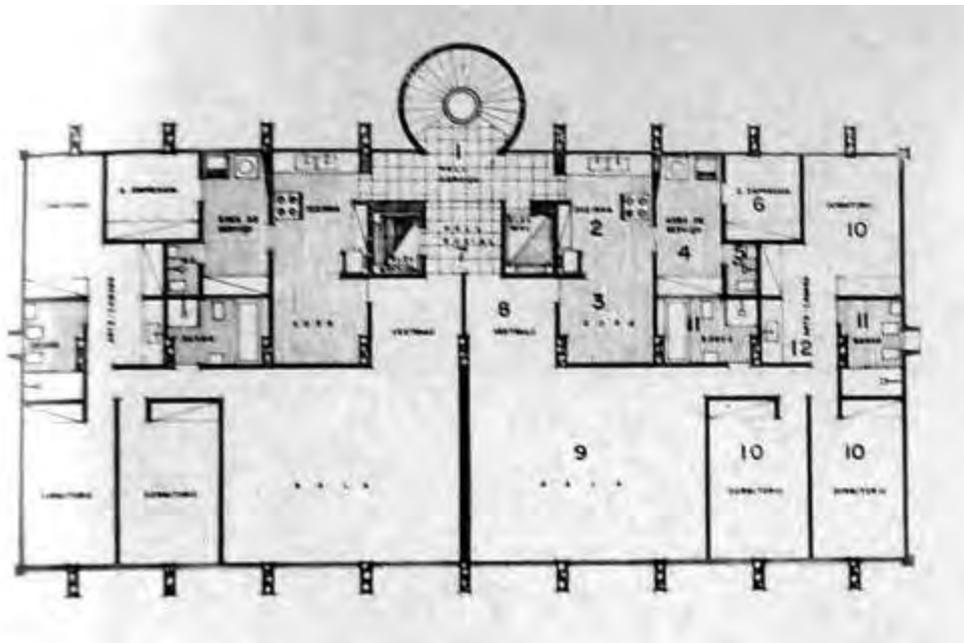


Fig. 10 // Percebe-se nestes apartamentos a presença de copa integrada com cozinha com formato mais próximo do quadrado. A sala é composta por um vão único, há uma suite com closet e a área de serviço possui quarto de serviço (Acrópole nº381, 1971: 35).

A especulação imobiliária manteve os anexos às cozinhas das unidades grandes (terraço de serviço, dormitórios e banheiros de empregados) e praticamente

os suprimiu nas unidades menores (TAMONTANO, 2004:111, 119). Entretanto, o quarto de serviço continuou presente em praticamente todas as unidades e as áreas de serviço continuaram com local para as "indispensáveis" máquinas de lavar. PAULA (2007:69) aponta que, na cidade do Rio de Janeiro, tornaram-se comuns as suítes de serviço, com os banheiros abrindo diretamente para o quarto de empregados e não mais para o terraço de serviço.



Fig. 11 // Charge da revista Modulo de 1978 criticando o tamanho reduzido dos apartamentos, em particular os quartos de serviço (Modulo nº52, 1978/1979).

Nesta década se popularizou ainda os armários embutidos em todos os ambientes, utilizados nas campanhas do mercado imobiliário como ideal de modernidade, conforto e refinamento do imóvel. A produção dos apartamentos deste decênio foi marcada pela tentativa de redução de área, onde cada metro quadrado deveria ser qualificado, de preferência, com mais de uma função (TRAMONTANO, 2004:85, 101).

Mesmo seguindo o rumo orientado pela especulação imobiliária, a configuração dos apartamentos acompanhou mudanças, ainda que sutis, da configuração familiar e da busca da individualidade. A redução de área foi uma característica marcante e acabou por gerar um novo mercado de mobília.

6.3 // MOBÍLIA VERSÁTIL DE 70

A década de 70, apesar de ser uma época de grande crescimento econômico e de sua conseqüente euforia, o autoritarismo político brasileiro e sua rigorosa censura acabou por limitar a criação cultural do período. Interrompeu o processo de busca de identidade cultural iniciada nos anos 50 e efervescente nos 60, o que fez com que, a indústria cultural brasileira, dos anos 70, sobrevivesse basicamente com os valores surgidos nos decênios anteriores. Em relação ao mobiliário, esta perspectiva não foi muito diferente.

Houve uma estagnação na produção da mobília brasileira no que tange ao aspecto representativo da criatividade nacional, ou seja, pouco se propôs em termos de estética, quase não se inovou no âmbito do mobiliário residencial. Ocorreu uma produção quantitativa, entretanto, reduzida qualitativamente, ao se comparar com o decênio anterior. Esta queda qualitativa pode ser justificada pelo exílio forçado de inúmeros profissionais, bem como o policiamento governamental nas produções artísticas (TEIXEIRA, 1996:47).

A grande inovação aconteceu no âmbito dos materiais, com destaque especial para os brilhantes (Fig. 12, 13, 14 e 15): o cristal temperado, o “fiberglass” (fibra de vidro), o aço inox, os metais cromados e, o não brilhante, monobloco de espuma (Casa e Jardim nº223,1973:57). Cabe ainda salientar o acrílico, que *aparece como um dos materiais mais usados nos móveis modernos. Em cores vivas e alegres, se prestam com harmonia a qualquer tipo de ambiente* (Casa e Jardim nº209, 1972:36). Estes materiais aparecem como evidência no mobiliário da feira de utilidades domésticas (UD), realizada em São Paulo, em 1972 (Casa e Jardim nº209, 1972:36).



Fig. 12 //cadeira-concha em acrílico, exposta na UD em São Paulo em 1972 (Casa e Jardim nº209, 1972:36).



Fig. 13 // móveis em acrílico, material moderno difundido em 70 (Casa e Jardim nº223, 1973).



Fig. 14 // cadeira em "fiberglass", projeto de Ernesto Hauner para a Mobilinea, exposta na UD (Casa e Jardim nº209, 1972:36).



Fig. 15 // sofás e poltronas em monobloco de espuma com forração em vinil branco. A mesa de centro é em fiberglass, da loja TORA (Casa e Jardim nº223,1973:58).

Além da inovação em relação ao material, a mobília deste período refletiu algumas transformações ocorridas nos espaços internos das moradias. A compactação do ambiente doméstico e seus diversos usos impeliram o mobiliário residencial a ajustar-se a estas modificações. CAVALCANTI (2001:120) cita as três principais características da mobília deste período, provenientes das transformações da moradia: a compactação dimensional da peça, que significa a adequação física dos móveis às novas dimensões dos ambientes internos; o acúmulo de múltiplas funções de uso, quando uma mesma peça adensa mais de uma função utilitária; e o despojamento das referências em torno da serventia, quando as tipologias correntes de utilidade são subvertidas ou multiplicadas e, permitem ao usuário utilizar uma mesma peça para diversas funções (Fig. 16).

Assim, a mobília dos anos 70, se preocupou principalmente com a funcionalidade e versatilidade, isto é, com os diversos usos que podiam oferecer uma mesma peça (Casa e Jardim nº208, 1972:69). Com este intuito, a modulação de peças, com a grande diversidade de arranjos que propiciava, foi utilizada à exaustão por diversas lojas de mobília.



Fig. 16 // Berço da Tora que apresenta o acúmulo de múltiplas funções de uso e despojamento das referências em torno da serventia. Estruturado todo em madeira de lei e com proteção em monofilamento de nylon, possui estrado regulável para facilitar os cuidados com o bebê e rodízio, podendo ser locomovido. Quando a criança abandona o berço pode ser transformado em sofá (tirando os rodízios e uma barra) ou em prancheta (retirando as persintas de nylon e duas barras) (Casa e Jardim nº223, 1973:64).

Um exemplo disto é a linha de móveis modulados desenvolvida por Ricardo Arristia para loja Arredamento (Fig. 17), onde cada elemento funcionava independentemente ou como uma peça de conjunto disponibilizando inúmeras possibilidades de composições de ambientes. Visava atender a dinâmica da vida dos anos 70, onde o móvel se transformava à medida que se transformasse a necessidade de seu proprietário (Casa e Jardim nº200, 1971: 41).



Fig. 17 // módulos da Arredamento, criados por Ricardo Arristia, que se adaptam às diferentes necessidades do usuário. As poltronas podem ser usadas separadas ou juntas formando sofás de quantos lugares se desejar. A base das mesas complementares servem como estrutura para o sofá, basta retirar o tampo e encaixar o assento de madeira e espuma. fiberglass, da loja TORA (Casa e Jardim nº223,1973:58).

A versatilidade da modulação estava presente tanto na mobília desenvolvida para ambientes compactos como para os que não apresentavam este problema. A ampla disponibilidade no mercado imobiliário de apartamentos com programas e tamanhos diversos, acabou gerando a necessidade de um mercado de mobília que atendesse a este público variado. Assim, lojas como a Mobília Contemporânea desenvolveram tanto peças voltadas para apartamentos médios e grandes, como o conjunto de estofados “pesado” (Fig. 18), como linhas mais leves e versáteis como a Peg-Lev (Fig. 19) (Casa e Jardim nº209, 1972: 57). A Tora seguiu o mesmo raciocínio com conjunto sugerido para apartamentos pequenos, como o jogo de sofá SO-6 (Fig. 20), e o para apartamentos grandes como o SO-9 (Fig. 21) (Casa e Jardim nº223, 1973:61).

Ao abordar a produção de mobília desta década, a autora Maria Cecília Loschiavo dos Santos (1995:155), destaca três diferentes vertentes: o móvel de autor, assinados, com canais de venda e faixa de clientela próprio; o móvel de massa, que inundou o mercado para consumo popular, sem preocupações com o design; o móvel reciclado, em certo revival da mobília do passado, em que cópias e obras verdadeiras coexistem em antiquários e lojas de móveis usados em geral.



Fig. 18 // conjunto de estofado "pesado", desenvolvida pela Mobília Contemporânea, para living's médios e grandes (Casa e Jardim nº209, 1972:51).



Fig. 19 // Peças da Mobília Contemporânea, desmontáveis e versáteis. A cadeirinha leve é ideal para ambientes pequenos (Casa e Jardim nº209, 1972:54).



Fig. 20 // sofá SO-6, em jacarandá com almofadões soltos de floco de espuma, que a TORA sugere para apartamentos ou ambientes pequenos (Casa e Jardim nº223, 1973:60).

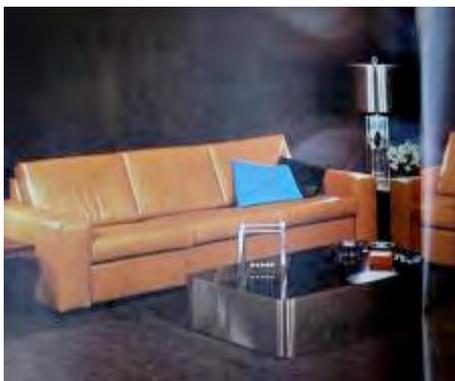


Fig. 21 // sofá SO-9, da TORA, todo em couro com opções de 02, 03 ou 04 lugares (Casa e Jardim nº223, 1973:60).

6.3.1 // Produção de Destaque de 70

Muitos nomes importantes no desenvolvimento da mobília brasileira nos decênios anteriores continuaram atuando no mercado, dando continuidade à sua obra. Continuaram investindo no processo criativo e produtivo no Brasil, seguindo com o percurso de sua obra e integrando o competitivo mercado consumidor. É o caso, por exemplo, de Sérgio Rodrigues e Michel Arnoult, que continuaram exercendo seus trabalhos seguindo a mesma linha de conduta inicial.

Sérgio Rodrigues continuou com a sintonia dos valores mais legítimos da cultura material brasileira, apresentada, sobretudo, na utilização de ícones visuais como a palhinha, o couro, a madeira, a rede, o sentar relaxado. Prosseguiu sua produção mesmo após seu desligamento da empresa Oca, que havia criado anteriormente. Dentre suas inúmeras criações, produziu, neste período, a poltrona Kilin (Fig. 22), produzida pelas indústrias Reunidas Oca S.A. e premiada pelo instituto dos Arquitetos do Brasil, no ano de 1975 (CAVALCANTI, 2001:94, 97).



Fig. 22 // Protótipo da poltrona Kilin, produzida pela Oca, baseada no desenvolvimento da Xikilin de 1973 (Design e Interiores nº04, 1987: 17).

Michel Arnoult seguiu com a preocupação de fazer design voltado para produção em série a baixo custo. Inovou, neste decênio, com a criação de uma linha de móveis desmontáveis vendidos em caixas como a linha Peg-Pag, vendida na rede de supermercados Peg-Pag em São Paulo, e a linha Peg-Lev (Fig. 23), encontrada em sua loja, Móvel Contemporânea. Em 1974, a Móvel Contemporânea encerrou suas atividades, mas Arnoult continuou desenvolvendo projetos para diversas indústrias brasileiras (LEON, Design & Interiores nº28).



Fig. 23 // Poltrona Peg-Lev, de Michel Arnould, de 1972. Confecção em madeira pau-ferro para a estrutura de suporte e couro natural para assento e encosto. Móvel desmontável e de fácil transporte, armazenamento e venda (*Design & Interiores* nº28, 1992).

Destacou-se ainda outro pioneiro, embora sua conduta de trabalho nesta década tenha sido diferente da sua linha inicial. Trata-se do baiano Zanine Caldas, que a partir de 1968 desenvolveu uma série que intitulou como “móvel de denúncia”. Consistiam em peças brutas, modeladas a partir de toras grandes de madeira como forma de testemunho da existência de certas madeiras que ele acreditava que entrariam em extinção. Apresentou, assim, certa preocupação com o meio ambiente, questão em voga no momento (Fig. 24 e 25) (*LEON, design e interiores* nº 14).



Fig. 24// Cadeira dobrável em madeira maciça, 1973, peça de Zanine Caldas (*Design & Interiores* nº14).



Fig. 25 // *Escultura Utilitária, um banco constituído por três toras de madeira. A mesa de centro, também esculpida em madeira, possui um furo no centro para arranjo de planta. Peças de Zanine Caldas da década de 1970, os "móveis de denúncia" (Design & Interiores nº14).*

Em conjunto com estes profissionais pioneiros, muitas empresas atuantes no mercado de mobiliário nos decênios anteriores continuaram presentes neste período, como é o caso da Forma (Fig. 26), Arredamento, Mobilínea, Hobjeto. O desenho de mobília internacional continuou a ser desenvolvido por empresas brasileiras, a exemplo do que vinha ocorrendo, e novos contratos foram feitos, como é o caso das peças do grupo italiano Cassina que passaram a serem executadas pela Projeto.



Fig. 26 // *Propaganda da Forma evidenciando a produção de mobiliário de desenho internacional a partir de sua associação com a Knoll International (Casa e Jardim nº200).*

Novos nomes também se destacaram no panorama de 70, como é o caso de Adriana Adam. Seguindo o conceito de módulo bastante difundido na produção de mobília do período, Adriana Adam criou, para loja Forma, uma linha de mobília

voltada para público infantil de bastante destaque. Partindo de 03 módulos sem arestas vivas, os diferentes módulos se juntavam a partir de um perfil plástico extrudado, gerando diferentes formas e usos (Fig. 27 e 28) (Acrópole nº384, 1971:09).

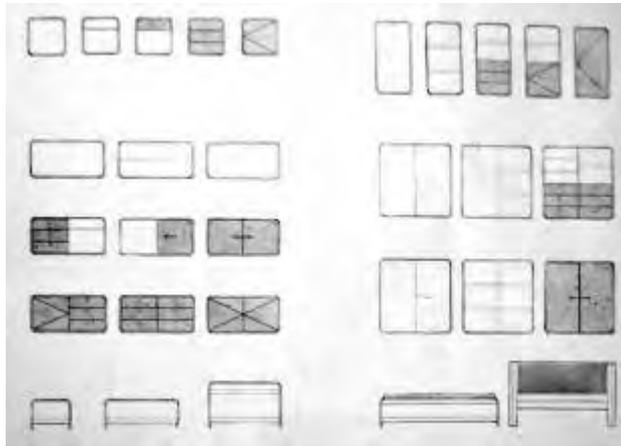


Fig. 27 // elevação das opções de módulos desenvolvidos por Adriana Adam para a Forma voltado para o público Infantil (Acrópole nº384, 1971:09).



Fig. 28 // Versão do módulo simples e empilhado, diversas opções de combinações. Adriana Adam (Acrópole nº384, 197:09).



Fig. 29 // Mesa lateral, design de Ricardo Fasanella anos 70, em ferro com pintura preta (www.graphosbrasil.com).

Destacou-se ainda Ricardo Fasanello que a partir da composição, ou muitas vezes decomposição, das volumetrias básicas, elaborou seu mobiliário como se a funcionalidade fosse decorrente de um jogo, uma brincadeira entre massas. Ora volumes literalmente justapostos, ora formas volumétricas suspensas pelo sistema estrutural, compostos a partir de um eixo central. Suas criações foram norteadas por uma linguagem estética singular, a pop européia (Fig. 29) (TEIXEIRA, 1996:49).

Contribuiu ainda para a produção de mobília deste período, “de forma modesta”, como eles descreveram, Oscar Niemeyer e sua filha, Anna Maria Niemeyer. Para eles, o mobiliário, assim como a arquitetura, deveria exprimir a técnica empregada, o que os levou a utilizar a técnica de madeira prensada, aplicada anteriormente na Suécia. Esta opção propiciou redução de custo, variação formal e simplicidade construtiva, o que os levou a produzir peças feitas anteriormente em chapa metálica com este material. Assim, fizeram cadeiras, poltronas, mesas, cadeiras de balanço, espreguiçadeiras e marquesas (Fig. 30 e 31) (NIEMEYER, 1978:34).



Fig. 30 // Poltrona de Oscar Niemeyer e Anna Maria Niemeyer, construídas inicialmente em placas metálicas, foram os primeiros móveis que os autores adotaram a madeira prensada. (Módulo nº50, 1978:34).



Fig. 31// Espreguiçadeira de balanço de Oscar Niemeyer e Anna Maria Niemeyer (Módulo nº50, 1978:34).

Apesar das iniciativas acima citadas, o grande destaque da produção moveleira dos anos 70, caracterizou-se por propostas voltadas para o mercado consumidor de classe média, compostas basicamente por objetos modulados, desmontáveis, fabricados em série e vendidos em caixas. Este mobiliário pregava a honestidade do produto, no qual todos os materiais nele utilizados estavam à mostra: os estruturais, os de vedação e inclusive os de fixação, ou seja, parafusos e ferragens, passando desta maneira, a idéia de idoneidade do produto e por conseguinte, de confiabilidade das empresas que os fabricavam (TEIXEIRA, 1996:48, 49).

Neste contexto cabe salientar a empresa TOK & STOK (Fig. 32) que implantou no Brasil uma filosofia empresarial que aposta na “massificação” do design, com base na idéia de que o design de produtos deve ser bem resolvido em relação aos atributos de: funcionalidade, estética, desmontabilidade, armazenamento e, sobretudo, deve ter qualidade e bom preço. Uma equação de sucesso que se adaptou perfeitamente às necessidades dos consumidores brasileiros, até então entricheirados entre: o móvel popular, com baixo preço, mas sem a incorporação do design; e o móvel elitizado, desenvolvido a partir de projeto de design, mas com preços inacessíveis para a classe média (CAVALCANTI, 2001:312).



Fig. 32 // uma das primeiras peças vendidas na Tok & Stok, nos anos 70. Poltrona da linha Tubular desenvolvida por uma empresa sueca a InnovatorDesign AB (disponível na página www.Tokstok.com.br).

Nesta década, cresceu, ainda, significativamente o mercado de produção de móveis institucionais, destinados principalmente a escritórios, lugares públicos, bibliotecas, auditórios, museus e hospitais. Visando estabelecer conforto e bem estar para o trabalhador, diversas empresas se destacaram neste setor: L'Atelier, Escriba, Forma, Fiel, Giroflex, Hobjeto, Riccô, Securit, Teperman, entre outras (Fig. 33 e 34) (SANTOS, 1995:155).

Como percebe-se, a produção de mobília deste período buscou se adequar tanto às diversas classes econômicas dos consumidores como à variedade de habitação ofertada no mercado imobiliário. Essas iniciativas abriram novos caminhos do design da mobília no Brasil e trouxeram alterações importantes para os interiores domésticos.



Fig. 33 // Propaganda da Escriba, de mobiliário institucional (Modulo nº52, 1978).



Fig. 34 // Propaganda Forma, linha para escritório (CJ Arquitetura nº13, 1976).

6.4 // DECORAÇÃO ANOS 70: A VERSATILIDADE ESPACIAL

Com a grande produção de apartamentos nesta década com configurações diversas, voltadas para um público consumidor também diverso, a decoração de interiores continuou a ser uma importante ferramenta de apropriação, adequação e personalização deste ambiente. Assim, inúmeros profissionais do ramo e lojas de mobília continuaram a desenvolver projetos de interiores na busca de adaptar estes espaços a seus usuários (Fig. 35).



Fig. 35 // Muitas lojas de mobília desenvolviam projeto de interiores, o que pode ser visto nesta propaganda da Hobjeto, que afirma encontrar a solução para o lar, com aproveitamento dos espaços (Casa e Jardim nº200).

O setor social continuou a ser ocupado seguindo os mesmos preceitos modernos da década passada, consistindo em geral, um único vão dividido em jantar e, ao menos um estar, com uma mobília fluída que permitisse uma integração total do ambiente. Assim o uso de divisórias vazadas, de tapetes dermacando o espaço, aparadores e demais peças, tinha que apresentar uma relação entre si para gerar uma unidade total do recinto. Desta forma, o uso de móveis de lojas de mobília conceituadas como a Oca, Forma, Arredamento, Mobilínea, l'Atelier continuaram a serem utilizados com este intuito (Fig. 36, 37 e 38).



Fig. 36, 37 e 38 // Setor social composto por três ambientes distintos, com dois estar e um jantar, mas integrados entre si. O living foi dividido parcialmente do jantar por um biombo articulado. Nestes ambientes foram utilizadas peças de mobília atuantes no mercado desde os decênios anteriores como: cadeiras da mesa de jantar e poltrona mole da Oca; e sofá e poltrona L'Atelier (Fig. 02B).

O espaço da moradia deveria ser prático, funcional e versátil na tentativa de acompanhar o novo ritmo de vida, com as mulheres cada vez mais atuantes no mercado de trabalho, igualdade entre os cônjuges e maior integração do grupo familiar. Assim, tudo deveria ter fácil acesso, ser integrado, simples⁵ e, se possível, compacto, diante do espaço reduzido de muitos apartamentos.

Na tentativa de atender a estes requisitos, a mobília produzida neste período sofreu algumas interferências, tendo sido a modulação um recurso vastamente utilizado, a exemplo do ocorrido no decênio anterior. O móvel modulado foi, então, apontado como uma solução prática e atual para quem pretendia decorar a casa, permitindo várias composições e resolvendo o problema dimensional (Casa e Jardim nº251, 1975). Com este partido era possível compor salas de estar (Fig. 39), quartos (Fig. 40), cozinhas, enfim, os mais diversos ambientes da casa.

⁵ A praticidade, funcionalidade, versatilidade, simplicidade eram características ansiadas no espaço da moradia, o que podia ser percebido em inúmeras reportagens de periódicos do período como a "CJ visita Mobília Contemporânea" (Casa e Jardim nº209) e "O bom aproveitamento dos detalhes" (Casa e Jardim nº245).



Fig. 39 // Conjunto de poltronas da Lafer. São peças modulares, que justapostas, chegam a formar sofás de dois, três ou mais lugares (Casa e Jardim nº231, 1974:50).



Fig. 40 // Quarto de casal, Móveis Cimo, composto por peças moduladas compondo penteadeira, gaveteiros, cômodas. Possibilidade de distribuição flexível a partir dos módulos (Casa e jardim nº251, 1975).

Dentre a mobília modulada, cabe destacar a estante modulada que também continuou sendo uma grande aliada no aproveitamento espacial tanto para guardar e/ou expor objetos, como para dividir ambientes.

Se você precisa de bastante espaço para acomodar toda a louça, objetos e até um bar, para copos e garrafas, a estante bem ampla laqueada em melamina, vai ser muito funcional. Além disso, é ideal para o seu living, composto de sala de jantar e estar, pois a mesma estante serve aos dois ambientes, evitando o excesso de mobília que prejudica a circulação (casa e jardim nº251, 1975).

A grande novidade desta estante, em relação ao decênio anterior, foi em relação ao material utilizado, com versões executadas com os materiais brilhantes, tidos como modernos: o vidro (Fig. 41), o aço cromado, a laca brilhante, o acrílico. Estes materiais modernos também contribuíram para dar um ar de modernidade ao móvel modulado em geral e, conseqüentemente, na habitação. Esta estante

continuou a abrigar, por vezes, a TV, que ainda era disposta no espaço doméstico seguindo as mesmas soluções do decênio anterior.



Fig. 41 // Estante modulada com placas de vidro dando ar de modernidade a esta peça, pode se adequar facilmente às diferentes necessidades. Pode abrigar ainda a TV e dividir ambientes, a exemplo do ocorrido no decênio anterior. Esta fazia parte das opções de mobília ofertadas pela Tora (Casa e Jardim nº223, 1973).

Outro recurso muito utilizado no período que visava um melhor aproveitamento espacial foi o armário embutido (Fig. 42 e 43), presente em todos os ambientes da moradia: banheiros, salas, cozinhas, quartos, circulações. Eram considerados um dos principais elementos da casa, utilizados, até mesmo, pelo mercado imobiliário como importante recurso de venda⁶ (Casa e Jardim nº231, 1974:68).

⁶ Como citado no item 6.1.



Fig. 42 // O armário embutido foi uma solução usual na década de 70. Neste caso a opção de um nicho na parede com portas, para guardar lençóis e toalhas (Casa e Jardim nº231, 1974:70).

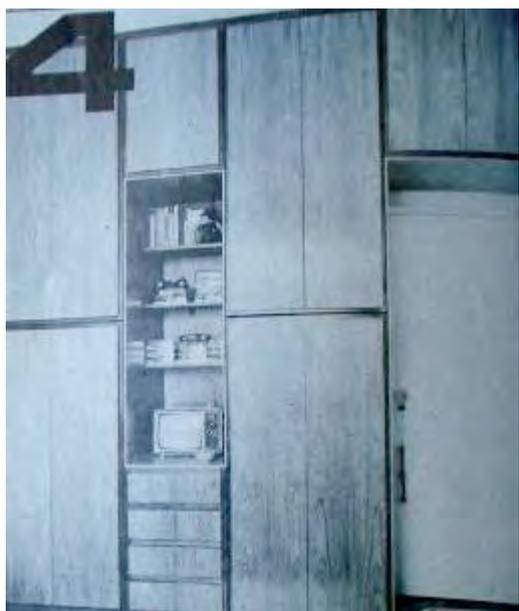


Fig. 43 – Armário embutido para quarto com nicho para TV (Casa e Jardim nº231, 1974:70).

Além de soluções em relação ao mobiliário, a compactação dos apartamentos exigiu ainda novos estudos de layout do ambiente, da organização da mobília a ser exposta neste espaço. Em apartamentos pequenos, um arranjo muito utilizado foi a disposição da mesa de jantar retangular com uma de suas faces encostada na parede (Fig. 44 e 45), liberando mais área para circulação do que o arranjo usual com a mesa disposta no centro do ambiente (Fig. 46).

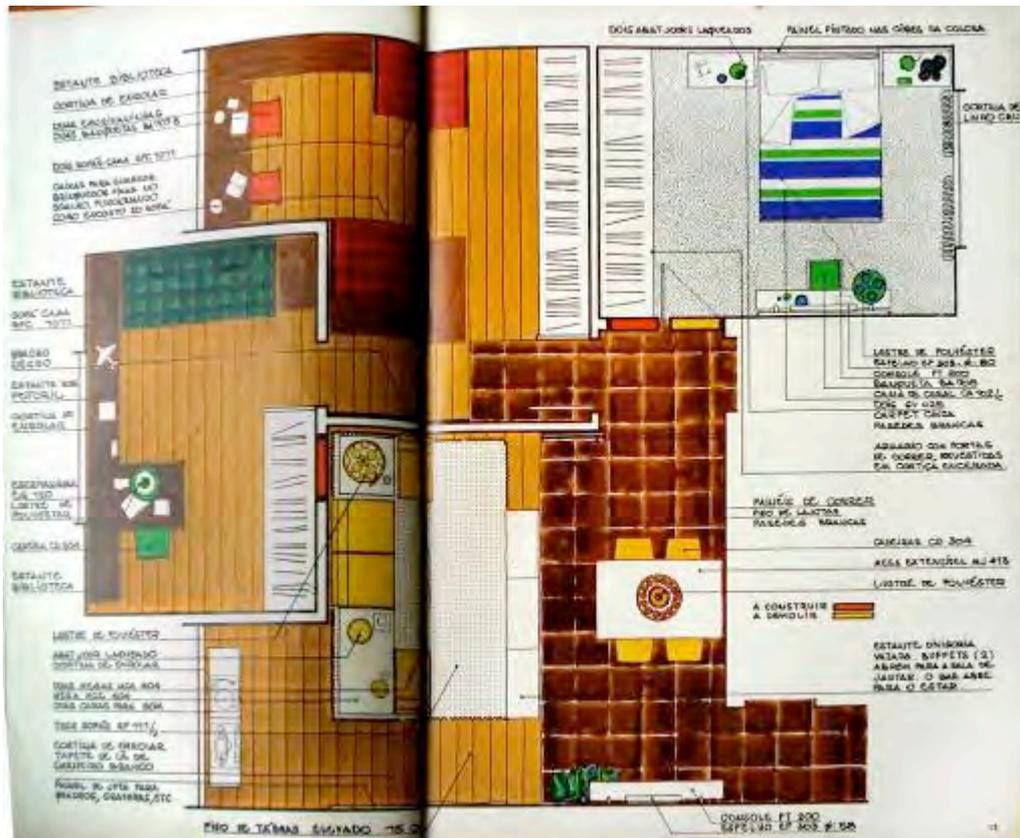


Fig. 44 // Sala de jantar com mesa encostada na parede liberando espaço para a circulação. A divisão entre o estar e jantar foi feita por estante vazada. Projeto da Arredamento (Casa e Jardim nº193, 1971:15).



Fig. 45 // cadeiras e mesa de jantar, da mobília contemporânea, encostada na parede. Solução para liberar área de circulação (Casa e Jardim nº209, 1972).



Fig. 46 // Mesa de jantar redonda disposta no centro do ambiente, solução que ocupa mais área. Projeto Mobilínea (Casa e jardim nº205, 1972:10).

Nestes espaços, foi comum ainda o uso de mobília multifuncional e flexível, solução também muito adotada nos flats, nova tipologia habitacional que surgiu no período e nas novas salas em "L". Assim o uso de sofá cama, cadeiras dobráveis, armários com rodízio para facilitar seu deslocamento, bancadas retráteis, passou a ser comum visando o aproveitamento máximo do espaço (Fig. 47, 48 e 49). Como se percebe, a mobília ia tentando se adequar às modificações do espaço (no caso a compactação) e às novas necessidades do usuário.



Fig. 47 // poltrona que também pode ser utilizada como baú. Linha "versatile" da Lafer (Casa e Jardim nº231, 1974).



Fig. 48 // Estantes de cantos arredondados, encostadas na parede servem como buffet. Possuem mobilidade por possuírem rodízios, que permitem seu deslocamento e o acesso ao compartimento interno (Casa e Jardim nº206, 1972:70).



Fig. 49 // Cadeiras dobráveis utilizadas na mesa de jantar, podendo ser guardadas quando não estiverem sendo utilizadas (Casa e jardim nº248, 1975).

Quanto ao uso do espaço doméstico, este, apesar de reduzido, agregou uma nova função com o trabalho em casa, que passou a ser cada vez mais comum. Este novo uso acabou por gerar modificações consideráveis neste espaço, tanto quanto à configuração da mobília como do apartamento. Nos apartamentos de áreas maiores, criou-se um cômodo específico para o trabalho (Fig. 50); enquanto nos apartamentos menores cabia à decoração prever um canto que abrigasse esta função, devendo o móvel resolver este problema (Fig. 51).



Fig. 50 // Cômodo específico para escritório composto por mesa com tampo de cristal e armário de apoio (Casa e jardim nº245, 1975: 49).



Fig. 51 // Sugestão da Revista Casa e Jardim para o escritório, que pode ocupar um cantinho da parede ou mesmo ser integrada no corpo de um armário (Casa e Jardim nº251, 1975:102).

Assim foram utilizadas bancadas de trabalho retráteis ou embutidas em armários (Fig. 52) ou mesmo estantes fabricadas por lojas conceituadas de mobília, como é o caso da estante-biblioteca e bancada da linha Peg-Lev da Mobília Contemporânea (Fig. 53). Até mesmo os quartos, por vezes, sofreram adaptações para agregar este novo uso, sendo compostos, freqüentemente, de sofá cama para dar um maior aspecto de escritório, se adequando, dependendo do horário, à função de repouso ou de trabalho deste ambiente (Fig. 54). Este é um exemplo claro da tentativa de adaptação da mobília, através da multifuncionalidade, à modificação do espaço (sua compactação) e da nova necessidade do usuário (trabalho).

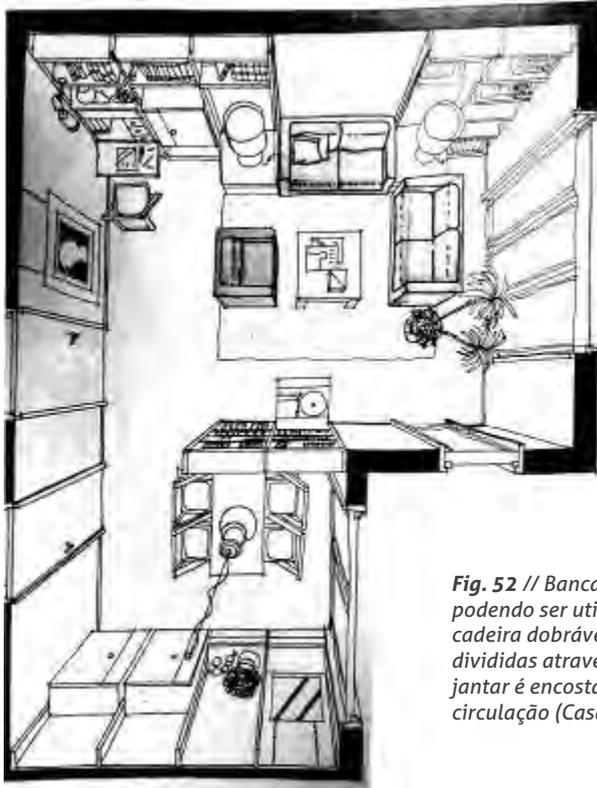


Fig. 52 // Bancada retrátil embutida na estante podendo ser utilizada para trabalho e estudo com cadeira dobrável. A sala de jantar e estar são divididas através de estante vazada, onde a mesa de jantar é encostada com o intuito de liberar área para circulação (Casa e Jardim nº248, 1975).



Fig. 53 // Biblioteca-estúdio da mobília Contemporânea, linha Peg-Lev, desmontável. Estante modulada que pode ser ampliada para cima e para os lados, e mesinha-escrivãzinha que também pode ser utilizada como penteadeira (Casa e jardim nº209, 1972).



Fig. 54 // Quarto/escritório da Arredamento. A escrivaninha se encaixa em uma estante modulada e a cama foi arrumada com almofadões servindo como encosto para também ser utilizada como sofá (Casa e Jardim nº200, 1971).

Apesar da versatilidade e flexibilidade espacial característica da década de 70, foi comum também o uso de “móvel imóvel”: aquele feito de alvenaria e concreto. Em qualquer arquitetura são cabíveis os móveis fixos, seja ela requintada, esportiva, sóbria, extravagante ou rústica. É natural que o móvel de alvenaria não se encontre pronto. Ele tem que ser idealizado, estudado com detalhes, e colocado no seu lugar exato. Assim, foram executadas camas, criado-mudos, mesas, armários, estantes, sofás, poltronas, dentre outros (Fig. 55) (Casa e Jardim nº206, 1972:26).



Fig. 55 // Sofá com base em alvenaria, um exemplo de móvel imóvel (Casa e Jardim nº206, 1972:26).

Além da versatilidade característica da moradia deste período, ainda se destacou o uso de cores fortes e brilhantes (Fig. 56). Isto pode ser justificado com o aumento do poder aquisitivo do público jovem, propiciado pelo “milagre econômico”, e a conseqüente ampliação do mercado de mobília voltada para este público.



Fig. 56 // Linha "versatile" da Lafer, o estar jovem e componível. Poltronas modulares desmontáveis, com encosto móvel que permite sentar ou deitar. Uso de cores fortes "tudo muito alegre, descontraído" (Casa e Jardim nº231, 1974).

Diante desta explanação, pode-se afirmar que os espaços residenciais da década de 70, assim como sua mobília, sofreram modificações como reflexo do contexto sócio, econômico, político e cultural desta década.

70

POLÍTICO	CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL	HABITAÇÃO	MOBILIÁRIO	INTERIOR DO
<p>Político;</p> <p>Político;</p>	<p>Mulheres atuantes no mercado de trabalho;</p> <p>Ideal de modernidade ainda presente.</p>	<p>Diversidade de apartamentos no mercado com programas variados – unidades grandes e compactas;</p> <p>Unidades compactas com ambientes dimensionalmente reduzidos;</p> <p>Cômodos com possibilidade dupla de uso;</p> <p>Origem das salas em "L";</p> <p>Banheiros com função de embelezamento e higiene;</p> <p>Supressão das banheiras;</p> <p>Disseminação dos escritórios;</p> <p>Origem do flat como moradia moderna.</p>	<p>Diversificação da produção da mobília acompanhando a pluralidade do mercado imobiliário</p> <p>Mobília tanto para ambientes grandes como compactos;</p> <p>Multifuncionalidade, flexibilidade e versatilidade das peças</p> <p>Modulação da mobília com diversidade de arranjos;</p> <p>Modernidade associada ao uso de novos materiais, com destaque para os brilhantes;</p> <p>Grande produção de mobília corporativa.</p>	<p>Espaço da moradia ser prático, funcional e versátil;</p> <p>Uso de armário e como solução para o espaço dimensional;</p> <p>Novos layouts para liberar área de circulação;</p> <p>Aproveitamento espacial;</p> <p>Uso de módulos proporcionando a diversidade;</p> <p>Criação de área de trabalho;</p> <p>Uso de materiais conferindo modernidade ao ambiente;</p> <p>Uso de cores fortes e brilhantes para a juventude.</p>
	<p>Repressão cultural;</p> <p>Censura dos meios de comunicação.</p>		<p>Repetição de solução projetual e pouca inovação formal.</p>	
<p>Político;</p>	<p>Defesa do meio ambiente.</p>	<p>Grandes áreas de lazer;</p> <p>Preocupação, de caráter ambiental, com legislação construtiva.</p>	<p>Preocupação, ainda preliminar, com meio ambiente.</p>	
<p>Político;</p>		<p>Criação dos flats;</p> <p>Disseminação de áreas de lazer coletivo nos</p>		

CONCLUSÃO

Diante do rebatimento traçado a partir do panorama histórico da moradia e da mobília brasileira em paralelo às modificações contextuais ocorridas nas décadas de 50, 60 e 70, muitas são as conclusões. A mais significativa é que de fato há uma relação estreita e de influência evidente entre os acontecimentos do contexto sócio-cultural, político, econômico e tecnológico com a moradia, a sua mobília e os interiores domésticos ao longo de todo o período.

A existência desta relação móvel X moradia X contexto foi percebida mesmo na **PARTE 1 – Moradia e Mobiliário: Considerações Gerais**, cujo objetivo principal era fundamentar e referenciar teoricamente as considerações históricas essenciais para uma melhor abordagem do recorte da pesquisa. O panorama histórico da habitação e sua mobília apresentado nesta etapa deixa claro que tanto a casa como o mobiliário do período do Brasil colônia sofreram adaptações de cunho social, cultural, econômico, político e tecnológico que geraram o quadro habitacional e moveleiro de 50.

Desta forma, os interiores coloniais simples e vazios se sofisticaram com a chegada da corte portuguesa no século XIX e, posteriormente, se equiparam com os produtos americanos divulgados pelo cinema tentando se tornar a casa utilitária norte-americana nos anos 30 e 40. O mobiliário-português e luso-brasileiro do período colonial sofreu um hibridismo decorrente da importação de produtos de países diversos, conseqüente da abertura dos portos no século XIX, até apresentar características do movimento Art-Déco europeu executados com matéria-prima brasileira, nos anos 40.

Estas modificações foram acompanhadas, inclusive, pela alteração das cidades que deixaram de lado a feição colonial e se transformaram em cidades industrializadas, compostas por fábricas, prédios de escritório, supermercados, habitações coletivas, entre outros. Já o panorama histórico da habitação brasileira apresentou uma ruptura em sua evolução com a introdução da tipologia habitacional apartamento que se deu mais por influência européia e norte-americana do que por um desenvolvimento natural da moradia, o que causou uma rejeição inicial a esta tipologia por parte dos seus possíveis moradores.

Contudo, até mesmo esta “casca protetora”¹ acabou absorvendo peculiaridades dos hábitos domésticos brasileiros, o que contribuiu para aceitação desta tipologia em território nacional. Isto pode ser apontado: com a adoção inicial de plantas de mesmas características das casas isoladas de modo a oferecer aos seus habitantes uma reprodução de seus ambientes de origem; com a presença da área de serviço na

¹ “Casca protetora”, termo utilizado na definição de “casa” como invólucro que divide tanto espaços internos como espaços externos apresentado na INTRODUÇÃO deste trabalho, citado em MARTUCCI apud FOLZ, 1990:02. Este termo no momento está se referindo ao apartamento.

tentativa de substituir os quintais da casa térrea, percebida a partir dos anos 30; com a separação da circulação social da circulação de serviço, da década de 30 em diante, o que pode ser justificado pelo desprestígio das áreas destinadas ao serviço advindas desde o período colonial; presença de quarto de serviço, a partir de 30, mediante a presença de empregados domésticos em grande parte das habitações.

A relação móvel X moradia X contexto brasileiro pôde ser percebida de forma ainda mais detalhada na **PARTE 2 – Entre os 50 e os 70**, que enfocou o objeto da pesquisa em questão: a relação do setor social dos apartamentos brasileiros e seu mobiliário da década de 1950 a 1970, com ênfase no eixo Rio-São Paulo.

No decênio de 50, abordado no capítulo **4.0. Apartamento e mobília de 50: a Busca do Ideal Moderno**, esta relação ficou evidente na busca do progresso do país, ressaltado nas campanhas políticas com o slogan “50 anos em 05”, refletindo no ideal de modernidade vivenciado no período. Diante deste ideal, houve a consolidação do apartamento brasileiro por este ter sido associado à imagem de moradia moderna. Na mobília brasileira, por sua vez, foi buscada uma linguagem nova ao tempo que se lançou mão do uso de novas matérias-primas com o intuito de alcançar a modernidade almejada. Já os interiores domésticos manifestaram a busca da modernidade a partir da singeleza de linhas e da integração e unidade total dos ambientes, gerando salas integradas cuja segregação espacial ficou por conta da disposição do mobiliário.

O desenvolvimento econômico e a diversificação industrial brasileira contribuíram, ainda, para que os interiores domésticos fossem equipados com os mais diversos aparatos tecnológicos, o que também foi interpretado como sinônimo de modernidade. O uso destes equipamentos contribuiu, inclusive, para a valorização do setor de serviço, agora com área de serviço provida de moderna máquina de lavar e com a cozinha mecanizada com eletrodomésticos em abundância, os “facilitadores domésticos”.

A difusão dos novos conceitos estéticos modernos e da busca da modernidade foi facilitada pela consolidação dos meios de comunicação e pela origem da televisão, ainda nos anos 50. Esta facilidade de difusão de informações acabou gerando a preocupação com a possibilidade de padronização cultural, da neutralização das distinções geográficas. Esta apreensão ocasionou uma preliminar valorização do regional, manifestada através do uso de materiais brasileiros na mobília e nos interiores domésticos, como o vime.

Esta preocupação com a regionalidade se manifestou de forma ainda mais intensa na década de 60, período em que foi percebido o esforço, por parte de alguns designers, de produzir um móvel expressivo e representativo da cultura brasileira, como foi o caso de Sérgio Rodrigues. Este decênio também apresentou uma forte relação dos acontecimentos paradigmáticos do contexto com a moradia e a mobília,

abordada no capítulo **5.0. Anos 60: o apartamento pré-fabricado e o nacionalismo no móvel.**

Os anos 60 iniciaram com a inauguração de Brasília, construção que representou, para muitos autores, a realização de maior impacto no âmbito do planejamento urbano brasileiro. Tal evento foi um símbolo da modernidade desejada pelo país, manifestada na arquitetura, nas artes em geral, no móvel nacional e na habitação. Modernidade ainda muito associada ao êxito econômico e crescimento industrial vivenciado neste período.

A industrialização do país atingiu a produção dos apartamentos que passou a utilizar elementos pré-fabricados, refletindo no dimensionamento dos cômodos e aberturas em função da estrutura construtiva. Em relação à mobília o desenvolvimento industrial contribuiu para o uso de novos materiais decorrentes, por vezes, de pesquisas de outros campos, tais como o uso de espuma de plástico nos assentos de cadeiras advindo da indústria automobilística. Ocasinou, ainda, a preocupação com a produção mecanizada do móvel, gerando soluções como o uso de módulos para viabilizar a produção e a combinação de diversos elementos, como o mobiliário desenvolvido pela Mobília Contemporânea.

Com a padronização crescente dos apartamentos, decorrente da construção em série, a personalização da moradia passou a depender cada vez mais da decoração de interiores. Ainda cabia a esta prever um espaço para abrigar a TV, popularizada neste decênio. Para esta função a estante modulada acabou sendo uma solução vastamente utilizada, refletindo o espírito do mobiliário moderno modulado produzido no período. Tanto os interiores domésticos como a mobília desenvolvida nesta década seguiram o mesmo ideal estético disseminado nos anos 50, a singeleza de linhas e limpeza formal.

Este período registrou, ainda, grande progresso da indústria farmacêutica que culminou na origem da pílula contraceptiva. Este invento, somado a outros fatores, causou mudanças consideráveis na estrutura familiar como a relação entre os cônjuges que se tornou mais igualitária ao tempo que a educação dos filhos passou a ser mais liberal. Este fato contribuiu para a origem da suíte do casal e seu posicionamento mais segregado em relação ao restante do apartamento.

As transformações contextuais ainda se manifestaram na configuração da mobília e do apartamento brasileiro na década de 70, abordada no capítulo **6.0. Anos 70: a versatilidade dos interiores domésticos e de sua mobília.** Período de grande repressão política que culminou em diversos movimentos sociais, forma encontrada pela sociedade de se colocar contra o autoritarismo vigente. Dentre estes movimentos pode ser citada a luta pela verdade pessoal, o individualismo, que colaborou para a

disseminação de suítes nos apartamentos. A tendência à individualização foi ainda reforçada com a disposição de meios de comunicação nos quartos.

O autoritarismo político foi acompanhado por uma rigorosa censura que limitou a criação cultural do período fazendo com que a indústria cultural brasileira sobrevivesse basicamente com os valores surgidos nos decênios anteriores. Em relação ao mobiliário, esta perspectiva não foi muito diferente.

Em contraponto ao quadro político repressivo vivenciado neste decênio, este foi palco de um contexto econômico de prosperidade. Os anos do “milagre econômico” propiciaram o aumento do poder aquisitivo da sociedade, acarretando no aumento da produção de apartamento para as mais diversas classes sociais. A variedade de programa de apartamentos ofertados no mercado foi acompanhada pela diversificação da produção do mobiliário visando atender as necessidades desses mais diversos espaços, ainda que seguindo os mesmos ideais estéticos disseminados nos anos anteriores.

Na mobília a grande inovação aconteceu no âmbito dos materiais, com o uso abundante dos brilhantes (vidro, acrílico, “fiberglass”) que conferiu a modernidade almejada não só aos móveis como também aos interiores domésticos. Estes, por sua vez, se encontravam bastante reduzidos dimensionalmente quando comparados aos interiores dos apartamentos dos decênios anteriores. Esta compactação espacial acabou por acarretar a produção de cômodos reversíveis, com possibilidade dupla de uso, e por refletir em algumas transformações no mobiliário: a compactação dimensional da peça, o acúmulo de múltiplas funções e o despojamento das referências em torno da serventia.

Assim, houve uma preocupação com a funcionalidade e versatilidade da mobília manifestada principalmente pelo uso de modulação, de forma a possibilitar diferentes combinações de encaixes e arranjos. O espaço da moradia de 70 deveria ser prático, funcional e versátil na tentativa de acompanhar o novo ritmo de vida, com mulheres cada vez mais atuantes no mercado de trabalho e maior integração do grupo familiar.

Ao longo desta breve explanação é possível perceber que houve uma forte relação das principais modificações ocorridas no espaço residencial brasileiro e em seu mobiliário com os acontecimentos paradigmáticos do contexto sócio-cultural, político, econômico e tecnológico das décadas de 50, 60 e 70. Estas transformações podem ser verificadas de forma sintetizada e objetiva na **Tabela Comparativa: Anos 50, 60 e 70**, disposta no final deste item.

Diante da relação móvel X moradia X contexto brasileiro de 50, 60 e 70, algumas outras observações foram levantadas. Dentre elas foi verificado que o reflexo do contexto na configuração da mobília, do apartamento e do interior doméstico é tão marcante que chega a gerar transformações paralelas e correspondentes, apesar destes

serem produtos independentes. Isto acaba por dificultar a identificação da origem da transformação, se esta foi de caráter social ou cultural ou político ou tecnológico ou econômico.

Isto pode ser percebido, por exemplo, na tentativa de modernização do país, que refletiu na busca de uma linguagem nova, moderna, tanto da mobília como da habitação, presente em todo período pesquisado. Ou mesmo a luta por uma arte genuinamente nacional, em 1960, que teve como conseqüência a busca pela forma vernacular na mobília e o uso de matéria-prima brasileira tanto no móvel como nos interiores domésticos. E ainda a preocupação de caráter ambiental, dos anos 70, que gerou uma preocupação de cunho ambiental em relação à legislação construtiva e em iniciativas na produção do móvel, como foi o caso do "móvel de denúncia" produzido por Zanine Caldas.

Em alguns momentos a modificação do móvel, do apartamento e do interior doméstico é tão aproximada que leva a crer que a transformação espacial também interfere na configuração da mobília. Assim, à medida que os apartamentos brasileiros sofreram um processo de compactação houve uma preocupação preliminar do mobiliário com relação à antropometria, ainda em 50, ou mesmo a produção de mobília compacta voltada para estes ambientes, ocorrida em 70. Pode-se ainda citar a diversificação do mobiliário produzido em 70 na tentativa de atender a pluralidade de apartamentos ofertados pelo mercado.

Apesar da produção da mobília do período analisado ter sofrido interferência da modificação espacial, o contrário não pode ser afirmado. A mobília, ao longo deste estudo, foi grande responsável pela adaptação dos interiores domésticos às necessidades dos usuários, gerando inclusive o móvel modulado multifuncional na década de 70. Coube ao móvel, ainda, gerar arranjos domésticos que apresentassem unidade total dos ambientes, o que foi verificado com a integração das salas do setor social ao longo do decênio de 50, 60 e 70.

Apesar dos apartamentos brasileiros não terem sofrido transformações em resposta às mudanças ocorridas na configuração do mobiliário, eles refletiram as transformações paradigmáticas do contexto socioeconômico, cultural, político e tecnológico de 50, 60 e 70. Isto pôde ser verificado na supressão de circulação íntima, em 70, conseqüente da organização igualitária familiar. Na disseminação de suítes em resposta à busca da liberdade individual, no decênio de 70. Na segregação da suíte do casal do restante do apartamento proveniente da relação mais igualitária entre os cônjuges, em 60.

Contudo, esta declaração de que os apartamentos do período pesquisado se adaptaram a alguns acontecimentos contextuais vai contra a afirmação que a produção de apartamentos no Brasil é regida apenas pelo interesse do mercado imobiliário,

apontada por alguns autores. Ao contrário, a configuração da mobília, dos apartamentos e dos interiores domésticos mostrou-se rica em informações referentes aos hábitos da época que foram gerados, com fortes indícios das características da sociedade. O espaço de habitar de fato transcende o puro espaço geométrico, é algo muito mais complexo e dinâmico.

A dinamicidade do espaço doméstico e de sua mobília acompanha o ritmo da transformação da sociedade, o que extrapola qualquer marco temporal como a delimitação de decênios. Desta forma algumas transformações dos apartamentos brasileiros, seu móvel e interior doméstico ocorreram ininterruptamente nas três décadas abordadas na pesquisa.

Isto pode ser exemplificado através da compactação dos apartamentos e de seus ambientes que se acentuou no decorrer do tempo gerando em 1970 uma moradia muito reduzida em relação à do início dos anos 50. Ou mesmo pela integração espacial do interior doméstico que iniciou de forma discreta, através da fusão das diferentes salas em 50, e acabou por culminar em espaços multifuncionais com seus móveis também multifuncionais de 70. E ainda pela disseminação das suítes em 70, que foi fruto desta evolução que iniciou com apartamentos de apenas um banheiro em 50, evoluiu para dois banheiros voltados para a circulação íntima, até que um desses sanitários foi voltado para o quarto de casal, originando a suíte em 60 que foi utilizada repetidamente em uma mesma unidade de moradia em 70.

Esta continuidade temporal pode ser percebida, até mesmo, na busca pela modernidade característica de todo período estudado. Ao comparar a moradia e sua mobília dos anos 50, 60 e 70 (focado na PARTE 2) com a habitação e o mobiliário brasileiro de até a primeira metade do século XX (conteúdo da PARTE 1), é possível afirmar que no decorrer das três últimas décadas abordadas na pesquisa houve uma ruptura com a configuração da moradia colonial gerando espaços domésticos, apartamentos e móveis com características mais próximas das encontradas na contemporaneidade.

Esta pesquisa deixa claro que a observação do interior doméstico, do apartamento e de sua mobília ajuda a compreender a cultura onde estes estão inseridos, sendo de fato produto e reflexo da sociedade. Esta análise emerge algumas possibilidades de pesquisas futuras como o estudo regional mais aprofundado do tema e/ou a sua continuidade até a presente data.

Enfim, **Formas de morar no Brasil: Entre os 50 e os 70** foi uma contribuição para a história da habitação, do mobiliário, do design e do interior doméstico brasileiro. No que concerne ao interior doméstico, foi até mesmo uma tentativa de incentivar o seu estudo, passo que este tem sido pouco objeto de pesquisa cuja história ainda se encontra dispersa em periódicos especializados no assunto.

SE CONCLUSÃO

CONTEXTO POLÍTICO ECONÔMICO TECNOLÓGICO	CONTEXTO SÓCIO- CULTURAL	HABITAÇÃO	MOBILIÁRIO	INTERIOR
<p>Desenvolvimento econômico;</p> <p>Progresso: "50 anos em 5";</p> <p>Diversificação Industrial;</p> <p>Consolidação dos meios de comunicação;</p> <p>Origem da Televisão.</p>	<p>Ideário positivista, a modernidade como ideal;</p> <p>Inovações tecnológicas vinculadas à modernidade;</p> <p>Influência norte-americana;</p> <p>Consolidação dos meios de comunicação;</p> <p>Difusão de conceitos estéticos;</p> <p>Preocupação com padronização cultural.</p>	<p>Apartamento como moradia moderna;</p> <p>Integração e/ou fusão de ambientes;</p> <p>Casa equipada sinônimo de casa moderna;</p> <p>Compactação;</p> <p>Valorização do setor de serviço;</p> <p>Surgimento de plantas não ortogonais ou com paredes curvas.</p>	<p>Busca de linguagem nova, moderna;</p> <p>Negação do móvel de estilo antigo;</p> <p>Preocupação com produção mecanizada em pequena escala;</p> <p>Preocupação preliminar com antropometria;</p> <p>Uso de novos materiais;</p> <p>Influência estética norte-americana;</p> <p>Valorização do regional.</p>	<p>Busca de linguagem moderna, sin-linhas;</p> <p>Integração e ambientes sin-tudo se come;</p> <p>Móvel como elemento da arquitetura;</p> <p>Equipamentos em destaque;</p> <p>Valorização do regional de interiores;</p> <p>Busca por regional.</p>
<p>Inauguração de Brasília;</p> <p>Êxito econômico com aumento do poder aquisitivo;</p> <p>Popularização TV;</p> <p>Crescimento Industrial;</p> <p>Origem da pílula contraceptiva.</p>	<p>Modernidade como ideal;</p> <p>Divulgação das tendências estilísticas;</p> <p>Equipamentos tecnológicos vinculados à modernidade;</p> <p>Luta por arte nacional;</p> <p>Valorização da cultura popular;</p> <p>Maior igualdade entre cônjuges e educação mais liberal;</p> <p>Introdução das mulheres no mercado de trabalho.</p>	<p>Crescimento do mercado de apartamentos, com modelos para classes diversas;</p> <p>Compactação;</p> <p>Início da construção em série;</p> <p>Setor íntimo segregado;</p> <p>Início Suites;</p> <p>Presença de escritório com mais frequência;</p> <p>Setor de serviço e banheiro mais equipados e valorizados.</p>	<p>Busca da linguagem moderna;</p> <p>Negação da mobília antiga;</p> <p>Produção móvel para classe média;</p> <p>Busca de conforto;</p> <p>Desenvolvimento de indústrias moveleiras;</p> <p>Utilização de novos materiais e técnicas;</p> <p>Uso de modulação;</p> <p>Busca de linguagem brasileira ligada ao regionalismo e cultura popular.</p>	<p>Disseminação de interiores modernos;</p> <p>Integração, uso de simplicidade;</p> <p>Lojas de móveis desenvolvidos projetos de interiores;</p> <p>Consolidação de interiores;</p> <p>Flexibilidade de utilização de mobiliário;</p> <p>Uso de materiais regionais.</p>
<p>Milagre econômico;</p> <p>Aumento do poder aquisitivo;</p>	<p>Mulheres no mercado de trabalho;</p> <p>Ideal de modernidade;</p> <p>Regressão cultural;</p>	<p>Diversidade de apartamentos com programas variados;</p> <p>Unidades compactas;</p>	<p>Diversificação da produção da mobília acompanhando a pluralidade do mercado imobiliário;</p> <p>Repetição de solução projetual e pouca inovação formal;</p>	<p>Espaço da mobília ser prático, funcional, versátil;</p> <p>Interação espacial;</p> <p>Uso de armários;</p>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. **Famílias e vida doméstica**. In: história da vida privada no Brasil 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares, WEIS, Luiz. **Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar**. In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- ARNOULT, Michel. **Mobília Contemporânea: divisor de águas**. In: um olhar sobre o design brasileiro. São Paulo: Objeto Brasil; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- BAYEUX, Glória. **O móvel da casa brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BERQUÓ, Elza. **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica**. In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- BRITO, Marilza Elizardo. **A vida cotidiana no Brasil Nacional: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.
- BRUCK, Peter. **Tecidos e tapetes no ambiente contemporâneo**. In: Habitat, São Paulo, março/abril de 1955, nº21
- BRUCK, Peter. **Uma residência conceito**. In: Habitat, São Paulo, março de 1956, nº28, 6º ano.
- CAMPOFIORITO, Ítalo. **A arquitetura brasileira - até hoje**. In: MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de janeiro, mar/abr/mai de 1976, nº42.
- CAMARGO, Érica Negreiros de. **Desenho e uso do espaço habitável do apartamento metropolitano na virada do século 21: um olhar sobre o tipo "dois-dormitórios" na cidade de São Paulo**. Dissertação, USP. São Paulo, 2003.
- CAUDURO, João Carlos. **Origem e desenvolvimento do desenho industrial no Brasil**. In: Habitat, São Paulo, março/abril de 1964, nº76.
- CAVALCANTI, Virginia. **O Design do móvel contemporâneo brasileiro: da diversidade à especificidade**. Tese. São Paulo: USP, 2001.
- COSTA, Lúcio. **O arquiteto e a sociedade contemporânea**. In: Módulo, Rio de janeiro, agosto de 1955, nº 02, ano 01.
- COSTA, Lúcio. **Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro**. In: Módulo, Rio de Janeiro, dezembro de 1955, nº03, ano 01.
- FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2008.

- FLORES, Martinez. **O mobiliário na arquitetura contemporânea.**In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, maio/junho 1960, nº60.
- FOLZ, Rosana Rita. **Mobiliário na habitação popular.** São Carlos: Rima, 2003.
- FORTY, Adrian. **Objetos de Desejo: Design e sociedade desde 1750.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GALLI, Vera. **Cadeira – O mobiliário no Brasil.** São Paulo: Empresa das Artes Projeto e Edições Artísticas Ltda., 1988.
- GUERRAND, Roger-Henri. **Espaços privados.** In: história da vida privada 4, da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HAMBURGER, Esther. **Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano.** In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- JEAN, Yvone. **O perigo da originalidade a qualquer preço.** In: Habitat nº25, São Paulo, dezembro de 1955, 6ºano.
- LEMONS, Carlos A. C. **História da casa brasileira.** São Paulo: contexto, 1989.
- LEMONS, Carlos A. C. **A república ensina a morar (melhor).** São Paulo: Haucitc, 1999.
- LEON, Ethel. **Arnoult, o estrategista da produção seriada.** In: Design & Interiores. São Paulo, n. 28, ano 5.
- LEON, Ethel. **Zanine, o mago da madeira.** In: Design & Interiores. São Paulo, n. 14, ano 2.
- MACHADO, Paula Merlino. **Casa e Jardim: a revista e a divulgação do ideário moderno da década de 1950.** Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino.** In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- MARINS, Paulo César Garcez. **Habitação e vizinhança: limites da privacidade possível.** In: História da Vida Privada no Brasil, v. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MARCHETTI, Marcos. **Diálogos à distância: cultura digital e espaços de habitar.** Dissertação. São Carlos: Nomads.usp/EESC/USP, 2004.
- MAURÍCIO, Jayme. **O "Tempo Livre" brasileiro na Trienal.** In: módulo, Rio de Janeiro, dezembro de 1964, nº28.

MELLO, João Manuel C. de, NOVAIS, Fernando A.. **Capitalismo tardio e sociedade moderna**. In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MORAES, Vinicius de. **História passional, Hollywood, Califórnia**. Poesia. <http://www.viniciusdemoraes.com.br/poesia>, acesso em março 2009.

NIEMEYER, Anna Maria. **Decoração e Mobiliário**. In: MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de Janeiro, ago/set de 1978, nº50.

NIEMEYER, Oscar. **Considerações sobre a arquitetura brasileira**. In: MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de Janeiro, dez/jan de 1976/1977, nº44.

PAULA, Viviane da Cunha. **Espaço e sociedade: apartamentos no Rio de Janeiro no século XX**. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU – PROARQ, 2007.

PEREIRA, Carla Patrícia de Araújo. **Cores no desenho de produtos no século XX: breve abordagem histórica**. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6701462>, acesso em 25 de março de 2009.

PERROT, Michelle. **Maneiras de morar**. In: história da vida privada 4, da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PINHO, Ângela. **Conexão: apartamentos e mídias em Belo Horizonte**. Dissertação. São Carlos: USP, 2005.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura do Brasil**. São Paulo: perspectiva, 1997.

RODRIGUES, Sérgio. **Tendência do móvel moderno**. In: Módulo, Rio de Janeiro, dezembro de 1958, nº11.

RYBCZNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SEGAWUA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SENAC. **Releitura das ambientações brasileiras: dos primórdios ao contemporâneo, cinco séculos de história**. São Paulo: SENAC, 2003.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **O móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SILVA, Henrique Ramos da. **Decoração? Não. Arquitetura de Interiores**. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, setembro de 1968, nº164.

- TEIXEIRA, Maria Angélica. **Mobiliário residencial brasileiro: criadores e criações**. Uberlândia: Zardo, 1996.
- TENREIRO, Joaquim. **Decoração: sobriedade, distinção e acolhimento**. In: Módulo, Rio de Janeiro, agosto de 1955, nº2, ano 01.
- TRAMONTANO, Marcelo. **Novos Modos de Vida, Novos Espaços de Morar: Paris, São Paulo, Tokyo**. Uma reflexão sobre a habitação contemporânea. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.
- TRAMONTANO, M. **SQCB: apartamentos e vida privada na cidade de São Paulo**. Tese de Livre-Docência. São Carlos: EESC-USP, 2004.
- TRAMONTANO M. **Apartamentos em São Paulo**. Revista AU no.145.p68 São Paulo 2006.
- VAZ, Lilian Fessler. **Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- VILLA, Simone Barbosa. **Apartamento metropolitano: habitações e modos de vida na cidade de São Paulo**. Dissertação, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2002.
- MEU TIO. **Mon Oncle**. Jacques Tati. França: 1956. Austrália, Nova Zelândia, América Central, América do Sul: Amazon Digital Editora e Dist. Ltda. DVD (116 min.), colorido.
- A casa, sua construção e industrialização**. In: HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, abril de 1956, nº29, 6º ano.
- A lavanderia ideal**. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, agosto de 1968, nº163.
- Ambiente S. A. 12 anos**. In: Habitat, São Paulo, setembro de 1963, nº73.
- Ambientes decorados por Jansen**. In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1964, nº75.
- Apartamento na Praia de Ipanema**. In: Módulo, Rio de Janeiro, agosto de 1959, volume 3, nº 14.
- Apartamento em Ipanema, Rio de Janeiro**. In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1964, nº75.
- Armários embutidos**. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, abril de 1974, nº231.
- Assim foi a UD**. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, junho de 1972, nº209.

C.J. visita - Arredamento. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, setembro de 1971, nº200.

C.J. visita - Móvel Contemporânea. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, junho de 1972, nº209.

C.J. visita - Tora. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, agosto de 1973, nº223.

CJ visita – Móveis Cimo. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1975, nº251.

CJ visita – Lafer. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, abril de 1974, nº231.

Conceitos da casa moderna. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, maio de 1969, nº172.

Decoração é Simplicidade. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1963, nº105.

Decoração de um apartamento. In: Habitat, São Paulo, fevereiro de 1956, nº27, 6º ano.

Design: De Andrade. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, maio de 1972, nº208.

Geraldo de Barros, o precursor. In: Design & Interiores. São Paulo, n. 06, ano 1.

Histórico da Oca. In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1964, nº75.

Leo Seincman e Milly Teperman: o sucesso, com desenho valorizado. In: Design & Interiores. São Paulo, nov./dez. 1987, n. 05.

Módulo, Revista de Arquitetura e Artes Visuais no Brasil. Rio de Janeiro, 1962, nº23,

Personalidade Artística. In: Habitat, São Paulo, nº03.

O arquiteto e a sociedade contemporânea. In: MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1955, ano 1, nº2.

OCA: a originalidade do estilo em função do conforto e do ambiente. In: MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1962, nº29.

Os problemas estéticos e funcionais. In: Habitat, São Paulo, nº07,

O bom aproveitamento dos detalhes. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, junho de 1975, nº245.

O Brasil republicano, v. 11: economia e cultura (1930-1964) /por Antônio Flávio de Oliveira Pierucci... [et. al.]; 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

O móvel imóvel. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, março de 1972, nº206.

O salon des Arts Ménagers. In: Habitat, São Paulo, abril de 1954, nº15.

O conforto dos lares moderno. In: Habitat, São Paulo, junho de 1953, nº11, ano III.

Sugestão: living em L. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, novembro de 1969, nº178.

Taba Guaianases, São Paulo: arquiteta Lina Bo Bardi. In: Habitat, São Paulo, janeiro/fevereiro de 1954, nº 14.

Trabalho doméstico. In: Habitat, São Paulo, abril de 1954, nº15.

Truques de decoração: a mesa de estudos pode ocupar um cantinho na parede. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1975, nº251.

Uma estante algum trabalho. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1969, nº179.

Um caminho para o desenho industrial brasileiro. In: CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1977, nº16, ano IV.

Vamos achar um lugar para a televisão. In: Casa e jardim, março de 1969, nº170.

Vamos achar um lugar para a TV. Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1968, nº165.

WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_M%C3%B3dulo, acesso em julho de 2009.

http://www.cosacnaify.com.br/noticias/lina_por_escrito.asp, acesso em julho de 2009.

Revista Acrópole, <http://www.urbanismobr.org/bd/periodicos.php?id=30>.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

A casa nossa de cada dia. Organizadores Lúcia Leitão e Luiz Amorim. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

ARNOULT, Michel. **Mobília Contemporânea: divisor de águas.** In: um olhar sobre o design brasileiro. São Paulo: Objeto Brasil; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Famílias e vida doméstica.** In: história da vida privada no Brasil 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares, WEIS, Luiz. **Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar.** In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

- APPADURAI, Arjun. **The social life of things: commodities in cultural perspective**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2001.
- BAYEUX, Glória. **O móvel da casa brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BERQUÓ, Elza. **Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica**. In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BRITO, Marilza Elizardo. **A vida cotidiana no Brasil Nacional: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970)**. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2ª edição, 1991.
- BÜRDEK, Bernhard E. **História, teoria e prática do design de produtos**. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
- CARDOSO, Rafael. **Um\ introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2ª edição 2004.
- Coleção Museu da casa brasileira**. Textos Adélia Borges. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2007.
- Design no Brasil: móveis + objetos + iluminação**. Coordenação de Pedro Ariel Santana. Álbum. São Paulo: Editora Abril, 2006.
- Design Brasil 2**. Coordenação de Pedro Ariel Santana. Álbum. São Paulo: Editora Abril, 2007.
- Design Brasil 3**. Coordenação de Pedro Ariel Santana. Álbum. São Paulo: Editora Abril, 2008.
- FARIAS, Cláudio L. de, FRAIHA, Silvia, AGROSA, Eduardo, CARVALHO, Gabriela, ABRAMOVITZ, José. **Eletrodomésticos: origens, história e design no Brasil**. Rio de Janeiro: Fraiha, 1ª edição, 2006.
- FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2008.
- FOLZ, Rosana Rita. **Mobiliário na habitação popular**. São Carlos: Rima, 2003.
- FORTY, Adrian. **Objetos de Desejo: Design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- GALLI, Vera. **Cadeira – O mobiliário no Brasil**. São Paulo: Empresa das Artes Projeto e Edições Artísticas Ltda., 1988.
- GUERRAND, Roger-Henri. **Espaços privados**. In: história da vida privada 4, da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HAMBURGER, Esther. **Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas do cotidiano**. In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.
- LEMONS, Carlos A. C. **História da casa brasileira**. São Paulo: contexto, 1989.
- LEMONS, Carlos A. C. **A república ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Haucitc, 1999.

LÖBACH, Bernd. **Design Industrial: bases para a configuração dos produtos industriais**. São Paulo: Editora Blucher, 2001.

LOPES, Maria Immaculata Vassalo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARINS, Paulo César Garcez. **Habitação e vizinhança: limites da privacidade possível**. In: História da Vida Privada no Brasil, v. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MELLO, João Manuel C. de, NOVAIS, Fernando A.. **Capitalismo tardio e sociedade moderna**. In: História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

ONO, Maristela. **Design e cultura: sintonia essencial**. Curitiba: Edição da autora, 2006.

O Brasil republicano, v. 11: economia e cultura (1930-1964) /por Antônio Flávio de Oliveira Pierucci... [et. al.]; 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

PERROT, Michelle. **Maneiras de morar**. In: história da vida privada 4, da revolução francesa à primeira guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura do Brasil**. São Paulo: perspectiva, 1997.

RÉMON, Georges. **Interieurs Modernes**. Paris: Librairie de L'Art Ancien ET Moderne, 1900.

RYBCZNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma idéia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SEGAWUA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SENAC. **Releitura das ambientações brasileiras: dos primórdios ao contemporâneo, cinco séculos de história**. Catálogo. São Paulo: Senac, 2003.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **O móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. **Introdução: o prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: História da vida privada no Brasil 3. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SCHOENAUER, norbert. **6.000 años de habitat: de los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente**. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 4ª edição, 1976.

TEIXEIRA, Maria Angélica. **Mobiliário residencial brasileiro: criadores e criações**. Uberlândia: Zardo, 1996.

VAZ, Lilian Fessler. **Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

MATERIAL ACADÊMICO

AMARAL, M. B. TRAMONTANO, M. **Intervenções: mobiliário e equipamentos para habitação**. Relatório Parcial de Iniciação Científica. São Carlos: Nomads.usp/FAPESP, fevereiro de 2001.

ARAÚJO, Kátia Medeiros de. **Consumo e Reconhecimento Social: a valorização do "Morar Bem" entre novas elites do Recife**. Recife: Tese, 2006.

BARBOSA, L. L. **[Re]design: uma aproximação à abordagem transdisciplinar da sustentabilidade através do mobiliário contemporâneo**. Dissertação de mestrado. São Carlos: Nomads/EESC-USP, 2003.

BARBOSA, L. L. **Design e comportamento: as transformações relativas aos modos de vida da sociedade e suas representações no mobiliário depois da 2ª Guerra aos dias atuais**. Monografia. São Carlos: Nomads/EESC-USP, 2002.

CAMARGO, Érica Negreiros de. **Desenho e uso do espaço habitável do apartamento metropolitano na virada do século 21: um olhar sobre o tipo "dois-dormitórios" na cidade de São Paulo**. Dissertação, USP. São Paulo, 2003.

CAVALCANTI, Virginia. **O Design do móvel contemporâneo brasileiro: da diversidade à especificidade**. Tese. São Paulo: USP, 2001.

LOCILENTO, Renato. **Habitação, metrópoles e Modos de Vida**. Dissertação. São Carlos: Nomads.usp/EESC/USP, 2000.

MACHADO, Paula Merlino. **Casa e Jardim: a revista e a divulgação do ideário moderno da década de 1950**. Dissertação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

MARCHETTI, Marcos. **Diálogos à distância: cultura digital e espaços de habitar**. Dissertação. São Carlos: Nomads.usp/EESC/USP, 2004.

NOJIMOTO, Cynthia. **Design Brasil: Uma leitura do design de mobiliário e equipamento para habitação na última década do século XX**. Relatório final, Escola de Engenharia de São Carlos. São Carlos, 2003.

TRAMONTANO, M., NOJIMOTO, C. **Design_Brasil fim de século: comparação entre compilações nacional e internacional**. São Carlos: Nomads.usp, 2003.

PAULA, Viviane da Cunha. **Espaço e sociedade: apartamentos no Rio de Janeiro no século XX**. Tese. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU – PROARQ, 2007.

PEREIRA, Reginaldo. **Habitação contemporânea na cidade de São Paulo: evolução recente de algumas tipologias**. Relatório de Iniciação Científica. São Carlos: Nomads/CNPq Pibic, 1999.

PINHO, Ângela. **Conexão: apartamentos e mídias em Belo Horizonte**. Dissertação. São Carlos: USP, 2005.

SAKURAI, Tatiana. **Design de mobiliário: usos e materialidade no Brasil contemporâneo**. Dissertação, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2005.

SAKURAI, T. **Brasil: história do mobiliário doméstico – de 1500 aos anos 1930**. Monografia. São Carlos: Nomads.usp/EESC/USP, 2003.

SAKURAI, Tatiana. **A questão da produção de mobiliário doméstico – gosto, diferença e distinção**. Artigo disponível no site:
http://www.gutorequena.com.br/artigos_amigos/artigo_PeD_a_questao_da_prod_de_mob_dome_st.doc.

TRAMONTANO, M. **Espaços domésticos flexíveis: notas sobre a produção da "primeira geração de modernistas brasileiros"**. São Paulo: FAU-USP, 1993.

TRAMONTANO, M. **Habitação contemporânea: riscos preliminares**. São Carlos: EESC-USP, 1995.
TRAMONTANO, Marcelo. **Habitação Moderna: a construção de um conceito**. São Carlos: EESC/USP, 1993.

TRAMONTANO, Marcelo. **Novos Modos de Vida, Novos Espaços de Morar: Paris, São Paulo, Tokyo**. Uma reflexão sobre a habitação contemporânea. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.

TRAMONTANO, M. **SQCB: apartamentos e vida privada na cidade de São Paulo**. Tese de Livre-Docência. São Carlos: EESC-USP, 2004.

TRAMONTANO, M., BENEVENTE, V. **Comportamentos & espaços de morar: leituras preliminares das e-pesquisas Nomads**. In: Anais. ENCONTRO NACIONAL de TECNOLOGIA do AMBIENTE CONSTRUÍDO - ENTAC. Construção Sustentável. São Paulo, 2004.

TRAMONTANO, Marcelo, BENEVENTE, Varlete. **(RE) Programas: As e-pesquisas Nomads sobre comportamentos & espaços de morar**. São Paulo: Conferência latino-americana de construção sustentável, 2004. Disponível em: <site: www.infohab.org.br>. Acesso em: 20 de maio de 2005.

TRAMONTANO, Marcelo. **Habitações, metrópoles e modos de vida: por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo**. Texto premiado no 3o. Prêmio Jovens Arquitetos, na categoria "Ensaio Crítico". São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil / Museu da Casa Brasileira, 1997.

VILLA, Simone Barbosa. **Apartamento metropolitano: habitações e modos de vida na cidade de São Paulo**. Dissertação, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2002.

ARTIGOS DE REVISTA

ARAÚJO, Lúcia. **Lar, sete séculos de história**. In: Design & Interiores. São Paulo, jun. 1989, n.14, ano 2.

BRUCK, Peter. **Tecidos e tapetes no ambiente contemporâneo**. In: Habitat, São Paulo, março/abril de 1955, nº21

BRUCK, Peter. **Uma residência conceito**. In: Habitat, São Paulo, março de 1956, nº28, 6º ano.

CAMPOFIORITO, Ítalo. **A arquitetura brasileira - até hoje**. In: MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de Janeiro, mar/abr/mai de 1976, nº42.

CAUDURO, João Carlos. **Origem e desenvolvimento do desenho industrial no Brasil**. In: Habitat, São Paulo, março/abril de 1964, nº76.

- COSTA, Lúcio. **O arquiteto e a sociedade contemporânea.** In: Módulo, Rio de Janeiro, agosto de 1955, nº 02, ano 01.
- COSTA, Lúcio. **Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro.** In: Módulo, Rio de Janeiro, dezembro de 1955, nº03, ano 01.
- FLORES, Martinez. **O mobiliário na arquitetura contemporânea.**In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, maio/junho 1960, nº60.
- FREIRE, Alípio Viana. **Tenreiro: uma revolução no móvel brasileiro.** N. 28, ano 5.
- JEAN, Yvone. **O perigo da originalidade a qualquer preço.** In: Habitat nº25, São Paulo, dezembro de 1955, 6ºano.
- LEON, Ethel. **Zanine, o mago da madeira.** In: Design & Interiores. São Paulo, n. 14, ano 2.
- _____. Arnoult, o estrategista da produção seriada. In: Design & Interiores. São Paulo, n. 28, ano 5.
- MAURÍCIO, Jayme. **O "Tempo Livre" brasileiro na Trienal.** In: módulo, Rio de Janeiro, dezembro de 1964, nº28.
- NIEMEYER, Anna Maria. **Decoração e Mobiliário.** In: MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de Janeiro, ago/set de 1978, nº50.
- NIEMEYER, Oscar. **Considerações sobre a arquitetura brasileira.** In: MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de Janeiro, dez/jan de 1976/1977, nº44.
- SILVA, Henrique Ramos da. **Decoração? Não. Arquitetura de Interiores.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, setembro de 1968, nº164.
- TENREIRO, Joaquim. **Decoração: sobriedade, distinção e acolhimento.** In: Módulo, Rio de Janeiro, agosto de 1955, nº2, ano 01.
- TRAMONTANO M. **Apartamentos em São Paulo.** Revista AU no.145.p68 São Paulo 2006.
- A casa, sua construção e industrialização.** In: HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, abril de 1956, nº29, 6º ano.
- A lavanderia ideal.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, agosto de 1968, nº163.
- Ambiente S. A. 12 anos.** In: Habitat, São Paulo, setembro de 1963, nº73.
- Ambientes decorados por Jansen.** In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1964, nº75.
- Apartamento na Praia de Ipanema.** In: Módulo, Rio de Janeiro, agosto de 1959, volume 3, nº 14.
- Apartamento em Ipanema, Rio de Janeiro.** In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1964, nº75.
- Armários embutidos.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, abril de 1974, nº231.
- Assim foi a UD.** In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, junho de 1972, nº209.
- C.J. visita - Arredamento.** In:Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, setembro de 1971, nº200.

CJ visita – Lafer. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, abril de 1974, nº231.

C.J. visita - Móvel Contemporânea. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, junho de 1972, nº209.

CJ visita – Móveis Cimo. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1975, nº251.

C.J. visita - Tora. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, agosto de 1973, nº223.

Conceitos da casa moderna. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, maio de 1969, nº172.

Decoração é Simplicidade. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1963, nº105.

Decoração de um apartamento. In: Habitat, São Paulo, fevereiro de 1956, nº27, 6º ano.

Design: De Andrade. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, maio de 1972, nº208.

Geraldo de Barros, o precursor. In: Design & Interiores. São Paulo, n. 06, ano 1.

Leo Seincman e Milly Teperman: o sucesso, com desenho valorizado. In: Design & Interiores. São Paulo, nov./dez. 1987, n. 05.

Histórico da Oca. In: HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1964, nº75.

O bom aproveitamento dos detalhes. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, junho de 1975, nº245.

OCA: a originalidade do estilo em função do conforto e do ambiente. In: MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1962, nº29.

O conforto dos lares moderno. In: Habitat, São Paulo, junho de 1953, nº11, ano III.

O móvel imóvel. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, março de 1972, nº206.

Os problemas estéticos e funcionais. In: Habitat, São Paulo, nº07.

O salon des Arts Ménagers. In: Habitat, São Paulo, abril de 1954, nº15.

Personalidade Artística. In: Habitat, São Paulo, nº03.

Sérgio Rodrigues: desenhista de móveis, designer. Criador. In: Design & Interiores. São Paulo, set./out. 1987, n. 04.

Sugestão: living em L. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, novembro de 1969, nº178.

Truques de decoração: a mesa de estudos pode ocupar um cantinho na parede. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1975, nº251.

Trabalho doméstico. In: Habitat, São Paulo, abril de 1954, nº15.

Taba Guaianases, São Paulo: arquiteta Lina Bo Bardi. In: Habitat, São Paulo, janeiro/fevereiro de 1954, nº 14.

Uma estante algum trabalho. In: Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1969, nº179.

Um caminho para o desenho industrial brasileiro. In: CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1977, nº16, ano IV.

Vamos achar um lugar para a televisão. In: Casa e jardim, março de 1969, nº170.

Vamos achar um lugar para a TV. Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1968, nº165.

Periódicos da década de 1950:

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1955, ano 1, nº2.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, dezembro de 1955, ano 1, nº2.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, setembro de 1956, ano 2, nº5.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, dezembro de 1956, ano 2, nº6.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, fevereiro de 1957, ano 3, nº7.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, fevereiro de 1957, ano 3, nº7.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, julho de 1957, ano 3, nº8.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, fevereiro de 1958, ano 4, nº9.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1958, ano 4, nº10.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, dezembro de 1958, ano 4, nº11.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, fevereiro de 1959, ano 5, nº12.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, abril de 1959, ano 5, nº13.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1959, ano 5, nº14.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, nº03.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, nº05.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, nº07.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, nº08.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, junho de 1953, nº11, ano III.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, dezembro de 1953, nº13, ano IV.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, janeiro/fevereiro de 1954, nº14.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, abril de 1954, nº15.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, julho/agosto de 1954, nº17.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, dezembro de 1954, nº19.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, janeiro/fevereiro de 1955, nº20.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, março/abril de 1955, nº21.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, maio/junho de 1955, nº22.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, agosto de 1955, nº23, ano V.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, outubro de 1955, nº24, ano V.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, dezembro de 1955, nº25, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, janeiro de 1956, nº26, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, fevereiro de 1956, nº27, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, março de 1956, nº28, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, abril de 1956, nº29, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, maio de 1956, nº30, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, junho de 1956, nº31, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, julho de 1956, nº32, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, agosto de 1956, nº33, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, setembro de 1956, nº34, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, outubro de 1956, nº35, 6º ano.

HABITAT: revista das artes no Brasil. São Paulo, novembro de 1956, nº36, 6º ano.

PERIÓDICOS DA DÉCADA DE 1960:

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, abril de 1960, nº17.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, junho de 1960, nº18, Vol. 3.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, abril de 1961, nº22, Vol. 5.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, junho de 1961, nº23.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1961, nº24, Vol. 5.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, fevereiro de 1962, nº27.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, agosto de 1962, nº29.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, dezembro de 1964, nº38.

MÓDULO, revista de arquitetura e artes plásticas. Rio de Janeiro, março/abril de 1965, nº39.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev 1960, nº58.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, mar/abr 1960, nº59.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, maio/junho 1960, nº60.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, nº64.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, 1961, nº65.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, 1961, nº66.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, março de 1962, nº67.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, junho de 1962, nº68.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, setembro de 1962, nº69.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, dezembro de 1962, nº70.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, março de 1963, nº71.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, junho de 1963, nº72.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, setembro de 1963, nº73.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, dezembro de 1963, nº74.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1964, nº75.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, mar/abr de 1964, nº76.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, mai/jun de 1964, nº77.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jul/ago de 1964, nº78.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, set/out de 1964, nº79.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, Nov/dez de 1964, nº80.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jan/fev de 1965, nº81.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, mar/abr de 1965, nº82.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, mai/jun de 1965, nº83.

HABITAT: revista brasileira de arquitetura, artes plásticas, artesanato e decoração contemporânea. São Paulo, jul/ago/set/out/Nov/dez de 1965, nº84.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1963, nº105.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, fevereiro de 1968, nº157.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, agosto de 1968, nº163.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, setembro de 1968, nº164.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1968, nº165.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, março de 1969, nº170.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, maio de 1969, nº172.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, julho de 1969, nº174.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, agosto de 1969, nº175.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, setembro de 1969, nº176.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, novembro de 1969, nº178.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1969, nº179.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1959, nº254, ano XXII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1960, nº260, ano XXIII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1960, nº262, ano XXIII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1960, nº264, ano XXIII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1960, nº266, ano XXIII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1961, nº272, ano XXIII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, 1961, nº277, ano XXIV.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, janeiro de 1964, nº302, ano XXVI.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, outubro de 1966, nº333, ano XVIII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, dezembro de 1966, nº335, ano XVIII.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, março de 1967, nº337, ano XVIII.

PERIÓDICOS DA DÉCADA DE 1970:

MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de Janeiro, setembro de 1975, nº40, vol. 10.

MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de Janeiro, mar/abr/mai de 1976, nº42.

MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de Janeiro, dez/jan de 1976/1977, nº44.

MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de janeiro, mar/abr de 1977, nº45.

MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de janeiro, jul/ago/set de 1977, nº46.

MÓDULO, revista de arquitetura, urbanismo e artes. Rio de janeiro, out/Nov/dez de 1977, nº47.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, abr/mai de 1978, nº48.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, jun/jul de 1978, nº49.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, ago/set de 1978, nº50.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, out/nov de 1978, nº51.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, dez/jan de 1978/1979, nº52.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, mar/abr de 1979, nº53.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, julho de 1979, nº54.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, setembro de 1979, nº55.

MÓDULO, revista de arquitetura, arte e cultura. Rio de janeiro, dezembro de 1979, nº56.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, jan/fev de 1971, nº381, ano 32.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, maio de 1971, nº382, ano 32.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, junho de 1971, nº385, ano 33.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, junho de 1971, nº385, ano 33.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, agosto de 1971, nº387, ano 33.

Acrópole. São Paulo: Max Gruenwald & Cia, dezembro de 1971, nº391, ano 33.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, junho de 1970, nº185.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, fevereiro de 1971, nº193.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, maio de 1971, nº196.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, setembro de 1971, nº200.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, fevereiro de 1972, nº205.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, março de 1972, nº206.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, maio de 1972, nº208.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, junho de 1972, nº209.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, agosto de 1973, nº223.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, janeiro de 1974, nº228.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, abril de 1974, nº231.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, junho de 1974, nº233.

Casa e Jardim. Rio de janeiro: Efecê editora, junho de 1975, nº245.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, setembro de 1975, nº248.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1975, nº249.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, dezembro de 1975, nº251.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, abril de 1976, nº263.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, outubro de 1978, nº285.

Casa e Jardim. Rio de Janeiro: Efecê editora, junho de 1979, nº293.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, fev/mar/abr de 1974, nº04, ano 1.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1974, nº06, ano 1.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1975, nº09.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1976, nº11, ano III.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1976, nº13, ano III.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1977, nº13, ano IV.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1977, nº16, ano IV.

CJ Arquitetura: revista de arquitetura planejamento e construção. Rio de Janeiro: Efecê Editora, 1978, nº18, ano V.

PÁGINAS DA WEB

DENIS, R. C. **Design, cultura material e o fetichismo dos objetos**. In Arcos, v.1, p.14-39, 1998. Disponível em: [http://www.esdi.uerj.br/arcos/imagens/artigo_rafael\(14a39\).pdf](http://www.esdi.uerj.br/arcos/imagens/artigo_rafael(14a39).pdf)

Enersul – Energias do Brasil, www.enersul.com.br, acesso em maio de 2008.

MORAES, Vinícius de. **História passional, Hollywood, Califórnia**. Poesia. <http://www.viniciusdemoraes.com.br/poesia>, acesso em março 2009.

NAZARETH, Oswaldo. **Conjunto Pedregulho, de Afonso Eduardo Reidy**. Campanha do IAB-RJ para restauração imediata. In: Portal Vitruvius, ano 9, v. 3, outubro 2008, p.238. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc238/mc238.asp>, acesso em junho de 2009.

PEREIRA, Carla Patrícia de Araújo. **Cores no desenho de produtos no século XX: breve abordagem histórica**. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6701462>, acesso em 25 de março de 2009.

WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Planta_Livre, acesso em 27/05/08

WIKIPÉDIA, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Concretismo>, acesso em 19 de maio de 2009.

WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/American_way, acesso em junho de 2009.

WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia_monoparental, acesso em maio de 2008.

WIKIPÉDIA, http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_M%C3%B3dulo, acesso em julho de 2009.

www.graphosbrasil.com, acesso em junho de 2009.

Tok & Stok. Disponível em: www.Tokstok.com.br, acesso em junho de 2009.

http://www.cosacnaify.com.br/noticias/lina_por_escrito.asp, acesso em julho de 2009.

Revista Acrópole, <http://www.urbanismobr.org/bd/periodicos.php?id=30>.

FILMES

MEU TIO. **Mon Oncle**. Jacques Tati. França: 1956. Austrália, Nova Zelândia, América Central, América do Sul: Amazon Digital Editora e Dist. Ltda. DVD (116 min.), colorido.

DEPOIMENTOS CEDIDOS À AUTORA

José Luiz da Mota Menezes. Recife, 2008 e 2009.

Marcelo Tramontano. Recife, 2008.